LEE CHILD

estrelando **JACK REACHER**

UM TIRO

"Reacher é Clint Eastwood, Mel Gibson e Bruce Willis num mesmo personagem. Um super-herói do nosso tempo. Atinge seus inimigos como o impacto do tiro de um Colt Magnum."

Irish Times



BERTRAND BRASIL

LEE CHILD

UM TIRO

Tradução

Leo Oliveira

1ª edição

BERTRAND BRASIL

Copyright © Lee Child, 2005.

Tradução Leo Oliveira

Título original: *One Shot*

Capa: Raul Fernandes Editoração: DFL

2007

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C464t

Child, Lee, 1954

Um tiro/Lee Child; tradução Leo Oliveira. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 406p.

Tradução de: One shot

ISBN 978-85-286-1274-5 1.

Romance inglês. I. Oliveira, Leo II. Título.

CDD-823

07-2717

CDU-821

111-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 12º andar — São Cristóvão

20921-380 -Rio de Janeiro-RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

contracapa

Um atirador solitário se esconde num edifício-garagem e dispara contra uma multidão na praça pública de uma pequena cidade. Cinco pessoas morrem num massacre sem sentido. Mas o atirador deixa para trás um rastro perfeito, e a polícia rapidamente o localiza. Seu nome é James Barr. As provas não deixam dúvidas.

Jack Reacher está empenhado em garantir um belo bronzeado numa praia de Miami em companhia de uma belíssima norueguesa. Ele está tão calmo e livre de estresse, que é difícil acreditar que seja mesmo Reacher. Mas ele detesta ficar num mesmo lugar por muito tempo. Gosta de estar em movimento. Fez parte do sistema por anos. Até que o sistema tossiu e o cuspiu para fora. Hoje em dia, ele vaga sem rumo, viajando de ônibus, vendo a paisagem passar e observando o caos em que está o país.

Depois de sua prisão e de ser espancado lá dentro, James Barr se recusa a falar. Entretanto, ele balbucia uma única frase para seu advogado: "Ache Jack Reacher para mim."

Que eventos conectam esse psicopata ao ex-policial do Exército?

Do Autor:
Dinheiro Sujo
Um Tiro

Para Maggie Griffin.
A primeira e melhor amiga de Jack Reacher nos Estados Unidos.

capítulo 1

Sexta-feira. Cinco da tarde. Talvez a pior hora para se passar despercebido numa cidade. Ou talvez a melhor. Pois às cinco da tarde de uma sexta ninguém presta atenção em nada. Exceto na estrada à frente. O homem com o rifle dirigia para o norte. Nem rápido nem devagar. Sem chamar a atenção. Sem destacar-se. Estava numa minivan de cor clara, que parecia bastante rodada. Estava sozinho ao volante. Vestia uma capa de chuva clara e uma espécie de chapéu que os idosos usam para jogar golfe quando o sol está forte ou chovendo. O chapéu tinha uma faixa em dois tons de vermelho e cobria parte do seu rosto. A capa estava abotoada até o pescoço. Usava óculos escuros, mesmo com os vidros fumes da van e o céu nublado. E calçava luvas, mesmo a três meses do inverno.

O tráfego ficou lento onde a Rua 1 virava uma ladeira e em seguida parou completamente onde duas pistas convergiam em uma, pois o asfalto estava sendo recapeado. Havia construções por toda a cidade. Dirigir fora um pesadelo o ano inteiro. Buracos na estrada, caminhões de pedras, de concreto, betoneiras. O homem com o rifle tirou uma mão do volante. Arregaçou a manga. Olhou o relógio.

Onze minutos.

Seja paciente.

Tirou o pé do freio e seguiu em frente, devagar. E então parou novamente onde a estrada se estreitava e a calçada se alargava, próximo ao início do comércio. Havia grandes lojas à direita e à esquerda, cada uma um pouco mais alta que a anterior por causa da elevação da rua. As calçadas largas davam espaço suficiente para os pedestres circularem. Postes de ferro fundido alinhavam-se como sentinelas entre as pessoas e os carros. As pessoas tinham mais

espaço do que os carros. O tráfego era muito lento. Ele olhou o relógio mais uma vez.

Oito minutos.

Seja paciente.

A 90m à frente o progresso desapareceu um pouco. O congestionamento melhorou. A Rua 1 alargou-se novamente e voltou a ser aquela rua antiga e maltratada. Havia bares e lojas de bugigangas. E, então, um edifício-garagem à esquerda. Em seguida, mais obras de ampliação da garagem. Mais à frente, a rua estava bloqueada por uma mureta. Logo atrás, uma praça com um chafariz. A esquerda da praça, a velha biblioteca municipal. A sua direita, um prédio novo de escritórios. Atrás, uma torre de vidro fume. A Rua 1 dobrava abruptamente à direita da mureta e seguia em direção ao oeste, passando por fundos de lojas, plataformas de embarque e desembarque e, mais à frente, por baixo do viaduto da rodovia estadual.

Mas o homem na minivan reduziu a velocidade antes de alcançar o retorno da praça e virou à esquerda, entrando no edifício-garagem. Subiu a rampa direto. Não havia cancelas, pois cada vaga tinha um parquímetro. Assim, não havia caixa, nem testemunhas, bilhetes de estacionamento, nada que levasse a ele. O homem na minivan sabia de tudo isso. Ele subiu pelas rampas até o segundo piso e foi em direção à parte de trás da construção. Deixou a van parada por um momento e desceu para remover o cone laranja da vaga que ele queria. Era a última vaga na parte antiga do prédio, próxima ao local onde a extensão estava sendo construída.

Estacionou e desligou a van. Permaneceu sentado por um momento. O silêncio pairava na garagem cheia de carros silenciosos. O espaço que ele protegera com o cone era o último disponível. A garagem estava sempre lotada. Ele sabia. Era por isso que estava sendo ampliada. Ela dobraria de tamanho. Era usada por clientes das lojas ao redor. Por isso estava tão quieta. Ninguém em sã

consciência tentaria sair às cinco da tarde. Não na hora do rush. Não com os atrasos das construções. Ou eles saíam até às quatro, ou esperavam até às seis.

O homem na van olhou o relógio.

Quatro minutos.

Calma.

Abriu a porta e desceu. Tirou uma moeda de 25 centavos e colocou-a no parquímetro. Girou o botão e ouviu a moeda cair; o ponteiro marcou uma hora. Não havia barulho algum. Nada no ar, exceto o cheiro de automóveis estacionados. Gasolina, borracha, exaustão fria.

Ele parou ao lado da van. Calçava um par de velhas botas para caminhadas. Camurça caqui, único furo, solado de crepe branco, fabricadas por Clarks of England, as favoritas dos soldados da Força Especial. Um desenho icônico, o mesmo talvez há 60 anos.

O homem olhou de novo para o parquímetro: 59 minutos. Ele não precisaria de 59 minutos. Abriu a porta corrediça traseira da van, inclinou-se dentro dela e desdobrou um cobertor, revelando um rifle. Era um Springfield MIA Super Match com carregador automático, nogueira americana, cano pesado de alta qualidade, cartucheira de 10 tiros, câmara para calibre .308. Era o equivalente comercial exato do Ml4 automático dos francoatiradores do Exército americano. Uma arma de primeiríssima qualidade. Talvez nem tão precisa no primeiro tiro, quando você ainda não esquentou como as melhores armas de colocar pregos, mas faria o serviço. E faria bem. Ele não estaria a uma distância extraordinária. A arma estava carregada com Lake City M852. Seus cartuchos favoritos. Bronze Special Lake City, pólvora federal, projéteis Sierra Matchking grão 168 de ponta oca. A munição era, provavelmente, melhor do que a arma. Uma ligeira desproporção.

O homem ouviu o silêncio e tirou o rifle do banco de trás. Levou-o até a área onde terminava o prédio antigo e começava o novo.

Havia uma diferença de 1,5 cm entre o concreto antigo e o novo. Como uma linha de demarcação. Ele deduziu ser uma junta de expansão. Para o calor do verão. Imaginou que seria preenchida por asfalto mole. Logo acima, esticada entre dois pilares, estava a fita amarela e preta com os dizeres Cuidado: Não Entre. Ele se abaixou e passou por ela. Ergueu o corpo novamente e andou pela recente construção ainda inacabada.

Partes do novo concreto estavam niveladas e partes ainda estavam brutas, aguardando a camada de superfície final. Havia tábuas de madeira em algumas partes, servindo de passarelas. E pilhas de sacos de cimento, alguns cheios, outros vazios. Havia outras juntas de expansão abertas. Havia lâmpadas apagadas, carrinhos de mão vazios, latas de refrigerante amassadas, rolos de fios, várias tábuas, pilhas de pedras, misturadores de concreto silenciosos. Havia poeira de cimento por toda parte, fina como talco, e o cheiro de cal molhada.

O homem com o rifle andou pela escuridão até se aproximar do novo canto nordeste da construção. Então parou. Encostou-se em um pilar de concreto e ficou imóvel. Moveu a cabeça levemente para a direita, até poder ver onde estava. Estava a cerca de dois metros e meio da parede nova da garagem. Olhando para o norte. A parede era mais ou menos da altura de sua cintura. Estava inacabada. Tinha pregos que seguravam uma barreira de metal para impedir os carros de entrar no concreto. Havia furos no piso para a instalação dos novos parquímetros.

O homem com o rifle moveu-se um pouco para a frente, até sentir o canto do pilar no meio de suas costas. Virou a cabeça novamente. Agora ele olhava para o norte e para o leste. Diretamente para a praça. A piscina do chafariz era um longo retângulo que se estendia na direção oposta à dele. Tinha, talvez, 24m por 6m. Era como um grande tanque de água parada. Parecia uma piscina olímpica acima do nível do chão. Era cercada por muros de aproximadamente um

metro e meio. A água batia contra a parede interna do muro. A linha de visão dele corria numa diagonal exata do canto da frente até o canto de trás da piscina. A água parecia ter pouco menos de 1m de profundidade. O chafariz jorrava água do centro da piscina. Ele podia ouvi-lo e podia ouvir também o som do tráfego lento na rua e o som de passos debaixo dele. O muro da frente da piscina estava a aproximadamente um metro e meio atrás da mureta que separava a praça da Rua 1. Os dois muros baixos corriam juntos e paralelos por seis metros, de leste a oeste, separados apenas por uma calçada.

Ele estava no segundo piso da garagem, mas como a Rua 1 ficava numa subida, a praça estava a menos de um andar abaixo dele. Havia um ângulo de descida, mas pouco acentuado. A direita da praça, ele podia ver a porta do prédio novo de escritórios. Era um lugar desorganizado. Fora construído, mas não alugado. Ele sabia disso. Então, com o intuito de manter algum tipo de credibilidade para o novo centro da cidade, o Estado preencheu-o com escritórios do governo. O novo Departamento de Trânsito ficava lá, além de um escritório conjunto de recrutamento para o Exército, Marinha, Aeronáutica e Forças Especiais. Talvez a Previdência Social também estivesse lá. Talvez o Fisco estivesse lá também. O homem com o rifle não tinha certeza. E também não estava nem aí.

Ele ficou de joelhos e em seguida se deitou de bruços. Arrastar-se era o principal movimento de um francoatirador. Em seus anos de serviço militar, ele se arrastara por um milhão de quilômetros. Joelhos, cotovelos e barriga. A doutrina tática de rotina para o atirador e o seu localizador era separar-se do pelotão a cerca de 900m e arrastar-se para a sua posição. No treinamento, ele levava horas para fazer isso a fim de evitar os binóculos do observador. Mas dessa vez ele só precisava se arrastar por dois metros e meio. E, até onde sabia, ninguém o observava.

Ele alcançou a base da parede e permaneceu no chão. Em seguida, sentou-se. E ajoelhou-se. Dobrou a perna direita firmemente

abaixo de si. Plantou o pé esquerdo no chão, a canela na vertical, e pôs o cotovelo esquerdo sobre o joelho esquerdo. Levantou o rifle e apoiou a empunhadura no topo da mureta de concreto. Mexeu o rifle para a frente e para trás, até ficar confortável e firme. Apoio de joelho, dizia o manual de treinamento. Era uma boa posição. Só não era melhor do que deitado com o bipé, de acordo com sua experiência. Inspirou e expirou. Um tiro, uma morte. Esse era o lema do francoatirador. Para ter sucesso eram necessários controle, precisão e calma. Inspirou e expirou. Relaxou. Sentiu-se em casa.

Pronto.

Infiltração bem-sucedida.

Agora, esperar o momento certo.



Ele esperou por volta de sete minutos, imóvel, respirando devagar, clareando a mente. Olhou para a biblioteca à sua esquerda. Acima e atrás dela, o elevado circulava por entre os prédios. Mais à frente ele se endireitava e passava por trás da torre de vidro preto. O elevado estava mais ou menos ao nível do quarto andar da torre. A torre tinha o pavão, símbolo da NBC, num monólito próximo à entrada principal, mas o homem com o rifle estava certo de que uma pequena afiliada da rede de televisão não ocuparia o prédio inteiro. Talvez nem mesmo um andar inteiro. O restante do espaço era ocupado, provavelmente, por escritórios particulares de advogados ou contadores, imobiliárias, seguradoras ou gerentes de investimentos. Ou estava vazio.

Pessoas saíam do prédio novo à direita. Pessoas tirando carteira de motorista, fazendo emplacamentos, alistando-se ou lutando com a burocracia federal. Havia muitas pessoas. Os escritórios do governo estavam fechando. Cinco da tarde, sexta-feira. As pessoas

saíam pelas portas e caminhavam para a esquerda diretamente à frente dele, afunilando-se em fila única ao entrar pelo espaço entre a piscina e a mureta. Como patinhos num estande de tiros. Um após o outro. Um ambiente rico em alvos. A distância era de aproximadamente 30m. Aproximadamente. Muito perto.

Ele esperou.

Algumas pessoas molhavam a mão na água ao passar pelo chafariz. O homem com o rifle podia ver moedinhas de cobre reluzentes no azulejo preto dentro ¨d'água. Pareciam dançar quando a água se agitava.

Ele observava. E esperava.

O fluxo de pessoas aumentou. Agora, eram tantas saindo ao mesmo tempo que tinham que parar e esperar para passar pela calçada estreita entre as duas muretas. Da mesma maneira que o tráfego no início da Rua 1. Um engarrafamento. Você primeiro. Não, pode ir você. Isso fazia as pessoas andarem devagar. Agora, elas eram patos lentos num estande de tiro.

O homem com o rifle inspirou, expirou e esperou.

E então parou de esperar.

Ele apertou o gatilho e continuou apertando.

O primeiro tiro acertou um homem na cabeça e matou-o na hora. O barulho do tiro foi alto e houve um crack supersônico do projétil e um jato escarlate saindo da cabeça dele. O rapaz caiu como uma marionete que teve as cordas cortadas.

Uma morte com o primeiro tiro a frio.

Excelente.

Trabalhou rápido, da esquerda para a direita. O segundo tiro atingiu o homem seguinte na cabeça. Mesmo resultado do primeiro. O terceiro acertou uma mulher em cheio na cabeça. Bingo! Três tiros em talvez dois segundos. Três alvos no chão. Surpresa absoluta. Nenhuma reação por uma fração de segundo. E então o caos irrompeu. Pandemônio. Pânico. Havia 12 pessoas no corredor entre

a mureta da piscina e a mureta da praça. Três já estavam no chão. As outras nove correram. Quatro correram para a frente e cinco viraram-se e correram para trás. Essas cinco colidiram com as pessoas no caminho. Houve gritos. Havia uma massa de gente paralisada, em pânico, bem na frente do homem com o rifle. Distância: menos de 35m. Muito perto.

O quarto tiro matou um homem de terno. O quinto não acertou ninguém. O Sierra Matchking passou perto do ombro de uma mulher e sibilou direto dentro da piscina do chafariz. Ele ignorou e moveu o cano do rifle em uma fração de centímetro. O sexto tiro acertou um rapaz na ponte do nariz, entre os olhos, explodindo sua cabeça.

O homem com o rifle parou de atirar.

Ele se abaixou atrás da parede da garagem e arrastou-se para trás, pouco menos de um metro. Sentia o cheiro de pólvora queimada e pôde ouvir, a distância, gritos de mulheres, passos e som de para-choques batendo na rua abaixo. Não se preocupe, pessoal, ele pensou. Está tudo acabado. Estou caindo fora. Ele se abaixou e juntou as cápsulas disparadas numa pilha. O bronze Lake City brilhava na frente dele. Ele apanhou cinco delas com as mãos, mas a sexta rolou e caiu entre uma junta de expansão inacabada. Caiu bem no meio daquela fenda de 22cm de profundidade e 1,5cm de espessura. O homem ouviu um pequeno som metálico quando a cápsula atingiu o fundo da fenda.

E agora?

Esquecer, claro.

Sem tempo.

Ele enfiou as cinco cápsulas no bolso da capa de chuva e arrastou-se de bruços para trás. Parou por um instante para ouvir os gritos. Então, ficou de joelhos e depois de pé. Virou-se e caminhou de volta para o lugar de onde viera, rápido, mas sob controle, passando pelo concreto bruto, pelos caminhos de tábuas, pela

escuridão e a poeira, por baixo da fita amarela e preta. De volta à minivan.

A porta traseira continuava aberta. Ele embrulhou de novo o rifle ainda quente no cobertor e fechou a porta. Sentou-se ao volante e ligou o motor. Olhando pelo espelho retrovisor ele viu o parquímetro. Ainda restavam 44 minutos. Deu ré e foi em direção à rampa de saída. Desceu a rampa e saiu, virando à direita e, em seguida, virando à direita novamente, o que o levou a um emaranhado de ruas atrás das lojas de departamentos. Passara por baixo do elevado antes mesmo de ouvir as primeiras sirenes. Soltou a respiração. As sirenes iam na direção leste, e ele na direção oeste.

Bom trabalho, pensou. *Entrada discreta, seis tiros disparados, cinco alvos atingidos, saída bem-sucedida. Melhor, impossível.*

Então gargalhou. Registros militares antigos diziam que um exército moderno mata um inimigo para cada 15 mil tiros disparados por sua artilharia. Mas para seus francoatiradores especializados o resultado é melhor. Muito melhor. Pouco mais de 12 mil vezes melhor. Um exército moderno mata um inimigo para cada 1,2 tiro gasto por um francoatirador. E 1,2 é a mesma média que cinco para seis. Exatamente a mesma média. Aritmética simples. Depois de todos esses anos de treinamento, um francoatirador mantinha a mesma média que os seus instrutores esperavam. Eles teriam ficado muito orgulhosos.



Mas os seus instrutores treinaram francoatiradores para o campo de batalha, não para centros urbanos. Em centros urbanos, fatores desconhecidos em um campo de batalha aconteciam de forma muito rápida. Esses fatores tendem a modificar a definição de saída bem-sucedida. Nesse caso, em particular, a mídia reagia rápido. Nada

surpreendente, levando em consideração o fato dos disparos terem ocorrido bem em frente às janelas do prédio da afiliada da NBC. Duas coisas aconteceram antes mesmo dos pedestres em pânico telefonarem para a emergência. Primeiro, todas as minicâmeras do escritório da NBC começaram a funcionar. As câmeras foram pegas, ligadas e apontadas das janelas. Segundo, Ann Yanni, uma apresentadora de jornal, começou a ensaiar a sua primeira reportagem num caso de emergência. Estava tensa, assustada e abalada, mas sabia reconhecer uma boa oportunidade. Então, começou a fazer um esboço mental. Sabia que palavras definiam intenções, e as que lhe vinham à mente eram francoatirador, sem sentido e carnificina. A aliteração era puramente instintiva. E também a banalidade. Mas carnificina era como ela via tudo aquilo. E carnificina era uma palavra significativa. Comunicava a banalidade, a falta de propósito, a selvageria, a ferocidade. Era uma palavra sem motivo e impessoal. Era a palavra exata para a história. Ao mesmo tempo, ela sabia que essa palavra não funcionaria para o letreiro abaixo das imagens. Massacre caberia melhor. Massacre da Sexta-Feira? Massacre na Hora do Rush"? Ela correu para a porta e torceu para o rapaz da computação gráfica conseguir sozinho algo desse tipo.



Outro fator ausente nos campos de batalha são os policiais urbanos. As dúzias de ligações simultâneas para a emergência acenderam o painel de comunicações como uma árvore de Natal, e a polícia local e o corpo de bombeiros estavam a caminho dentro de 40 segundos. Todos foram despachados, todos com as luzes e sirenes ligadas. Cada detetive disponível, cada perito, cada caminhão do corpo de bombeiros, cada paramédico, cada ambulância. No início

foi o caos completo. Os telefonemas para a emergência eram incoerentes e cheios de pânico. Mas crimes eram evidentes e com certeza sérios. Então o detetive do Esquadrão de Crimes Graves foi posto, temporariamente, no comando. Era um veterano qualificado, com 20 anos de serviço no Departamento de Polícia, que percorrera um longo caminho, desde seus tempos de patrulheiro. Seu nome era Emerson. Ele corria pelo tráfego lento, desviando das obras, desesperadamente, sem ter como saber o que acontecera. Assalto, drogas, briga de gangues, terrorismo, ele não tinha nenhuma informação quente. Nenhuma mesmo. Mas estava calmo. Relativamente. Seu coração mantinha o ritmo a menos de 150 batimentos por minuto. Tinha um canal aberto com a telefonista do número de emergência, desesperado por ouvir algo mais enquanto dirigia.

— Mais um rapaz ligando de um celular — gritava a telefonista.

— Quem? — Emerson gritava de volta.

— Um Marine, do escritório de recrutamento.

— Ele foi testemunha?

— Não, ele estava no escritório. Mas está do lado de fora agora.

Emerson cerrou os dentes. Sabia que não seria o primeiro na cena do crime. Nem de longe. Sabia que estava vindo de trás. Então ele precisava de olhos. Agora. Um Marine? Serviria.

— OK — disse. — Coloque o soldado na linha.

Depois de ruídos altos e sons eletrônicos, Emerson ouviu uma acústica nova. Do lado de fora, gritos distantes, barulho de água. O chafariz, pensou.

— Quem fala? — perguntou.

Uma voz retornou, calma mas apressada, alta e ofegante, colada no fone.

— Kelly — ele disse. — Primeiro-sargento, Marine Corps dos Estados Unidos. Com quem estou falando?

— Emerson, Departamento de Polícia. Estou no tráfego, a cerca de 10 minutos da cena. O que temos aí?

— Cinco mortos na ação — o Marine disse.

— Cinco mortos?

— Positivo. Merda.

— Feridos?

— Nenhum que eu possa ver.

— Cinco mortos e nenhum ferido?

— Positivo — repetiu o rapaz.

Emerson ficou em silêncio. Ele já vira tiroteios em locais públicos. Já vira pessoas mortas. Mas jamais só pessoas mortas. Tiroteios em locais públicos sempre deixavam feridos junto aos mortos. Normalmente, a média era de um por um, no mínimo.

— Tem certeza de que não há feridos? — perguntou.

— Certamente, senhor — disse o Marine.

— Quem são os mortos?

— Civis. Quatro homens, uma mulher.

Merda.

— Entendido, senhor — disse o Marine.

— Onde você estava?

— No escritório de recrutamento.

— O que você viu?

— Nada.

— O que você ouviu?

— Tiros, seis ao todo.

— Pistola?

— Arma longa, eu acho. Apenas uma.

— Um *rifle*?

— Carregador automático, eu acho. Disparou rápido, mas não estava em automático completo. Os mortos foram todos atingidos na cabeça.

Um francoatirador, pensou Emerson. *Merda. Um louco com uma arma de assalto*.

— Algum sinal dele?

— Sem mais tiros, senhor.

— Ele ainda pode estar aí.

— É uma possibilidade, senhor. As pessoas se protegeram. A maioria está na biblioteca agora.

— Onde você está?

— Abaixado atrás do muro da praça, senhor. Tenho algumas pessoas comigo.

— Onde *ele* estava?

— Não posso dizer ao certo. Talvez no edifício-garagem. Na parte nova. As pessoas apontavam para lá. Pode ter havido clarões do cano da arma. E essa é a principal estrutura logo à frente dos mortos.

Uma toca, pensou Emerson. *Um ninho de ratos*.

— O pessoal da TV está aqui — disse o Marine.

Merda, Emerson pensou.

— Você está de farda? — perguntou.

— Uniforme completo, senhor. Para o escritório de recrutamento.

— OK, faça o melhor que puder para manter a ordem até que meus homens cheguem aí.

— Entendido, senhor.

A ligação foi encerrada e Emerson ouviu a respiração da telefonista. O pessoal da TV e um louco com um rifle, pensou. Merda, merda, merda. Pressão, especulação e jogo de adivinhação, como qualquer outro lugar com o pessoal da TV e um louco com um rifle. Ele apertou o botão que o conectava com todos os carros da rede.

— Todas as unidades, ouçam bem: — alertou — o nosso homem é um louco solitário com uma arma longa. Provavelmente uma arma automática. Disparos aleatórios em local público. Possivelmente vindos da parte em construção do edifício-garagem. Então, ou ele

ainda se encontra no local, ou já fugiu. Se fugiu, foi a pé ou num veículo. Todas as unidades a mais de 10 quarteirões do local parem agora e bloqueiem o perímetro. Ninguém entra, ninguém sai, entendido? Nenhum veículo, nenhum pedestre, ninguém sob circunstância nenhuma. Todas as unidades a menos de 10 quarteirões ajam com extremo cuidado. Mas não o deixem escapar. Não o percam. Temos que pegá-lo, pessoal. Precisamos desse homem hoje, antes que a CNN não nos deixe em paz.

O homem na minivan apertou o botão do controle remoto no visor, e a porta da garagem subiu. Ele entrou e apertou o botão novamente. A porta se fechou. Ele desligou o motor e ficou parado por um instante. Em seguida, desceu da van e entrou em casa. Acariciou o cachorro e ligou a televisão.

Paramédicos com coletes à prova de bala entraram pelos fundos da biblioteca. Dois deles ficaram para averiguar possíveis ferimentos na multidão que se aglomerava. Quatro deles saíram pela porta da frente e correram agachados pela praça, protegendo-se atrás da mureta. Eles se arrastaram até os corpos e confirmaram que estavam todos mortos. Então, ficaram ali mesmo. Deitados no chão e imóveis, próximo aos corpos. Sem exposição desnecessária até que a garagem seja vasculhada, ordenou Emerson.

Emerson estacionou em fila dupla a dois quarteirões da praça e disse a um sargento fardado para direcionar a busca no edifício-garagem do topo até o térreo, partindo do canto sudoeste da construção. Os policiais fardados vasculharam o quarto andar e o terceiro. Em seguida, o segundo. E o primeiro. A parte antiga foi problemática. Era mal iluminada, lotada de carros, e cada carro representava um esconderijo potencial.

Um homem poderia se esconder dentro de um deles ou embaixo. Mas eles não encontraram ninguém. Não tiveram problemas com a nova construção. Não era bem iluminada, mas não havia carros

estacionados ali. Os patrulheiros simplesmente desceram as escadas e fizeram uma varredura em cada andar com lanternas.

Ninguém.

O sargento relaxou e terminou a busca no prédio.

— Bom trabalho — disse Emerson.

E foi mesmo um bom trabalho. O fato dos policiais terem vasculhado a partir do canto sudoeste deixou o canto nordeste inteiramente intocado. Nada fora tirado do lugar. Então, por sorte, ou bom senso, o Departamento de Polícia exibira um desempenho imaculado na primeira fase do que acabaria sendo visto como uma investigação imaculada do princípio ao fim.

Por volta das sete da noite, estava escurecendo e a jornalista Ann Yanni já entrara no ar 11 vezes. Três delas em rede nacional, oito em rede local. Pessoalmente, ela estava decepcionada com a média. Percebia uma certa desconfiança das editorias em relação a ela. Se sangrar, vamos mostrar, era o lema de qualquer empresa jornalística, mas esse sangramento estava longe demais, longe de Nova York ou de Los Angeles. Não estava acontecendo em um subúrbio bem cuidado de Washington D.C. e havia um certo toque de maníaco caipira nessa história. Não havia a menor possibilidade de alguém importante cruzar o caminho desse louco. Então, não era uma notícia de horário nobre. E para dizer a verdade, Ann não tinha muito o que oferecer. Nenhuma das vítimas fora identificada ainda. Nenhum dos massacrados. A polícia local mantinha sigilo até que todas as famílias fossem identificadas individualmente. Então, ela não tinha nenhuma história comovente para contar. Ela não tinha certeza de quais dos homens mortos eram pais de família. Ou frequentadores de igrejas. Não sabia se a mulher era uma mãe ou uma esposa. Ela também não tinha nada a mostrar no que diz respeito a imagens. Apenas uma multidão aglomerada atrás de barricadas da polícia a cinco quarteirões do local do incidente, uma imagem estática da Rua

1 e planos fechados do edifício-garagem, o local onde todos achavam que o francoatirador estivera.

Por volta das oito da noite, Emerson já havia progredido bastante. Os seus homens haviam colhido centenas de depoimentos. Kelly, o primeiro-sargento do Marine Corps, estava certo de ter ouvido seis disparos. Emerson estava inclinado a acreditar nele. Marines podiam ser confiáveis nessas questões, ele presumia. E, então, um outro rapaz mencionou que o seu celular estava ligado o tempo todo, conectado à caixa postal de um amigo. A operadora resgatou a gravação, e seis disparos puderam ser ouvidos ao longe. Mas os legistas encontraram apenas cinco ferimentos a bala nos corpos. Assim, um projétil estava desaparecido. Três outras testemunhas pouco contribuíram, mas todas disseram ter visto uma pequena movimentação na água da piscina do chafariz.

Emerson ordenou que esvaziassem a piscina.

O corpo de bombeiros cuidou disso. Eles ligaram refletores, desligaram o chafariz e usaram uma bomba para deslocar a água para o sistema de drenagem da cidade. Calcularam que havia aproximadamente 300 mil litros de água para remover, e esse trabalho levaria uma hora.

Enquanto isso, peritos usaram canudos e canetas de laser para estimar as trajetórias fatais. Acharam que a evidência mais confiável viria da primeira vítima. Presumiam que vinha da direita para a esquerda pela praça quando o primeiro tiro foi disparado. Depois disso, era possível que as outras vítimas tivessem se virado ou se movido em diversas direções. Então, eles basearam suas conclusões apenas no primeiro rapaz. A cabeça dele estava destruída, mas pareceu bem claro que o projétil viajara levemente do alto para baixo e da esquerda para a direita ao atingi-lo. Um perito ficou de pé no local e outro segurava firme um canudo de refrigerante no ângulo correto. Em seguida, o primeiro perito saiu do caminho e um terceiro apontou a sua caneta de laser por dentro do canudo. Um pequeno

ponto vermelho ficou marcado no canto nordeste da extensão do edifício-garagem, no segundo andar. Testemunhas disseram que viram clarões vindos lá de cima. Agora, a ciência confirmava os testemunhos.

Emerson enviou sua equipe de peritos para dentro da garagem e disse para levarem o tempo que fosse preciso, mas que não voltassem de mãos vazias.

Ann Yanni deixou a torre de vidro fume às 20h30 e levou uma equipe de filmagem até as barricadas a cinco quarteirões de distância. Ela achou que pudesse identificar as vítimas por um processo de eliminação. As pessoas cujos parentes não chegaram em casa para o jantar poderiam estar agrupadas ali, desesperadas em busca de informações. Ela gravou 20 minutos de fita. E não conseguiu nenhuma informação específica. Em vez disso, gravou 20 minutos de choro, desespero e sofrimento. A cidade inteira estava em choque. A repórter começou orgulhosa por estar no meio de tudo aquilo e terminou com lágrimas nos olhos e um nó no estômago.

O edifício-garagem era onde o caso se esclarecia. Era uma felicidade. A sala do tesouro. Um patrulheiro a três quarteirões de distância colhera o testemunho de um usuário frequente da garagem, dizendo que o último espaço estivera bloqueado por um cone de tráfego laranja. Por causa disso, a testemunha fora forçada a deixar a garagem e a estacionar num outro local. O que o deixou puto da vida. Um rapaz da prefeitura disse que o cone não estivera ali oficialmente. De jeito nenhum. Não poderia estar. Não havia razão para isso. Então o cone foi embalado como evidência e levado dali. Em seguida, o rapaz da prefeitura disse que havia discretas câmeras de segurança, na entrada e na saída da garagem, ligadas a um gravador no armário da manutenção. A fita foi removida e levada do local. Então, o mesmo rapaz disse que a nova extensão da garagem estava paralisada há duas semanas à espera de verba. Assim sendo, qualquer coisa que ocorrera lá em menos de duas

semanas não tinha nada a ver com ele. Os peritos começaram na fita amarela e preta que dizia Cuidado: Não Entre. A primeira coisa que encontraram foi um pedaço minúsculo de material de algodão azul no concreto cru diretamente abaixo da fita. Apenas um pequenino chumaço de fibra, quase invisível. Como se alguém tivesse ajoelhado para passar pela fita e deixasse um rastro de sua calça jeans. Eles fotografaram o chumaço e o recolheram com uma folha adesiva transparente. Em seguida trouxeram um refletor e o posicionaram num ângulo baixo próximo ao piso. Pela poeira de cimento de duas semanas atrás. Viram pegadas perfeitas. Muito perfeitas. O chefe da perícia chamou Emerson em seu Motorola.

— O nosso suspeito estava calçado com sapatos estranhos — avisou.

— Como assim sapatos estranhos?

— Já ouviu falar de crepe? É uma espécie de borracha natural. Quase crua. Muito aderente. Ela gruda em tudo. Se encontrarmos esse homem, encontraremos sapatos com sola de crepe impregnada de cimento. E encontraremos um cachorro em sua casa.

— Um cachorro?

— Temos pelo de cachorro aqui, trazido pela sola de crepe e raspado no concreto cru. E fibras de tapete. Provavelmente de seus tapetes de casa ou do carro.

— Continue — disse Emerson.

Às 20h50, Emerson instruiu o seu chefe de polícia para a coletiva de imprensa. Ele não escondeu nada. A decisão sobre o que falar e o que ocultar era do chefe.

— Seis tiros disparados e cinco pessoas mortas — disse Emerson. — Todos na cabeça. Estou apostando que foi um atirador treinado. Provavelmente um ex-militar.

— Ou um caçador? — sugeriu o chefe.

— Há uma grande diferença entre atirar em cervos e atirar em pessoas. A técnica pode ser a mesma, mas a emoção não é.

— Estávamos certos de manter isso longe do FBI?

— Não foi terrorismo. Foi um louco solitário. Já vimos isso antes.

— Quero poder me mostrar confiante sobre a captura desse louco.

— Eu sei — disse Emerson.

— Então posso me mostrar confiante?

— Até agora temos umas coisas boas, mas nada extraordinário. O chefe concordou com a cabeça e ficou em silêncio.

Às nove horas em ponto, Emerson recebeu um telefonema do patologista. Sua equipe tirara radiografias das cinco cabeças. Destruição maciça de tecido, ferimentos de entrada e saída, sem balas alojadas.

— Balas dundum, ponta oca — disse o patologista. — Atravessaram todos eles.

Emerson virou-se e olhou a piscina do chafariz. Seis projéteis ali dentro, pensou. Cinco certeiros e um perdido. A piscina finalmente ficou vazia por volta de 21 h 15. A mangueira do corpo de bombeiros começara a sugar ar. Tudo que ficou para trás foram 60cm de lama e muito lixo. Emerson refez o ângulo dos refletores e mandou 12 recrutas da academia para dentro da piscina, seis de um lado e seis do outro.

Os peritos na extensão da garagem colheram 48 pegadas na ida e 44 na volta. O criminoso caminhou decidido, mas cauteloso, na ida e com largas passadas na volta. Com pressa. As pegadas eram de calçado número 45. Eles encontraram fibras no último pilar antes do canto nordeste. Algodão mercerizado, à primeira vista, de uma capa de chuva de cor clara, na altura do ombro, como se o homem estivesse encostado no concreto bruto e em seguida se virasse para olhar a praça. Encontraram um deslocamento considerável de poeira no piso entre o pilar e a parede da garagem. E mais fibras azuis e outras de capa de chuva, minúsculos pedaços de borracha crepe, de cor pálida e desgastada.

— Ele se arrastou — disse o chefe da perícia. — Joelhos e cotovelos no caminho até lá, e joelhos, pés e cotovelos no caminho de volta. Se encontrarmos os sapatos dele, estarão arranhados na frente.

Eles encontraram o lugar onde o atirador deve ter se levantado e depois ajoelhado. Diretamente em frente àquela posição, viram raspas de verniz na beirada da parede.

— Ele apoiou a arma ali — apontou o chefe da perícia. — Empurrou para a frente e para trás para ficar firme.

Ele se alinhou e mirou os resquícios de verniz como se estivesse apontando um rifle. O que viu na sua frente foi Emerson, andando de um lado para outro próximo ao chafariz. A menos de 35m de distância.

Os recrutas da academia passaram 30 minutos dentro da piscina e saíram com um monte de lixo, quase oito dólares em moedas de um centavo e seis projéteis. Cinco deles eram apenas pedaços deformados de chumbo, mas um parecia completamente intacto. Era um projétil de ponta oca, de bela fundição, certamente de calibre .308. Emerson chamou o chefe da perícia na garagem.

— Preciso de você aqui embaixo — disse.

— Não, eu é que preciso de você aqui em cima — respondeu o perito.

Emerson subiu até o segundo andar do edifício-garagem e encontrou os peritos agachados num círculo, apontando suas lanternas para dentro de uma fenda no concreto.

— Junta de expansão — disse o chefe da perícia. — E olha o que caiu nela.

Emerson se aproximou, olhou para baixo e viu o brilho do bronze.

— Uma cápsula de projétil — disse.

— O homem levou as outras consigo. Mas esta conseguiu fugir.

— Impressões digitais? — perguntou Emerson.

— Continuamos torcendo — disse o perito. — A maioria das pessoas não usa luvas ao carregar suas armas.

— Como podemos tirá-la daí?

O perito se levantou e usou a lanterna para localizar uma caixa de força no teto. Havia uma próxima dali, nova e com cabos desconectados soltos. Olhou para o piso diretamente abaixo e encontrou um emaranhado de fios descartados. Ele escolheu um pedaço de fio de aproximadamente 45cm. Limpou-o e dobrou-o em forma de L. O fio era firme e pesado. Provavelmente não era o tipo apropriado para utilização em lâmpadas fluorescentes. Talvez por isso o projeto estivesse parado à espera de mais verba. Talvez a cidade estivesse gastando dinheiro nos lugares errados.

Ele enfiou o fio na junta, até que a extremidade entrasse na cápsula. Em seguida, levantou-a com cuidado, para que ela não se arranhasse. Jogou-a direto num saquinho como evidência.

— A gente se vê na delegacia — disse Emerson. — Em uma hora. Vou atrás de um promotor.

Ele saiu andando numa rota paralela à trilha de pegadas. E então parou próximo à vaga vazia.

— Esvazie o parquímetro — gritou. — Quero as digitais de todas as moedas.

— Por quê? — O perito gritou de volta. — Você acha que o homem pagou?

— Quero cobrir todas as possibilidades.

— O indivíduo deve ser louco de pagar para estacionar antes de matar cinco pessoas.

— Você não mata cinco pessoas, a menos que seja louco.

O perito deu de ombros. Esvaziar o parquímetro? Mas ele imaginou que esse era o tipo de *insight* para o qual os detetives eram pagos. Então pegou o seu celular e pediu que o rapaz da prefeitura voltasse ali.

A essa altura do jogo, alguém do gabinete da promotoria sempre se envolvia, pois a responsabilidade pela acusação e julgamento do criminoso era do promotor. Não era o Departamento de Polícia que ganhava ou perdia o caso na corte. Era o promotor. Então o gabinete da promotoria fazia sua própria avaliação das evidências. Eles tinham mesmo um caso? O caso era forte ou fraco? Era uma espécie de teste. Como um julgamento antes do julgamento. Dessa vez, por causa da magnitude, Emerson apresentava as evidências ao promotor em pessoa. O peixe grande, o homem que teve que concorrer na eleição. E reeleição.

Eles realizaram uma conferência a três no escritório de Emerson. Emerson, o chefe da perícia e o promotor. O promotor era chamado de Rodin, contração de um nome russo usado muito tempo antes de seus avós migrarem para os Estados Unidos. Tinha 50 anos, magro e em forma, e muito cauteloso. O gabinete dele tinha uma média surpreendente de vitórias, mas isso era devido ao fato de trabalhar somente em casos de condenação certa. Qualquer coisa além de uma condenação certa e ele abandonava o caso, colocando a culpa na polícia. Pelo menos era assim que Emerson o via.

— Eu preciso de notícias muito boas — disse Rodin. — A cidade inteira está apavorada.

— Sabemos exatamente como tudo aconteceu — disse Emerson. — Podemos traçar cada passo do caminho dele.

— Você sabe quem foi o atirador? — Rodin perguntou.

— Ainda não. Por enquanto ele é um joão-ninguém.

— Então me explique o que aconteceu.

— Temos um vídeo em preto-e-branco da câmera de segurança mostrando uma minivan clara entrando na garagem 11 minutos antes do ocorrido. Não dá para identificar a placa, por causa de lama e sujeira, e o ângulo da câmera também não é dos melhores. Mas é provavelmente uma Dodge Caravan, não tão nova e com vidros fumados. Também estamos olhando fitas antigas, pois ficou claro

que ele entrou na garagem num momento anterior para bloquear ilegalmente uma vaga com um cone de tráfego roubado de uma área em obras na cidade.

— Podemos provar que o cone foi roubado?

— OK, ele conseguiu um cone.

— Talvez trabalhe para o Departamento de Obras da prefeitura.

— Talvez.

— Você acha que o cone veio da obra da Rua 1?

— Há obras por toda a cidade.

— A obra da Rua 1 seria a mais próxima.

— Não me interessa muito de onde o cone possa ter vindo. Rodin balançou a cabeça concordando.

— Então ele reservou para si mesmo uma vaga? Emerson concordou com a cabeça.

— Então, onde começa a nova construção. Dessa forma, o cone parecia plausível. Temos uma testemunha que diz ter visto o cone em frente à vaga pelo menos uma hora antes do incidente. E esse cone tem impressões digitais em toda a sua superfície. Várias. O polegar direito e o dedo indicador são idênticos às impressões que colhemos na moeda que retiramos do parquímetro.

— Ele pagou para estacionar?

— Evidentemente. Rodin fez uma pausa.

— Essa evidência não se sustenta — afirmou. — A defesa alegará que ele usou o cone inocentemente. Sabe como é, egoísta, mas inocente. E a moeda pode ter estado no parquímetro há dias.

Emerson sorriu.

Policiais pensam como policiais e advogados pensam como advogados.

— Tem mais — disse ele. — Estacionou e em seguida andou pela construção nova. Deixou evidências em vários pontos, pegadas de seus sapatos e traços de suas roupas. E levou evidências consigo, na

forma de poeira de cimento em sua maioria. Provavelmente muita poeira.

Rodin balançou a cabeça.

— Isso o liga à cena do crime em algum momento nas duas últimas semanas. É só isso. Falta especificidade.

— Estamos fechando na arma dele — disse Emerson. Isso atraiu a atenção de Rodin.

— Ele errou um tiro — disse Emerson. — Acertou a piscina. E sabe de uma coisa? É exatamente assim que os laboratórios de balística testam o disparo de uma arma. Atiram em um grande tanque de água. A água desacelera e para o projétil sem danificá-lo. Assim, temos um projétil imaculado com todos os arranhões de que precisamos para conectá-lo com um rifle específico.

— Você pode encontrar esse rifle específico?

— Temos raspas de verniz de onde ele apoiou o rifle no muro.

— Isso é bom.

— Pode apostar. Se encontrarmos o rifle, poderemos comparar o verniz e os arranhões. É tão bom quanto DNA.

— Vocês encontraram o rifle?

— Encontramos uma cápsula deflagrada. Ela tem marcas do mecanismo de ejeção. Então, temos o projétil e a cápsula. Juntos, eles ligam a arma ao crime. Os arranhões ligam a arma à garagem. A garagem liga o crime ao homem que deixou as evidências.

Rodin ficou em silêncio. Emerson sabia que ele estava pensando sobre o julgamento. Evidência técnica era difícil de convencer, às vezes. Faltava uma dimensão humana.

— A cápsula contém impressões digitais — ele disse. — De quando ele encheu o carregador. As mesmas encontradas na moeda do parquímetro e no cone de tráfego. Então, podemos ligar o crime à arma, a arma à munição, e a munição ao homem que a usou. Vê? Tudo está conectado. O homem, a arma, o crime. É um tiro certeiro.

— O vídeo mostra a minivan deixando o local?

— Noventa segundos depois do primeiro telefonema para a emergência.

— Quem é ele?

— Saberemos logo que o banco de dados de impressões digitais nos retornar.

— Se ele estiver no banco de dados.

— Creio que ele seja um atirador do Exército — disse Emerson. — Todo o contingente militar está no banco de dados. Então, é apenas uma questão de tempo.

Foi uma questão de 49 minutos. Um rapaz da administração bateu e entrou. Ele carregava um maço de papéis. O documento listava um nome, um endereço e uma história. E informações adicionais de todo o sistema. Incluindo uma foto da carteira de motorista. Emerson pegou o documento e examinou-o uma vez. E mais uma. E então sorriu. Exatamente seis horas depois do primeiro tiro disparado, a situação já estava sob controle. Vitória certa.

— O nome dele é James Barr — disse Emerson. Silêncio no escritório.

— O nosso homem tem 41 anos. Vive a 20 minutos daqui. Serviu no Exército americano. Dispensado com honra há 14 anos. Especialista de infantaria, o que eu aposto que significa que ele é um francoatirador. O Departamento de Trânsito diz que ele dirige uma Dodge Caravan bege de seis anos.

Emerson empurrou os papéis em cima da mesa para Rodin. Rodin pegou-os e examinou-os detidamente uma vez, duas, com todo o cuidado. Emerson prestou atenção nos olhos dele. Viu-o pensando sobre o homem, a arma, o crime. Era como assistir a um caça-níquel em Las Vegas alinhar três cerejas. *Bing-bing-bing*! Certeza total.

— James Barr — disse Rodin, como se estivesse saboreando o som das palavras. Ele pegou a foto da carteira de motorista e olhou para ela.

— James Barr, bem-vindo a um problemão, senhor.

— Amém — disse Emerson, aguardando um elogio.

— Conseguirei os mandados — disse Rodin. — Prisão, busca e apreensão em sua casa e em seu carro. Juízes farão fila para assinar.

Ele foi embora e Emerson ligou para o chefe de polícia com as boas notícias. O chefe disse que marcaria uma coletiva com a imprensa às oito da manhã do dia seguinte. Disse que queria Emerson lá, bem na frente. Emerson achou que aquele seria o único elogio que receberia, mesmo sem gostar muito da imprensa.

Os mandados estavam prontos uma hora depois, mas a prisão levou três horas para ser preparada. Primeiro, a vigilância à paisana confirmou que ele estava em casa. Sua casa era uma grande choupana de um andar. Não estava um brinco, mas também não estava caindo aos pedaços. Tinta velha nas laterais, asfalto novo na entrada da garagem. As luzes estavam acesas e a televisão ligada no que devia ser a sala. Barr foi visto rapidamente, através de uma janela. Dava a impressão de estar sozinho. E então pareceu que ele iria para a cama. As luzes se apagaram e a casa ficou quieta. Houve uma pausa. Era procedimento de rotina planejar cuidadosamente a prisão de um homem armado dentro de uma casa ou prédio. O time da SWAT entrou em ação. Eles usaram mapas de zoneamento e vieram com o tipo de operação usual. Cercar o terreno, força exagerada à espera do lado de fora, na frente e atrás, assalto repentino e violento nas portas da frente e de trás, simultaneamente. Emerson fora paramentado para fazer a prisão, com vestimenta completa à prova de bala e um capacete emprestado. Um assistente da promotoria estaria ao lado dele, monitorando a legalidade do procedimento. Ninguém queria dar razões para os advogados de defesa reclamarem. Uma equipe de paramédicos estaria de prontidão. Dois policiais com cães iriam juntos, por causa da teoria dos peritos que sustentava que o atirador tinha um cachorro em casa. Todos juntos, 38 homens envolvidos, e todos estavam

cansados. A maioria deles estava trabalhando direto há 19 horas. Horas obrigatórias mais horas extras, havia muita tensão no ar. Os especialistas assumiam que ninguém possuía só uma arma automática. Se um homem tinha uma arma, ele tinha outras. Talvez metralhadoras automáticas. Talvez granadas e até mesmo bombas.

Mas, nessa ocasião, a prisão ocorreu tranquilamente. James Barr quase nem acordou. Derrubaram as portas às três da manhã e o encontraram dormindo na cama. Ele continuou dormindo com 15 homens armados em seu quarto, apontando 15 submetralhadoras e 15 lanternas para ele. Mexeu-se um pouco quando o comandante da SWAT arrancou-lhe os cobertores e os atirou no chão em busca de armas escondidas. Não havia nenhuma. Ele abriu os olhos. Balbuciou algo parecido com O quê…? e em seguida voltou a dormir, encolhendo-se no colchão, abraçando-se para se proteger do frio repentino. Era um homem grande, com a pele branca e os cabelos pretos tornando-se grisalhos por todo o corpo. O pijama era pequeno demais para ele. Parecia largado e um pouco mais velho do que os seus 41 anos.

O cachorro era um vira-lata velho que acordou com dificuldade e veio cambaleando da cozinha. A equipe de policiais com cães o capturou imediatamente e levou-o para a caminhonete. Emerson tirou o capacete e passou pela multidão até chegar ao quarto. Viu uma garrafa de Jack Daniels pela metade na mesa de cabeceira próximo a um vidro de remédios controlados, também pela metade. Dobrou-se para olhar. Remédios para dormir. Droga legal. Recentemente prescrita para alguém chamado Rosemary Barr. O rótulo dizia: Rosemary Barr. Tome um para insônia.

— Quem é Rosemary Barr? — perguntou o assistente da promotoria. — Ele é casado?

Emerson olhou em volta.

— Não parece.

— Atentado suicida? — perguntou o comandante da SWAT.

Emerson balançou a cabeça.

— Ele teria engolido todas. Mais o copo cheio de uísque. Acho que o sr. Barr teve problemas para dormir esta noite, só isso. Depois de um dia cheio e muito produtivo.

O ar no quarto estava estagnado. Cheirava a lençóis sujos e a corpo sem banho.

— Precisamos ter cuidado aqui — disse o assistente da promotoria. — Ele está incapacitado neste momento. O advogado dirá que ele não estava completamente capaz de entender o direito de ficar calado. Então não podemos deixá-lo dizer nada. E se ele disser algo não podemos ouvir.

Emerson chamou os paramédicos. Pediu que vigiassem Barr para ter certeza de que ele não estava fingindo e para se assegurar de que ele não morreria nas mãos da polícia. Examinaram-no por alguns minutos, ouviram-lhe o coração, checaram-lhe o pulso, leram o rótulo do remédio. Então, pronunciaram-no razoavelmente saudável e em forma, mas dormindo profundamente.

— Psicopata — disse o comandante da SWAT. — Completamente sem consciência.

— E temos mesmo a certeza de que este é o homem certo? — perguntou o assistente da promotoria.

Emerson encontrou uma calça social dobrada sobre uma cadeira e checou os bolsos. Saiu com uma carteira. Encontrou a carteira de motorista. O nome estava certo, o endereço estava certo. A fotografia estava certa.

— Este é o homem certo — afirmou.

— Não podemos deixá-lo dizer nada — repetiu o assistente. — Precisamos agir como manda o figurino.

— Vou ler para ele os seus direitos, então — disse Emerson. — Façam uma anotação mental, pessoal.

Ele sacudiu Barr pelo ombro e como resposta recebeu olhos meio abertos. Em seguida, recitou-lhe os seus direitos. O direito de

permanecer calado, o direito de obter um advogado. Barr tentou manter o foco, mas não conseguiu. Então, voltou a dormir.

— OK, levem-no — disse Emerson.

Eles o enrolaram num cobertor, e dois policiais o removeram da casa para dentro de um carro. Um paramédico e o assistente da promotoria foram com ele. Emerson ficou na casa e iniciou a busca. Encontrou a calça jeans raspada no armário do quarto. Os sapatos de sola de crepe . estavam no chão. Estavam empoeirados. A capa de chuva estava no armário do corredor. A Dodge Caravan bege estava na garagem. O rifle arranhado estava no porão. Entre vários numa prateleira chumbada na parede. Num banco, abaixo da prateleira, estavam cinco armas de mão calibre .9mm. E caixas de munição, inclusive uma de Lake City M852 grão 168 ponta oca .308, pela metade. Próximo às caixas estavam potes de vidro com cápsulas vazias. Prontas para serem carregadas manualmente. O pote mais próximo à frente do banco continha apenas cinco cápsulas. Bronze Lake City. O pote ainda estava destampado, como se as cinco cápsulas tivessem sido jogadas ali recentemente e com pressa. Emerson se abaixou e cheirou. O ar no pote cheirava a pólvora. Fria e velha, mas não muito.

Emerson saiu da casa de James Barr às quatro da manhã e deixou para trás especialistas forenses que passariam um pente fino do local. Ele checou com o seu sargento na delegacia e confirmou que Barr estava dormindo tranquilamente numa cela, com supervisão médica constante. Em seguida, foi para casa e tirou um cochilo de duas horas antes de tomar banho e se vestir para a coletiva de imprensa.

A coletiva acabou de vez com a trama. Uma trama necessita que o criminoso ainda esteja solto. Uma trama precisa que o criminoso ainda esteja perambulando, escondido, pelas sombras, um perigo iminente. Necessita de medo. Precisa expor as tarefas diárias, como encher o tanque do carro, visitar o shopping e caminhar até a igreja,

e fazê-las parecer perigosas. Então, ouvir que o criminoso já estava preso foi desastroso para Ann Yanni. Ela soube de imediato o que as redes de televisão iam pensar: Sem ramificações, trama finalizada. Notícias superadas, literalmente. E, afinal, não fora nada de mais, para início de conversa. Apenas um caipira louco e totalmente retardado para ficar uma noite fora da cadeia. Provavelmente dorme com a prima e bebe cerveja barata. Nada de excepcional. Ela conseguiria mais um espaço no horário nobre para recapitular o crime, anunciar a prisão e só. De volta à obscuridade.

Ann Yanni estava desapontada, mas disfarçou bem. Fez perguntas e falou num tom sóbrio. Mais ou menos na metade da coletiva, ela começou a elaborar um tema novo. Uma nova narrativa. As pessoas tinham que admitir que o trabalho da polícia fora muito eficaz. E esse criminoso não era um caipira louco. Não necessariamente. Então, um criminoso sério fora capturado pelo Departamento de Polícia, mais sério ainda. Lá mesmo no interior. Algo que tinha tomado um tempo considerável nas televisões das costas leste e oeste, em famosos casos anteriores. Será que ela venderia? Começou a esboçar manchetes em sua mente. Os Mais Rápidos da América.

O chefe deu lugar a Emerson depois de 10 minutos. Emerson explicou os detalhes da identidade e da história do criminoso. Ele se manteve frio. São apenas os fatos, madame. Ele explicou a investigação. Respondeu perguntas. Não contou vantagem. Ann Yanni teve a impressão de que ele sentiu que os policiais tinham tido sorte. Que haviam tido muito mais pistas do que o normal.

Em seguida, Rodin tomou a palavra. Ele fez parecer que o Departamento de Polícia havia se envolvido apenas num problema menor e que o trabalho pesado estava por começar. Seu gabinete faria todas as checagens e as determinações necessárias. E, sim, sra. Yanni, por pensar que as circunstâncias garantiam, ele certamente pediria a pena de morte para James Barr.

James Barr acordou em sua cela com uma ressaca química às nove da manhã de sábado. Foi levado imediatamente para colher impressões digitais e ouviu os seus direitos mais uma vez, e depois outra. O direito de permanecer calado, de ter um advogado. Ele escolheu ficar em silêncio. A maioria das pessoas não escolhe isso. A maioria das pessoas não consegue. A vontade de falar é normalmente grande demais. Mas James Barr conseguiu. Ele fechou a boca e manteve-a fechada. Várias pessoas tentaram falar com ele, mas não respondia. Nem uma vez. Nem uma palavra. Emerson ficou tranquilo com a situação. A verdade era que Emerson não queria mesmo que Barr começasse a falar. Ele preferia colher todas as evidências, vasculhá-las, testá-las, poli-las e chegar num ponto em que pudesse antecipar uma condenação sem uma confissão. Confissões são tão vulneráveis a acusações, por parte da defesa, de coerção ou confusão, que ele aprendera a fugir delas. Eram apenas a cobertura do bolo. Literalmente a última coisa que ele gostaria de ouvir, e não a primeira. Ao contrário dos seriados policiais da TV, em que interrogações impiedosas eram um tipo de arte performática. Então ele saía da frente e deixava a sua equipe de peritos forenses completar o seu trabalho lento e de paciência.

A irmã de James Barr era mais nova do que ele, solteira e vivia num apartamento alugado no centro da cidade. Seu nome era Rosemary. Como o resto da população da cidade, ela estava enojada, chocada e atônita. Ela vira as notícias na sexta-feira à noite. E vira de novo no sábado de manhã. Ouvira um detetive dizer o nome do seu irmão. Primeiro pensou que fosse um engano. Que tivesse ouvido mal. Mas o rapaz continuou dizendo: James Barr, James Barr, James Barr. Ela começou a chorar. Primeiro lágrimas de confusão, depois lágrimas de pavor, e então lágrimas de fúria.

Em seguida forçou-se a se acalmar, e então se ocupou.

Ela trabalhava como secretária numa firma de oito advogados. Como na maioria das firmas de advocacia de cidades pequenas do

interior, a dela fazia um pouco de tudo. E tratava seus empregados muito bem.

O salário não era espetacular, mas havia benefícios para compensar. Um pacote deles. Um dos benefícios era ser chamada de oficial de justiça em vez de secretária. Outra era a promessa da firma de cuidar de graça dos assuntos legais de seus funcionários e de seus familiares. O grosso desse tipo de trabalho eram testamentos, divórcios e confusões com seguradoras depois de acidentes leves de carro. Não tinha nada a ver com defender irmãos adultos acusados erroneamente em notórios massacres urbanos. Ela sabia disso. Mas achou que deveria tentar. Porque ela conhecia o irmão e sabia que ele não podia ser culpado.

Ela telefonou para a casa do sócio para quem trabalhava. Ele trabalhava basicamente com impostos. Então acabou telefonando para o litigante criminal da firma. O litigante criminal telefonou para o sócio gerente, que convocou uma reunião com todos os sócios. A reunião aconteceu num almoço no *country club*. A princípio, o assunto foi como recusar o pedido de Rosemary Barr da forma mais delicada possível. Eles não estavam equipados para lidar com uma defesa para esse tipo de crime. Ou inclinados a lidar. Havia implicações de ordem de relações públicas. Houve um acordo imediato nesse ponto. Mas eles eram um time leal, e Rosemary Barr uma boa funcionária que trabalhava para eles há anos. Todos sabiam que ela não tinha dinheiro, pois eram eles que faziam as declarações de impostos dela. Eles pressupunham que o irmão dela também não tinha dinheiro. Mas a Constituição garantia uma defesa competente, e eles não tinham uma opinião muito boa dos defensores públicos. Então estavam presos num genuíno dilema ético.

O litigante resolveu. Seu nome era David Chapman. Era um veterano que trabalhou duro e que conhecia Rodin do gabinete da promotoria. Conhecia muito bem. Seria impossível não o conhecer bem. Eles eram muito parecidos, criados no mesmo bairro e

trabalhando no mesmo ramo, ainda que em lados opostos. Então Chapman foi até a sala de fumantes e usou o seu celular para telefonar para a casa do promotor, os dois advogados tiveram uma conversa franca sobre tudo. Em seguida Chapman voltou para a mesa do almoço.

— É caso vencido para a promotoria — disse ele. — O irmão da Sra. Barr está mais sujo do que pau de galinheiro. O caso de Rodin vai para um livro didático. Diabos, provavelmente virá a ser um livro didático um dia Ele tem todo tipo de evidência possível. Não há saída.

— Ele não estava tentando desanimar você? — O sócio gerente perguntou.

— Suas chances de conversa-fiada entre dois velhos amigos — disse Chapman.

— Então?

— Tudo o que poderíamos fazer é tentar atenuar a pena. Se conseguirmos reduzir de injeção letal para prisão perpétua, já será uma grande vitória. Isso é tudo o que a sra. Barr pode esperar. Ou o traste do irmão dela, com o devido respeito.

— Quanto de envolvimento? — o sócio gerente perguntou.

— Somente a fase de sentenciamento. Porque ele terá que se declarar culpado.

— Você estará feliz lidando com isso?

— Na medida do possível.

— Quantas horas isso nos custará?

— Não muitas. Não há quase nada que possamos fazer.

— Baseado em quê entraremos com a mitigação?

— Ele é um veterano da Guerra do Golfo, eu acho. Então provavelmente tem toda aquela coisa química envolvida. Ou algum tipo de distúrbio pós-traumático retardado. Talvez possamos fazer com que Rodin concorde de antemão. Podemos resolver isso durante o almoço.

O sócio gerente concordou com a cabeça. Virou para o advogado tributarista:

— Diga à sua secretária que faremos tudo ao nosso alcance para ajudar o irmão dela nesse momento de necessidade.

Barr foi transportado da cadeia da delegacia de polícia para o presídio municipal antes que sua irmã ou Chapman tivesse a chance de vê-lo.

O pijama dele e o cobertor foram confiscados e ele recebeu uma cueca descartável, um macacão laranja e um par de sandálias de borracha. O presídio municipal não era um lugar agradável. Cheirava mal e era barulhento. Estava radicalmente superlotado e as tensões sociais e étnicas que são mantidas sob controle nas ruas corriam livres lá dentro. Homens entulhados a três por cela, e os guardas eram poucos. Os calouros eram conhecidos como peixes e eram largados para se virarem sozinhos.

Mas Barr estivera no Exército e o choque cultural para ele não foi tão forte. Ele sobreviveu como peixe por duas horas, e em seguida foi escoltado até uma sala de interrogatório. Disseram-lhe que havia um advogado esperando por ele. Ele encontrou uma mesa e duas cadeiras chumbadas no piso num cubículo sem janelas. Numa das cadeiras estava um homem que ele reconhecia vagamente de algum lugar. Na mesa estava um gravador. Parecia um Walkman.

— Meu nome é David Chapman — disse o homem na cadeira. — Sou advogado criminalista. Sua irmã trabalha na minha firma. Ela nos pediu que ajudássemos você.

Barr ficou em silêncio.

— Então aqui estou eu — disse Chapman. Barr ficou em silêncio.

— Gravarei essa conversa — disse Chapman. — Numa fita. Você não se incomoda?

Barr ficou em silêncio.

— Creio que nos encontramos uma vez — disse Chapman. — Numa de nossas festas de Natal?

Barr ficou em silêncio. Chapman esperou.

— As acusações foram explicadas para você? — perguntou. Barr ficou em silêncio.

— Essas acusações são muito graves — disse Chapman. Barr continuou quieto.

— Não posso ajudá-lo se você não ajudar a si mesmo.

Barr somente olhava para ele. Apenas se sentou em silêncio por vários e longos minutos. Então, aproximou-se do gravador e falou pela primeira vez desde a tarde anterior:

— Eles pegaram o homem errado.

— Eles pegaram o homem errado — ele repetiu.

— Então me fale sobre o homem certo — disse Chapman imediatamente. Ele era um craque de salas de interrogatório. Sabia como manter o ritmo fluindo. Pergunta, resposta, pergunta, resposta. É assim que se consegue fazer com que as pessoas se abram. Elas caíam no ritmo e tudo vinha à tona.

Mas Barr apenas retornou ao silêncio.

— Vamos esclarecer uma coisa — disse Chapman. Barr não respondeu.

— Você está negando as acusações? — perguntou Chapman. Barr não disse nada.

— Está? Sem resposta.

— As evidências estão todas lá — disse Chapman. — Creio que sejam fortes demais. Você não pode se fingir de bobo agora. Precisamos conversar sobre o porquê de você ter feito aquilo. É isso que vai nos ajudar aqui.

Barr não disse nada.

— Talvez tenha sido a sua experiência na guerra — disse Chapman.

— Ou estresse pós-traumático. Ou algum tipo de problema mental. Precisamos nos concentrar na razão.

Barr não disse nada.

— Negar não é uma atitude inteligente — disse Chapman. — As evidências estão todas lá.

Barr não disse nada.

— Negar não é uma opção — disse Chapman.

— Ache Jack Reacher para mim — disse Barr.

— Quem?

— Jack Reacher.

— Quem é ele? Um amigo? Barr não disse nada.

— Alguém que você conheceu?

— Apenas encontre ele para mim.

— Onde ele está? Quem é ele? Barr não disse nada.

— Jack Reacher é um médico? — perguntou Chapman.

— Um médico? — repetiu Barr.

— Ele é um médico? — perguntou Chapman.

Mas Barr não falou mais nada. Apenas se levantou, andou até a porta do cubículo e bateu nela, até que o carcereiro a abriu e o levou para a sua cela superlotada.

Chapman marcou uma reunião com Rosemary Barr e o investigador da firma no seu escritório. O investigador era um policial aposentado, requisitado pela maioria dos escritórios de advocacia da cidade. Todos o mantinham por perto. Era um detetive particular licenciado. Seu nome era Franklin. Não era nada parecido com os detetives de seriados de TV. Ele fazia todo o seu trabalho em uma mesa com listas telefônicas e bancos de dados. Não saía, não usava arma, não possuía chapéu. Mas não tinha igual quando o assunto era verificar fatos ou localizar pessoas, e ainda possuía amigos na polícia.

— As evidências são sólidas — disse. — É o que ouço por aí. Emerson estava à frente e é muito confiável. Rodin também é, mas por uma razão diferente. Emerson é um durão e Rodin é um covarde. Nenhum dos dois arriscaria dizer o que estão dizendo se as evidências não estivessem lá.

— Simplesmente não posso acreditar que ele fez isso — disse Rosemary Barr.

— Bem, certamente ele parece estar negando ter cometido o crime — disse Chapman. — Se é que pude entendê-lo. E ele está perguntando sobre alguém de nome Jack Reacher. Alguém que ele conhece ou conheceu. Já ouviu esse nome antes? Sabe quem é?

Rosemary Barr apenas balançou a cabeça. Chapman escreveu Jack Reacher numa folha de papel e passou para Franklin.

— Tenho a impressão de que possa ser um psiquiatra. O sr. Barr mencionou o nome logo depois que falei sobre a contundência das evidências. Então, talvez esse tal de Reacher possa nos ajudar com a mitigação. Talvez ele tenha tratado do sr. Barr no passado.

— Meu irmão nunca foi a um psiquiatra — disse Rosemary Barr.

— Tem certeza?

— Nunca.

— Há quanto tempo ele está nesta cidade?

— Há 14 anos. Desde a época do Exército.

— Vocês eram próximos?

— Vivíamos na mesma casa.

— Na casa dele?

Rosemary Barr concordou com a cabeça.

— Mas você não vive lá agora. Rosemary Barr desviou o olhar.

— Não — ela disse. — Eu mudei de lá.

— É possível que o seu irmão possa ter procurado um psiquiatra depois que você se mudou?

— Ele teria me dito.

— OK. E antes disso? No Exército?

Rosemary ficou em silêncio. Chapman virou-se para Franklin.

— Talvez Reacher fosse o psiquiatra que cuidou dele no Exército — disse. — Talvez tenha informações sobre um antigo trauma. Ele poderia ajudar muito.

Franklin pegou a folha de papel.

— De qualquer maneira, irei encontrá-lo — garantiu.

— Não deveríamos estar falando de mitigação — disse Rosemary Barr. — Deveríamos estar falando de dúvida legítima. De inocência.

— As evidências são muito fortes — disse Chapman. — Ele usou a própria arma.

Franklin gastou três horas tentando encontrar Jack Reacher, sem sucesso. Primeiro, ele pesquisou através de associações psiquiátricas. Sem sorte. E então procurou grupos de apoio a veteranos da Guerra do Golfo na internet. Nem uma pista. Ele tentou um banco de dados chamado Lexis-Nexis e todas as agências de notícias. Nada. Então voltou ao início e acessou o banco de dados do Centro Nacional de Registro de Contingente. Listava todos os militares atuais e antigos. Ali encontrou facilmente o nome Jack Reacher. Reacher entrou no serviço em 1984 e foi dispensado com honras em 1997. James Barr se alistara em 1985 e saíra em 1991. Então havia um período em comum de seis anos. Mas Reacher não era nenhum médico ou psiquiatra. Era um policial do Exército. Um oficial. Um major. Talvez um investigador de alto nível. Barr dera baixa como especialista de baixo escalão E-4. Infantaria, não polícia do Exército. Qual era o ponto de contato entre um major da polícia e um artilheiro E-4? Algo de valia, obviamente, ou Barr não teria mencionado o nome. Mas o quê?

Ao fim de três horas, Franklin se deu conta de que nunca descobriria, porque Reacher desaparecera do radar depois de 1997. Totalmente. Não havia sinal dele em lugar nenhum. Ainda estava vivo, de acordo com a Previdência Social. Não estava preso, de acordo com o Centro Nacional de Informação Criminal. Mas estava desaparecido. Não tinha informações de crédito. Não tinha títulos de propriedade de imóveis, carros ou barcos. Sem dívidas. Não era credor. Não tinha endereço. Sem telefone. Sem mandados, nunca participou de julgamentos. Não era marido, não era pai. Era um fantasma.

James Barr passou as mesmas três horas em sérios apuros. Tudo começou quando pôs os pés para fora de sua cela. Ele virou à direita para andar até os telefones pagos. O corredor era estreito. Esbarrou num outro rapaz, ombro com ombro. E então cometeu um terrível erro. Levantou os olhos do chão e olhou para o rapaz para pedir desculpas.

Um terrível erro, pois um peixe não pode olhar nos olhos de um outro prisioneiro. Não sem parecer desrespeito. Era uma dessas coisas de prisão. Ele não entendia.

O rapaz que ele olhou nos olhos era um mexicano. Tinha tatuagens de gangues, mas Barr não as reconheceu. Outro erro. Ele deveria ter abaixado a cabeça e seguido em frente, esperando pela sorte. Mas não fez isso.

Em vez disso, disse:

— Com licença.

Em seguida levantou as sobrancelhas e abriu um fraco sorriso de autodepreciação, como se dissesse: Que lugarzinho, hein?

Um erro horrível. Familiaridade e presunção de intimidade.

— O que tá olhando? — perguntou o mexicano.

Naquele momento, James Barr entendeu tudo. O que tá olhando? Era basicamente uma frase de boas-vindas. Alojamentos, bares, esquinas, becos escuros, essa não era uma frase agradável de se ouvir.

— Nada — respondera, dando-se conta de que tornara a situação ainda mais complicada.

— Tá me chamando de nada?

Barr abaixou a cabeça e prosseguiu, mas era tarde demais. Ele sentiu o olhar do mexicano em suas costas e desistiu da ideia do telefone. Os telefones ficavam numa área sem saída e ele não queria se sentir encurralado. Então, fez um longo circuito no sentido anti-horário e voltou para a sua cela. Chegou bem. Não olhou para ninguém, não falou. Deitou-se em seu beliche. Mais ou menos duas

horas depois ele se sentiu bem. Barr achou que suportaria um machão enfezado. E ele era maior que o mexicano. Era maior que dois mexicanos.

Ele queria telefonar para a irmã. Queria saber se ela estava bem.

Partiu em direção aos telefones mais uma vez.

Chegou lá intacto. Era um espaço pequeno. Havia quatro telefones na parede, quatro homens falando, quatro filas de outros homens esperando. Barulho, som de passos, risos altos, impaciência, frustração, ar azedo, cheiro de suor, cabelos ensebados e urina. Uma cena normal de prisão, de acordo com o preconceito de James Barr.

E então nada era normal.

Os homens na frente dele desapareceram. Simplesmente desapareceram. Perderam-se de vista. Os que falavam no telefone desligaram no meio da conversa e sumiram. Os que esperavam na fila também sumiram. Em meio segundo a sala passou de cheia e barulhenta para deserta e silenciosa.

James Barr se virou.

Ele viu o mexicano com as tatuagens. O mexicano tinha uma faca na mão e 12 amigos atrás de si. A faca era um cabo de uma escova de dentes de plástico enrolado com fita adesiva e amolado com uma ponta, como um estilete. Os amigos eram pequenos, mas parrudos, todos com as mesmas tatuagens. Todos tinham a cabeça raspada com símbolos complexos em todo o crânio.

— Espere — disse Barr.

Mas os mexicanos não esperaram e, oito minutos mais tarde, Barr estava em coma. Foi encontrado algum tempo depois, no chão, espancado, com múltiplas perfurações, fratura craniana e sangramento subdural severo. Entre os detentos, dizia-se que ele procurara por isso. Ele desrespeitara os latinos. Mas a mesma conversa de cadeia dizia que ele não se submetera facilmente. Havia um quê de admiração. Os mexicanos sofreram um pouco. Mas nem perto do que Barr sofrera. Ele foi removido e levado para o hospital

municipal, suturado e operado para aliviar a pressão do cérebro inchado. Então, foi deixado em coma numa unidade de tratamento intensivo de segurança. Os médicos não sabiam quando ele acordaria de novo. Talvez em uma semana. Talvez em um mês. Talvez nunca mais. Os médicos não sabiam mesmo, e não se importavam muito. Eram todos residentes.

O carcereiro ligou tarde da noite e avisou Emerson. Em seguida, Emerson telefonou para Rodin e este para Chapman. Então, Chapman ligou e contou para Franklin.

— Então, e agora? — perguntou Franklin.

— Nada — disse Chapman. — Está tudo congelado. Não se pode julgar um homem em coma.

— E quando ele acordar?

— Se Barr estiver bem, eles darão prosseguimento, eu acho.

— E se não estiver?

— Então não darão. Não se pode julgar um vegetal.

— O que fazemos agora?

— Nada — disse Chapman. — Não estávamos levando isso muito a sério mesmo. Barr é culpado, ninguém duvida disso, e não há mais nada que alguém possa fazer por ele.

Franklin telefonou para Rosemary Barr contando a notícia, pois achou que ninguém mais se daria ao trabalho. Descobriu que ninguém lhe contara mesmo. Então ele foi em frente e contou. Rosemary Barr não teve uma reação visível. Apenas ficou quieta. Era como se tivesse sofrido um baque emocional.

— Acho que devo ir ao hospital — disse ela.

— Se quiser — disse Franklin.

— Ele é inocente, sabia. Isso é muito injusto.

— Você o viu ontem?

— Você quer dizer se eu tenho um álibi para ele?

— Tem?

— Não — disse Rosemary Barr. — Não sei onde ele estava ontem. Ou o que estava fazendo.

— Tem algum lugar que ele frequente com alguma regularidade? Cinemas, bares, algo desse tipo?

— Não.

— Amigos com quem ele conversa?

— Não tenho certeza.

— Namoradas?

— Não por um bom tempo.

— Mais alguém da família a quem ele visita?

— Só nós dois mesmo. Ele e eu.

Franklin ficou em silêncio. Houve uma pausa longa.

— O que vai acontecer agora? — perguntou ela.

— Não sei exatamente.

— Você encontrou aquela pessoa que ele mencionou?

— Jack Reacher? Não, creio que não. Sem pistas.

— Você continuará procurando?

— Não há mais muita coisa que eu possa fazer.

— OK — disse Rosemary Barr. — Então teremos que prosseguir sem ele.

Mas enquanto conversavam pelo telefone tarde da noite naquele sábado, Jack Reacher estava a caminho deles.

capítulo 2

Reacher estava a caminho deles por causa de uma mulher. Ele passara a noite de sexta-feira em South Beach, Miami, numa boate de salsa, com uma dançarina de um navio de cruzeiro. O navio era norueguês, e a garota também. Reacher achou que ela fosse alta demais para a dança, mas era do tamanho perfeito para qualquer outra coisa. Eles se encontraram na praia à tarde. Reacher estava se bronzeando, pois se sentia melhor assim. Ele não sabia o que ela estava fazendo. Mas sentiu a sombra dela sobre o seu rosto e abriu os olhos, encontrando-a olhando para ele. Ou talvez para as suas cicatrizes. Quanto mais bronzeado ele ficava, mais elas se destacavam, brancas, horríveis e óbvias. Ela era branquela, com um biquíni preto. Um pequeno biquíni preto. Ele a imaginou como dançarina bem antes que ela dissesse alguma coisa. Era a maneira como ela se portava.

Eles acabaram jantando juntos e em seguida foram para a boate. Salsa em South Beach não seria a primeira escolha de Reacher, mas a companhia dela valia a pena. Ela era divertida. E uma ótima dançarina, obviamente. Cheia de energia. E deu uma canseira nele. Às quatro da manhã ela o levou para o hotel, louca para cansá-lo um pouco mais. O hotel dela era um pequeno prédio *art déco* perto do mar. Sem dúvida a companhia de cruzeiros tratava bem seus funcionários. Certamente era um destino muito mais romântico do que o hotel de Reacher. E muito mais perto.

E tinha TV a cabo, ausente no hotel de Reacher. Ele acordou às oito da manhã de sábado quando ouviu a dançarina no chuveiro. Ele ligou a TV e procurou pela ESPN. Queria os flashes de sexta à noite da American League. Nunca os encontrou. Passou por diversos canais e parou na CNN, pois ouviu o chefe do Departamento de

Polícia de Indiana dizer um nome que conhecia: *James Barr*. A imagem era de uma coletiva de imprensa. Sala pequena, luzes fortes. No topo da tela uma legenda: *Cortesia NBC*. Uma faixa na parte de baixo da tela dizia: *Massacre da Sexta-Feira à Noite*. O chefe de polícia disse o nome mais uma vez, James Barr, e em seguida apresentou um detetive de homicídios chamado Emerson. Emerson parecia cansado. Ele disse o nome pela terceira vez: James Barr. E então, como se adivinhasse a próxima pergunta na cabeça de Reacher, descreveu uma pequena biografia: *41 anos, residente em Indiana, especialista de infantaria do Exército de 1985 a 1991, veterano da Guerra do Golfo, solteiro, desempregado*.

Reacher olhava para a tela. Emerson parecia um cara conciso. Era breve. Sem conversa-fiada. Ele terminou de falar e, em resposta à pergunta de um repórter, recusou-se a especificar o que James Barr dissera durante o interrogatório, se é que dissera algo. Em seguida ele apresentou o promotor. O nome do rapaz era Rodin e não era nem um pouco conciso. Nem breve. Falava muita baboseira. Passou 10 minutos tentando roubar o crédito de Emerson. Reacher sabia como isso funcionava. Fora um policial por 13 anos. Policiais faziam o trabalho pesado, e promotores levavam a glória. Rodin disse James Barr mais algumas vezes e então declarou que o estado estava disposto a pedir a pena de morte.

Pelo quê?

Reacher esperou.

Um dos apresentadores do jornal local chamou Ann Yanni, e ela entrou no ar. Ela recapitulou os eventos da noite passada. Massacre de francoatirador. Carnificina sem sentido. Uma arma automática. Um edifício-garagem. Uma praça pública. Pessoas a caminho de casa depois de uma longa semana de trabalho. Cinco mortos. Um suspeito em custódia e uma cidade ainda em prantos.

Reacher pensou que era Yanni quem estava em prantos. O sucesso de Emerson encurtou a história dela. Ela se despediu e a

CNN continuou com o noticiário político. Reacher desligou a TV. A dançarina saiu do banheiro. Estava rosada e cheirosa. E nua. Ela saíra sem as toalhas.

— O que faremos hoje? — perguntou com aquele largo sorriso norueguês.

— Estou indo para Indiana — disse Reacher.

Ele andou em direção ao norte, no calor, para a rodoviária de Miami. Em seguida, folheou um quadro de horários engordurado e planejou uma rota. Não seria uma viagem fácil. De Miami para Jacksonville seria a primeira etapa. Depois, Jacksonville para Nova Orleans. Em seguida, Nova Orleans para Saint Louis. E então de Saint Louis para Indianapolis. E, num ônibus comum, provavelmente, em direção ao interior. Cinco destinos diferentes. Os horários de chegada e partida não eram bem integrados. Do começo ao fim, levaria mais de 48 horas. Ele pensou em voar ou alugar um carro, mas estava com pouco dinheiro e preferia ônibus; e além disso imaginou que nada mais aconteceria no fim de semana.



O que aconteceu no fim de semana foi que Rosemary Barr telefonou de volta para o investigador de sua firma. Ela achou que Franklin pudesse ter um ponto de vista semi-independente. Ela o pegou em casa, às 10 da manhã de domingo.

— Acho que deveríamos contratar outros advogados — disse ela. Franklin ficou em silêncio.

— David Chapman acha que ele é culpado — disse Rosemary. — Não acha? Até já desistiu.

— Não posso comentar — disse Franklin. — Ele é um de meus empregadores.

Rosemary ficou em silêncio.

— Como foi no hospital? — perguntou Franklin.

— Horrível. Ele está na UTI, com um bando de prisioneiros. Está algemado à cama. Em coma, Deus do céu. Como eles acham que ele poderia escapar?

— Legalmente?

— Ele foi preso, mas não foi julgado. Está numa espécie de limbo. Eles pressupõem que ele não teria direito a fiança.

— Provavelmente estão certos.

— Então alegam sob as circunstâncias que ele não tem fiança. Ele é deles agora. Está no sistema.

— O que você gostaria que acontecesse?

— Ele não deveria estar algemado. E deveria, pelo menos, estar num hospital de veteranos. Mas isso não acontecerá até eu encontrar um advogado preparado para ajudá-lo.

Franklin fez uma pausa.

— Como você explica todas as evidências?

— Conheço o meu irmão.

— Você saiu da casa dele, não foi?

— Por outras razões. Não porque ele é um maníaco homicida.

— Ele bloqueou uma vaga no edifício-garagem — disse Franklin. — Ele premeditou tudo.

— Você também acha que ele é culpado.

— Trabalho com o que tenho em mãos. E o que tenho aqui não parece nada bom.

Rosemary Barr ficou em silêncio.

— Sinto muito — disse Franklin.

— Você pode me recomendar outro advogado?

Você pode tomar essa decisão? Você pode advogar?

— Acho que está óbvio. Ele está em coma. Eu sou a parente mais próxima.

— De quanto dinheiro você dispõe?

— Não muito.

— Quanto ele tem?

— Ele só tem uma casa.

— Não vai pegar bem. Vai parecer uma traição com a firma em que você trabalha.

— Não posso me preocupar com isso.

— Você poderia perder tudo, inclusive o emprego.

— Eu perderei de qualquer maneira, a menos que ajude James. Se ele for condenado, eles me demitirão. Eu ficarei famosa. Por associação. Uma vergonha para a firma.

— Ele foi encontrado com as suas pílulas para dormir — disse Franklin.

— Dei pra ele. Ele não tem plano de saúde.

— Por que ele precisava das pílulas?

— Problemas para dormir. Franklin ficou em silêncio.

— Você acha que ele é culpado — disse Rosemary.

— As evidências são muito fortes — disse Franklin.

— David Chapman não está nem tentando, está?

— Você deve considerar a possibilidade dele estar certo.

— Para quem eu deveria telefonar? Franklin fez uma pausa.

— Tente Helen Rodin — ele sugeriu.

— Rodin?

— A filha do promotor.

— Não a conheço.

— Trabalha no centro da cidade. Acabou de abrir seu escritório. Ela está começando, cheia de entusiasmo.

— Isso é ético?

— Não há lei que impeça.

— Seria pai contra filha.

— O advogado seria Chapman, e Chapman conhece Rodin muito mais do que a filha o conhece, provavelmente. Ela esteve fora por um bom tempo.

— Onde?

— Faculdade, escola de direito, trabalhando para um juiz em Washington D.C.

— Ela é boa?

— Acredito que será.

Rosemary Barr telefonou para o escritório de Helen Rodin. Era uma espécie de teste. Alguém novo e cheio de gás trabalharia num domingo.



Helen Rodin estava no escritório nesse domingo. Atendeu o telefonema sentada à sua mesa. Era uma mesa de segunda mão e ela sentava orgulhosa numa sala quase vazia na mesma torre de vidro fume que tinha como inquilino a NBC no segundo andar. A sala fora alugada barato, por meio de um dos subsídios que a prefeitura estava distribuindo feito confete. A ideia era dar um empurrãozinho no centro rejuvenescido da cidade e recuperar o investimento mais tarde com gordos impostos.

Rosemary Barr não precisou contar a Helen Rodin sobre o caso, pois tudo acontecera do lado de fora da janela do escritório dela. Ela mesma vira parte da confusão, e seguiu o resto nos jornais mais tarde. Vira todas as aparições de Ann Yanni na TV. Chegou até a reconhecê-la, do lobby e do elevador.

— Vai ajudar meu irmão? — perguntou Rosemary Barr.

Helen Rodin fez uma pausa. A resposta inteligente seria *de jeito nenhum*. Ela sabia disso. Assim como *de jeito nenhum, esqueça, você está louca?* Duas razões. Uma, ela sabia que um embate com seu pai seria inevitável em algum momento, mas precisava disso tão cedo? E outra, ela sabia que os primeiros casos de um advogado iniciante o definem. Estradas sem graça levam a lugares sem graça. Terminar a carreira como advogada de porta de cadeia não seria uma catástrofe,

ela pensava. Mas começar pegando um caso que ofendera uma cidade inteira… isso sim seria uma catástrofe para a imagem futura dela. Aquilo não fora visto como um *crime*, e sim como uma *atrocidade*. Contra a humanidade, contra toda a comunidade, contra os esforços de rejuvenescer o centro da cidade, contra todo o ideal de ser de Indiana. Era como se uma metrópole tivesse chegado ao interior, e ser a pessoa a explicar ou se desculpar por isso seria um erro fatal. Como uma marca de nascença. Ficaria com ela por toda a vida.

— Podemos processar a prisão? — perguntou Rosemary Barr. — Por deixarem-no ser agredido?

Helen Rodin fez outra pausa. Outra boa razão para dizer não. Uma cliente fora da realidade.

— Talvez mais tarde — ela respondeu. — Agora não atrairíamos muita simpatia como acusação. E é difícil provar os danos, se ele está a caminho do corredor da morte.

— E eu não poderia lhe pagar muito — disse Rosemary Barr. — Não tenho dinheiro.

Helen Rodin parou pela terceira vez. Outra boa razão para dizer não. Era cedo demais em sua carreira para fazer trabalhos de caridade.

Mas. Mas. Mas.

O acusado merece representação. A Constituição prevê isso. E ele era inocente até que se provasse o contrário. E se as evidências fossem tão fortes quanto seu pai lhe assegurara, então a coisa toda não passaria de um processo de supervisão. Ela verificaria o caso de forma independente. E então o aconselharia a se declarar culpado. E então o assistiria enquanto o pai dela alimentaria a máquina. Era isso. Poderia ser visto como cumprimento honesto do dever. Uma tarefa constitucional. Assim ela esperava.

— OK — ela disse.

— Ele é *inocente* — ratificou Rosemary Barr. — Estou certa disso.

Eles sempre são, pensou Helen Rodin.

— OK — ela repetiu. Em seguida pediu à sua nova cliente para voltar ao escritório às sete horas da manhã seguinte. Era uma espécie de teste. Uma irmã que realmente acreditasse na inocência do irmão compareceria numa reunião a essa hora.

Rosemary Barr apareceu na hora combinada, pontualmente às sete da manhã de segunda-feira. Franklin também estava lá. Ele acreditava em Helen Rodin e estava preparado para segurar seus honorários até descobrir para onde as coisas se encaminhariam. Helen Rodin já estava em sua mesa há uma hora. Ela informara David Chapman da mudança de representação na tarde de domingo e obtivera a fita com a conversa inicial dele com James Barr. Chapman ficou feliz de entregar o caso e lavar as mãos. Ela ouvira a fita diversas vezes na noite de domingo, e outras tantas naquela manhã. Era tudo o que tinham de James Barr. Talvez o máximo que conseguiriam extrair dele. Então ela ouviu cuidadosamente e tirou algumas conclusões do que ouviu.

— Ouça — Helen disse.

Ela tinha a fita no ponto exato e pronta para tocar em um gravador antigo do tamanho de uma caixa de sapatos. Apertou *play* e todos ouviram um chiado, respirações e alguns barulhos, e então a voz de David Chapman: Não posso ajudá-lo se você não ajudar a si mesmo. Houve uma pausa longa, mais chiado, e então James Barr falou: *Eles pegaram o homem errado. Eles pegaram o homem errado*, repetiu. Então Helen olhou para o conta-giros do gravador e adiantou a fita até o momento em que Chapman dizia: *Negar não é uma opção*. Em seguida a voz de Barr dizia: *Ache Jack Reacher para mim*. Helen adiantou a fita até a pergunta de Chapman: *Ele é um médico?* E então não havia mais nada na fita além do som de Barr batendo a porta.

— OK — disse Helen. — Creio que ele não acredita mesmo que tenha feito isso. E proclama inocência, fica frustrado e termina a

entrevista quando Chapman não o leva a sério. Isso está claro, não está?

— Ele é *inocente* — afirmou Rosemary Barr.

— Falei com meu pai ontem — disse Helen Rodin. — As evidências estão todas lá, sra. Barr. Temo que ele tenha cometido o crime sim. Você tem de aceitar que uma irmã talvez não conheça o irmão tão bem quanto gostaria. Ou, se um dia o conhecesse, que ele houvesse mudado por alguma razão.

Houve um longo silêncio.

— Seu pai está dizendo a verdade sobre as evidências? — Rosemary perguntou.

— Ele tem que dizer a verdade — disse Helen. — De qualquer modo, acabaremos vendo tudo isso. Está tudo documentado. Pegaremos depoimentos. Não faria sentido ele estar blefando a essa altura.

Ninguém falou nada.

— Mas ainda podemos ajudar seu irmão — disse Helen, quebrando o silêncio. — Ele acredita que não cometeu o crime. Tive certeza disso depois de ouvir a fita. Sendo assim, ele está sob um transe. Ou pelo menos estava naquele maldito sábado. E talvez estivesse naquela sexta-feira também.

— E como isso pode ajudá-lo? — perguntou Rosemary Barr. — Isso ainda é admitir que ele é culpado.

— As consequências serão diferentes. Se ele se recuperar. Preso e em tratamento numa instituição será muito melhor do que preso e sem tratamento numa prisão de segurança máxima.

— Você quer que ele seja declarado louco?

Helen concordou com a cabeça.

— Uma defesa médica é a nossa melhor chance. E se estabelecermos isso já, talvez melhoremos a maneira como ele está sendo tratado.

— Ele pode morrer. É o que os médicos disseram. Não quero que ele morra como um criminoso. Quero limpar o nome dele.

— Ele ainda não foi julgado. Ainda não foi condenado. Ainda é um homem inocente aos olhos da lei.

— Não é a mesma coisa.

— Não — disse Helen. — Imagino que não.

Outro longo silêncio.

— Vamos nos encontrar aqui de novo às dez e meia da manhã — disse Helen. — Esboçaremos uma estratégia. Se vamos tentar uma troca de hospitais, devemos tentar isso logo.

— Precisamos encontrar esse tal de Jack Reacher — disse Rosemary.

Helen concordou com a cabeça.

— Eu dei o nome a Emerson e ao meu pai.

— Por quê?

— Porque o pessoal do Emerson vasculhou a casa do seu irmão. Eles podem ter encontrado um endereço ou um número de telefone. E o meu pai tinha que saber por que precisamos desse homem na nossa lista de testemunhas, e não na de acusação. Talvez ele possa nos ajudar.

— Ele pode ser um álibi.

— Ou talvez um velho amigo do Exército.

— Não vejo como — disse Franklin. — Eles eram de patentes e divisões diferentes.

— Precisamos encontrá-lo — disse Rosemary Barr. — James pediu por ele, não pediu? Isso tem de significar algo.

Helen concordou com a cabeça de novo.

— Seria muito bom encontrá-lo. Ele pode ter algo para nós. Alguma desculpa, possivelmente. Ou pelo menos pode estar ligado a algo que possamos usar.

— Ele está fora de circulação — disse Franklin.



Ele estava a duas horas dali, na parte de trás de um ônibus que saía de Indianapolis. A viagem fora lenta, mas suficientemente agradável. Ele passara a noite de sábado em Nova Orleans, num hotel próximo à rodoviária. E em seguida passara a noite de domingo em Indianapolis. Dormira bem, se alimentara e tomara banho. Mas a maior parte do tempo chacoalhou dentro dos ônibus, observando as paisagens, observando o caos em que se encontrava o país e viajando nas lembranças da norueguesa. A vida dele era assim. Um mosaico de fragmentos. Detalhes e contextos desapareciam e eram relembrados sem muita nitidez, mas os sentimentos e as experiências se costuravam numa colcha de retalhos repleta de bons e maus momentos. Ele não sabia muito bem como classificar o encontro com a norueguesa. Nesse momento, pensava nela como uma oportunidade perdida. Mas de qualquer forma ela teria embarcado para longe. Ou ele teria. A intervenção da CNN encurtou as coisas, mas talvez apenas por um tempo.

O ônibus ia a 90km/h na Rota 37, em direção ao sul. Parou em Bloomington. Seis pessoas desceram. Uma delas deixou o jornal de Indianapolis para trás. Reacher o pegou e checou os esportes. Os Yankees ainda estavam à frente no leste. Em seguida olhou a primeira página e checou as notícias. Suspeito do Massacre Ferido está na Cadeia. Ele leu os primeiros três parágrafos: *Lesão no cérebro. Coma. Prognóstico incerto*. O jornalista parecia dividido entre condenar o Departamento Penal de Indiana por suas prisões sem lei e aplaudir as pessoas que atacaram Barr por seu serviço cívico.

Isso pode complicar as coisas, Reacher pensou.

Os outros parágrafos recontavam a história do crime, mais algumas informações adicionais e alguns fatos novos. Reacher leu

tudo. A irmã de Barr se mudara da casa dele alguns meses antes do incidente. O jornalista parecia achar que isso fora a causa ou pelo menos o que afetou a instabilidade tão evidente de Barr. Ou os dois.

O ônibus saiu de Bloomington. Reacher dobrou o jornal, apoiou a cabeça na janela e olhou a estrada. Era uma fita negra, molhada da chuva recente, e desenrolava-se ao lado dele com a linha divisória central piscando como uma mensagem urgente em código Morse. Reacher não tinha certeza sobre o que ela dizia. Não pôde lê-la.

O ônibus entrou numa rodoviária coberta e Reacher saiu à luz do dia; encontrou-se cinco quarteirões a oeste de onde um viaduto se enrolava por trás de um velho prédio de pedra. Calcário da Indiana, pensou. De pedra mesmo. Deve ser um banco, imaginou, a corte municipal ou talvez a biblioteca municipal. Havia uma torre de vidro fume atrás. O ar estava bom. Mais frio do que em Miami, que estava ao sul o suficiente para o inverno parecer distante. Não teria que ampliar o guarda-roupa por causa do clima. Reacher vestia uma calça social branca e uma camisa de algodão bem rústico, amarelo vivo. Ambas já estavam em seu corpo há três dias. Imaginou que aguentaria mais um dia assim. E então compraria algo, barato. Calçava sapatos marrons, sem meias. Sentia que estava vestido para a praia, e achou que pudesse parecer um tanto deslocado nessa cidade.

Olhou para o relógio: 9h20. Ficou em pé na calçada, no meio da fumaça de diesel, esticou-se e olhou à sua volta. A cidade era um daqueles lugares no interior que não são bem uma cidade grande, nem pequena, nem nova, nem velha. Não estava crescendo e nem se mantinha estagnada. Provavelmente havia alguma história ali. Talvez o comércio de milho e soja. Talvez tabaco. Talvez gado. Com certeza havia um rio ou uma estação de trem. Talvez até algumas indústrias. Havia um pequeno centro comercial. Podia vê-lo logo à sua frente, a leste de onde ele estava. Estruturas mais altas, algumas de pedra, outras de tijolos aparentes, outdoors. Ele achou que a torre

de vidro fume fosse uma espécie de marco. Não havia razão para construí-la em nenhum outro lugar além do coração da cidade.

Andou na direção da torre. Havia muitas construções no caminho. Reparos, obras, renovações, buracos na rua, pilhas de pedras, concreto fresco, caminhões pesados movendo-se devagar. Reacher atravessou na frente de um dos caminhões, pegou uma rua lateral e saiu pelo lado norte de uma extensão inacabada de um edifício-garagem. Lembrou-se da reportagem extraordinária de Ann Yanni naquele lugar e em seguida olhou para uma praça pública. Havia uma piscina vazia com um chafariz no meio. Entre a piscina e um muro baixo, um caminho estreito. O caminho estava decorado com enfeites fúnebres. Havia flores, com os caules embrulhados em papel alumínio. Fotografias, pequenos animais de pelúcia e velas. Havia um rastro de areia. A areia deve ter servido para absorver o sangue, ele imaginou. Caminhões dos bombeiros carregam caixas de areia, para acidentes e cenas de crimes. E pás de aço inoxidável para a remoção de mutilações. Ele olhou de volta para o edifício-garagem. Menos de 30m, calculou. Muito perto.

Jack Reacher ficou imóvel. A praça estava em silêncio. A cidade inteira estava quieta. Parecia em choque, como se um membro se paralisasse depois de uma forte pancada. A praça era o epicentro. Era onde a pancada atingira. Parecia um buraco negro, com emoção comprimida dentro, apertada demais para escapar.

Ele continuou a caminhar. O prédio de calcário era uma biblioteca. *Tudo bem*, ele pensou. Bibliotecários são pessoas legais. Eles lhe dizem coisas, se você perguntar. Ele perguntou pelo escritório da promotoria. Uma mulher triste e acabrunhada na recepção lhe informou. Não era muito longe dali. A cidade não era grande. Ele caminhou em direção ao leste e passou por um prédio com uma placa do Departamento de Trânsito e um centro de recrutamento militar. Logo atrás estavam um conjunto de lojas pequenas e em seguida um prédio novo da corte municipal. Era de

arquitetura simples, telhado reto e com portas de mogno e vidro. Poderia ter sido uma igreja, de uma denominação estranha qualquer, com uma congregação generosa, mas sem muito dinheiro.

Ele evitou a entrada pública principal. Circulou o quarteirão até encontrar a lateral do prédio. Encontrou uma porta com o nome Promotoria. Abaixo, numa placa separada de bronze ele viu o nome Rodin. *Um funcionário eleito*, pensou. Eles usam uma placa separada para diminuir o custo quando um novo promotor assume de tempos em tempos. As iniciais de Rodin eram A. A. Ele era bacharel em direito.

Reacher entrou pela porta e falou com uma recepcionista. Pediu para ver A. A. Rodin em pessoa. — Qual o assunto? — perguntou a recepcionista com a voz baixa, mas muito educada. Era uma mulher de meia-idade, mas muito bem cuidada. Parecia ter trabalhado em uma mesa por toda a sua vida. Uma burocrata experiente. Mas estressada. Parecia carregar todos os problemas recentes da cidade em seus ombros.

— James Barr — disse Reacher.

— Você é repórter? — perguntou a recepcionista.

— Não — disse Reacher.

— Posso dizer ao gabinete do sr. Rodin a sua ligação com o caso?

— Conheci James Barr no Exército.

— Deve ter sido há um tempo.

— Muito tempo — disse Reacher.

— Posso saber o seu nome?

— Jack Reacher.

A recepcionista pegou o telefone e falou. Reacher achou que ela estivesse falando com uma secretária, pois ele e Rodin eram referidos na terceira pessoa, como abstrações. Ele pode ver um sr. Reacher sobre o caso? Não era o caso Barr. Apenas o caso. A conversa continuou. E então a recepcionista cobriu o telefone,

apertando-o contra o peito, abaixo da clavícula, acima do seio esquerdo.

— Você tem informações? — perguntou.

A secretária no andar de cima pode ouvir a batida do seu coração, pensou Reacher.

— Sim — disse ele. — Informações.

— Do Exército? — ela perguntou.

Reacher concordou com a cabeça. A recepcionista pôs o telefone de volta no ouvido e continuou a conversa. Foi uma conversa longa. O sr. A. A. Rodin tinha uma eficiente dupla de leoas de chácara. Isso estava claro. Sem a menor possibilidade de passar por elas sem algum tipo de razão urgente e legítima. Isso também estava claro. Reacher olhou para o relógio: 9h40. Mas não havia pressa nessas circunstâncias. Barr estava em coma. Amanhã estaria bom. Ou no dia seguinte. Ou talvez ele chegaria a Rodin pelo policial, se necessário. Qual o nome dele? Emerson?

A recepcionista desligou o telefone.

— Por favor, suba direto — ela disse. — O sr. Rodin está no terceiro andar.

Que honra, Reacher pensou. A recepcionista escreveu o nome dele numa etiqueta de visitante e o enfiou numa capa plástica. Ele a prendeu na camisa e foi até o elevador. Subiu até o terceiro andar. O terceiro andar tinha o teto baixo e corredores internos iluminados por lâmpadas fluorescentes. Havia três portas de compensado pintado fechadas e um grupo de portas duplas de madeira polida abertas. Atrás dessas portas estava uma secretária atrás de uma mesa. A segunda leoa de chácara. Era mais jovem do que a mulher do andar de baixo, mas certamente mais capacitada.

Sr. Reacher? — perguntou.

Ele concordou com a cabeça e ela saiu de trás da mesa, guiando-o até os escritórios. A terceira porta pela qual passaram dizia A. A. Rodin.

— O que significa o A. A.? — Reacher perguntou.

— Tenho certeza de que o sr. Rodin lhe dirá, se ele quiser — disse a secretária.

Ela bateu na porta e Reacher ouviu um barítono responder do lado de dentro. Em seguida ela abriu a porta e saiu da frente para Reacher.

— pode passar.

— Obrigado — ele agradeceu.

— Não há de quê — respondeu a secretária.

Reacher entrou. Rodin já estava de pé, atrás de sua mesa, pronto para dar as boas-vindas ao seu visitante, cheio de cortesia. Reacher o reconheceu da TV. Era um homem de uns 50 anos, relativamente em forma, cabelos grisalhos curtos. Pessoalmente ele parecia menor. Tinha quase 1,80m e pesava uns 90kg. Estava vestindo um terno de verão azul-escuro. Camisa e gravata azuis. Seus olhos eram azuis. Azul era sua cor, sem dúvida. Barbeado impecavelmente, ele usava perfume. Um cidadão muito bem-arrumado, com certeza. *Ao contrário de mim*, Reacher pensou. Parecia um estudo de contrastes. Perto de Rodin, Reacher era um gigante desarrumado. Era 15cm mais alto e 25kg mais pesado. Cabelos 5cm mais longos e as roupas milhares de dólares mais baratas.

— Sr. Reacher? — perguntou Rodin.

Reacher concordou com a cabeça. O escritório era simples, mas organizado. Estava fresco e tranquilo. Sem nenhuma vista maravilhosa da janela. Apenas os telhados planos das lojas e o escritório do Departamento de Trânsito, com toda a tubulação à vista. A torre de vidro era visível a distância. Um sol fraco brilhava no céu. Atrás da mesa havia uma parede cheia de troféus, com certificados escolares e fotografias de Rodin com políticos. Capas de jornais emolduradas relatavam veredictos de culpados em sete casos diferentes. Numa outra parede estava uma fotografia de uma loura

com chapéu de formatura e beca segurando um diploma. Era bonita. Reacher olhou para ela por um instante a mais do que precisava.

— É minha filha — disse Rodin. — É advogada também.

— É mesmo? — perguntou Reacher.

— Acabou de abrir seu escritório aqui na cidade.

O tom dele era de neutralidade. Reacher foi incapaz de perceber se ele estava orgulhoso ou não.

— Você vai conhecê-la, imagino — Rodin disse.

— Vou? — perguntou Reacher. — Por quê?

— Ela está defendendo James Barr.

— Sua filha? Isso é ético?

— Não há nenhuma lei contra isso. Pode não ser agradável, mas não é antiético.

Ele disse agradável com uma certa ênfase, levando a uma série de interpretações. Não era prudente defender um caso notório, não era prudente para uma filha ir contra o pai, não era prudente para ninguém ir contra A. A. Rodin. Ele parecia uma pessoa muito competitiva.

— Ela pôs o seu nome na lista de testemunhas provisionais dela — ele disse.

— Por quê?

— Ela acha que você tem informações.

— De onde ela tirou o meu nome?

— Não sei.

— Do Pentágono? Rodin deu de ombros.

— Não tenho certeza. Mas tirou de algum lugar. Então, as pessoas têm procurado por você.

— É por isso que me permitiram entrar aqui? Rodin confirmou com a cabeça.

— Sim — disse ele. — Exatamente por isso. Normalmente não recebo pessoas sem hora marcada.

— Seus funcionários parecem seguir essa regra à risca.

— Espero que sim — disse Rodin. — Sente-se, por favor.

Reacher sentou-se na cadeira de visitante e Rodin atrás de sua mesa. A janela estava à esquerda de Reacher e à direita de Rodin. Nenhum dos dois tinha claridade nos olhos. Era uma arrumação de móveis imparcial. Diferente de alguns escritórios de promotores que conhecera.

Café? — Rodin perguntou.

Por favor — disse Reacher.

Rodin pegou o interfone e pediu café.

— Naturalmente, estou interessado em saber por que veio me procurar — disse ele. — A acusação, quero dizer, e não a defesa.

— Queria sua opinião pessoal — pediu Reacher.

— Sobre o quê?

— Sobre a força do seu caso contra James Barr.

Rodin não respondeu de imediato. Houve um breve silêncio, em seguida alguém bateu na porta e a secretária entrou com o café. Ela segurava uma bandeja com todo o aparato em cima. Um bule de café, duas xícaras, dois pratos, um açucareiro, uma pequena jarra de creme e duas colheres prateadas. As xícaras eram de porcelana fina. *Não era do governo*, Reacher pensou. Rodin gosta de seu café feito direito. A secretária abaixou a bandeja na beirada da mesa, de modo que estivesse a meio caminho de Rodin e o visitante.

— Obrigado — agradeceu Reacher.

— Não há de quê — ela disse ao sair da sala.

— Sirva-se — disse Rodin. — Por favor.

Reacher serviu-se uma xícara, sem creme e sem açúcar. O aroma era de café forte e encorpado. Café feito direito.

— O caso contra James Barr é excepcionalmente bom — disse Rodin.

— Testemunhas oculares? — perguntou Reacher.

— Não — disse Rodin. — O depoimento de testemunhas oculares pode ter um valor muito imprevisível. Estou quase grato

por não as termos. Porque o que temos são evidências materiais excepcionais. E a ciência não mente. Não se confunde.

— Excepcionais? — perguntou Reacher.

— Uma sequência completa e contundente de evidências que amarram o homem ao crime.

— Contundente?

— Mais, impossível. A melhor que já vi na vida. Estou completamente confiante.

— Já ouvi promotores dizerem isso antes.

— Não este aqui, sr. Reacher. Sou um homem muito cauteloso. Não pego casos como esse, a menos que tenha certeza do resultado.

— Dilatando o placar?

Rodin apontou para a sua parede de troféus.

— Sete a zero — disse ele. — Cem por cento de aproveitamento.

— Em quanto tempo?

— Em três anos. James Barr será o oito a zero. Isso se acordar um dia.

— E se ele acordar com alguma sequela?

— Se ele acordar com alguma função cerebral, vai a julgamento. O que ele fez aqui não pode ser esquecido.

— OK — Reacher disse.

— OK o quê?

— Você me disse o que eu queria saber.

— Você disse que tinha informações. Do Exército.

— Guardarei para mim agora.

— Você foi militar, correto?

— Por 13 anos — disse Reacher.

— E conheceu James Barr?

— Brevemente.

— Fale-me sobre ele.

— Ainda não.

— Sr. Reacher, se tiver informações atenuantes ou algo a acrescentar, precisa me dizer agora.

— Preciso?

— Conseguirei essas informações de um jeito ou de outro. Minha filha irá submetê-las a mim. Ela tentará um acordo.

O que quer dizer o A. A. do seu nome?

Perdão?

Suas iniciais.

Aleksei Alekseievitch. Minha família veio da Rússia. Mas há muito tempo. Antes da Revolução de Outubro. Mas eles mantêm as tradições.

— Como você pode ver.

— E como as pessoas o chamam?

— Alex, claro. Reacher se levantou.

— Bom, obrigado pelo seu tempo, Alex. E pelo café.

— Você verá a minha filha agora?

— Isso te interessa? Você parece muito seguro de si. Rodin abriu um sorriso condescendente.

— É questão de procedimento — disse. — Sou um funcionário da corte, e você está na lista de testemunhas. Sou obrigado a dizer que você é obrigado a comparecer. Qualquer coisa menos que isso não seria ético.

— Onde está ela?

— Na torre de vidro que você vê pela janela.

— OK — disse Reacher. — Acho que aparecerei por lá.

— Ainda preciso de toda e qualquer informação que você tenha — disse Rodin.

Reacher balançou a cabeça.

— Não — ele disse. — Não precisa mesmo.

Ele devolveu o crachá para a recepcionista e foi em direção à praça. Parou ao sol frio e girou um círculo completo, percebendo o lugar. Todas as cidades são diferentes e todas são iguais. Todas têm

cores. Algumas são cinza. Esta era marrom. Reacher imaginou que os tijolos eram de argila local e carregavam a cor de velhas fazendas para as fachadas. Até as pedras tinham um tom marrom, como se carregassem depósitos de ferro. Havia tons de vermelho-escuro por toda parte, como velhos celeiros. Era uma cidade acolhedora, pouco movimentada, mas sobrevivendo.

Iria se recuperar depois da tragédia. Havia progresso, otimismo e dinamismo. As novas construções provavam isso. Havia canteiros de obras e calçadas de cimento por todos os lados. Muito planejamento, muita reconstrução. Muita esperança.

A nova extensão do edifício-garagem ancorava a parte norte da faixa do centro da cidade. Sugeria expansão comercial. Era ao sul e levemente a oeste da área da matança. Muito perto. Diretamente a oeste e talvez duas vezes mais distante passava um pedaço do viaduto. Ele corria livre e desimpedido em uma curva de mais de 25m antes de passar por trás da biblioteca. Então se endireitava um pouco e passava por trás da torre de vidro. A torre estava localizada ao norte da praça. Tinha um símbolo da NBC próximo à portaria, num monólito de granito preto. Local de trabalho de Ann Yanni, deduziu Reacher, bem como da filha de Rodin. A leste da praça estava o prédio comercial com o Departamento de Trânsito e o centro de recrutamento. De onde as vítimas vieram. O povo escorria pelas portas. O que Ann Yanni dissera? No final de uma longa semana de trabalho? Eles se apressaram rumo a oeste, cruzando a praça em direção aos seus carros estacionados ou à rodoviária, e se depararam com um pesadelo. O caminho estreito fez com que diminuíssem a velocidade e se alinhassem. Como patinhos num estande de tiro.

Reacher andou ao longo da piscina até a porta giratória na base da torre. Entrou e procurou o número do andar. Havia um quadro com frente de vidro feito de feltro preto e letras removíveis. A NBC ficava no segundo. Algumas das outras salas estavam vazias e

Reacher deduziu que mudavam de mãos tão rápido que não valia a pena usar as letras removíveis. Escritório de Advocacia de Helen Rodin estava listado no quarto andar. As letras um pouco desalinhadas e o espaçamento estava errado. *Não é o Rockefeller Center*, Reacher pensou.

Ele esperou pelo elevador numa fila de duas pessoas, ele e uma bela loura. Ele olhou para ela e ela olhou para ele. Ela desceu no segundo andar e ele se deu conta de que era Ann Yanni. Reacher a reconhecera da TV e se deu conta de que só precisava encontrar Emerson, do Departamento de Polícia, para trazer o jornal da TV à vida.

Achou a sala de Helen Rodin. Era de frente. As janelas davam para a praça. Ele bateu na porta. Ouviu uma resposta abafada e entrou. Havia uma recepção vazia com uma mesa de secretária. A mesa estava desocupada. Era de segunda mão, mas não parecia ter sido usada recentemente. *Ainda sem secretária*, pensou Reacher. *Início de carreira*.

Ele bateu na porta interna do escritório. Ouviu a mesma voz responder. Entrou e viu Helen Rodin em outra mesa usada. Reconheceu-a da fotografia de seu pai. Mas pessoalmente ela parecia muito melhor. Tinha menos de 30 anos, provavelmente, era bem alta, um tanto quanto esbelta. Magra, físico atlético. Não anoréxica. Ou ela corria ou jogava futebol ou então tinha muita sorte com seu metabolismo. Cabelos louros e longos e os olhos azuis do pai. Havia inteligência por detrás deles. Estava vestida toda de preto, com uma calça de terno e uma blusa colante por debaixo do paletó. *Lycra*, Reacher pensou. *Não tem igual*.

— Olá — ela disse.

— Sou Jack Reacher — apresentou-se.

Ela olhou para ele.

— Tá brincando. É mesmo?

Ele balançou a cabeça.

— Sempre fui e sempre serei.

— Inacreditável.

— Nem tanto. Todo mundo é alguém.

— Digo, como você sabia que precisava vir? Não conseguimos encontrar você.

— Eu vi pela TV. Ann Yanni, sábado de manhã.

— Bem, agradeço aos céus pela televisão — disse ela. — E graças a Deus por você estar aqui.

— Estava em Miami — disse ele. — Com uma dançarina.

— Uma dançarina?

— Norueguesa — disse ele.

Reacher andou até a janela e olhou para fora. Ele estava no quarto andar e a rua principal onde ficavam as lojas corria diretamente para o sul, morro abaixo, enfatizando a altura onde se encontrava. A piscina ornamental se encontrava alinhada com a rua. A piscina era na rua, exceto pelo fato da rua ter sido bloqueada para a construção da praça. Alguém retornando de um tempo longe da cidade ficaria surpreso ao encontrar um enorme tanque onde antes passara uma estrada. A piscina era muito maior e mais estreita do que aparentava do nível do chão. Parecia triste e vazia, com apenas uma fina camada de lama e lixo nos azulejos pretos. Um pouco além e levemente à direita estava a nova estrutura do edifício-garagem, já na descida do morro. Uma diferença no nível de quase um andar.

— Você estava aqui? — perguntou Reacher. — Quando tudo aconteceu?

— Sim, estava — ela respondeu.

— Você viu?

— A princípio não. Ouvi os primeiros tiros. Aconteceu muito rápido. O primeiro, e uma pequena pausa, e então dois outros. Em seguida outra pausa, um pouco maior, mas na verdade apenas uma fração de segundo. Levantei a tempo para os três últimos. Horrível.

Reacher concordou com a cabeça. *Menina corajosa*, pensou. *Ela ouve disparos e se levanta. Não se joga debaixo da mesa*. Ele pensou: *O primeiro e uma pequena pausa*. Era o som de um atirador habilidoso olhando onde foi parar o seu tiro de estreia. Tantas variáveis. O cano frio, a distância, o vento, o avistar o alvo, a mira.

— Você viu pessoas morrendo? — perguntou ele.

— Duas delas — ela respondeu atrás dele. — Foi horrível.

— Três tiros e dois mortos?

— Ele errou um. O quarto ou o quinto, eles não têm certeza. Encontraram o projétil na piscina do chafariz. Por isso está vazia. Eles a esvaziaram.

Reacher ficou em silêncio.

— O projétil é parte das evidências — disse Helen. — Liga o rifle ao crime.

— Você conhecia algum dos mortos?

— Não. Acho que eram pessoas ao acaso, aleatórias. No lugar errado e na hora errada.

Reacher ficou em silêncio.

— Vi chamas saindo da arma — disse Helen. — Bem ali, nas sombras no escuro. Pequenos jatos de fogo.

Clarões do cano da arma — Reacher concluiu.

Ele se afastou da janela. Ela esticou a mão.

— Meu nome é Helen Rodin — disse ela. — Perdão, deveria ter me apresentado.

Reacher apertou-lhe a mão. Era quente e firme.

— Só Helen? — ele perguntou. — Não Alekseyovna ou algo parecido?

Ela olhou para ele.

— Como é que você sabia disso?

— Conheci o seu pai — disse ele, soltando a mão dela.

— É mesmo? Onde?

— Agora mesmo, no escritório dele.

— Você foi ao escritório dele"? Hoje?

— Acabei de sair de lá.

— Por que você foi lá? Você é minha testemunha. Ele não deveria ter visto você.

— Ele estava bem animado para falar.

— O que disse a ele?

— Nada. Apenas fiz perguntas.

— Que perguntas?

— Queria saber se o caso dele era forte. Contra James Barr.

— Estou representando James Barr. E você é uma testemunha de defesa. Deveria estar falando comigo, não com ele.

Reacher ficou em silêncio.

— Infelizmente o caso contra James Barr é muito forte — ela disse.

— Como você chegou ao meu nome? — Reacher perguntou.

— Através de James Barr, claro — ela respondeu. — Como mais?

— Barr? Não acredito.

— Bem, ouça — disse ela.

Helen se virou para a mesa e apertou um botão no velho gravador. Reacher ouviu uma voz que não reconheceu dizer: Negar não é uma opção. Helen apertou o botão de pausa e manteve o dedo.

— O primeiro advogado dele — ela disse. — Trocamos a representação ontem.

— Como? Ontem ele estava em coma.

— Tecnicamente, a minha cliente é a irmã dele. A parente mais próxima.

Então ela deixou o gravador rolar e Reacher ouvir alguns barulhos e em seguida uma voz que ele não ouvia há 14 anos. Exatamente como ele lembrava. Uma voz baixa, tensa e grossa. Era a voz de um homem que quase não falava. Dizia: Ache Jack Reacher para mim.

Ele ficou ali parado, atônito.

Helen desligou o aparelho.

— Viu? — disse ela. Ele olhou no relógio.

— Dez e meia — disse ela. — Fique aqui e participe da reunião com a cliente.

Ela o revelou como um mágico em pleno palco. Como um coelho saindo da cartola. Primeiro foi um homem que Reacher logo achou ser um ex-policial. Foi apresentado como Franklin, investigador particular que trabalhava para advogados. Eles apertaram as mãos.

— Você é um homem difícil de encontrar — disse Franklin.

— Errado — disse Reacher. — Sou um homem impossível de encontrar.

— Gostaria de me dizer o porquê? — Havia várias perguntas nos olhos de Franklin. Perguntas de policial. Do tipo: Até que ponto esse cara será útil como testemunha? O que ele é? Um criminoso? Um fugitivo? Terá credibilidade em seu testemunho?

— Só um hobby — Reacher disse. — Escolha pessoal.

— Então você está tranquilo?

— Você não imaginaria o quanto.

Uma mulher entrou. Tinha pouco mais de 30 anos, provavelmente, vestia uniforme de escritório, estressada e insone. Mas por trás da agitação ainda tinha algum charme. Parecia uma pessoa boa e decente. Até mesmo bonita. Certamente a irmã de James. Reacher sabia disso mesmo antes de serem apresentados. Tinha a mesma cor de pele e o mesmo rosto mais suave e feminino da versão de 14 anos atrás de James Barr.

— Meu nome é Rosemary Barr — ela se apresentou. — Fico feliz por ter nos encontrado. Parece uma dádiva. Agora sinto que estamos chegando a algum lugar.

Reacher ficou em silêncio.

Os escritórios de Helen Rodin ainda não tinham uma sala de reuniões. Reacher imaginou que isso fosse algo para o futuro. Talvez. Se ela prosperasse. Então os quatro lotavam a sala. Helen sentada à

sua mesa. Franklin num canto. Reacher apoiado na janela. Rosemary andava de um lado para outro, nervosa. Se houvesse um tapete, ela já teria feito um buraco nele.

— OK — disse Helen. — Estratégia de defesa. No mínimo, queremos um laudo médico. Mas tentaremos mais que isso. O que conseguiremos dependerá de uma série de fatores. De modo que tenho certeza de que todos aqui querem ouvir o que o sr. Reacher tem a dizer.

— Creio que não — disse Reacher.

— Que não o quê?

— Que não queira ouvir o que tenho a dizer.

— Por que não?

— Porque você tirou a conclusão errada.

— Que é…?

— Por que acha que fui ver o seu pai primeiro?

— Não sei.

— Porque não vim aqui ajudar James Barr. Todos ficaram em silêncio.

— Vim aqui enterrá-lo — disse Reacher. Todos olharam para ele.

— Mas por quê? — perguntou Rosemary Barr.

— Porque ele já fez isso antes. E uma vez foi o suficiente.

capítulo 3

Reacher se mexeu, encostou-se na janela e virou para olhar a praça. E para não olhar para os presentes na sala. — Esta é uma conversa confidencial? — perguntou.

— Sim — disse Helen Rodin. — É sim. É uma reunião com cliente. Está automaticamente protegida. Nada que dissermos aqui pode ser repetido lá fora.

— É ético para você ouvir notícias ruins, legalmente?

Um longo silêncio tomou conta da sala.

— Você dará evidências à acusação? — perguntou Helen.

— Creio que não seja necessário, dadas as circunstâncias. Mas darei, se necessário.

— Então ficaríamos sabendo das notícias ruins de um jeito ou de outro. Colheríamos um depoimento seu antes do julgamento. Para garantir que não haja mais surpresas.

Mais silêncio.

— James Barr era um francoatirador — disse Reacher. — Não era o melhor que o Exército já teve e nem o pior. Apenas um atirador bom e competente. Dentro da média em quase todos os aspectos.

Ele fez uma pausa e virou-se, olhando para baixo, à sua esquerda. Mirou o prédio barato com o escritório de recrutamento. Exército, Marinha, Aeronáutica e Forças Especiais.

— Quatro tipos de pessoas entram para a força militar — ele disse. — Primeiro, para pessoas como eu, é um negócio de família. Segundo, os patriotas, ávidos por servir seu país Terceiro, pessoas que só querem um emprego. E quarto, pessoas que querem matar pessoas. A força militar é o único lugar onde é legal fazer isso. James Barr era do quarto tipo. No fundo, ele achou que fosse divertido matar.

Rosemary Barr desviou o olhar. Todos ficaram em silêncio.

— Mas nunca teve oportunidade — Reacher disse. — Fui um investigador muito cauteloso, quando na polícia do Exército, e aprendi tudo sobre ele. Eu o estudei. James Barr treinou por cinco anos. Vasculhei os livros de serviço dele. Em algumas semanas ele chegou a disparar 2 mil tiros. Todos em alvos de papel ou silhuetas. Contabilizei na carreira dele aproximadamente 250 mil disparos efetuados, nenhum deles contra o inimigo. Ele não foi ao Panamá em 1989. Tínhamos um exército muito grande naquele tempo, e apenas um pequeno contingente foi requisitado, e assim a maioria dos soldados não precisou ir. Ele ficou muito sentido com isso. A operação Escudo do Deserto aconteceu em 1990. Ele foi para a Arábia Saudita. Mas não esteve na operação Tempestade no Deserto, em 1991. Foi uma campanha que utilizou, basicamente, tanques de guerra. James Barr ficou estacionado na Arábia Saudita, limpando a areia de seu rifle, fazendo 2 mil disparos de treinamento por semana. E então, quando a Tempestade no Deserto acabou, eles o enviaram para o Kuwait para a limpeza.

— O que aconteceu lá? — perguntou Rosemary Barr.

— Enlouqueceu — disse Reacher. — Foi o que aconteceu lá. Os russos colapsaram. O Iraque foi encaixotado. Ele olhou para a frente e viu que a guerra acabara. Havia treinado por quase seis anos e nunca disparara o seu rifle com raiva, e nunca dispararia. Muito de seu treinamento fora sobre visualização. Sobre se ver colocando o retículo da mira na medula oblonga, onde a espinha se alarga na base do cérebro. Sobre respirar com cuidado e apertar o gatilho. Sobre as frações de segundo enquanto os projéteis voam. Sobre ver o jato de sangue espirrando da nuca. Ele visualizou tudo isso. Muitas vezes. Mas nunca viu de fato. Nem uma vez. E nunca vira o jato de sangue. E isso era o que mais queria. Silêncio na sala.

— Então, num dia, ele saiu sozinho — disse Reacher. — Na Cidade do Kuwait. Sentou e esperou. E então atirou e matou quatro

pessoas que saíam de um prédio.

Helen Rodin olhava fixamente para ele.

— Ele atirou de um edifício-garagem — disse Reacher. — Do segundo andar. Bem em frente à porta do prédio. As vítimas eram oficiais não comissionados americanos. Todos tinham passes de fim de semana e usavam roupas civis.

Rosemary Barr balançava a cabeça.

— Isso não pode ser verdade — disse ela. — Simplesmente não pode. Ele não faria isso. E, se fez, teria ido para a prisão. Mas, em vez disso, foi dispensado com honras. Logo depois da Guerra do Golfo. E com uma medalha. Então isso não pode ter acontecido. Não pode ser verdade.

— É exatamente por isso que estou aqui — disse Reacher. — Houve um sério problema. Lembro-me da sequência de eventos. Tínhamos quatro mortos e partimos daí. No final, segui as pistas até o seu irmão. Mas foi um caminho muito longo. Tivemos vários percalços. E, ao longo disso, descobrimos coisas sobre os quatro mortos que não queríamos saber. Porque eles estavam fazendo coisas que não deveriam.

— Que coisas? — perguntou Helen Rodin.

— A Cidade do Kuwait era uma cidade e tanto. Repleta de árabes ricos. Até mesmo os pobres tinham relógios Rolex, Rolls-Royces e banheiros com torneiras de ouro. Vários deles fugiram da cidade temporariamente, enquanto a guerra durou. Mas deixaram todos os seus pertences para trás. E alguns deles deixaram também suas famílias. Suas esposas e filhas.

— E?

Nossos quatro oficiais não comissionados assassinados faziam a parte da conquista, da mesma forma que os iraquianos fizeram antes deles. Imagino que tenha sido assim a maneira como encararam. Nós encaramos como estupro e assalto à mão armada. O fato é que eles deixaram um belo rastro naquele dia, dentro daquele prédio. E em

outros prédios, em outros dias. Encontramos mercadorias roubadas em seus armários, o suficiente para abrir uma filial da Tiffany. Relógios, diamantes, todo tipo de material portátil. E roupas íntimas. Deduzimos que eles usavam as roupas íntimas para dar conta das esposas e filhas.

— E o que aconteceu?

— A coisa ficou política, inevitavelmente. Chegou ao comando. O Golfo era para ser um belo e brilhante sucesso para nós. Era para ser cem por cento maravilhoso e limpo. Os cidadãos do Kuwait eram nossos aliados, e por aí vai. Finalmente, recebemos ordem de encobrir a história dos quatro mortos. Foi o que fizemos. O que também significava deixar James Barr sair ileso, livre, infelizmente. Rumores começavam a surgir, e sabíamos que o advogado dele iria usá-los. Ficamos com medo de chantagens, basicamente. Se levássemos Barr a julgamento, o advogado dele poderia contar com a alegação de homicídio justificável. Ele poderia ter dito que Barr tentara proteger a honra do Exército, ainda que de forma obscura. Todo o leite seria derramado no processo. Recebemos a ordem de não arriscar isso. Ficamos de mãos atadas num beco sem saída.

— Talvez fosse mesmo homicídio justificável — disse Rosemary Barr.- Talvez James soubesse de tudo desde o início.

— Senhora, ele não sabia. Sinto muito, mas não sabia. Ele nunca esteve perto daqueles homens antes do incidente. Não os conhecia mesmo. Não me disse nada sobre eles quando cheguei a ele. Não fazia muito tempo que ele havia desembarcado no Kuwait. Não houve tempo hábil para ele conhecer algo ou alguém lá. Ele estava apenas matando pessoas. Por diversão. Ele confessou isso para mim, pessoalmente, antes de todo o resto da história vir à tona. Silêncio na sala.

— Então nos apressamos a dispensá-lo — disse Reacher. — Dissemos que os quatro haviam sido mortos por palestinos, o que era bem plausível na Cidade do Kuwait em 1991. Fiquei um tanto

quanto incomodado com essa coisa toda. Não foi a pior situação que já presenciei, mas também não a mais agradável. James Barr se livrou de ser condenado por assassinato por pura sorte. Fui vê-lo antes que partisse e disse a ele para que desse valor a sua sorte grande nunca mais saindo da linha pelo resto da vida. Disse a ele que, se não cumprisse isso, eu o encontraria e faria com que se arrependesse.

Silêncio na sala. Durou alguns minutos.

— Então, aqui estou — disse Reacher.

— Isso deve ser informação confidencial — pediu Helen Rodin. — Digo, certamente nunca poderá ser usada. Seria um enorme escândalo.

Reacher concordou com a cabeça.

— Altamente confidencial. Está selada no Pentágono. Foi por isso que perguntei se essa conversa seria confidencial.

— Você estaria numa enorme encrenca se falasse sobre isso.

— Já estive em grandes encrencas antes. Vim aqui para saber se precisarei entrar numa grande encrenca de novo. Mas, pelo jeito, acho que não será necessário. Creio que seu pai dará conta de Barr sem a minha ajuda. Mas a minha ajuda estará sempre disponível, se ele precisar.

E então Helen entendeu.

— Você veio aqui para me pressionar — ela disse. — Não é? Está dizendo que, se eu for muito persistente, você me dobrará.

— Estou aqui para cumprir o que prometi — disse Reacher. — Para James Barr.

Ele fechou a porta e os deixou para trás; três pessoas em silêncio e desapontadas numa sala. Reacher desceu no elevador. Ann Yanni entrou no segundo andar. Ele ficou imaginando se ela passava o dia inteiro em elevadores, esperando ser reconhecida. Torcendo para alguém pedir um autógrafo. Ele a ignorou. Saiu com ela pelo hall e se dirigiu à porta.

Reacher parou na praça por um momento. Decidindo. A condição médica de James Barr era um fator de risco. Ele não queria ficar por perto até que Barr acordasse. Se é que isso fosse acontecer, talvez levasse semanas. E Reacher não era do tipo que gostava de esperar. Gostava de estar em movimento. Dois dias num lugar era o seu limite. Mas ele não tinha muitas alternativas. Não podia insinuar nada para Alex Rodin. Não podia dar-lhe um número de contato. Até porque ele não tinha um número de contato. E mais, um homem cauteloso como Rodin ficaria atento até que algo começasse a surgir. Ele faria a conexão com o Pentágono sem muita dificuldade. Reacher chegou a se perguntar: Ela conseguiu o meu nome com o Pentágono? Esse fora um erro bobo. Alex acabaria ligando os pontos sem dificuldades. Ele se daria conta de que tem alguma coisa a mais aqui, e posso descobrir o que é com o Pentágono. O Pentágono tentaria barrá-lo, sem dúvida. Mas Rodin não gostaria de ser barrado. Ele iria à mídia. Ann Yanni, provavelmente. Ela estaria pronta para outra história. E no mínimo Rodin ficaria cabreiro e simplesmente teria de saber. Ele não desistiria.

E Reacher não queria a história na mídia. A não ser que fosse absolutamente necessário. Os veteranos da Guerra do Golfo já sofreram bastante com ataques químicos e o envenenamento por urânio. A única coisa que tinham de bom era a reputação de uma guerra limpa e justa. Não precisavam da difamação por associação com pessoas como Barr e suas vítimas. As pessoas diriam Ei, todos faziam isso. E isso não era verdade, segundo a experiência de Reacher. Aquele fora um bom exército. Assim, ele não queria essa história por aí, a menos que fosse absolutamente necessário, e queria julgar isso por conta própria.

Então, sem insinuações para Alex Rodin. Nada de ligações para ele.

Então… o quê, exatamente?

Ele decidiu ficar por perto durante 24 horas. Talvez houvesse um prognóstico mais claro sobre a saúde de Barr. Talvez ele pudesse checar com Emerson e dar uma olhada nas tais evidências. E então talvez ele se sentisse mais tranquilo ao deixar as coisas por conta do escritório de Rodin, numa espécie de piloto automático forense. Se houvesse problemas à frente, talvez ele ficasse sabendo pelos jornais em algum lugar longe, no futuro, numa praia ou num bar, e então ele voltaria aqui de novo.

24 horas numa pequena cidade no coração do país.

Ele decidiu ir ver se havia um rio.

Havia um rio. Era uma massa de água larga e lenta que se movia de oeste para leste, passando por uma área a sul do centro da cidade. Um afluente que desembocava no todo-poderoso rio Ohio, ele deduziu. Sua margem norte era aplainada e reforçada com maciços blocos de pedra ao longo de aproximadamente 280m. Os blocos deveriam pesar 50 toneladas cada. Eram esculpidos perfeitamente e encaixados com precisão. Formavam uma muralha. Um porto. Cogumelos grossos de ferro estavam fincados na pedra para amarrar cordas. A muralha tinha cerca de 10m de profundidade. Ao longo de seu comprimento havia estruturas de madeira, abertas do lado do rio, abertas do lado da rua. A rua era feita de paralelepípedos. Há 100 anos, provavelmente havia barcas enormes amarradas para descarga. Homens trabalhando. Cavalos e carruagens por todos os lados. Mas agora não havia nada. Apenas silêncio e o movimento lento das águas. Placas oxidadas nos cogumelos de ferro, plantas entre as pedras.

Algumas das estruturas de madeira ainda tinham gravados nomes quase apagados: McGinty Produtos Secos. Allentown Companhia de Sementes. Parker Distribuidora. Reacher caminhou os quase 300m e olhou para todas elas. Ainda estavam de pé, firmes e fortes. *Prontas para renovação*, pensou. Uma cidade que põe uma piscina ornamental com um chafariz numa praça implementaria a

margem de seu rio. Era inevitável. Havia construções por toda parte. Certamente chegaria até ali. Eles dariam subsídios para a construção de um café na beira do rio.

Talvez um bar. Talvez com música ao vivo, de quinta a domingo. Talvez um pequeno museu contando a história do comércio fluvial. Ele se virou para voltar e deu de cara com Helen Rodin.

Você não é um homem tão difícil de encontrar — ela disse.

Evidentemente.

Turistas sempre vêm até as docas.

Ela carregava uma maleta.

Posso lhe pagar o almoço? — ela perguntou.



Caminharam juntos até a área reconstruída. No espaço de um único quarteirão, a cidade mudava de velha e desgastada para nova e reconstruída. Lojas mudavam de lugares empoeirados com vitrines vendendo sacos de aspiradores de pó e mangueiras de máquinas de lavar para estabelecimentos com vitrines de vestidos de 100 dólares. E sapatos, e cafés de quatro dólares e coisas feitas de titânio. Eles passaram por lugares assim, e Helen o levou até uma lanchonete. Era o tipo de lugar que ele já vira antes. O tipo de lugar que ele evitava. Paredes brancas, alguns tijolos aparentes, mesas e cadeiras de alumínio reciclado, combinações estranhas de saladas. Ingredientes aleatoriamente misturados e chamados de criativos.

Ela o guiou até uma mesa num canto na parte de trás da lanchonete. Um menino hiperativo apareceu com os menus. Helen Rodin pediu algo com laranjas, nozes e queijo gorgonzola. E uma xícara de chá de ervas. Reacher desistiu de ler o menu e pediu a mesma coisa que ela, mas com café, normal, puro.

— Este é o meu lugar favorito na cidade — disse Helen.

Ele balançou a cabeça. Acreditava nela. Ela parecia bem em casa. Os cabelos longos e lisos, roupas pretas. O brilho jovem. Ele era mais velho e vinha de um lugar e de um tempo diferentes.

— Preciso que me explique uma coisa — ela pediu.

Ela se abaixou e abriu a maleta. Apareceu com o velho gravador. Colocou-o na mesa com cuidado. Apertou *play*. Reacher ouviu o primeiro advogado de James Barr dizer: Negar não é uma opção. Em seguida Barr: Ache Jack Reacher para mim.

— Você já me mostrou isso — disse ele.

— Mas por que ele pediu por você? — perguntou Helen.

— É isso que quer que eu explique? Ela concordou com a cabeça.

— Não posso — disse ele.

— Logicamente, você seria a última pessoa a quem ele recorreria.

— Concordo.

— É possível que ele esteja confuso sobre o que você pensava sobre tudo o que aconteceu? Quatorze anos atrás?

— Acredito que não. Fui bem claro com ele.

— Então por que chamaria você agora?

Reacher não respondeu. O prato veio e eles começaram a comer. Laranjas, nozes, gorgonzola, todos os tipos de folhas e um molho de framboesa. Até que não era tão mau. E o café também era bom.

— Deixe-me ouvir a fita inteira, por favor — ele pediu.

Helen abaixou o garfo e rebobinou a fita. Manteve a mão ali, um dedo em cada tecla, como uma pianista. Tinha dedos longos. Sem anéis. Unhas feitas, cortadas com zelo. Apertou *play* e pegou o garfo novamente. Reacher não ouviu som algum até que a parte em branco da fita passasse. E então ouviu o som de uma prisão. Ecos, batidas metálicas. A respiração de um homem. O som de uma porta se abrindo e o ruído de um outro homem se sentando. Sem o arrastar de cadeiras no concreto. Uma cadeira de prisão, chumbada no piso. O advogado começou a falar. Era velho e entediante. Parecia que não queria estar ali. Sabia que Barr era culpado. Começou uma conversa

mole por um instante. Ficou frustrado com o silêncio de Barr. E então disse, irritado: Não posso ajudá-lo se você não ajudar a si mesmo. Uma longa pausa, e então surge a voz de Barr, agitada, próxima ao microfone. Eles pegaram o homem errado. E repetia a frase. O advogado falou de novo, sem acreditar nele, dizendo que as evidências estavam todas lá, procurando por uma razão por trás de um fato incontestável. Barr pediu que achasse Reacher, duas vezes, e o advogado perguntou se Reacher era um médico, duas vezes. Em seguida, Barr se levantou e saiu. E então um som de batida numa porta trancada e nada mais.

Helen Rodin desligou o gravador.

Então, por quê? — ela perguntou. — Por que se declarar inocente e requisitar a presença de alguém que sabe que ele já fez isso?

Reacher deu de ombros e não falou mais nada. Mas viu nos olhos de Helen que ela tinha uma resposta.

— Você sabe de alguma coisa — ela disse. — Talvez você não saiba que sabe. Mas tem que haver algo aí. Algo que ele pensa que pode ajudá-lo.

— E isso tem alguma importância? Ele está em coma. Talvez nunca acorde.

— Tem muita importância. Ele poderia receber um tratamento melhor.

— Não sei de nada.

— Tem certeza? Alguma avaliação psiquiátrica foi feita naquele tempo?

— Aquilo não foi tão longe assim.

— Ele declarou insanidade?

— Não, ele declarou que foi goleada. Quatro a zero.

— Você achou que ele fosse louco?

— Essa é uma palavra de grandes dimensões. Ele era louco por atirar em quatro pessoas por divertimento? Claro que sim. Era legalmente louco? Tenho certeza que não.

— Você deve saber de alguma coisa, Reacher — disse Helen. — Deve estar lá no fundo de sua mente. Você tem que escavar isso.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Você chegou a ver as evidências? — ele perguntou.

— Vi um relatório.

— E são boas mesmo?

— São ótimas. Não há dúvida de que foi ele. O meu caso é de mitigação, nada mais. E o estado mental dele. Não posso deixar que executem uma pessoa insana.

— Então espere até que ele acorde e faça uns testes.

— Não valerão. Ele pode acordar louco, e a acusação dirá que isso foi causado pela pancada na cabeça que levou na briga na cadeia. Dirão que ele estava perfeitamente são no momento do crime.

— Seu pai é um homem justo?

— Ele vive para vencer.

— Tal pai, tal filha? Ela fez uma pausa.

— De certo modo — ela disse.

Reacher terminou de comer a salada. Tentou pegar a última noz com o garfo, desistiu e pegou com a mão.

— O que está pensando? — perguntou Helen.

— Apenas um pequeno detalhe — disse ele. — Quatorze anos atrás tivemos um caso muito difícil sem as investigações forenses adequadas. E ele confessou. Desta vez as evidências eram inegáveis. Mas ele nega a autoria do crime.

— O que isso quer dizer?

— Não sei.

— Então pense no que você sabe — disse Helen. — Por favor, você deve saber de algo. Pergunte-se por que ele teria dito o seu nome. Tem de haver uma razão.

Reacher ficou em silêncio. O menino que os serviu voltou e recolheu os pratos. Reacher apontou para a sua xícara de café e o

menino fez outra viagem para trazer mais. Reacher segurou a xícara entre as mãos e sentiu o aroma do café.

— Posso lhe perguntar algo pessoal? — disse Helen.

— Depende de quão pessoal — respondeu Reacher.

— Por que você é tão difícil de encontrar? Normalmente pessoas como Franklin costumam rapidamente encontrar qualquer pessoa.

— Talvez ele não seja tão bom quanto você pensa.

— Ele é melhor do que penso que é.

— Nem todo mundo é fácil de encontrar.

— Concordo. Mas você não parece pertencer a essa categoria.

— Fiz parte do sistema — disse Reacher. — A minha vida toda. Então o sistema tossiu e me cuspiu para fora. Logo pensei: tudo bem, se estou fora, estou fora. Por completo. Fiquei zangado, e provavelmente foi uma atitude imatura. Mas me acostumei assim.

— Como num jogo?

— Como num vício — disse Reacher. — Sou viciado em estar fora de circulação.

O menino trouxe a conta. Helen Rodin pagou. Ela guardou o gravador em sua maleta e saiu junto com Reacher. Andaram em direção ao norte, passando pela construção no início da Rua 1. Ela estava voltando para o escritório, e ele procuraria por um hotel.

Um homem chamado Grigor Linsky observava-os enquanto caminhavam. Estava abaixado dentro de um carro estacionado no meio-fio. Ele sabia onde esperar. Sabia onde ela almoçava, quando tinha companhia.

capítulo 4

Reacher se registrou num hotel no centro da cidade, o Metropole Palace, dois quarteirões a leste da Rua 1, na altura do centro comercial. Ele pagou em dinheiro por apenas uma noite e usou o nome Jimmy Reese. Reacher circulara por todos os presidentes e ex-presidentes há muito tempo, e agora usava os segunda-bases dos Yankees em anos sem campeonatos. Jimmy Reese jogara bem durante parte de 1930 e muito mal no ano seguinte. Éle surgira do nada e se mudou para Saint Louis em meados de 1932. E então desistira de jogar. Morreu na Califórnia, aos 93 anos. Mas agora estava de volta, com um quarto de solteiro e uma banheira no Metropole Palace, por uma noite apenas, devendo sair na manhã seguinte, antes das 11 horas.

O Metropole era um lugar antigo, triste e quase vazio. Mas já fora grandioso um dia. Reacher pôde notar. Pôde imaginar os comerciantes de milho 100 anos atrás, vindo das docas para passar a noite ali. Deduziu que a recepção devia parecer um *saloon* estilo Velho Oeste, mas agora, reformado tinha toques modernistas. Havia um elevador redecorado. Os quartos abriam com cartões magnéticos, em vez de chaves. Mas também deduziu que o prédio em si não mudara muito. Seu quarto era certamente antiescuro. O colchão parecia ser parte do antigo inventário. Ele deitou-se e pôs as mãos atrás da cabeça. Suas lembranças o remeteram há mais de 14 anos, na Cidade do Kuwait. Todas as cidades têm cores, e a Cidade do Kuwait era branca. Reboco branco, concreto pintado de branco, mármore branco. Céus brancos queimados pelo sol. Homens de túnicas brancas. O edifício-garagem usado por James Barr era branco e o prédio em frente também. Por causa do brilho do lugar, todos os quatro mortos usavam óculos de aviador. Todos os quatro foram

atingidos na cabeça, mas nenhum dos óculos quebrou. Apenas caíram de seus rostos. Todos os projéteis foram recuperados e ajudaram a desvendar o crime. Matchgrade grão 168. Sem ponta oca, por causa da Convenção de Genebra. Eram projéteis de atiradores de elite, do Exército ou dos Marines, Se Barr tivesse usado um rifle de combate, uma submetralhadora ou uma arma de mão, Reacher não teria chegado a lugar nenhum. Todas as armas de fogo naquele lugar usavam munições da OTAN, o que teria dificultado a identificação do atirador, pois a OTAN quase toda estava naquele país. Mas o propósito de Barr tinha sido usar a sua própria arma de especialista, pelo menos dessa vez, e para valer. E, no processo, seus quatro projéteis de 13 centavos ajudaram a capturá-lo. Mas fora um caso muito complicado. Talvez o mais complicado da vida de Reacher. Ele usara lógica, dedução, documentos, muita sola de sapato, intuição e, por fim, eliminação. No final do rastro estava James Barr, um homem que finalmente vira o jato de sangue e estava estranhamente em paz em sua captura. Ele confessara.

A confissão fora voluntária, rápida e completa. Reacher nunca encostara a mão nele. Barr falara livremente sobre sua experiência. Perguntara sobre a investigação, como se estivesse fascinado pelo andamento do processo. Obviamente, ele não esperava ser pego. De jeito nenhum. Ele estava ao mesmo tempo ressentido e admirado. Chegou até a agir de forma simpática, quando a confusão política acabou por liberá-lo. Como se se sentisse mal pelos esforços de Reacher terem ido por água abaixo.

E 14 anos mais tarde ele não confessava.

Havia outra diferença entre essa vez e a última. Mas Reacher não conseguia identificar. Algo a ver com o quanto a Cidade do Kuwait era quente.

Grigor Linsky usou o celular para ligar para o Zec. O Zec era o homem para quem ele trabalhava. Não era apenas Zec. Era o Zec. Era uma questão de respeito. O Zec tinha 80 anos de idade, mas

ainda quebrava braços se pressentisse algum desrespeito. Era como um touro velho. Ainda tinha força e atitude. Chegou aos 80 por causa de sua força e atitude. Sem elas, ele teria morrido com 20 anos de idade. Ou mais tarde, com 30, perto de quando ele ficou louco e seu nome verdadeiro foi esquecido.

— A advogada voltou para o escritório — Linsky informou. — Reacher virou na direção sul, na Rua 1. Eu relaxei e não o segui. Mas ele não ficou na rodoviária. Assim, podemos entender que ele ficará na cidade. Aposto que ficará no Metropole Palace. Não há mais nada naquela direção.

O Zec não disse nada.

— Devemos fazer algo? — perguntou Linsky.

— Por quanto tempo ele ficará aqui?

— Isso depende. Obviamente ele está aqui numa missão de ajuda. O Zec ficou em silêncio.

— Devemos fazer algo? — perguntou Linsky de novo. Uma pausa. Ruído de celular e a respiração de um velho.

— Devemos distraí-lo — sugeriu o Zec. — Ou, quem sabe, desencorajá-lo. Fiquei sabendo que ele foi um soldado. Sendo assim, manterá um padrão de comportamento. Se ele estiver no Metropole, não ficará no hotel à noite. Não ali. Aquilo não é diversão para um soldado. Ele sairá para algum lugar. Provavelmente sozinho. Então poderia haver um incidente. Use a imaginação. Crie um grande cenário. Não use o nosso pessoal. E faça tudo parecer natural.

Danos?

Ossos quebrados, no mínimo. Talvez ele machuque a cabeça.

Talvez termine em coma como o seu parceiro James Barr.

E a advogada?

Deixe-a em paz. Por enquanto. Tomaremos conta disso mais tarde. Se necessário.

Helen Rodin passou uma hora em sua mesa. Atendeu a três telefonemas. O primeiro foi de Franklin. Ele estava desistindo do

caso.

— Sinto muito, mas você perderá — ele disse. — E eu tenho negócios para cuidar. Não posso mais trabalhar de graça nisso.

— Ninguém gosta de casos perdidos — disse Helen, com diplomacia. Ela precisaria dele de novo, no futuro. Não fazia sentido tentar segurá-lo.

— Caridade para um caso perdido não dá — disse Franklin.

— Se eu conseguir um dinheiro, você volta?

— Claro — respondeu. — É só me ligar.

Desligaram o telefone com toda a educação e o relacionamento preservado. A próxima ligação veio 10 minutos depois. Era seu pai, parecendo muito preocupado.

— Você não deveria ter aceitado esse caso — advertiu.

— Não tive muita escolha — disse Helen.

— Perder pode ser vencer, se é que você me entende.

— Vencer pode ser vencer também.

— Não, vencer será perder. Você precisa entender isso.

— E você pega algum caso para perder? — ela perguntou. Seu pai ficou em silêncio. E então mudou de assunto:

— Jack Reacher encontrou você? — ele perguntou, querendo dizer: Eu deveria estar preocupado?

— Encontrou — disse ela, mantendo a voz suave.

— Foi interessante? — Querendo dizer: Eu deveria estar muito preocupado?

— Certamente me deu algo para pensar.

— Bem, será que deveríamos conversar sobre isso? — Quer dizer: Por favor, conte-me.

— Conversaremos em breve. Na hora certa.

Eles conversaram sobre outros assuntos por mais um minuto e marcaram um jantar. Ele tentou mais uma vez: Por favor, conte-me. Ela contou. E então desligaram o telefone.. Helen sorriu. Ela não

mentira Nem ao menos blefara. Mas sentiu-se parte do jogo. A lei era um jogo e como qualquer jogo havia um componente psicológico.

A terceira ligação foi de Rosemary Barr, do hospital.

— James está acordando — ela disse. — Ele cuspiu o respirador. Está saindo do coma.

— Está falando?

— Os médicos dizem que talvez amanhã volte a falar.

— Ele se lembrará de alguma coisa.

— Os médicos dizem que é possível.

Uma hora mais tarde, Jack Reacher deixou o Metropole. Ficava a leste da Rua 1 e ele andou para o norte, na direção das lojas que vira perto do fórum municipal. Ele queria roupas. Algo local. Talvez não um macacão ou jardineira, mas certamente algo mais típico do que seus trajes de Miami. Imaginou que fosse para Seattle. Para o café. E não podia andar por lá com uma camisa amarelo vivo.

Encontrou uma loja e comprou uma calça que na etiqueta dizia marrom-acinzentado, mas que ele diria verde-oliva sem graça. Encontrou uma camisa de flanela quase da mesma cor. E roupas de baixo. E investiu também num par de meias. Ele se trocou na cabine e jogou suas roupas velhas na lata de lixo da loja. Quarenta dólares para o que ele esperava ser vestimenta para quatro dias. Extravagante, mas valia a pena gastar 10 dólares por dia para não ter que carregar uma mala.

Reacher saiu e caminhou para o oeste na direção do sol da tarde.

A camisa era muito quente para aquele clima, mas ele podia regular ao enrolar as mangas e abrir o segundo botão. Estava bem. Perfeito para Seattle.

Ele chegou à praça e notou que o chafariz fora ligado. Estava enchendo a piscina novamente, bem devagar. A lama no fundo tinha uns 2,5cm, e a água se movia em ondas lentas. Algumas pessoas assistiam. Outras passavam. Mas ninguém usava o atalho próximo aos memoriais onde as vítimas de Barr haviam sido mortas. Talvez

nunca mais passassem por lá. Em vez disso, todos davam a volta passando pelo símbolo da NBC. Instintivamente, por respeito, por medo, Reacher não sabia ao certo.

Ele passou pelas flores e sentou-se na mureta, com o som do chafariz atrás e o edifício-garagem à sua frente. Um ombro estava quente pelo sol, e o outro, frio, na sombra. Ele podia sentir a areia que sobrara embaixo de seus pés. Olhou para a esquerda e viu a porta do Departamento de Trânsito. Olhou para a direita e viu os carros subindo o elevado. Eles passavam pela curva, no alto, um após o outro, numa única fila. Não havia muitos carros. O tráfego fluía lá em cima, ainda que a Rua 1 começasse a engarrafar no rush da tarde. Ele olhou de novo para a esquerda e viu Helen Rodin sentada ao seu lado. Ela estava sem fôlego.

— Eu estava errada — disse ela. — Você é mesmo um homem difícil de encontrar.

— Mas você conseguiu assim mesmo — disse ele.

— Só porque vi você da minha janela. Corri até aqui torcendo para que você não desaparecesse. Isso foi depois de passar meia hora telefonando para todos os hotéis e ouvindo que você não estava registrado em lugar nenhum.

— O que os hotéis não sabem não os prejudicará.

— James Barr está acordando. Talvez volte a falar amanhã.

— Ou não.

— Por acaso você é especialista em ferimentos na cabeça?

— Somente os causados por mim.

— Quero que faça algo para mim.

— O quê? — ele perguntou.

— Você pode me ajudar — ela disse. — Com algo importante.

— Posso?

— E pode ajudar a si mesmo. Ele ficou em silêncio.

— Quero que seja o meu analista de evidências — disse ela.

— Você tem o Franklin, que pode fazer isso. Ela balançou a cabeça.

— Franklin é muito próximo dos seus colegas da polícia. Não seria crítico o suficiente. Ele não ousaria destrinchá-las.

— E eu ousaria? Quero que Barr seja condenado, esqueceu?

— Exatamente. É exatamente por isso que deveria me ajudar. Você quer confirmar que ele não tem saída. Então poderá ir embora feliz.

— Você acha que eu lhe diria se encontrasse uma falha?

— Eu veria nos seus olhos. E saberia com base na sua ação. Se você for embora, o caso é forte. Se ficar, é fraco.

— Franklin desistiu, não foi?

Ela fez uma pausa e então concordou com a cabeça.

— Esse caso está perdido, de todo jeito. Estou fazendo uma caridade. Porque ninguém fará. Mas Franklin tem negócios para cuidar.

— Então ele não fará isso de graça e eu farei?

— Você precisa fazer isso. Creio que já esteja planejando fazer. É por isso que foi ver meu pai primeiro. Ele está confiante, certamente. Você viu isso. Mas ainda quer dar uma olhada nos dados. Você foi um investigador cauteloso. Você mesmo disse. É um perfeccionista e quer poder sair desta cidade sabendo que tudo está bem amarradinho, de acordo com os seus padrões.

Reacher ficou em silêncio.

— Isso lhe proporcionará uma boa fuxicada nos papéis — disse ela. — É obrigação constitucional deles. Eles têm de nos mostrar tudo. A defesa tem direito a um processo de descoberta completo.

Reacher ficou em silêncio.

— Você não tem escolha — disse ela. — De outra maneira eles não lhe mostrarão nada. Eles não mostram coisas para estranhos.

Uma boa fuxicada. Deixar a cidade e ser feliz. Sem escolha.

— OK — disse Reacher.

Ela apontou.

— Ande quatro quarteirões para o oeste e um para o sul. A delegacia é logo ali. Subirei e ligarei para Emerson.

— Faremos isso agora?

— James Barr está acordando. Preciso resolver isso logo. Passarei a maior parte do dia de amanhã atrás de um psiquiatra disposto a trabalhar de graça. Um acordo por problemas médicos ainda é a nossa melhor aposta.

Reacher andou quatro quarteirões para o oeste e um para o sul. Esse caminho o levou por baixo do elevado até uma esquina. A delegacia tomava o quarteirão inteiro. O prédio ocupava a maior parte e havia um estacionamento em forma de L no restante do terreno. Havia patrulhas e carros de detetives estacionados, uma van da equipe de perícia e uma caminhonete da SWAT O prédio era de tijolos aparentes, com um telhado plano repleto de tubos. Havia grades nas janelas e arame farpado em alguns trechos ao longo do perímetro.

Ele entrou, pediu informações e encontrou Emerson o esperando em sua mesa. Reacher o reconheceu da TV no sábado de manhã. O mesmo homem, pálido, calado, competente, nem grande nem pequeno. Pessoalmente, ele parecia ter sido um policial desde o nascimento. Talvez desde o momento de sua concepção. Estava no sangue dele. No DNA. Vestia calças de flanela cinza e uma camisa de manga curta. Pescoço aberto. Sem gravata. Havia um paletó pendurado em sua cadeira. Seu rosto e seu corpo eram um tanto quanto amorfos, como se tivessem sido moldados por pressões constantes.

— Bem-vindo a Indiana — ele saudou. Reacher não falou nada.

— De verdade — disse Emerson. — Adoramos quando velhos amigos do acusado aparecem para destroçar o nosso trabalho.

— Estou aqui pela advogada dele — disse Reacher. — Não como amigo.

Emerson concordou com a cabeça.

— Eu mesmo lhe darei as preliminares — disse ele. — Em seguida o meu perito lhe apresentará os detalhes. Você pode ver e perguntar absolutamente tudo o que quiser.

Reacher sorriu. Ele já fora policial por 13 longos anos e conhecia a linguagem e seus dialetos. Conhecia o tom e entendia as nuances. E a forma como Emerson falou lhe dizia coisas. Dizia que, apesar da hostilidade inicial, ele era um homem secretamente feliz por encontrar um adversário. Pois sabia, com toda a certeza, que tinha um jogo ganho nas mãos.

— Você conhecia James Barr muito bem, estou certo? — perguntou Emerson.

— Você conhecia? — perguntou Reacher de volta. Emerson balançou a cabeça.

— Nunca o encontrei na vida. Não havia nenhum sinal de periculosidade.

— O rifle dele era legal? Emerson concordou com a cabeça.

— Estava registrado e sem adulteração. Assim como todas as outras armas dele.

— Caçava?

Emerson balançou a cabeça discordando.

— Não era um membro da NRA e não pertencia a um clube de tiro. Nunca o vimos pelas montanhas. Nunca esteve em confusões. É apenas um cidadão comum. Sem o menor sinal de periculosidade.

— Já viu algo parecido antes?

— Muitas vezes. Se você incluir o distrito de Colúmbia, Indiana está em décimo sexto lugar no ranking de homicídio per capita. Pior do que Nova York, pior do que a Califórnia. Esta cidade não é a pior do Estado, mas também não é a melhor. Então já vimos isso antes, e às vezes há sinais, outras vezes não, mas, de qualquer maneira, sabemos o que estamos fazendo.

— Conversei com Alex Rodin — disse Reacher. — Ele está impressionado.

— Deveria mesmo. Trabalhamos bem. O seu velho amigo estava conosco seis horas depois do primeiro tiro. Foi um caso bem didático, do começo ao fim.

— Sem dúvidas?

— Veja bem. Eu formalizei tudo no sábado de manhã e não tenho pensado muito nisso agora. É caso encerrado. Um dos melhores trabalhos que já presenciei, e olha que já vi muitos.

— Então faz algum sentido eu averiguar todas as evidências?

— Claro que sim. Tenho um perito louco para se mostrar. Ele é um bom homem e merece o seu dia de glória.

Emerson acompanhou Reacher até o laboratório e apresentou-o como um investigador forense e não como amigo de James Barr. O que ajudou um pouco no clima. E então deixou-o lá. O perito era um homem sisudo, de 40 anos, chamado Bellantonio. Seu nome era mais exuberante do que a sua pessoa. Era alto, escuro, magro e encurvado. Poderia muito bem ser um agente funerário. E suspeitava que James Barr assumiria a culpa. Achou que não fosse ter seu dia no tribunal. Isso estava claro. Ele separara as evidências numa sequência lógica em longas mesas num galpão selado da polícia, para que pudesse exibir para visitantes a performance que não exibiria para os jurados.

As mesas eram bancadas brancas que se estendiam por todo o perímetro do galpão. Acima corria um mural de cortiça com centenas de folhas de papel impressas afixadas. As folhas estavam dentro de capas de plástico transparentes e tinham a ver com os itens diretamente abaixo. Cercada pelas mesas estava a Dodge Caravan bege de James Barr. O galpão estava limpo e bem iluminado por fortes lâmpadas fluorescentes; a minivan parecia não pertencer ao local. Era velha, suja e cheirava a gasolina, óleo e borracha. A porta

lateral estava aberta e Bellantonio ajustou a luz para iluminar o carpete.

— Até aqui, tudo bem — disse Reacher.

— A melhor cena de crime em que já trabalhei — disse Bellantonio.

— Então me explique os detalhes.

Bellantonio começou com o cone de trânsito. Estava num canto, em cima de um quadrado de papel, parecendo grande, estranho e deslocado. Reacher viu traços do pó usado para colher impressões digitais na superfície do cone e leu as anotações acima. Barr o segurara, isso era certo. Ele o segurara com a mão direita, próximo ao topo, onde era mais fino. Mais de uma vez. Havia impressões digitais e da palma da mão. A comparação foi uma moleza. Havia muito mais pontos de comparação do que os tribunais exigiam.

O mesmo valia para a moeda no parquímetro e para a cápsula do projétil. Bellantonio mostrou a Reacher impressões a laser de fotos tiradas do circuito interno da garagem, mostrando a minivan entrando pouco antes do ocorrido e saindo logo depois. Mostrou-lhe o interior da minivan e as fibras do carpete colhidas do concreto bruto; mostrou-lhe pelos de cachorro, fibras de jeans e fios da capa de chuva. Mostrou-lhe um recorte de um tapete tirado da casa de Barr e mostrou-lhe as mesmas fibras encontradas na cena do crime; mostrou-lhe as botas e como a borracha crepe deixava pegadas irrefutáveis. Mostrou-lhe como as pequenas partículas de borracha encontradas na cena do crime vinham do bico das botas de Barr. Mostrou-lhe a poeira de cimento encontrada na casa de Barr, na garagem, no porão, na cozinha, na sala e no quarto. Mostrou-lhe uma comparação com uma amostra do edifício-garagem e um relatório do laboratório comprovando que eram as mesmas.

Reacher leu as transcrições dos telefonemas para a emergência e a conversa pelo rádio entre os carros da polícia. E então olhou para o protocolo da cena do crime. As primeiras movimentações dos

oficiais uniformizados, a examinação forense pelo pessoal de Bellantonio, a inspiração de Emerson com o parquímetro. E leu o relatório de prisão. Estava impresso e afixado no mural junto com todo o resto. As táticas da SWAT, o suspeito dormindo, a identidade da carteira de motorista encontrada no bolso da calça. Os testes dos paramédicos. A captura do cachorro pela equipe de polícia com seus cães. As roupas no armário. Os sapatos. As armas no porão. Leu os relatórios das testemunhas. Um Marine do escritório de recrutamento ouviu seis disparos. Havia um gráfico. Um borrão cinza representando o som com seis picos. Da esquerda para a direita, estavam dispostos num padrão que batia com o que Helen dissera ter ouvido. Um-dois-três, pausa, quatro-cinco-seis. O eixo vertical do gráfico representava volume. Na gravação, o som dos tiros parecia fraco, mas límpido. O eixo horizontal representava a linha de tempo. Seis tiros em menos de quatro segundos. Quatro segundos que transformaram uma cidade. Numa maldição, no mínimo.

Reacher olhou o rifle. Estava selado numa embalagem plástica. Leu o relatório acima. Um Springfield MIA Super Match, cartucheira de 10 tiros, quatro cartuchos ainda ali. Digitais de Barr por toda a parte. Arranhões na empunhadura combinando com vestígios de verniz encontrados na mureta. O projétil intacto recuperado da piscina. Um relatório do laboratório de balística conectando o projétil com o cano da arma. Outro relatório ligando a cápsula ao ejetor. Bingo! Caso encerrado.

— OK, já vi o suficiente — disse Reacher.

— É bom, não é? — perguntou Bellantonio.

— O melhor que já vi — disse Reacher.

— Melhor do que 100 testemunhas oculares. Reacher sorriu. Peritos adoram dizer isso.

— Alguma coisa não o deixa feliz? — perguntou.

— Estou feliz com tudo — disse Bellantonio.

Reacher olhou para o próprio reflexo no vidro filmado da van. O vidro preto fazia sua camisa nova parecer cinza.

— Por que ele deixou o cone para trás? — perguntou. — Ele poderia tê-lo jogado dentro da van sem nenhuma dificuldade.

Bellantonio ficou em silêncio.

— E por que ele pagou para estacionar? — perguntou Reacher.

— Sou um perito — disse Bellantonio. — E não um psicólogo.

Emerson entrou e esperou Reacher aceitar a derrota. Reacher desistiu sem hesitar. Ele apertou-lhes as mãos e os parabenizou pelo trabalho bem-feito.

Ele caminhou de volta, um quarteirão para o norte e quatro para o leste, por baixo do elevado, em direção à torre de vidro fume. Já passava das cinco da tarde e o sol queimava suas costas. Ele chegou à praça e viu o chafariz ainda ligado; notou que a piscina já havia enchido pouco mais de 2cm. Passou pelo símbolo da NBC e pegou o elevador. Ann Yanni não apareceu. Talvez estivesse se preparando para o noticiário das seis. Reacher encontrou Helen em sua mesa de segunda mão.

— Olhe nos meus olhos — ele pediu. Ela olhou.

— Escolha a sua cena — disse ele. — É jogo ganho. Brasil versus Somália. Tyson versus Madona. Pele livre na pequena área.

Ela ficou em silêncio.

— Vê alguma dúvida em meus olhos? — ele perguntou.

— Não — respondeu. — Não vejo.

— Então comece a procurar psiquiatras. Se é isso mesmo que quer fazer.

— Ele merece representação, Reacher.

— Ele perdeu a cabeça.

— Não podemos simplesmente linchá-lo. Reacher ficou em silêncio. E concordou com a cabeça.

— O psiquiatra deveria pensar sobre o parquímetro. Quero dizer, quem paga por apenas 10 minutos de estacionamento, mesmo se não

estivesse atirando em alguém? Acho isso estranho. É tão civilizado, não é? Isso parece colocar todo q ocorrido num envelope de boas maneiras. Talvez ele estivesse mesmo louco desta vez. Confuso sobre o que estava fazendo.

Helen Rodin fez uma anotação.

— Com certeza mencionarei isso.

— Quer jantar?

— Estamos em lados opostos.

— Almoçamos juntos.

— Só porque eu quis algo de você.

— Ainda podemos ser cordiais. Ela balançou a cabeça.

— Jantarei com o meu pai.

— Ele está no lado oposto.

— É o meu pai. Reacher ficou em silêncio.

— Os policiais foram legais? — ela perguntou. Reacher balançou a cabeça concordando.

— Educados o suficiente.

— Eles não deviam estar muito felizes de ver você. Não entendem por que você está aqui.

— Eles não precisam se preocupar, pois têm um ótimo caso.

— O jogo só acaba quando termina.

— O final foi sexta-feira, às cinco da tarde.

— Talvez possamos tomar um drinque depois do jantar — disse ela. — Se eu conseguir sair a tempo. Tem um *sports bar* a seis quarteirões daqui. Segunda-feira à noite, é o único lugar na cidade. Passarei por lá para ver se o encontro. Mas não posso prometer nada.

— Nem eu — disse Reacher. — Talvez eu esteja no hospital, desligando os aparelhos de James Barr.

Ele desceu de elevador e encontrou Rosemary Barr esperando por ele no lobby. Deduziu que ela tinha acabado de voltar do hospital e interfonara para Helen, e Helen dissera-lhe que ele já

estava descendo. E então ela esperara. Andava de um lado para outro com nervosismo.

— Podemos conversar? — ela perguntou.

— Lá fora — ele respondeu.

Ele a guiou até a porta e pela praça até a mureta sul da piscina. Ela ainda enchia, lentamente. O chafariz espirrava água. Ele sentou onde sentara antes, com as homenagens fúnebres aos seus pés. Rosemary Barr ficou de pé na frente dele, encarando-o, olho no olho, sem olhar para baixo, onde estavam as flores, as velas, as fotografias.

— Você precisa manter a mente aberta — disse ela.

— Preciso? — ele perguntou.

— James queria você aqui; assim, ele não pode ser culpado.

— Conclusão apressada.

— É a lógica.

— Acabei de ver as evidências — disse ele. — Mais do que o suficiente para qualquer um.

— Não quero discutir sobre o que aconteceu 14 anos atrás.

— Nem pode.

— Mas agora ele é inocente. Reacher ficou em silêncio.

— Entendo como se sente — disse Rosemary. — Você acha que ele te deixou na mão.

— Deixou mesmo.

— Mas suponha que não. Suponha que ele respeitou as suas condições e tudo isso é um erro. Como se sentiria? O que faria por ele? Se você está pronto para voar contra ele, não acha que também deveria estar pronto para voar em favor dele?

— Isso é muito poético para o meu gosto.

— Não é nada poético. Estou apenas perguntando, se você descobrisse que estava errado: se ele fosse inocente, você gastaria a mesma energia ajudando-o?

— Se eu estiver errado, ele não precisará da minha ajuda.

— Gastaria ou não?

— Sim — afirmou Reacher, porque era uma promessa muito fácil de fazer.

— Então precisa estar com a mente aberta.

— Por que você saiu de casa? Ela fez uma pausa.

— Ele vivia zangado. Não era agradável viver com ele.

— Zangado com o quê?

— Com tudo.

— Então, talvez você é quem devesse estar com a mente aberta.

— Eu poderia ter inventado um motivo. Mas não inventei. Disse a verdade. Não quero esconder nada. Preciso que você confie em mim. Preciso fazer você acreditar. Ele é um homem infeliz, talvez até perturbado. Mas ele não fez aquilo.

Reacher ficou em silêncio.

— Você vai manter a mente aberta? — ela perguntou. Reacher não respondeu. Apenas deu de ombros e foi embora.

Ele não foi ao hospital. Não desligou os aparelhos de James Barr. Em vez disso, foi ao *sports bar* depois de uma chuveirada no Metropole Palace. Os seis quarteirões ao norte da torre de vidro levaram-no para debaixo do elevado mais uma vez e em direção a uma área remota do centro da cidade. A área renovada fazia fronteira com o sul da cidade, como ele mesmo vira, e agora via a fronteira com o norte também. O bar era um pouco depois dessa fronteira. Era em um prédio quadrado e simples, que poderia ter começado como qualquer coisa. Talvez uma loja de rações, um *showroom* de automóveis ou um clube de bilhar. Tinha o telhado plano, janelas fechadas com tijolos e lodo embaixo das calhas.

Dentro era melhor, mas despojado. Era como qualquer *sports bar* que ele conhecia. Um salão alto, com dutos de ventilação pintados de preto e presos no teto. Tinha umas três dúzias de monitores de TV pendurados nas paredes e no teto. E todo o estereótipo desse tipo de bar. Camisas autografadas de jogadores, capacetes de futebol americano em prateleiras, tacos de hóquei, bolas de beisebol, bolas

de basquete, cartazes antigos de jogos. As garçonetes estavam todas vestidas de *cheerleader*. Os funcionários do bar eram homens vestidos de árbitros.

Os monitores de TV estavam todos sintonizados em jogos de futebol americano. *Não podia deixar de ser*, pensou Reacher, numa segunda-feira à noite. Alguns dos monitores eram TVs normais, outros eram de plasma, e alguns, projetores. O mesmo evento era mostrado dúzias de vezes, todos com cores e focos levemente diferentes, uns grandes, outros Pequenos, uns claros, outros escuros. Havia várias pessoas ali, mas Reacher ocupou uma mesa sozinho. Num canto, como gostava. Uma garçonete esforçada veio até ele, e ele pediu uma cerveja e um cheesebúrguer. Nem olhou para o menu. Esse tipo de bar sempre tem cerveja e cheesebúrgueres.

Comeu, bebeu sua cerveja e assistiu ao jogo. O tempo passava e o lugar ficava mais cheio e barulhento, mas ninguém vinha dividir a mesa com ele. Reacher causava esse tipo de efeito nas pessoas. Ficava sentado, quieto, numa bolha de tranquilidade, com uma mensagem bem clara à mostra: Fique longe de mim.

E então alguém ignorou a mensagem e foi se juntar a ele. Era parcialmente sua própria culpa. Ele desviou o olhar da TV e viu uma garota passar. Ela segurava uma garrafa de cerveja e um prato cheio de *nachos*. Um visual e tanto. Cabelos ruivos ondulados e uma camisa de algodão vermelha aberta no pescoço e amarrada na altura do umbigo. Estava de calça apertada, parecia jeans, mas só podia ser de *stretch*. Corpinho de violão, de verdade. E calçava botas de pele de lagarto brilhantes. Abra a enciclopédia no G para Garota Country e a foto dela estará lá, olhando para você. Parecia jovem demais para beber cerveja. Mas já tinha passado da puberdade. Isso era certo. Os botões da camisa quase arrebentavam e não havia sinal visível de calcinha por baixo daquela calça. Reacher olhou para ela por um segundo a mais do que deveria, e ela encarou isso como um convite.

— Posso me sentar com você? — ela perguntou, a menos de um metro de distância dele.

— Fique à vontade — disse ele.

Ela se sentou. Não de frente para ele, mas ao lado.

— Obrigada.

Ela bebeu a cerveja na garrafa e não tirou os olhos dele. Verdes, brilhantes, arregalados. Ela se virou na direção de Jack e curvou as costas. Sua camisa estava aberta em três botões. *Talvez um tamanho G*, Reacher pensou, *num sutiã meia taça*. Ele podia ver um pouco dele. Bordado branco.

Ela chegou mais perto, por causa do barulho.

— Você gosta? — ela perguntou.

— Do quê?

— Futebol americano.

— Um pouco.

— Você jogava?

Jogava e não joga. Ela o fez se sentir velho.

— Você é grande o suficiente — ela disse.

— Joguei um pouco no Exército — ele disse. — Quando estive em West Point.

— Você jogou no time titular?

— Só uma vez.

— Machucou-se?

— Eu era violento demais.

Ela sorriu sem graça, sem saber se ele estava apenas brincando.

— Quer um *nacho*? — ela perguntou.

— Acabei de comer.

— Meu nome é Sandy — ela disse.

— Jimmy Reese.

Viu um brilho de surpresa nos olhos dela. Não sabia por quê. Talvez ela tivesse um namorado chamado Jimmy Reese. Ou talvez ela fosse uma superfã dos Yankees.

— Prazer em conhecê-lo, Jimmy Reese — disse ela.

— Igualmente — ele disse e, em seguida, virou-se para a TV.

— Você é novo na cidade, não é? — perguntou ela.

— Percebe-se — disse ele.

— Estava pensando — disse ela. — Se você gosta só um pouco de futebol, talvez quisesse me levar para um outro lugar.

— Aonde?

— Algum lugar mais tranquilo. Talvez onde possamos ficar a sós. Ele ficou em silêncio.

— Tô de carro — ela disse.

— Você tem idade para dirigir?

— Tenho idade para fazer várias coisas. E sou muito boa em algumas delas.

Reacher ficou em silêncio. Ela se mexeu na cadeira, Afastou-a da mesa. Olhou para ele e depois para baixo.

— Gostou desta calça? — perguntou.

— Fica muito bem em você.

— Concordo. O único problema é que ela é apertada demais para usar com calcinha.

— Cada um carrega sua cruz.

— Você acha que esta calça é muito reveladora?

— Diria opaca. Bom o suficiente para mim.

— Imagine você arrancando ela.

— Não posso. Duvido que eu conseguiria. Os olhos verdes se cerraram.

— Você é gay?

— Você é garota de programa?

— De jeito nenhum. Trabalho na loja de autopeças.

Então ela parou e pareceu pensar de novo. Ela reconsiderou. Voltou com uma resposta melhor: pular da cadeira, gritar e bater no rosto dele. Foi um grito alto e um tapa forte, que todos se viraram para olhar.

— Ele me chamou de vadia — ela gritou. — Ele me chamou de vadia de merda!

Cadeiras se arrastaram e rapazes se levantaram depressa. Rapazes grandes, de calça jeans, botas de operário e camisas xadrez. Rapazes do interior. Mas cinco.

A garota sorriu com o seu triunfo.

— Estes são meus irmãos — disse ela. Reacher ficou em silêncio.

— Você me chamou de vadia na frente dos meus irmãos"? Cinco rapazes, todos olhando.

— Ele me chamou de vadia — disse a garota.

Regra um: esteja de pé e pronto.

Regra dois: mostre a eles com quem estão se metendo.

Reacher se levantou, devagar e com cuidado. 1,98m, 113kg, olhos calmos, as mãos soltas ao lado do corpo.

— Ele me chamou de vadia — a garota repetiu. Regra três: identifique o líder do bando.

Eram cinco rapazes. Qualquer grupo de cinco rapazes tem um líder, dois seguidores entusiásticos e dois seguidores relutantes. Derrube o líder, os dois entusiasmados e está tudo acabado. O par relutante sai correndo. Então não tem nada de cinco contra um. Nunca fica pior do que três contra um.

Regra quatro: o líder é o rapaz que se mexe primeiro.

Um rapaz grande e bem alimentado a milho com um chumaço de cabelo amarelo e uma cara redonda se mexeu primeiro. Ele deu um passo à frente dos demais, que o seguiram. Reacher também deu um passo à frente para encará-lo. O lado ruim de uma mesa de canto é que não há outro lugar para ir, a não ser para a frente.

Mas tudo bem.

Porque, regra cinco: nunca recue.

Mas, regra seis: não quebre os móveis.

Quebre os móveis de um bar e o proprietário começa a pensar no seguro, e seguradoras exigem boletim de ocorrência, e o primeiro

instinto de um policial é de jogar todos na cadeia e mais tarde descobrir o que aconteceu. O que normalmente significa: Culpe o estranho.

— Ele me chamou de vadia — disse a garota, se lamentando. Como se estivesse com o coração partido. Ela estava de pé a uma certa distância, olhando para Reacher, olhando para os cinco rapazes, olhando para Reacher. Sua cabeça girava como um espectador numa partida de tênis.

— Lá fora — disse o grandalhão.

— Pague a conta primeiro — disse Reacher.

— Pagarei mais tarde.

— Penso que você não conseguirá.

— Você pensa mesmo?

— Essa é a diferença entre nós.

— Que diferença?

— Eu penso.

— Você gosta de piadinhas, né, veio?

— Das próximas tenho certeza de que você não vai gostar.

— Você chamou minha irmã de vadia.

— E por acaso você prefere as virgens?

— Lá fora, malandrão, ou acabo com você aqui mesmo. Regra sete: aja, não reaja.

— OK — disse Reacher. — Lá fora.

O grandalhão sorriu.

— Depois de você — disse Reacher.

— Fique aqui, Sandy — disse o grandalhão.

— Não me importo de ver sangue — disse ela.

— Tenho certeza de que você adora — disse Reacher. — Uma vez a cada quatro semanas, faz você se sentir muito mais calma.

— Pra fora — disse o grandalhão. — Agora.

Ele se virou e direcionou os outros para a porta. Eles se agruparam numa fila única e cortaram pelas mesas. Suas botas

ecoavam no assoalho. A garota chamada Sandy partiu atrás deles. Todos os fregueses se afastaram. Reacher deixou 20 dólares em cima da mesa e olhou para o jogo de futebol. Alguém vencia, alguém perdia.

Ele seguiu a garota chamada Sandy. Seguiu a calça de *stretch* azul.

Os rapazes esperavam por ele na calçada. Estavam todos tensos, num semicírculo estreito. Havia luzes amarelas nos postes a cerca de 20m de distância dos dois lados da rua. As luzes davam a cada rapaz três sombras. Havia luz néon do lado de fora do bar preenchendo as sombras com cor-de-rosa e azul. A rua estava vazia. E quieta. Sem tráfego. Sem barulho, exceto pelo som abafado do bar.

O ar era suave, não estava quente nem frio.

Regra oito: analise e pondere.

O grandalhão era arredondado, flácido e pesado. Como um leão-marinho. Talvez 10 anos longe da escola. O nariz intacto, sem cicatrizes nas sobrancelhas, sem as juntas dos dedos deformadas. Então, não era um boxeador. Provavelmente apenas um zagueiro. Então ele lutaria como um lutador de luta livre. Seria um homem que queria o outro no chão.

Então ele começaria a atacar. De cabeça baixa.

Essa era a melhor dedução de Reacher.

E Reacher estava certo.

O rapaz explodiu na direção de Reacher, de cabeça baixa. Direto no peito. Querendo empurrá-lo para trás, para que ele tropeçasse e caísse. De modo que os outros quatro pudessem chegar junto e atacá-lo, chutá-lo com toda a vontade.

Erro.

Porque, regra nove: não corra de cabeça em direção a Jack Reacher.

Pelo menos não quando ele estiver esperando por isso. É como correr em direção a um carvalho.

O grandalhão partiu, Reacher virou sutilmente para o lado e dobrou levemente os joelhos um pouco, calculou com precisão, transferindo todo o peso de seu pé anterior, passando pelos ombros, indo de encontro ao rosto do grandalhão.

A energia cinética é uma coisa maravilhosa.

Reacher quase não se mexera, mas o grandalhão quicou descontrolado, abalado, cambaleando para trás com as pernas rígidas, tentando desesperadamente permanecer ereto, com um pé girando no ar e em seguida o outro. Ele finalmente parou a quase dois metros de distância de Reacher, com os pés firmes no chão e com as pernas abertas, parecendo uma enorme e estúpida letra A.

Com sangue no rosto.

Agora ele tinha o nariz quebrado.

Derrube o líder do bando.

Reacher se aproximou e chutou-o no meio das pernas, mas usou a perna esquerda. Com a perna direita, teriam saído pedaços da pélvis do rapaz pelo nariz. *Seu coração mole*, lhe dissera um velho instrutor do Exército. *Um dia isso ainda mata você*.

Mas não hoje, pensou Reacher. *Não aqui*. O grandalhão foi para o chão. Caiu de joelhos e, em seguida, com o rosto no chão.

E então ficou muito fácil.

Os próximos dois rapazes vieram lado a lado e Reacher derrubou o primeiro com uma cabeçada e o segundo com uma cotovelada no queixo. Ambos caíram e permaneceram imóveis. Estava tudo acabado, pois os outros dois correram. Os dois últimos sempre correm. A garota chamada Sandy correu atrás deles. Porém atrapalhada. A calça apertada e o salto alto a impediam. Mas Reacher a deixou ir embora. Ele se virou e chutou os três irmãos dela caídos no chão. Checou para saber se ainda respiravam. Checou seus bolsos. Encontrou suas carteiras. Checou suas identidades. Em seguida jogou-as no chão, ajeitou-se e virou-se, pois ouvira um carro estacionar no meio-fio.

Era um táxi. De onde saía Helen Rodin.



Ela pagou o motorista e ele arrancou, olhando para a frente fixamente. Helen Rodin ficou parada na calçada, olhando. Reacher estava a três metros de distância dela, com três sombras de néon e três formas inertes no chão atrás de si.

— O que diabos está acontecendo? — ela perguntou.

— Diga-me você — disse ele. — Você é quem mora aqui. Conhece essas pessoas.

— O que isso significa? O que aconteceu?

— Vamos dar uma volta — disse ele.

Andaram rápido na direção sul, viraram uma esquina e continuaram para o leste. E então para o sul de novo. Diminuíram o passo.

— Você está com sangue na camisa — disse Helen.

— Mas não é meu — disse Reacher.

— O que aconteceu no bar?

— Estava lá assistindo ao jogo. Sozinho. Uma mocinha menor de idade veio e começou a me paquerar. Eu não fazia o joguinho dela e ela chegou num ponto em que encontrou uma razão para me dar um tapa no rosto. Então cinco rapazes vieram em cima. Ela disse que eram seus irmãos. Fomos para a calçada.

— Cinco rapazes?

— Dois correram.

— Depois de você bater nos três primeiros?

— Apenas me defendi. Só isso. Autodefesa.

— Ela bateu no seu rosto?

— Acertou em cheio.

— O que você tinha dito a ela?

— Não importa o que eu disse. Foi uma cilada. Então, eu lhe pergunto, é assim que as pessoas se divertem por aqui? Provocando estranhos em bares?

— Preciso de uma bebida — disse Helen. — Vim encontrar você para um drinque.

Reacher parou de andar.

— Então vamos voltar lá.

— Não podemos voltar lá. Eles podem ter chamado a polícia. Você deixou três homens na calçada.

Ele olhou para trás.

— Então vamos para o meu hotel — disse ele. — Tem um lobby. Talvez também tenha um bar.

Eles andaram juntos em silêncio pelas ruas escuras e silenciosas, quatro quarteirões ao sul. Ficaram a leste da praça e passaram pelo fórum municipal. Reacher deu uma olhada.

— Como foi o jantar? — perguntou ele.

— Meu pai estava tentando descobrir algo. Ele ainda acha que você é minha testemunha.

— Você disse a ele?

— Não posso. A sua informação é confidencial. Graças a Deus.

— E você blefou.

— Ele não cairia. Sabe o que tem na mão.

— Sabe mesmo.

— Você vai embora amanhã?

— Lógico. Este lugar é muito estranho.

— Uma garota vem paquerá-lo. Por que isso tem de ser uma grande conspiração?

Reacher ficou calado.

— Sei que não é nenhuma novidade — disse ela. — É? Um bar, o estranho sozinho na cidade, por que uma garota não haveria de ficar interessada? Você não é uma pessoa repulsiva.

Reacher apenas continuou andando.

— O que você disse a ela para levar um tapa?

— Eu não mostrava interesse algum, mas ela continuava insistindo. Perguntei se era garota de programa. Algo assim.

— Garota de programa? Isso é o bastante para levar um tapa aqui em Indiana. E despertar o ódio dos irmãos dela.

— Foi uma cilada, Helen. Sejamos realistas. É muita gentileza sua dizer, mas não sou o tipo de homem a quem as mulheres perseguem. Sei disso, OK? Então foi uma cilada.

— Mulher nenhuma perseguiu você antes?

— Ela sorriu com a vitória. Como se tivesse encontrado uma oportunidade para me entregar. Como se tivesse conseguido alguma coisa.

Helen Rodin ficou em silêncio.

— E aqueles não eram irmãos dela — disse Reacher. — Todos tinham mais ou menos a mesma idade, e, quando chequei a identidade deles, todos tinham sobrenomes diferentes.

— Sério.

— Foi tudo armado. O que é estranho. Só existem duas razões para se fazer algo desse tipo. Diversão ou dinheiro. Um homem num bar pode ter alguns trocados, mas não é suficiente. Então armaram isso por diversão. O que é esquisito. Duplamente esquisito: por que eu? Eles deveriam saber que apanhariam.

— Havia cinco deles. Cinco rapazes nunca pensam que um homem poderia derrubar todos. Especialmente aqui em Indiana.

— Ou talvez eu fosse o único estranho no bar. Ela olhou para a frente.

— Você está no Metropole Palace? Ele respondeu com a cabeça.

— Eu e gente demais.

— Mas telefonei e eles me disseram que você não estava registrado. Telefonei para todos os hotéis, hoje à tarde, procurando por você.

— Uso nomes falsos em hotéis.

— E por quê, meu Deus?

— Apenas um mau hábito. Como lhe disse antes. Já é automático. Subiram as escadas juntos e passaram pela pesada porta de bronze.

Não era tarde, mas o local estava vazio. O lobby estava deserto. Havia um bar numa sala ao lado. Estava vazio, exceto por um *barman* encostado na caixa registradora.

— Cerveja — disse Helen.

— Duas — disse Reacher.

Foram para uma mesa próxima à janela, e o rapaz trouxe duas garrafas de cerveja, dois guardanapos, dois copos gelados e um prato de amendoins. Reacher assinou a comanda e anotou o número do quarto.

Helen Rodin sorriu.

— Então, quem o Metropole pensa que você é?

— Jimmy Reese — disse Reacher.

— Quem é ele?

— Só um minuto — disse Reacher.

Um brilho de surpresa nos olhos dela. Não sabia por quê. Prazer em conhecê-lo, Jimmy Reese.

— A garota estava procurando por mim pessoalmente — disse ele. — Não estava procurando por algum estranho qualquer. Procurava Jack Reacher.

— É mesmo?

Ele concordou com a cabeça.

— Ela perguntou o meu nome. Eu disse Jimmy Reese. Isso a fez perder o rebolado por um segundo. Estava surpresa, definitivamente. Como se quisesse ter dito: Você não é Jimmy Reese, seu nome é Jack Reacher, alguém acabou de me dizer. Ela fez uma pausa e então se recompôs.

— As primeiras letras são iguais. Jimmy Reese, Jack Reacher. As pessoas fazem isso, às vezes.

— Ela foi rápida — ele disse. — Não era tão estúpida quanto parecia. Alguém me indicou para ela, e ela não seria despistada tão facilmente. Jack Reacher levaria um sacode esta noite, e ela estava quase certa de Que isso aconteceria.

— Então quem eram eles?

— Quem sabe o meu nome?

— A polícia. Você esteve na delegacia. Reacher ficou calado.

— O que?! — disse Helen. — Eram policiais"? Protegendo o caso?

— Não estou aqui para atacar o caso deles.

— Mas eles não sabem disso. Devem estar pensando que você veio para cá exatamente para isso.

— O caso deles não precisa de proteção. Tá ganho. Além do que eles não se pareciam com policiais.

— Me diga: a quem mais interessaria esse caso?

— Rosemary Barr. Interessaria a ela. Ela sabe o meu nome. E sabe por que estou aqui.

— Isso é ridículo — disse Helen. Reacher não disse nada.

— Isso é ridículo — repetiu Helen. — Rosemary Barr é uma secretária de um escritório de advocacia, medrosa e frágil. Não tentaria algo desse tipo. E nem saberia como. De jeito nenhum.

— Foi uma tentativa totalmente amadora.

— Amadora? Eram cinco rapazes. O suficiente para a maioria das pessoas.

Reacher ficou em silêncio.

— Rosemary Barr estava no hospital — disse Helen. — Foi lá depois da reunião que tivemos, e ficou quase a tarde toda. Aposto que está lá neste momento. O irmão está acordando. Ela quer estar com ele.

— Um dólar contra dez que ela tem um telefone celular.

— Não dá para usar o celular perto do CTI. Causa interferência.

— Um telefone público, então.

— Ela está preocupada demais.

— Em salvar seu irmão. Helen Rodin ficou em silêncio.

— Ela é sua cliente — disse Reacher. — Tem certeza de que está sendo imparcial?

— Você não está pensando com clareza. James Barr chamou por você. Ele quis você aqui. Dessa forma, a irmã dele também quer você aqui. Ela quer que você fique aqui até descobrir como pode ajudar. E ela sabe que você pode ajudar, senão o irmão dela não o teria chamado.

Reacher ficou em silêncio.

— Aceite isso — disse Helen. — Não foi Rosemary Barr. O interesse dela é que você fique por perto, vivo, bem, e pensando.

Reacher deu um longo gole em sua cerveja. E então concordou com a cabeça.

— Fui seguido até o bar, obviamente. Daqui. Está claro, fui seguido até aqui, depois do almoço. Se Rosemary foi direto ao hospital, na parte da manhã, não teve tempo de planejar isso.

— Então voltamos para alguém que pensa que você pode causar danos no caso. Por que não a polícia? Policiais poderiam seguir você em qualquer lugar. Eles são vários, e todos têm rádio.

— Policiais arrumam encrenca cara a cara. Não arrumam uma garota para fazer isso por eles.

— A garota pode ser policial. Reacher balançou a cabeça discordando.

— Jovem demais. Avoada demais. Cabelos demais.

Helen pegou uma caneta de sua bolsa e anotou algo no guardanapo. Passou para Reacher.

— O meu celular — disse ela. — Você pode precisar.

— Não creio que alguém vá me processar.

— Não estou preocupada com isso. Estou preocupada com você ser preso. Mesmo que não tenha sido a polícia que armou isso, eles podem ter ido ao bar. O proprietário pode ter ligado para eles. Os

três rapazes foram parar no hospital, isso é certo. O hospital pode ter chamado a polícia. E a garota agora sabe o seu nome falso. Você pode estar com problemas. Se estiver, ouça os seus direitos e me telefone.

Reacher sorriu.

— Possessividade?

— Apenas cuidando de você.

Reacher pegou o guardanapo e colocou-o no bolso de trás da calça.

— OK — ele disse. — Obrigado.

— Você ainda irá embora amanhã?

— Talvez sim. Talvez não. Talvez fique por aqui para descobrir por que alguém usaria de violência para proteger um caso que já está praticamente ganho.

Grigor Linsky telefonou para o Zec do seu celular, de dentro do carro.

— Eles falharam — disse ele. — Sinto muito. O Zec ficou em silêncio, o que era pior do que uma bronca.

— Eles não chegarão até nós — Linsky disse.

— Quem me garante?

— Com certeza.

O Zec não disse nada.

— Sem mortos, sem polícia — disse Linsky.

— A menos que isso tenha servido para provocar o soldado — disse o Zec. — Assim haveria ofensa. E possivelmente um dano considerável. Afinal, ele é amigo de James Barr. Esse fato terá implicações.

Agora Linsky ficou em silêncio.

— Faça mais uma visita — sugeriu o Zec. — Um pouco mais de entusiasmo pode ajudar. Mas, depois disso, não o deixe vê-lo novamente.

— E?

— Monitore a situação — disse o Zec. — Assegure-se de que o ruim não se transforme no pior.

Reacher levou Helen até um táxi e subiu para o quarto. Tirou a camisa e colocou-a de molho na pia do banheiro. Não queria manchas de sangue na camisa que acabara de comprar. Numa camisa com uns três dias de uso, tudo bem. Mas não numa roupa nova.

Perguntas. Havia muitas perguntas, mas, como sempre, a solução era encontrar a mais básica. A pergunta fundamental. Por que alguém usaria de violência para proteger um caso à prova de falhas? Primeira pergunta: O caso já era mesmo à prova de falhas? Ele vasculhou o dia em sua mente e ouviu Alex Rodin dizer: Melhor impossível. O melhor que já vi. Emerson dissera: Um dos melhores trabalhos que já presenciei. O perito com cara de agente funerário, Bellantonio, também dissera: A melhor cena de crime em que já trabalhei. Estou feliz com tudo. Todos esses homens tinham interesse profissional em dizer isso, lógico. E orgulho, e conveniência. Mas Reacher vira o trabalho de Bellantonio em pessoa. E dissera: É jogo ganho.

Era mesmo?

Sim, era. Era o mais próximo da certeza que a vida humana podia oferecer.

Mas essa não era a pergunta fundamental.

Ele lavou a camisa e torceu-a com força, colocando-a em seguida sobre o aquecedor do quarto. Ligou-o no máximo e abriu a janela. Lá fora estava tranquilo, sem barulho. Nova York não era assim. Parecia que eles estabeleciam o toque de recolher às nove da noite. Fui para Indiana, mas estava fechada. Deitou-se na cama. Esticou-se. O calor úmido de sua camisa preencheu o quarto com um cheiro de algodão molhado.

Qual era a pergunta fundamental?

A fita de Helen Rodin era a pergunta fundamental. A voz de James Barr, baixa, grossa, frustrada. Sua exigência: Ache Jack Reacher para mim.

Por que ele diria isso?

Quem era Jack Reacher aos olhos de James Barr?

Fundamentalmente?

Essa era a pergunta mais básica.

A melhor cena de crime em que já trabalhei.

O melhor que já vi.

Por que ele pagou para estacionar?

Você manterá a mente aberta?

Ache Jack Reacher para mim.

Jack Reacher olhou fixamente para o teto do quarto. Cinco minutos. Dez. Vinte. E então rolou para o lado e puxou o guardanapo do bolso. Rolou para o outro lado e pegou o telefone. Helen Rodin atendeu depois de tocar oito vezes. Ela parecia sonolenta. Ele a acordara.

— É o Reacher — ele disse.

— Algum problema?

— Não, mas tenho algumas perguntas. Barr já está acordado?

— Não, mas quase. Rosemary voltou para o hospital. Deixou-me uma mensagem.

— Como estava o clima na sexta-feira passada, às cinco?

— O clima? Sexta-feira? Meio estranho. Nublado.

— Isso é normal?

— Não. Normalmente é ensolarado. Ou chovendo. Nessa época do ano só temos essas duas opções. Mais ensolarado do que chovendo.

— Estava quente ou frio?

— Não estava frio. Mas também não estava quente. Agradável, eu acho.

— O que você usou nesse dia?

— O que é isso? Um telefonema indiscreto?

— Diga-me.

— O mesmo que usei hoje. Terninho com calça.

— Sem sobretudo?

— Não foi necessário.

— Você tem carro?

— Carro? Sim, tenho carro. Mas pego ônibus para o trabalho.

— Use o carro amanhã. Vejo você às oito no seu escritório.

— Qual é o assunto?

— Amanhã — disse ele. — Às oito da manhã. Volte a dormir agora. Ele desligou. Rolou da cama e checou a camisa. Estava quente e molhada. Mas estaria seca pela manhã. Ele torcia para que não encolhesse.

capítulo 5

Reacher acordou às 6h e tomou um longo banho frio, pois o quarto estava um forno. Sua camisa estava seca. Estava dura como uma tábua e ainda do mesmo tamanho. Não havia serviço de quarto. Saiu para o café da manhã. As ruas estavam cheias de caminhões transportando pedras, fazendo aterros, misturando concreto, alimentando o apetite do Departamento de Obras. Ele evitou os caminhões e andou para o sul, na direção do rio, passando pela área recém-reconstruída. Encontrou um restaurante simples com um menu básico. Bebeu café e comeu ovos. Sentou-se ao lado da janela e olhou para a rua, tentando encontrar pessoas suspeitas na calçada ou em carros estacionados. Levando em consideração o fato dele ter sido seguido na noite passada, era lógico deduzir que seria seguido novamente. Então manteve os olhos abertos. Mas não viu ninguém.

Desceu a Rua 1 em direção ao norte. O sol estava à sua direita. Ele usou vitrines como espelhos para olhar para trás. Muitas pessoas andavam em sua direção, mas ninguém o seguia. Deduziu que fosse quem fosse estaria esperando por ele na praça, pronto para confirmar o que esperava ver. a testemunha foi para o escritório da advogada.

O chafariz continuava ligado. A piscina ornamental já estava pela metade de água. As homenagens ainda estavam lá, arrumadinhas, um dia mais velhas, um pouco mais desbotadas, um pouco mais ressecadas. Ele deduziu que elas estariam ali por mais uma semana, talvez. Até depois do último dos funerais. E então seriam retiradas, discretamente, talvez no meio da noite, e a cidade seguiria em frente.

Ele sentou por um momento no monólito da NBC, de costas para a torre, como alguém matando tempo por ter chegado cedo demais. Eram apenas 7h45. Havia outras pessoas na mesma situação.

Ficavam de pé, sozinhas ou em grupos, fumando cigarros, lendo as notícias da manhã, relaxando antes do dia de trabalho. Reacher olhou primeiro para homens sozinhos com o jornal nas mãos. Esse era um disfarce muito tradicional. Ainda que, na opinião dele, seria substituído pelo novo disfarce do fumante exilado. Rapazes em pé próximos às portas eram os novos invisíveis. Ou com celulares. Você podia ficar horas ali de pé com um Nokia colado no ouvido que ninguém desconfiaria.

No final das contas, ele prestou atenção num cara que fumava e falava no celular. Era um homem baixo, de uns 60 anos de idade. Talvez mais. Um homem sofrido. Havia uma tensão assimétrica na maneira como ele se portava. Uma lesão antiga na coluna, talvez. Ou costelas quebradas e mal calcificadas há anos. O que quer que fosse, fazia-o parecer desconfortável. Não era o tipo de pessoa que conversaria alegremente por muito tempo. Mas lá estava ele falando ao telefone, sem parar. Tinha cabelos grisalhos ralos, cortados recentemente, mas sem muito estilo. Vestia um terno de um bom alfaiate, mas não fora confeccionado nos Estados Unidos. Era muito quadrado e pesado demais para o clima. Polonês, talvez. Ou húngaro. Leste Europeu, certamente. Seu rosto era pálido e os olhos, escuros. Não encarou Reacher uma só vez.

Reacher olhou para o relógio: 7h55. Ele se levantou e andou em direção ao lobby.

Grigor Linsky parou de fingir e digitou um número de verdade em seu celular.

— Ele está aqui — disse ele. — Acabou de subir.

— Ele te viu? — o Zec perguntou.

— Sim, tenho certeza que sim.

— Então faça com que essa seja a última vez. Agora você vai ficar nas sombras.

Reacher encontrou Helen Rodin já em sua mesa. Parecia confortável, como se já estivesse ali há um bom tempo. Vestia o

mesmo terno azul, mas a camisa era diferente. Era uma camisa simples, de gola em U, nada apertada. Era azul-porcelana e combinava perfeitamente com seus olhos. Os cabelos estavam amarrados para trás num longo rabo-de-cavalo. Sua mesa estava coberta de livros de direito. Uns com a capa para cima, outros para baixo. Todos estavam abertos. Tinha por volta de oito páginas de anotações num bloco de notas amarelo. Referências, anotações de casos, decisões, precedentes jurídicos.

— James Barr está consciente — disse ela. — Rosemary me telefonou hoje, às cinco da manhã.

— Ele está falando?

— Somente com os médicos. Eles não deixam mais ninguém se aproximar dele, ainda. Nem mesmo a irmã.

— E a polícia?

— Está aguardando. Mas preciso ser a primeira. Não posso deixar que ele fale com a polícia sem representação legal.

— O que ele está dizendo para os médicos?

— Diz que não sabe por que está ali. E que não se lembra de nada que aconteceu na sexta-feira. Os médicos dizem que isso é normal. Amnésia é previsível em casos de lesão na cabeça, possivelmente envolvendo vários dias antes do trauma. Várias semanas, às vezes.

— Aonde isso te leva?

— A dois grandes problemas. Primeiro, ele pode estar fingindo a amnésia. E isso é muito difícil de detectar. Então, agora terei que conseguir a opinião de um especialista nesse assunto. E se ele não estiver fingindo, fica de *stand-by*. Se ele estiver são agora, e estava são antes, mas não conseguir se lembrar do que ocorreu nessa semana, como terá um julgamento justo? Ele não será capaz de participar da sua própria defesa. Não se não fizer ideia do que as pessoas estão falando. E o Estado o colocou nessa posição. Deixaram-no ser ferido. Era a prisão deles. Eles não podem fazer isso e em seguida julgá-lo.

— O que o seu pai pensará disso?

— Lutará com unhas e dentes. Obviamente. Promotor nenhum pode admitir a possibilidade de uma amnésia acabar com um julgamento, senão todo mundo faria isso. Todos desejariam levar uma surra numa detenção prejulgamento. De repente, ninguém seria capaz de se lembrar de nada.

— Isso deve ter acontecido antes. Helen concordou com a cabeça.

— Já aconteceu sim.

— Então, o que dizem os livros de direito?

— Estou lendo sobre isso agora. Como você pode ver. Dusky versus Estados Unidos da América, Wilson versus Estados Unidos da América.

— E?

— Há muitos poréns.

Reacher ficou em silêncio. Helen olhou diretamente para ele.

— Essa situação está fugindo ao controle — disse ela. — Agora haverá um julgamento sobre um julgamento. É algo que pode ir até a Corte Suprema. Não estou preparada para isso. E não quero isso. Não quero ser a advogada que livra pessoas por conta de tecnicalidades. Não sou assim e é um rótulo que não posso receber neste momento.

— Então o declare culpado e acabe logo com isso.

— Quando você me telefonou ontem à noite, pensei que fosse chegar aqui hoje e me dizer que ele é inocente.

— Continue sonhando — disse Reacher.

Ela desviou o olhar.

— Mas — ele disse.

Ela olhou de volta para ele.

— Existe um mas?

Ele concordou com a cabeça.

— Infelizmente.

— Qual é o mas”?

— Ele não é tão culpado quanto achei que fosse.

— Como?

— Pegue o seu carro que eu lhe mostro.

Eles foram de carro, juntos, até um edifício-garagem subterrâneo só para mensalistas. Havia caminhonetes de transmissão via satélite da NBC e carros, picapes e utilitários de várias marcas e modelos. Havia um Mustang azul conversível com um adesivo da NBC no para-brisa. *De Ann Yanni, provavelmente*, pensou Reacher. Era bem o tipo dela. Ela o dirigiria com a capota arriada nos finais de semana e com a capota levantada durante os dias úteis, para manter os cabelos arrumados para as câmeras. Ou talvez ela usasse bastante laque.



O carro de Helen Rodin era um pequeno sedã verde-escuro, tão comum que Reacher não sabia de que marca era. Um Saturn, talvez. Estava sujo e não era novo. Era um carro típico de estudante de pós-graduação, daqueles que uma pessoa usa até receber o primeiro salário e as prestações de um carro novo ficarem suficientemente baratas. Reacher sabia tudo sobre prestações. O beisebol na TV tinha vários comerciais sobre esse tipo de coisa. A cada intervalo.

— Aonde vamos? — perguntou Helen.

— Sul — disse Reacher.

Ele afastou o banco para trás e amassou um monte de coisas no chão do carro. O banco dela estava próximo ao volante, ainda que não fosse uma mulher baixa. Ele acabou olhando para ela mais ou menos, por trás.

— O que você sabe? — ela perguntou.

— Não é o que eu sei — disse ele. — É o que James Barr sabe.

— Sobre o quê?

— Sobre mim.

Ela saiu da garagem e partiu em direção ao sul numa rua paralela à Rua 1. Às oito da manhã o tráfego ainda estava pesado. Indo na direção oposta ao rush da tarde, ele deduziu.

— O que James Barr sabe sobre você? — ela perguntou.

— Algo que o fez querer que eu viesse aqui — disse ele.

— Ele deve odiar você.

— Com certeza. Mas ainda assim quis que eu viesse. Ela dirigiu para o sul, na direção do rio.

— Ele nunca esteve comigo antes — disse Reacher. — Nunca me viu depois do incidente. Nós nos conhecemos mais de 14 anos atrás, mas só nos falamos por três semanas.

— Ele conheceu você como investigador. Alguém que desvendou um caso difícil.

— Um caso que ele pensou que nunca poderia ser resolvido. Ele me viu fazer isso passo a passo. Teve uma visão privilegiada. Achou que eu fosse um gênio investigador.

— É por isso que ele queria que você viesse. Reacher concordou com a cabeça.

— Passei a noite toda tentando fazer jus à opinião dele.

Eles cruzaram o rio num pontilhão. O sol estava do lado esquerdo. A doca do lado direito. A água cinzenta movia-se calmamente por baixo.

— Vá na direção oeste agora — disse Reacher.

Ela virou para a direita, saindo da rodovia, e pegou uma estrada. Havia lojas de pesca na margem do rio e barracas vendendo carvão, cerveja e gelo triturado.

— Mas nosso caso já estava resolvido — disse ela. — Ele sabia disso.

— Nosso caso só estava parcialmente resolvido — disse Reacher. Isso é o que ele sabia.

— Parcialmente?

Reacher balançou a cabeça, mesmo estando atrás dela.

— Há mais detalhes nesse caso do que os que Emerson viu — ele disse. — Barr queria que alguém mais visse isso. Mas o primeiro advogado dele foi preguiçoso. Não estava muito interessado. É por isso que Barr ficou tão frustrado.

— E o que mais existe?

— Mostrarei a você.

— Muita coisa?

— Creio que sim.

— Então por que ele não apresentou os fatos, sejam quais forem?

— Porque ele não podia. E porque ninguém acreditaria nele.

— Por quê? Que diabos aconteceu aqui?

Havia um trevo na estrada à frente, bem como ele esperava.

— Mostrarei a você — disse ele de novo. — Pegue a rodovia ao norte.

Ela acelerou o carrinho pela rampa e misturou-se ao tráfego. Havia um fluxo misto na direção norte. Carretas, caminhões, picapes, carros. A rodovia cruzou o rio novamente numa ponte de concreto. A doca era visível a leste, a distância. O centro da cidade estava mais à frente, à direita. A rodovia subia levemente em seu aclive. Helen seguiu em frente, com os telhados dos prédios baixos aos arredores da cidade passando dos dois lados da rodovia.

— Esteja pronta para sair da estrada principal por trás da biblioteca — disse Reacher.

Era uma rampa de saída à direita. Bem sinalizada. A linha pontilhada que separava a pista da direita da pista do centro se tornou uma linha contínua. E então a linha contínua criou uma fatia estreita. O tráfego fora forçado para a esquerda. A pista de saída angulava levemente para a direita. Eles continuaram nela. O trecho de pista se alargou e passou a ser preenchido com marcações quadriculadas. Logo à frente estavam tonéis amarelos. Seguiram em frente, na direção da saída que levaria aos fundos da biblioteca.

Reacher se contorceu no banco do carona e olhou pelo para-brisa traseiro. Ninguém atrás deles.

— Vá devagar — ele disse.

Cerca de 180m à frente, a pista começava uma curva, por trás da biblioteca, por trás da torre de vidro. O elevado era largo o suficiente para duas pistas. Mas o raio era apertado demais para duas pistas correrem paralelas sem perigo a altas velocidades. Os engenheiros de tráfego foram cautelosos. Aconselharam uma trajetória mais suave. Marcaram uma pista única na curva. Um pouco mais larga do que uma pista normal, para permitir algum imprevisto. Começava bem à esquerda, e então se abria para a direita e cruzava pelo ápice da curva num ângulo mais aberto.

— Vá bem devagar agora — disse Reacher.

O carro desacelerou. Logo à frente deles estava uma forma de lua crescente quadriculada. Começando bem próximo a eles, um longo triângulo quadriculado. Apenas linhas pintadas no asfalto, mas guiavam as pessoas e as mantinham em segurança.

— Estacione — disse Reacher. — Aqui, à direita.

— Aqui é proibido parar — disse Helen.

— Não interessa. Estacione. Bem aqui.

Ela pisou no freio e jogou o carro no acostamento à direita. Sentiam as linhas grossas pintadas no asfalto batendo sob os pneus. Um ritmo vibratório. Diminuía quando eles diminuíam.

Ela parou.

— Volte um pouco de ré — disse Reacher.

Ela voltou, como se estivesse estacionando paralelo à mureta de concreto.

— Agora ande um pouquinho para a frente, cerca de um metro — disse Reacher.

Ela obedeceu.

— OK — disse ele.

Ele abaixou o vidro. A pista à esquerda deles apresentava-se limpa e lisa, porém o acostamento onde estavam parados estava coberto de cascalho, lixo e detritos acumulados durante anos. Havia latas e garrafas, barro, pedaços de faróis quebrados e de plástico de para-choques. Ao longe, à esquerda, o tráfego seguia ao norte numa ponte separada. Havia um fluxo constante. Mas ficaram parados um bom tempo, até que alguém viesse naquela direção. Uma picape solitária passou por eles, e então o silêncio voltou a reinar.

— Bem tranquilo — disse Reacher.

— É sempre assim — disse Helen. — Isso não leva a lugar nenhum aonde as pessoas queiram ir. Foi um desperdício completo de dinheiro. Mas eles sempre têm que construir alguma coisa.

— Olhe para baixo — disse Reacher.

A rodovia era elevada em colunas altas. Estava a aproximadamente 14m acima do nível da rua. A mureta tinha quase um metro de altura. A frente e um pouco à direita estava o andar de cima da biblioteca, com um friso detalhado, feito de pedra-sabão, e telhado de pedra. Parecia próximo o suficiente para ser tocado.

— O quê? — perguntou Helen.

Reacher apontou com o polegar e saiu da frente para que ela pudesse ver. Bem à direita, tinha-se uma vista completa da praça, com uma linha de visão reta e perfeita ao longo do estreito afunilamento entre o final da piscina ornamental e o muro da praça. E mais à frente, perfeitamente alinhado, estava o prédio do Departamento de Trânsito.

— James Barr era um francoatirador — disse Reacher. — Não o melhor, nem o pior, mas era um dos nossos e treinou por mais de cinco anos. E o treinamento tem um propósito: ele pega pessoas nem tão inteligentes e faz parecer inteligentes, introduzindo nelas experiência tática básica. Até que isso se torne instintivo.

— Não estou entendendo.

— Aqui é o lugar de onde um atirador treinado dispararia. Daqui de cima do elevado. Porque aqui ele tem seus alvos andando na direção dele numa linha reta. Fila única, num funil. Ele encontra um ponto de mira e não tem mais que variar. Os alvos andam diretamente para ele, um após o outro. Atirar pelo lado é muito mais difícil. Os alvos passam da direita para a esquerda na frente dele, relativamente rápido, ele precisa calcular a compensação para o movimento e tem que mover o rifle acada tiro.

— Mas ele não disparou daqui.

— É isso o que quero dizer. Ele deveria, mas não fez.

— E daí?

— Ele tinha uma minivan. Deveria tê-la estacionado bem onde estamos agora. Neste exato lugar. Deveria ter pulado para a parte de trás e aberto a porta lateral. Deveria ter atirado de dentro da minivan, Helen. Ela tinha os vidros fumados. Os poucos carros que passassem não veriam nada. Deveria ter disparado seus seis tiros, com uma mira muito melhor, e os seis cartuchos teriam sido cuspidos para dentro da van, e então deveria ter voltado para o banco do motorista e dado o fora. Teria sido uma posição muito melhor para atirar, e ele não teria deixado nada para trás. Nenhuma evidência material, porque nada teria tocado em nada, exceto os pneus da van terem tocado o asfalto.

— E mais longe daqui. A distância é maior para atirar.

— Uns sessenta e cinco metros. Barr era confiável a uma distância cinco vezes maior. Qualquer francoatirador militar é. Com um MIA Super Match, sessenta e cinco metros é o mesmo que à queima-roupa.

— Alguém teria anotado a placa dele. Tem sempre algum tráfego. No final das contas, alguém se lembraria de tê-lo visto aqui.

— As placas estavam cobertas de lama. Provavelmente de propósito. Teria sido uma ótima maneira de fugir. Em cinco minutos

ele estaria a oito quilômetros daqui. Muito melhor do que ir costurando pelo tráfego nas ruas lá embaixo.

Helen Rodin ficou em silêncio.

— E ele esperava que fosse um dia ensolarado — disse Reacher. Você me disse que normalmente é assim. Às cinco da tarde, o sol ainda estaria a oeste, atrás dele. Estaria atirando sem o sol nos olhos. Isso é uma preferência absolutamente básica para um francoatirador.

— Às vezes chove.

— Também não haveria problemas. Teria lavado as marcas de pneu neste elevado. De qualquer maneira, ele deveria ter estado aqui em sua van. Todas as razões no mundo dizem que ele deveria ter estado aqui em cima.

— Mas não estava.

— Evidentemente.

— Por que não?

— Devemos voltar para o seu escritório. É lá que precisa estar agora. Você tem muita estratégia para planejar.

Helen Rodin sentou atrás de sua mesa. Reacher andou até a janela e olhou para a praça. Procurou pelo homem da coluna torta. Não encontrou.

— Que estratégia? — perguntou Helen. — Barr fez uma escolha sobre de onde atirar, só isso, e não foi uma escolha boa, de acordo com você, de acordo com alguma teoria que aprendeu 14 anos atrás no Exército e da qual se esqueceu no momento em que foi dispensado.

— Eles não esquecem — disse Reacher.

— Não estou convencida.

— É por isso que ele desistiu do Chapman. Chapman também não seria convencido. É por isso que ele chamou por mim.

— E você está convencido?

— Estou perante uma situação em que um francoatirador treinado deixou um local excelente em favor de um muito pior.

— Ele usou um edifício-garagem no Kuwait, você mesmo disse.

— Porque aquele era um local adequado. Estava alinhado diretamente com a porta do hotel. Os quatro homens andaram de frente para ele. Caíram como dominós.

— Já se passaram 14 anos. Ele já não é tão bom. Só isso.

— Eles não esquecem — repetiu Reacher.

— O que quer que seja, como isso diminui a culpa dele?

— Se alguém escolhe um B péssimo, em vez de um A ótimo, tem de haver uma razão. E razões têm implicações.

— Qual foi a razão dele?

— Deve ter sido uma muito boa, não acha? Porque ele se posicionou num prédio, no nível da rua, numa área congestionada, com uma mira muito mais difícil, num lugar cuja própria característica gerou a melhor cena de crime que um veterano de 20 anos de profissão como Emerson já viu.

— OK, então me diga por que ele faria isso.

— Porque ele se esforçou, deliberadamente, para deixar à mostra todas as evidências que pudesse.

Ela olhou para ele.

— Isso é loucura.

— Foi uma ótima cena de crime. Todos estavam tão felizes pelo fato dela ser tão boa que nunca pararam para pensar que era boa demais. Incluindo eu. Foi uma lição básica de cena de crime, Helen. Foi provavelmente o que ensinaram a Bellantonio no seu primeiro dia na faculdade. Era bom demais para ser verdade, e, assim sendo, não era verdade. Tudo estava errado. Por que ele usaria uma capa de chuva? Estava quente e não estava chovendo, ele ia num carro e nunca do lado de fora. Ele a vestiu para que pudesse raspar fibras específicas no pilar. Por que usaria aqueles sapatos estúpidos? E só olhar para aqueles sapatos que fica claro que ele vai soltar pedaços por toda a parte. Por que ele atirou do escuro? Para que as pessoas vissem o clarão da arma e pudessem apontar para o local e ir lá

encontrar todas as outras pistas. Por que ele rasparia o rifle na mureta? Aquilo custa 2.500 dólares. Por que não levou o cone com ele? Teria sido mais fácil jogá-lo dentro da van e não deixá-lo lá.

— Isso é loucura — disse Helen.

— Dois fatos — continuou Reacher. — Por que ele pagou para estacionar? Isso me incomodou desde o princípio. Digo, quem faria algo desse tipo? Mas ele fez. E fez só para que pudesse deixar mais uma pista. Nada mais faz sentido. Ele quis deixar uma moeda no parquímetro com suas digitais. Para deixar tudo bem amarradinho. Para ligá-lo com a cápsula do projétil, que ele provavelmente deixou para trás de propósito.

— Caiu num vão.

— Ele poderia tê-la pegado. Havia arame por toda a parte, de acordo com o relatório de Bellantonio. Teria levado um segundo e meio para fazer isso.

Helen Rodin fez uma pausa.

— Qual o outro fato?

— Essa é fácil, a partir do momento que você passa a olhar pelo lado certo da mira telescópica. Ele queria estar olhando para a piscina do sul e não do oeste. Isso era crucial. Ele queria olhar para a piscina de frente, e não de lado.

— Por quê?

— Porque ele não errou, Helen. Ele atirou deliberadamente dentro da piscina. Queria colocar um projétil na água, num ângulo baixo, em diagonal, assim como se faz num tanque balístico, para que fosse encontrada mais tarde, sem danos. Para que pudesse ser conectada com o cano de sua arma. Atirar pelo lado da piscina não teria dado certo. Não haveria espaço suficiente para o projétil viajar dentro ¨d'água. Teria acertado a parede da piscina com muita força. Teria causado um dano muito grande no projétil.

— Mas por que diabos ele faria isso? Reacher ficou em silêncio.

— Remorso? De 14 anos atrás? Para que pudesse ser encontrado e punido?

Reacher balançou a cabeça.

— Ele teria confessado tão logo o encontrassem. Alguém com remorso teria desejo de confessar.

— Então por que ele fez tudo isso?

— Porque ele foi obrigado a fazer, Helen. É simples. Ela olhou fixamente para ele.

— Alguém o forçou a fazer isso — disse Reacher. — Ele foi forçado a fazer isso e forçado a levar a culpa. Alguém lhe disse para ir para casa e aguardar sua prisão. Por isso tomou os remédios para dormir. Estava provavelmente enlouquecendo, esperando que o descobrissem.

Helen Rodin ficou em silêncio.

— Ele foi coagido — continuou Reacher. — Pode acreditar. É a única explicação lógica. Ele não era louco. Por isso disse pegaram o homem errado. Era uma mensagem. Ele achou que alguém entenderia. Ele quis dizer que eles deveriam procurar pelo outro homem. O homem que o fez fazer tudo aquilo. O homem que ele julgava ser o grande responsável.

Helen ficou em silêncio.

— O mestre dos fantoches — disse Reacher.

Reacher olhou para a praça mais uma vez, pela janela. A piscina ornamental continuava a encher. O chafariz jorrava água com toda a força. O sol estava alto. Não se viam pessoas na praça.

Helen Rodin levantou-se de sua mesa, mas continuou ali, parada.

— Eu deveria fazer algo — disse ela.

— Ainda assim, ele matou cinco pessoas.

— Mas se a coerção foi substancial, isso irá ajudá-lo. Reacher ficou em silêncio.

— O que você acha que aconteceu? Uma aposta? Algum tipo de competição?

— Talvez — disse Reacher. — Mas duvido. Para início de conversa, James Barr é velho demais para esse tipo de apostas. Isso é coisa de adolescente. E, ainda assim, teriam feito tudo do elevado. Gostariam de sobreviver para fazer de novo.

— Então, o que aconteceu?

— Algo completamente diferente. Algo real.

— Acha que devemos levar isso até Emerson?

— Não — disse Reacher.

— Acho que deveríamos.

— Há razões para que não façamos isso.

— Por exemplo?

— Emerson tem o melhor caso que já viu em suas mãos. Não vai querer mudar o jogo agora. Nenhum policial aceitaria.

— Então, o que devemos fazer?

— Devemos nos fazer três perguntas básicas — propôs Reacher. — Quem, como e por quê. Foi uma transação. Precisamos descobrir quem se beneficiou. Certamente não foi Barr.

— Quem foi que mandou aqueles caras atrás de você ontem à noite. Porque quem estava satisfeito com a maneira como as coisas aconteciam e não queria que alguém novo viesse atrapalhar.

— Correto — disse Reacher.

— Então preciso procurar essa pessoa.

— Acho que você não vai querer encontrá-lo.

— Por que não?

— Isso pode acabar matando o seu cliente — disse Reacher.

— Ele está no hospital, vigiado noite e dia.

— O seu cliente não é James Barr. É Rosemary Barr. Você precisa pensar no tipo de ameaça que levou James Barr a fazer o que fez. Ele arriscou prisão perpétua, no mínimo. E sabia disso de antemão. Então por que concordaria? Por que se submeteria a isso? Deve ter sido uma ameaça e tanto, Helen. E qual é a única coisa que Barr tem a perder? Sem esposa, sem filhos, sem família. Só a irmã.

Helen ficou em silêncio.

— Ele foi ordenado a ficar calado até o fim. Obviamente. Por isso quis que eu viesse. Foi uma espécie de comunicação em código. Porque o fantoche não podia falar sobre o mestre, nunca, porque a ameaça ainda está nas ruas. Creio que ele esteja trocando sua vida pela de sua irmã. O que dá a você um enorme problema. Se o mestre dos fantoches perceber que você anda mexendo uns pauzinhos, vai achar que o fantoche deu com a língua nos dentes. É por isso que você não pode ir até Emerson.

— Mas o fantoche não falou. Você descobriu tudo.

— Poderíamos até colocar um anúncio nos jornais. Acha que as pessoas acreditariam?

— Então o que devo fazer?

— Nada — disse Reacher. — Não há nada que você possa fazer, porque quanto mais você tentar ajudar, mais colocará a vida de Rosemary Barr em risco.

Helen Rodin ficou em silêncio por um longo tempo.

— Podemos protegê-la? — ela perguntou.

— Não — disse Reacher. — Não podemos. Somos apenas dois. Precisaríamos de quatro homens, no mínimo, e de uma casa segura. Isso custaria muito dinheiro.

Helen Rodin saiu de trás de sua mesa. Deu a volta e ficou de pé ao lado de Reacher, olhando para a rua. Pôs a mão na soleira da janela gentilmente, como uma pianista num teclado. Então se virou e encostou-se no vidro. Estava cheirosa. Uma fragrância simples, como de sabonete.

— Você poderia procurar o quem — disse ela.

— Poderia? — ele respondeu com a voz vazia. Ela concordou com a cabeça.

— Ele cometeu um erro. Deu a você um motivo que não está ligado a James Barr. Pelo menos não diretamente. Ele soltou aqueles caras em cima de você. Por isso você passa a ter um interesse

legítimo em encontrar o mandante. Um interesse independente. Você poderia ir atrás dele, e ele poderia não pensar que James Barr revelou algo.

— Não estou aqui para ajudar a defesa.

— Então encare como se estivesse ajudando a promotoria. Se há duas pessoas envolvidas, então essas duas pessoas merecem pagar pelo que fizeram. Por que deixar que o chantageado pague sozinho?

Reacher ficou em silêncio.

— Entenda isso como me ajudar — disse Helen.

Grigor Linsky digitou um número em seu celular.

— Estão de volta no escritório — ele disse. — Posso ver os dois na janela.

capítulo 6

Reacher subiu de elevador até o topo da torre de vidro e encontrou uma escada de manutenção que levava até o telhado. Saiu por uma gaiola triangular de metal próxima à caixa ¨d'água e ao maquinário do elevador. O telhado era de manta asfáltica coberta por pedras. Quinze andares, o que não era muito, se comparado com algumas cidades. Mas parecia o ponto mais alto de Indiana. Ele podia ver o rio ao sul. Ao sul e a oeste, podia ver onde a rodovia elevada se dividia. Andou na direção do canto noroeste, e o vento soprava forte em suas roupas. Diretamente abaixo, o elevado passava por detrás da biblioteca e da torre e corria para o leste. Longe dali, a rodovia estadual continuava ao norte e encontrava um trevo a cerca de 3km dali. Uma estrada longa e retilínea partia do trevo na direção dele. Ele memorizou essa posição, pois essa era a estrada que queria.

Reacher desceu até o lobby e saiu andando. No nível da rua, o ar estava quente e parado. Ele foi na direção noroeste, o que significava que passaria a um quarteirão de distância do *sports bar*. A estrada que queria entrava num ângulo raso ao sul e o desviava dali. Era reta e larga. Quatro pistas Próximo ao centro da cidade, tinha pequenos estabelecimentos bem deteriorados. Havia uma loja de armas com grades pesadas nas janelas. Um salão de barbeiro com uma placa: Qualquer Corte 7 dólares. Havia uma pousada antiga num lote que no passado provavelmente estivera nos arredores da cidade. Então havia um cruzamento e logo depois os lotes ficavam maiores e os prédios mais novos. Centro comercial. Sem aluguéis, nada para derrubar. Um dia terra batida, agora pavimentado.

Reacher continuou andando e, depois de quase 2km, passou por um *drive-thru* de *fast-food*. E então por uma loja de pneus. QUATRO

RADIAIS POR $99! Em seguida passou por uma franquia de lubrificação automotiva para pequenos carros coreanos. A MELHOR GARANTIA DA AMÉRICA! Olhou para a frente, pois deduziu que estava se aproximando.

Você é garota de programa?

De jeito nenhum. Trabalho na loja de autopeças.

Não *uma* loja de autopeças. *Na* loja de autopeças. Talvez a única ou pelo menos a principal. A maior. O que na maioria das cidades está sempre na mesma rua que as lojas de pneus, as revendedoras de carros e as oficinas. Em qualquer cidade, essa rua fica próxima a um trevo numa rodovia. Cidades pequenas são todas diferentes, mas também são sempre iguais.

Ele passou 10 minutos caminhando em frente a uma revendedora da Ford com milhares de picapes alinhadas lado a lado, as rodas da frente em rampas. Atrás delas, um gorila inflável gigante amarrado por cabos de aço decorados com penduricalhos. Atrás das caminhonetes novas estavam as usadas. Aceitas como pagamento, Reacher deduziu, esperando por novos donos. Atrás do lote de carros usados estava uma estrada de terra.

E então uma loja de autopeças.

Era uma franquia, uma construção longa e baixa, arrumada e limpa. Asfalto novo no perímetro, *splashes* anunciando promoções nas janelas.

Filtros de óleo baratos, acessórios baratos, pastilhas de freio com garantia, baterias. O estacionamento estava meio vazio. Havia Hondas batidos com escapamentos soltos, faróis azuis e pneus finos com rodas cromadas. Havia picapes com molas quebradas. Havia sedãs quase no final de vida útil. Havia dois carros solitários nas últimas vagas. Os carros dos funcionários, deduziu Reacher. Eles não podiam estacionar nas melhores vagas, mas queriam seus carros onde pudessem ver pela vitrine. Um era um Chevy de quatro cilindros, e o outro, uma pequena caminhonete Toyota. O Chevy

tinha adesivos de silhuetas de mulheres no para-lamas, o que fazia do Toyota o carro da garota ruiva. Essa fora a conclusão de Reacher.

Ele entrou. O ar-condicionado estava muito forte e a loja cheirava a produtos químicos. Havia cerca de meia dúzia de clientes perambulando, olhando. Na frente da loja estavam estantes cheias de mercadorias de vidro e de cromo. *Acessórios de enfeite*, pensou Reacher. Atrás estavam estantes com coisas em caixas de papelão vermelho. *Discos de embreagens, pastilhas de freio, mangueiras de radiador, coisas do tipo*, pensou. *Peças*. Ele nunca colocara peças em um carro. No Exército havia pessoas para fazer isso por ele, e desde que saíra de lá nunca mais tivera um carro.

Entre as coisas glamourosas e as entediantes estava uma área de serviço composta de quatro atendentes, um ao lado do outro. Havia máquinas registradoras, computadores e grossos manuais. Atrás de um dos computadores estava um rapaz alto de pouco mais de 20 anos. Ninguém que Reacher tenha visto antes. Não era um dos cinco que encontrara no bar. Apenas um rapaz. Parecia tomar conta do estabelecimento. Vestia um macacão vermelho. Um uniforme, deduziu Reacher, parte prático e parte indicativo do que um mecânico de Fórmula Indy usaria. Como um símbolo. Uma promessa implícita de atendimento rápido em qualquer assunto automotivo. O rapaz era o gerente, imaginou Reacher. Não era o dono da franquia. Não podia ser, pois dirigia um Chevy para o trabalho. Seu nome estava bordado do lado esquerdo do peito: Gary. De perto ele parecia apático e de pouca serventia.

— Preciso falar com Sandy — disse Reacher. — A menina de cabelo vermelho.

— Ela está lá dentro agora — disse o tal do Gary.

— Será que eu vou ter que ir lá ou você vai chamá-la para mim?

— Qual o assunto?

— Particular.

— Ela está trabalhando.

— É um assunto jurídico.

— Você não é da polícia.

— Estou trabalhando com um advogado.

— Preciso ver alguma identificação.

— Não, Gary, não precisa. Você precisa ir chamar a Sandy.

— Não posso. Estou com poucos funcionários hoje.

— Você pode chamá-la pelo interfone. Ou pelo pager.

O rapaz chamado Gary ficou ali parado. Não fez nada. Reacher deu de ombros e passou pelas atendentes em direção a uma porta com uma placa: Entrada Proibida. Seria um escritório ou um refeitório, deduziu. Não um almoxarifado. Num lugar como aquele, os produtos eram descarregados diretamente nas prateleiras. Sem um estoque escondido. Reacher sabia como as modernas lojas de varejo funcionavam. Ele lia os jornais que as pessoas deixavam para trás em ônibus e mesas de restaurantes.

Era um escritório pequeno, talvez 9m2, dominado por uma mesa branca enorme com marcas de mãos sujas de graxa por toda a parte. Sandy estava sentada atrás dessa mesa, também de macacão vermelho. O dela parecia muito melhor do que o de Gary. Estava apertado na cintura por um cinto. O zíper aberto cerca de 20cm. Seu nome bordado do lado esquerdo do peito, mais proeminente do que o de Gary. Reacher concluiu que, se fosse o dono da franquia, colocaria Sandy trabalhando como atendente e Gary no escritório, sem dúvida.

— Nos encontramos de novo — ele disse.

Sandy ficou em silêncio. Apenas olhou para ele. Ela trabalhava com faturas. Havia uma pilha na frente dela à esquerda e outra à direita.

Outra pilha estava em sua mão, congelada no ar na viagem de uma pilha para outra. Ela parecia menor do que Reacher lembrava, mais quieta, menos espevitada, mais apática, murcha.

— Precisamos conversar — disse ele. — Não precisamos?

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse ela.

— Não peça desculpas. Não fiquei ofendido. Só queria o por quê

— Não sei.

— Sabe sim, Sandy. Você estava lá.

Ela não disse nada. Apenas colocou as faturas na pilha à sua direita e usou os dedos para alinhá-las no lugar.

— Quem armou a palhaçada? — perguntou Reacher.

— Não sei.

— Você deve conhecer quem lhe pediu aquele favorzinho.

— Jeb — ela disse.

— Jeb do quê?

— Jeb Oliver — disse ela. — Trabalha aqui. Saímos juntos às vezes.

— Ele está?

— Não, ele faltou hoje.

Reacher balançou a cabeça. O rapaz chamado Gary dissera: Estou com poucos funcionários hoje.

— Você o viu novamente ontem à noite? Depois da briga?

— Não, fui embora correndo.

— Onde ele mora?

— Não sei. Acho que com a mãe dele em algum lugar. Não o conheço tão bem assim.

— O que ele te pediu?

— Pra eu ajudar com uma coisa que ele precisava fazer.

— Uma brincadeira?

— Qualquer coisa é diversão numa segunda à noite nesta cidade. Ver o circo pegar fogo parece divertido.

— Quanto ele te pagou? Sandy não respondeu.

— Ninguém faz algo daquele tipo de graça — afirmou Reacher.

— Cem dólares — disse ela.

— E os outros quatro?

— A mesma coisa.

— Quem eram eles?

— Amigos do Jeb.

— De quem era o plano? A história dos irmãos?

— Foi ideia do Jeb. Era para você dar em cima de mim. Só que você não fez nada.

— Você é boa atriz.

Ela abriu um sorriso triste, como se aquilo fosse um pequeno sucesso numa vida com muito poucos sucessos.

— Como você soube onde me encontrar? — perguntou Reacher.

— Estávamos na caminhonete do Jeb. Vagando pela cidade. Esperando. E então alguém ligou para o celular dele avisando.

— Quem ligou?

— Não sei.

— Os amigos dele saberiam?

— Acho que não. Jeb gosta de saber de coisas que ninguém sabe.

— Pode me emprestar o seu carro?

— O meu carro?

— Preciso encontrar Jeb.

— Não sei onde ele mora.

— Deixe essa parte comigo. Mas preciso do carro.

— Não sei.

— Tenho idade suficiente para dirigir — disse Reacher. — Sou velho o suficiente para fazer várias coisas. E sou muito bom em algumas delas.

Ela abriu o mesmo sorriso de novo, pois ele usava as mesmas frases que ela na noite passada. Ela desviou o olhar e em seguida o encarou novamente, tímida, mas curiosa.

— Eu fui convincente? — ela perguntou. — Ontem à noite, com a minha atuação?

— Você foi ótima — disse ele. — Estava preocupado com um assunto, do contrário teria desistido do futebol num segundo.

— Por quanto tempo vai precisar do meu carro?

— Qual o tamanho desta cidade?

— Pequena.

— Então não vou precisar de muito tempo.

— Isso é muito sério?

— Você ganhou 100 dólares. Os outros quatro caras também. Imagino que Jeb tenha ficado com 500. Então alguém pagou 1.000 dólares para me mandar pro hospital. Isso é um tanto quanto sério. Pelo menos para mim.

— Estou arrependida de ter me envolvido.

— Ficou tudo bem.

— Estou numa enrascada?

— Talvez — disse Reacher. — Mas talvez não. Podemos negociar. Você me empresta o carro e eu me esqueço de você.

— Promete?

— Sem mortos, sem polícia — disse Reacher.

Ela se abaixou e pegou sua bolsa do chão. Vasculhou-a e encontrou as chaves.

— É um Toyota — disse ela.

— Eu sei — disse Reacher. — No final do corredor, próximo ao Chevy do Gary.

— Como você sabe?

— Intuição — disse ele.

Ele pegou as chaves e fechou a porta, saindo na direção dos atendentes. Gary registrava a compra de um rapaz. Reacher esperou na fila. Chegou ao Gary em cerca de dois minutos.

— Preciso do endereço de Jeb Oliver — disse ele.

— Por quê? — Gary quis saber.

— Assunto jurídico.

— Preciso ver algum documento.

— Houve uma conspiração criminosa partindo de sua loja. Se eu fosse você, quanto menos soubesse, melhor.

— Quero ver algo.

— Que tal o interior de uma ambulância? É a próxima coisa que verá, Gary, a menos que me dê o endereço de Jeb Oliver.

O rapaz parou por um instante. Olhou por trás de Reacher, na fila que já se formava. Aparentemente, decidiu que não queria começar uma briga que não poderia vencer, na frente de todas aquelas pessoas. Então abriu uma gaveta, pegou um arquivo e copiou um endereço num pedaço de papel rasgado de um bloco de notas fornecido por um fabricante de filtros de óleo.

— Ao norte — disse ele. — Cerca de oito quilômetros daqui.

— Obrigado — disse Reacher ao pegar o pedaço de papel.

A Toyota da ruiva pegou no primeiro girar da chave. Reacher deixou o motor ligado e ajustou o banco e o retrovisor. Travou o cinto e colocou o pedaço de papel no painel do carro. Isso significava que ele não podia ver o tacômetro, mas não estava muito interessado na informação que ele poderia lhe dar. A única coisa com que se preocupava era com a gasolina que havia no tanque, e parecia ter mais do que o suficiente para 8km para ir e o mesmo para voltar.

O endereço de Jeb Oliver era nada mais do que um número de uma casa numa estrada rural. Mais fácil de encontrar do que uma rua com nome, como Rua João ou Avenida Maria. Pela experiência de Reacher, algumas cidades tinham mais ruas com nomes de pessoas do que pessoas propriamente ditas.

Ele saiu do estacionamento e foi para o norte, na direção do trevo. Leste e em seguida norte. A pequena caminhonete andava bem. Era um pouco alta demais para a sua largura, o que a fazia parecer que tombaria numa curva. Mas não tombou. Tinha um motor pequeno que trabalhava duro. O interior tinha cheiro de perfume.

A parte leste-oeste da junção era uma espécie de estrada rural principal. Mas depois de virar no sentido norte, o asfalto se estreitou e o acostamento virou mato. Havia plantações dos dois lados da pista. Uma espécie de lavoura de inverno estava plantada em

círculos. Equipamentos de irrigação giravam lentamente. Os cantos onde a água não chegava não continham plantas, apenas pedras. Círculos sobrepostos em quadrados desperdiçavam mais de 20% de cada acre, mas Reacher deduziu que isso ainda fosse um bom negócio em áreas com abundância de terras e falta de equipamentos de irrigação.

Ele dirigiu por mais 6km pelas plantações e passou por várias estradinhas que terminaram com caixas de correio. As caixas tinham números pintados e as estradas levavam a casas de fazenda para o leste e para o oeste, a cerca de 100m do início das estradas. Ele olhava para os números e reduziu a velocidade antes de chegar ao lugar onde Oliver morava. Havia uma caixa de correio como em todas as outras localidades, num poste de concreto. O número era pintado com tinta branca numa placa de madeira amarrada ao concreto com um pedaço de arame. A estrada era estreita, tinha duas marcas fundas de pneus cheias de lama e no meio um monte de grama. Marcas novas, largas e agressivas, de uma caminhonete grande. Não era o tipo de pneu que se comprava por 99 dólares.

Reacher entrou na estrada e seguiu em frente. No final da estrada, viu uma casa simples com um celeiro nos fundos e uma caminhonete vermelha e limpa estacionada ao lado. Reacher pôde notar a enorme grade cromada do radiador. Uma Dodge Ram, deduziu. Estacionou na frente dela e desceu do carro. A casa e o celeiro deviam ter cerca de uns 100 anos, e a caminhonete parecia ter sido comprada no mês passado. Tinha cabine dupla, motor V8, tração 4x4 e rodas enormes. Certamente custava mais do que a casa, que estava em péssimas condições. O celeiro não parecia melhor, mas tinha fechaduras de ferro novas nas portas, bem como um cadeado.

Não havia barulho, exceto pelo som de chuva, que vinha dos dispositivos de irrigação. Sem atividades em lugar algum. Sem tráfego na estrada. Sem cachorros latindo. O ar estava parado e

repleto de um cheiro de fertilizantes e de terra. Reacher andou até a porta da frente e bateu duas vezes com a mão aberta. Sem resposta. Tentou de novo. Sem resposta. Andou até a parte de trás da casa e encontrou uma mulher sentada numa cadeira de balanço na varanda. Era uma mulher magra e de pele áspera com um vestido estampado desbotado, segurando uma garrafa de meio litro repleta com um líquido dourado. Ela tinha cerca de 50 anos, mas parecia ter 70 ou 40 se tomasse um banho e tivesse uma boa noite de sono. Estava sentada sobre a perna dobrada e com o pé livre balançava a cadeira para a frente e para trás. Estava descalça.

— O que você quer? — ela perguntou.

— Jeb — disse Reacher.

— Não está aqui.

— Ele também não está no trabalho.

— Eu sei disso.

— Então onde está?

— Como é que eu vou saber?

— A senhora é a mãe dele?

— Sou sim. Acha que estou escondendo ele aqui? Vá em frente e procure.

Reacher ficou em silêncio. A mulher olhava para ele e balançava a cadeira para a frente e para trás. A garrafa repousava confortavelmente no colo dela.

— Eu insisto — disse ela. — De verdade. Procura pela droga da casa.

— Acredito na senhora.

— E por que acreditaria?

— Porque, se me convida para procurar por ele na casa, significa que não está aqui.

— Como eu disse. Ele não está aqui.

— E no celeiro?

— Está trancado pelo lado de fora. Só existe uma chave, e está com ele.

Reacher ficou em silêncio.

— Ele foi embora — disse a mulher. — Desapareceu.

— Desapareceu?

— Temporariamente, espero.

— Essa é a caminhonete dele?

A mulher balançou a cabeça e deu um pequeno gole na bebida em sua garrafa.

— Então ele foi a pé? — perguntou Reacher.

— Um amigo veio buscá-lo.

— Quando?

— Ontem, tarde da noite.

— E para onde foram?

— Não faço ideia.

— Dá um chute.

A mulher deu de ombros, balançou e bebeu.

— Longe, imagino — disse ela. — Ele tem amigos de toda parte. Califórnia, talvez. Ou Arizona. Ou Texas. Ou México.

— Essa viagem foi planejada? — perguntou Reacher.

A mulher limpou a boca da garrafa na bainha do vestido e ofereceu-a a Reacher. Ele balançou a cabeça e sentou-se no degrau da varanda. A madeira velha rangiu com o seu peso. A cadeira continuava a balançar para a frente e para trás. Era quase silenciosa. Quase, mas não completamente. Havia um pequeno som do mecanismo no final de cada balanço e um pequeno ranger do assoalho da varanda. Reacher podia sentir o cheiro de mofo das almofadas e do uísque da garrafa.

— Para ser franca contigo, quem quer que você seja — disse a mulher —, Jeb chegou em casa ontem à noite cambaleando. Com o nariz todo arrebentado. E creio que você foi o responsável.

— Por quê?

— Quem mais viria procurar por ele? Creio que ele tenha começado algo que não pôde terminar.

Reacher ficou em silêncio.

— Então ele fugiu — disse a mulher. — Aquele covarde.

— Ele ligou para alguém na noite passada? Ou foi alguém que ligou para ele?

— Como vou saber? Ele faz mil ligações num dia, atende outras mil. O celular dele é a coisa mais importante em sua vida. Depois da caminhonete.

— A senhora viu quem o pegou ontem?

— Um rapaz num carro. Esperou na estrada. Não quis pegar a estrada de terra. Não vi muita coisa. Estava escuro. Luz branca na frente, vermelhas atrás, mas todo carro é assim.

Reacher concordou com a cabeça. Ele vira apenas um tipo de marca de pneus na lama, da caminhonete. O carro que esperou na estrada era, provavelmente, um sedã, rebaixado demais para pegar a estrada de terra.

— Ele disse quanto tempo ficaria fora? A mulher apenas balançou a cabeça.

— Ele estava assustado com alguma coisa?

— Estava meio abatido. Murcho. Murcho. Como a ruiva na loja de autopeças.

— OK — disse Reacher. — Obrigado.

— Você já vai?

— Sim — disse Reacher. Ele andou de volta para o carro, ouvindo o som da cadeira de balanço e dos dispositivos de irrigação. Ele saiu de ré com o Toyota até a estrada, girou o volante e partiu na direção sul.

Reacher estacionou o Toyota ao lado do Chevy e caminhou na direção da loja. Gary ainda estava trabalhando. Reacher o ignorou e foi direto ao escritório. A garota de cabelos vermelhos continuava atrás de sua mesa. Estava quase no final das faturas. A pilha à sua

direita estava alta e a da esquerda tinha apenas mais uma fatura. Ela não estava fazendo nada, apenas recostava em sua cadeira, sem vontade de terminar sua tarefa, sem vontade de voltar a atender o público. Ou Gary. Reacher pôs as chaves do carro na mesa dela.

— Obrigado por me emprestar o carro — agradeceu.

— Encontrou ele? — ela perguntou.

— Não, sumiu.

Ela ficou em silêncio.

— Você parece cansada — disse Reacher. Ela continuou em silêncio.

— Parece estar sem energia. Sem brilho. Sem ânimo. — E daí?

— Na noite passada você parecia uma espoleta.

— Estou trabalhando.

— E ontem também. Estava sendo paga.

— Você disse que esqueceria tudo isso.

— Esquecerei. Tenha uma ótima vida, Sandy. Ela olhou para ele por um minuto.

— Você também, Jimmy Reese — disse ela.

Ele se virou, saiu da sala, fechou a porta e deixou a loja. Começou a caminhar de volta para o centro da cidade.

Havia quatro pessoas no escritório de Helen Rodin quando ele chegou. Helen e três estranhos. Um deles era um rapaz num terno caro. Sentava-se na cadeira de Helen, à sua mesa. Ela, de pé ao lado dele, com a cabeça abaixada, falava. Algum tipo de reunião urgente. Os outros dois estranhos estavam de pé, próximos à janela, como se estivessem esperando, como se fossem os próximos da fila. Um era um homem, o outro, uma mulher. A mulher tinha cabelos longos e castanhos, e usava óculos. O homem não tinha cabelos e nem óculos. Ambos estavam vestidos com roupas informais. Ambos tinham seus nomes impressos em broches na camisa. O broche da mulher dizia Mary Mason seguido de abreviações. O do homem dizia Warren Niebuhr, com o mesmo conjunto de letras. Médicos, Reacher

deduziu, provavelmente psiquiatras. Os broches com os nomes faziam-nos parecer terem sido arrastados de um salão de convenções. Mas eles não pareciam incomodados com isso. Helen levantou a cabeça.

— Pessoal, este é Jack Reacher — disse ela. — O meu investigador desistiu e o sr. Reacher assumiu.

Essa é boa, pensou Reacher. Mas não disse nada. Em seguida, Helen apontou para o rapaz na cadeira, com orgulho.

— Este é Alan Danuta — disse ela. — É um advogado especializado em questões de veteranos de guerra. De Washington D.C. Provavelmente o melhor que há nessa área.

— Você chegou rápido — disse Reacher.

— Não teve outro jeito — respondeu o rapaz. — Hoje é um dia crítico para o sr. Barr.

— Estamos todos indo para o hospital — informou Helen. — Os médicos dizem que ele está pronto para nos receber. Estava torcendo para Alan poder resolver por telefone, ou por e-mail, mas ele pegou um avião até aqui.

— Assim é mais fácil para mim — disse Danuta.

— Não, tive sorte — disse Helen. — E mais sorte ainda por estar havendo uma convenção de psiquiatria em Bloomington durante toda esta semana. A dra. Mason e o dr. Niebuhr vieram correndo.

— Sou especializada em perda de memória — disse a dra. Mason.

— E eu em coerção — disse o dr. Niebuhr. — Assuntos ligados a mentes criminosas e coisas do tipo.

— Então esse é o time — disse Helen.

— E a irmã dele? — perguntou Reacher.

— Já está lá com ele.

— Precisamos conversar.

— Em particular?

— Só por um instante.

Ela fez uma expressão de com licença para os outros e guiou Reacher para a outra sala.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou ela.

— A mocinha e os quatro amigos foram contratados por um outro amigo deles, chamado Jeb Oliver. Pagou 100 dólares a cada um. Imagino que ele tenha ficado com os outros 500. Fui até a casa dele, mas ele sumiu.

— Para onde?

— Ninguém sabe. Alguém num carro o pegou.

— Quem é ele?

— Trabalha na loja com a mocinha. Mas também é um traficante pé de chinelo.

— É mesmo?

Reacher balançou a cabeça.

— Ele tem um celeiro nos fundos da casa com um cadeado enorme. Talvez seja um laboratório de fabricação de metanfetamina, talvez um depósito. Ele passa bastante tempo no telefone. Tem uma caminhonete que custa o dobro do que um balconista de loja ganha num ano inteiro de trabalho. E vive com a mãe.

— E o que isso prova?

— Traficantes são mais inclinados a viver com suas mães do que a maioria das pessoas. Li isso no jornal.

— Por quê?

— Normalmente têm pequenos crimes nas costas. Não passam na averiguação de antecedentes que os proprietários de imóveis fazem para os potenciais inquilinos.

Helen ficou em silêncio.

— Estavam todos drogados ontem à noite — disse Reacher. — Todos os seis. Metanfetamina provavelmente, a julgar pelo estado da mocinha hoje. Estava diferente. Deprimida, como se tivesse uma ressaca de estimulantes.

— Estavam drogados? Então você teve sorte. Reacher balançou a cabeça.

— Pra brigar comigo, a melhor escolha seriam umas aspirinas.

— E aonde isso nos leva?

— Veja pelo ponto de vista de Jeb Oliver. Ele estava fazendo algo para alguém. Parte trabalho, parte favor. Valia 1.000 dólares. Tinha que ser para alguém numa posição mais alta em suas várias cadeias alimentares. E, provavelmente, não foi para o gerente da loja de autopeças.

— Então você acha que James Barr estava envolvido com um traficante de drogas?

— Não necessariamente envolvido. Mas talvez coagido por alguma razão que desconhecemos.

— Isso aumenta nossas chances — disse Helen.

— Um pouco — disse Reacher.

— O que devemos fazer?

— Devemos ir até o hospital. Veremos se a dra. Mason descobre se Barr está fingindo a amnésia. Se estiver, então o caminho mais rápido para descobrir tudo isso é sacudi-lo até que ele nos conte a verdade.

— E se ele não estiver fingindo?

— Então há outras maneiras.

— Como o quê?

— Mais tarde — disse Reacher. — Vamos primeiro ouvir o que o psiquiatra tem a dizer.

Helen Rodin dirigiu até o hospital em seu Saturn com o advogado Alan Danuta ao lado no banco da frente e Reacher esparramado no banco de trás. Mason e Niebuhr seguiram-na no Taurus que haviam alugado de manhã em Bloomington. Os dois carros pararam lado a lado no estacionamento de visitantes e os cinco desceram, encaminhando-se então para a entrada principal do prédio.

Grigor Linsky observou-os enquanto caminhavam. Estava a quinze metros deles no estacionamento, no Cadillac que a mãe de Oliver vira no escuro na noite passada. Ele manteve o carro ligado e pegou o celular. O Zec atendeu no primeiro toque:

— Sim?

— O soldado é muito bom — disse Linsky. — Já esteve na casa do rapaz.

— E?

— Nada. O rapaz não está mais lá.

— Onde ele está?

— Distribuído.

— Especificamente?

— Cabeça e braços no rio. O resto está a sete metros de rocha triturada na nova pista da Rua 1.

— O que está acontecendo agora?

— O soldado e a advogada estão no hospital. Com três outros. Outro advogado e dois médicos, eu acho. Advogado especialista e testemunhas qualificadas, imagino.

— Estamos tranquilos?

— Temos que estar. Eles têm que tentar. O sistema é assim aqui, você sabe. Mas não conseguirão.

— Certifique-se de que não consigam — disse o Zec.



O hospital ficava nos arredores da cidade e por isso era relativamente espaçoso. Certamente não houvera problemas imobiliários. Apenas restrições orçamentárias do condado, deduziu Reacher, que limitaram o prédio a apenas seis andares feitos de concreto. O concreto era pintado de branco por dentro e por fora do prédio, e os andares eram baixos. Mas apesar disso o local parecia

como qualquer outro hospital. E cheirava como qualquer outro hospital. Putrefação, desinfetante, doença. Reacher não gostava muito de hospitais. Ele seguia os outros quatro por um corredor que dava num elevador. Os dois psiquiatras iam na frente. Pareciam se sentir em casa. Helen Rodin e Alan Danuta iam logo atrás, lado a lado, conversando. Os psiquiatras chegaram no elevador e Niebuhr apertou o botão. A pequena coluna de pessoas se aglutinou atrás dele. Em seguida, Helen Rodin virou-se e parou Reacher antes que ele alcançasse os outros. Aproximou-se e falou baixinho: — O nome Eileen Hutton significa algo para você?

— Por quê?

— Meu pai enviou uma nova lista de testemunhas. Acrescentou esse nome.

Reacher ficou em silêncio.

— Ela parece ser do Exército — disse Helen. — Você a conhece?

— Eu deveria conhecê-la?

Helen chegou ainda mais perto e ficou de costas para os outros.

— Preciso saber o que ela sabe — disse ela.

Isso poderia complicar as coisas, Reacher pensou.

— Ela era a promotora — disse ele.

— Quando? Quatorze anos atrás?

— Sim.

— Então, até onde ela sabe?

— Creio que esteja no Pentágono agora.

— Até onde ela sabe, Reacher? Ele desviou o olhar.

— Ela sabe de tudo — disse ele.

— Como? Você nem chegou perto de um tribunal.

— Mesmo assim.

— Como?

— Porque eu tive um caso com ela. Ela olhou-o fixamente.

— Diga-me que está brincando.

— Não estou.

— Você disse tudo a ela?

— Tínhamos um relacionamento. Naturalmente, disse tudo a ela. Estávamos do mesmo lado.

— Dois solitários no deserto.

— Algo de bom estava acontecendo entre nós. Três ótimos meses. Era uma ótima pessoa. Ainda é, provavelmente. Eu gostava muito dela.

— Isso é mais do que preciso saber, Reacher. Ele não disse nada.

— Por essa eu não esperava — disse Helen.

— Ela não poderá usar minhas informações. Nem eu mesmo poderei. É um caso arquivado e ela ainda é militar.

Helen ouviu em silêncio.

— Acredite — disse Reacher.

— Então por que ela está nessa droga de lista?

— Culpa minha — disse Reacher. — Mencionei o Pentágono para o seu pai. Quando quis entender de onde ele tirara o meu nome. Ele deve ter somado dois e dois. Achei que fosse fazer isso.

— Está acabado antes mesmo de começar, se ela abrir a boca.

— Ela não pode.

— Talvez possa. Talvez irá falar. Quem sabe o que passa na cabeça de um militar?

A campainha do elevador tocou e a pequena multidão se agrupou próximo à porta.

— Você vai ter que falar com ela — disse Helen. — Ela virá aqui para um depoimento. Você terá que descobrir o que ela vai dizer.

— Provavelmente já é general de uma estrela. Não posso fazê-la me dizer mais nada.

— Encontre um jeito — disse Helen. — Explore antigas lembranças.

— Talvez eu não queira. Ainda estamos no mesmo lado, lembre-se disso. No que diz respeito ao Especialista E-4 James Barr.

Helen Rodin virou-se e entrou no elevador.

O elevador parou no sexto andar, num lobby de paredes brancas de concreto com uma porta de aço e vidro que levava a uma antessala de segurança. Além disso, Reacher pôde ver placas indicando um CTI e duas áreas de isolamento, uma para homens e outra para mulheres, duas enfermarias genéricas e uma maternidade. Reacher deduziu que todo o sexto andar era mantido pelo estado. Não era um local agradável. Era a mistura perfeita de hospital e prisão, e nenhum dos dois era agradável.

Um rapaz com o uniforme do Departamento Penal encontrou-os na recepção. Todos passaram por uma revista e assinaram um termo de responsabilidade. Em seguida, um médico apareceu e guiou-os até uma pequena sala de espera. O médico parecia cansado, uns 30 anos de idade, e a sala de espera tinha cadeiras feitas de aço tubular e vinil verde. Pareciam ter sido arrancadas de um Chevrolet da década de 50.

— Barr está acordado e razoavelmente lúcido — informou o médico. — Consideramos estável, mas isso não quer dizer que seja um homem são. Então, hoje estamos restringindo as visitas para o máximo de duas pessoas por vez, e queremos que sejam o mais breve possível.

Reacher viu Helen Rodin sorrir e sabia por quê. Os policiais iam querer entrar em pares, e dessa forma a presença de Helen como advogada de defesa elevaria esse número para três. O que significava que as restrições médicas proporcionariam um dia inteiro de visitas só para a defesa.

— A irmã está lá neste momento — disse o médico. — Ela prefere que vocês esperem aqui fora até eles terminarem.

O médico deixou-os ali e Helen disse:

— Vou primeiro, sozinha. Preciso me apresentar a ele e ter o consentimento dessa representação. E então a dra. Mason entraria, eu acho. Decidiremos o que fazer depois com base nas conclusões dela.

Ela falou rápido. Reacher se deu conta de que ela estava um tanto quanto nervosa. Tensa. Todos estavam, menos ele. Nenhum deles, a não ser Reacher, que conhecia James Barr pessoalmente. Barr se tornara um destino desconhecido para cada um deles, de modos diferentes. Ele era o cliente de Helen, ainda que fosse indesejável. Era um objeto de estudo para Mason e Niebuhr. Talvez assunto de futuras publicações acadêmicas, talvez motivo de fama e reputação. Talvez ele fosse uma condição médica aguardando um nome. Síndrome de Barr. O mesmo para Alan Danuta. Talvez para ele a coisa toda fosse um precedente esperando para ser questionado na Suprema Corte. Um capítulo de um livro didático. Uma aula de direito. O Estado de Indiana versus Barr. Barr versus Estados Unidos da América. Todos investiam num homem que nem ao menos conheciam pessoalmente.

Eles se sentaram nas cadeiras de vinil e se acomodaram. A pequena sala era silenciosa e cheirava a cloro. Não havia som algum, exceto o barulho distante de água nas tubulações e o pulsar eletrônico distante de uma máquina num outro quarto. Ninguém falava nada, mas todos pareciam saber que estavam prestes a ter que esperar um bom tempo. Não fazia sentido ficarem impacientes agora. Reacher sentou-se de frente para Mary Mason e olhava para ela. Era relativamente jovem para uma especialista. Parecia calorosa e de mente aberta. Escolhera armações grandes para os seus óculos para que seus olhos pudessem ser vistos sem dificuldade. Seus olhos demonstravam suas características: agradável, convidativa e confiante. Quanto disso eram boas maneiras e quanto era real Reacher não sabia.

— Como você faz isso? — Reacher perguntou a ela.

— A avaliação? — perguntou. — Começo acreditando que é mais provável que não esteja mentindo. Uma lesão cerebral grave é suficiente para deixar o paciente em coma por dois dias e quase sempre produz amnésia. Esses dados foram definidos há muito

tempo. Então, apenas presto atenção no paciente. Pessoas com amnésia são muito perturbadas por essa condição. Ficam desorientadas e assustadas. Dá para ver que estão tentando lembrar. Elas querem lembrar. Fingidores agem de outra maneira. Dá para perceber quando evitam as perguntas importantes. Desviam o olhar dessas perguntas mentalmente, e às vezes fisicamente. Normalmente dá para notar pela linguagem corporal.

— Um tanto quanto subjetivo — disse Reacher. Mason concordou com a cabeça.

— É basicamente subjetivo. É muito difícil provar um negativo. Pode-se usar uma tomografia para mostrar atividade cerebral diferenciada, mas o que as tomografias significam ainda é subjetivo. Hipnose geralmente ajuda, mas os tribunais têm um certo medo disso. Então, sim. Estou no ramo de opiniões, nada mais.

— Quem a promotoria contrata?

— Alguém exatamente como eu. Já trabalhei nos dois lados da cerca.

— Então é o que ela disse, o que ele disse? Mason concordou com a cabeça de novo.

— Normalmente, o que define é a quantidade de letras que temos depois de nossos nomes. Isso é o que impressiona os jurados.

— Você tem muitas?

— Mais do que a maioria das pessoas — disse Mason.

— Quanto tempo ele pode ter esquecido?

— No mínimo, vários dias. Se o trauma aconteceu no sábado, ficaria surpresa se ele lembrasse alguma coisa que aconteceu depois de quarta-feira. Antes disso, tem também quase um mesmo período em que ele se lembrará de umas coisas e não de outras. Mas isso é o mínimo. Já vi casos em que meses ficaram perdidos, às vezes depois de concussões e não de comas.

— Alguma coisa pode voltar?

— Do período inicial de esquecimento, possivelmente. Ele pode ser capaz de retroceder até a última coisa que se lembra, através dos dias anteriores. Pode ser capaz de se lembrar de alguns acontecimentos prévios. Agora, para a frente, ele estará muito mais limitado. Se se lembrar de seu último almoço, pode ser que se lembre do jantar. Se ele se lembrar de ter ido ao cinema, talvez se lembre de ter dirigido de volta para casa. Mas haverá uma barreira intransponível em algum ponto. Normalmente, é quando ele finalmente dormiu, no último dia de que se lembra.

— Ele se lembrará de 14 anos atrás? Mason balançou a cabeça concordando.

— A memória de longo prazo deve estar intocada. Pessoas diferentes parecem ter definições internas de longo prazo, porque parece haver uma migração química de uma parte do cérebro para outra e não existem dois cérebros iguais. A biologia física não é bem compreendida. As pessoas gostam de usar metáforas de informática hoje em dia, mas isso é errado. Não se trata de discos rígidos e memória RAM. O cérebro é completamente orgânico. É como jogar um saco de maçãs escada abaixo. Algumas amassam, outras não. Mas eu diria que 14 anos contam como longo prazo para quase todo mundo.

A sala de espera ficou silenciosa. Reacher ouvia o pulsar eletrônico a distância. Era um ritmo sinusal, deduziu, vindo de um aparelho que estava ou monitorando os batimentos de um coração ou os gerando. Funcionava a 70 batimentos por segundo. Era um som calmante. Ele gostava disso. E então Rosemary Barr saiu do quarto. Estava de banho tomado e com os cabelos penteados, parecia mais magra, exausta e com uma cara de quem não dormia bem há algumas noites, além de parecer 10 anos mais velha do que Aparentava na véspera. Ela parou por um instante e olhou para a direita e para a esquerda. Em seguida andou até a sala de espera. Helen Rodin se levantou e foi ao encontro dela. Elas pararam e

conversaram em voz baixa por um instante. Reacher não pôde ouvir a conversa. Um relatório mútuo sobre o andamento das coisas, ele deduziu, primeiro médico, e depois legal. Em seguida, Helen levou Rosemary até o grupo. Rosemary olhou para os dois médicos, para Alan Danuta e para Reacher. Ficou em silêncio. Logo depois, saiu andando na direção da recepção e não olhou para trás.

— Evitação — disse Niebuhr. — Estamos todos aqui para vasculhar a vida do irmão fisicamente, mentalmente, legalmente e até mesmo metaforicamente. Isso é invasivo e desagradável. E reconhecer-nos significa reconhecer o perigo que seu irmão está correndo.

— Talvez esteja apenas cansada — disse Reacher.

— Entrarei agora para vê-lo — disse Helen.

Ela voltou para o corredor e entrou no quarto de onde Rosemary saíra. Reacher fitou-a até que a porta se fechasse. E então olhou para Niebuhr.

— Já viu esse tipo de coisa antes? — ele perguntou.

— Coerção? Você já viu isso antes?

Reacher sorriu. Todo psiquiatra que já conhecera gostava de responder a perguntas com outras perguntas. Talvez tenham aprendido a fazer isso logo no primeiro dia na faculdade.

— Já vi muito disso — ele respondeu.

— E?

— Normalmente haveria mais evidências de uma ameaça real.

— Uma ameaça contra a irmã não é real? Você formulou essa hipótese sozinho, imagino.

— Ela não foi sequestrada. Não está em cárcere privado. Ele poderia tê-la escondido num lugar seguro. Ou simplesmente dito a ela para sair da cidade.

— Exatamente — disse Niebuhr. — Só podemos concluir que ele foi aconselhado a não fazer nada disso. Certamente foi aconselhado a deixá-la exposta, sem saber de nada e vulnerável. Isso demonstra o

poder da coerção ao qual foi submetido. E demonstra a ele também. Demonstra a de sua fraqueza em face das ameaças. Ele devia estar vivendo apavorado e sem ter o que fazer, ao mesmo tempo que vivia culpado por sua obediência.

— Você já viu um homem são ter tanto medo a ponto de fazer o que ele fez?

— Já — disse Niebuhr.

— Eu também — disse Reacher. — Umas duas vezes.

— Quem o ameaçou deve ser um monstro. Mesmo assim, eu não ficaria surpreso de descobrir outros fatores presentes, atuando como reforços e como multiplicadores. Provavelmente um relacionamento recente, algum tipo de vício, uma paixão, um desejo de agradar, de impressionar, de ser valorizado e amado.

— Uma mulher?

— Não, não se matam pessoas para impressionar uma mulher. Isso, normalmente, tem o efeito oposto. Nesse caso seria um homem. Sedutor, mas não de natureza sexual. Convincente de algum modo.

— Um homem alfa e um homem beta.

— Exatamente — disse Niebuhr. — Com qualquer relutância sendo resolvida com a ameaça à irmã. É bem possível que o sr. Barr nunca tenha tido certeza se a ameaça era ou não real. Mas preferiu não pagar para ver. A motivação humana é muito complexa. A maioria das pessoas não sabe por que faz as coisas.

— Isso é verdade.

— Você sabe?

— Às vezes — disse Reacher. — Outras vezes não faço a menor ideia. Talvez você pudesse me dizer.

— Eu normalmente custo caro. É por isso que posso me dar ao luxo de fazer isso de graça.

— Talvez eu até pudesse lhe pagar 5 dólares por semana, como um aluguel.

Niebuhr sorriu, incerto sobre as intenções de Reacher.

— Não — disse ele. — Acho que não.

A sala de espera ficou em silêncio de novo e assim permaneceu por 10 longos minutos. Danuta esticou as pernas e mexeu em alguns documentos dentro de uma maleta que equilibrava nos joelhos. Mason mantinha os olhos fechados e podia estar dormindo. Niebuhr olhava para o nada. Os três já estavam acostumados a esperar, sem dúvida. Assim como Reacher. Ele fora policial do Exército por 13 anos e Apresse-se e Espere era o verdadeiro lema da PE, e não Assistir, Proteger e Defender.

Ele focalizou a atenção nos batimentos eletrônicos distantes e assim passou o tempo.

Grigor Linsky virou o carro e ficou de olho na porta do hospital pelo espelho retrovisor. Apostou consigo mesmo que nada aconteceria por pelo menos 60 minutos. Pelo menos 60, mas não mais que 90. Em seguida ensaiou uma ordem de prioridade no caso deles não saírem juntos. Quem deveria ignorar e quem deveria seguir? No final, decidiu que seguiria aquele que saísse sozinho. Deduziu ser muito provável que fosse o soldado. Achou que os advogados e os médicos voltariam para o escritório. Eram previsíveis. O soldado não.

Helen Rodin saiu do quarto de James Barr 15 minutos após ter entrado. Caminhou direto para a sala de espera. Todos olharam para ela. Ela olhou para Mary Mason.

— Sua vez — disse ela. Mason se levantou e caminhou pelo corredor. Não levou nada consigo. Nem uma pasta, nem um papel ou caneta. Reacher fitou-a até que a porta se fechasse. Em seguida recostou-se em sua cadeira, em silêncio.

— Gostei dele — disse Helen para ninguém em particular.

— Como ele está? — Niebuhr perguntou.

— Fraco — disse Helen. — Bem machucado. Como se tivesse sido atropelado por um caminhão.

— Está são?

— Está bem coerente. Mas não se lembra de nada. E não acho que esteja fingindo.

— Quanto de memória perdeu?

— Não sei dizer. Lembra-se de ter ouvido um jogo de beisebol pelo rádio. Pode ter sido na semana passada ou no mês passado.

— Ou no ano passado — disse Reacher.

— Ele aceitou ser representado por você? — Danuta perguntou.

— Verbalmente — disse Helen. — Ele não pode assinar nada. Está algemado à cama.

— Você disse a ele sobre as acusações e as evidências?

— Fui obrigada a fazer isso — disse Helen. — Ele quis saber por que eu achava que ele precisava de um advogado.

— E?

— Ele assume que é o culpado.

O silêncio tomou conta do ambiente. Momentos depois, Alan Danuta fechou sua maleta e colocou-a no chão. Ajeitou-se na cadeira mas ficou de pé rapidamente, num movimento fluido.

— Bem-vinda às áreas nebulosas — disse ela. — É daí que vem a boa lei.

— Não há nada de bom nisso — disse Helen. — Pelo menos até agora.

— Não podemos deixar que ele vá a julgamento. O governo lhe causou esse espancamento por pura negligência e agora quer colocá-lo numa cadeira elétrica? Isso não. Não se ele nem ao menos se lembra do dia em questão. Que tipo de defesa ele conduziria?

— Meu pai vai subir pelas paredes.

— Obviamente. Teremos que tirá-lo desse jogo. Devemos ir direto para o Supremo. É um assunto constitucional. Federal, depois Corte de Apelação e o Supremo. Esse é o processo.

— É um processo longo.

Danuta balançou a cabeça concordando.

— Três anos — ela disse. — Se tivermos sorte. O precedente mais aplicável é Wilson, e esse caso levou três anos e meio. Quase quatro.

— E não temos garantias. Pode ser que venhamos a perder.

— De qualquer maneira, vamos a julgamento e faremos o melhor possível.

— Não sou qualificada para fazer isso — disse Helen.

— Intelectualmente? Não é o que ouvi.

— Estratégica e taticamente. E financeiramente.

— Existem associações de veteranos que podem ajudar com o dinheiro. Afinal, o sr. Barr serviu a este país. Com honra.

Helen não respondeu. Apenas olhou na direção de Reacher. Reacher ficou em silêncio. Desviou o olhar e olhou para a parede. Pensava: Esse cara vai se livrar num caso de assassinato mais uma vez? Duas vezes?

Alan Danuta se mexeu na cadeira.

— Existe uma alternativa — disse. — Nada muito excitante, legalmente falando, mas existe.

— O que é? — perguntou Helen.

— Entregue o mandante para o seu pai. Sob essas circunstâncias, metade de um pão é melhor do que nenhum. E, de qualquer maneira, o mandante é a melhor metade.

— Ele aceitaria?

— Você deve conhecê-lo melhor do que eu. Mas ele seria um tolo se não aceitasse. Ele está arriscando processos de apelação de no mínimo três anos antes mesmo de conseguir levar o sr. Barr a um tribunal. E qualquer promotor do nível do seu pai preferiria o chefão.

Helen olhou mais uma vez para Reacher.

— O mestre dos fantoches é apenas uma teoria — ela disse. — Não temos a menor sombra de evidência que comprove isso.

— A escolha é sua — disse Danuta. — Mas, de qualquer maneira, você não pode deixar que Barr vá a julgamento.

— Um passo de cada vez — disse Helen. — Vamos ver o que a dra. Mason acha.

A dra. Mason voltou 20 minutos depois. Reacher olhou-a caminhar. A maneira como caminhava, seu olhar e sua expressão lhe diziam que ela havia chegado a uma conclusão firme. Não havia incerteza ou hesitação. Nada. Ela se sentou e ajeitou a saia.

— Amnésia retrógrada permanente — disse ela. — Completamente genuína. Um dos casos mais claros que já vi.

— Duração? — perguntou Niebuhr.

— O beisebol nos dirá — disse ela. — A última coisa de que se lembra é de um jogo específico dos Cardinals. Mas imagino que seja de uma semana ou mais, contando para trás a partir de hoje.

— O que inclui sexta-feira — disse Helen.

— Creio que sim.

— OK — disse Danuta. — Aí está.

— Ótimo — disse Helen. Ela se levantou e os outros se juntaram a ela, na direção da saída. Reacher não tinha certeza. Mas estava claro que Barr estava com eles, literal e figuradamente. Ele deixara de ser um ser humano para ser um espécime médico e um argumento legal.

— Podem ir na frente — disse ele.

— Você vai ficar aqui? — Helen perguntou. Reacher respondeu que sim com a cabeça.

— Vou dar uma olhada no meu velho amigo — disse ela.

— Por quê?

— Não o vejo há 14 anos. Helen se aproximou dele.

— Mas por quê? — perguntou com a voz baixa.

— Não se preocupe — disse ele. — Não desligarei os aparelhos.

— Espero que não.

— Não posso — disse ele. — Nem ao menos tenho um álibi, tenho?

Ela ficou ali parada por um instante, em silêncio. Em seguida se juntou aos outros. Todos saíram juntos. Reacher olhou-os passando pela recepção, e assim que transpuseram a porta de aço e o lobby onde estava o elevador virou-se e caminhou pelo corredor na direção da porta do quarto de James Barr. Não bateu. Apenas parou um segundo, girou a maçaneta e entrou.

capítulo 7

O quarto estava superaquecido. Dava para assar um frango ali dentro. Havia uma janela grande com venezianas contra o sol. Elas brilhavam e inundavam o quarto com uma suave luz branca. Havia equipamentos médicos por toda parte. Um respirador desligado. Suportes de soro e monitores cardíacos. Tubos, bolsas e fios. Barr estava deitado de costas numa cama no meio da sala. Sem travesseiro. Sua cabeça estava presa a uma braçadeira. Seus cabelos haviam sido raspados e ele tinha curativos nos furos abertos no crânio, seu ombro esquerdo estava coberto de ataduras que lhe chegavam à altura do cotovelo. Seu ombro direito estava nu e sem marcas. A pele naquela região era pálida e fina. Seu peito e as laterais haviam sido cobertos com ataduras. O lençol estava dobrado na altura da cintura, seus braços estavam esticados ao lado do corpo, os pulsos algemados às grades laterais da cama. No dorso da mão esquerda agulhas intravenosas ligadas ao soro. Havia um clipe de plástico no dedo médio direito conectado a uma caixa por um fio cinza. Havia fios vermelhos saindo debaixo das ataduras em seu peito e ligados a uma máquina com um monitor. O monitor mostrava um gráfico que lembrava os registros dos disparos fornecidos pela companhia de telefonia celular. Picos acentuados e rabiscos longos. A máquina fazia um som cada vez que um pico aparecia na tela.

— Quem está aí? — perguntou Barr.

A voz dele era fraca e lenta. E assustada.

— Quem está aí? — perguntou mais uma vez. A forma como sua cabeça estava presa limitava seu campo visual. Seus olhos se moviam para os lados, para cima e para baixo.

Reacher se aproximou. Inclinou-se sobre a cama. Ficou em silêncio.

— Você — disse Barr.

— Eu — disse Reacher.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

A mão direita de Barr tremeu. O movimento balançou o fio conectado ao seu dedo. A algema se moveu contra a grade da cama, fazendo um som metálico.

— Acho que decepcionei você.

— Acho que sim.

Reacher olhou nos olhos de Barr, pois eram as únicas partes de seu corpo que podiam se mover. Ele era incapaz de qualquer tipo de linguagem corporal. Sua cabeça estava imóvel e o resto do corpo atado como uma múmia.

— Não me lembro de nada — disse Barr.

— Tem certeza?

— É tudo um grande branco.

— Você está ciente do que farei com você se estiver tentando me enganar?

— Posso imaginar.

— Multiplique por três.

— Não estou te enganando — disse Barr. — Apenas não me lembro de nada. — Sua voz era baixa, confusa. Sem defesa, sem reclamação. Sem desculpas. Apenas a afirmação de um fato, como um lamento, um choro.

— Fale-me sobre o jogo de beisebol — disse Reacher.

— Foi pelo rádio.

— Não foi na TV?

— Prefiro o rádio — disse Barr. — Em nome dos velhos tempos. Era sempre assim. Quando era criança. O rádio, por todo o caminho,

desde Saint Louis. Todos aqueles quilômetros. Noites de verão, calor, o som do beisebol no rádio.

Ele ficou em silêncio.

— Você está bem? — perguntou Reacher.

— Minha cabeça dói muito. Acho que sofri uma cirurgia.

Reacher não falou nada.

— Não gosto de beisebol na TV — disse Barr.

— Não estou aqui para discutir suas preferências de mídia.

— Você assiste beisebol na TV?

— Não tenho TV — respondeu Reacher.

— É mesmo? Deveria comprar uma. Pode encontrar uma por 100 dólares. Talvez menos, se for uma pequena. Olhe nas *Páginas Amarelas*.

— Não tenho telefone, nem casa.

— Por que não? Você já saiu do Exército.

— Como você sabe?

— Ninguém mais está no Exército. Ninguém daquele tempo.

— Algumas pessoas estão — disse Reacher, pensando em Eileen Hutton.

— Oficiais — disse Barr. — Ninguém mais.

— Eu era oficial — disse Reacher. — Você deveria conseguir se lembrar de coisas desse tipo.

— Mas você não era como os outros. Foi isso que quis dizer.

— Diferente como?

— Você trabalhava para sobreviver.

— Fale-me sobre o jogo de beisebol.

— Por que você não tem uma casa? Está tudo bem com você?

— Está preocupado comigo agora?

— Não gosto de ver as pessoas passando dificuldades.

— Estou bem — disse Reacher. — Pode acreditar. Você é que está com problemas.

— Você é policial agora? Aqui? Nunca te vi por aqui. Reacher balançou a cabeça.

— Sou apenas um cidadão.

— De onde?

— De lugar nenhum. Do mundo afora.

— Por que está aqui?

Reacher não respondeu.

— Ah — disse Barr. — Para me pegar.

— Fale-me sobre o jogo de beisebol.

— Foi Cubs contra Cardinals em casa — disse Barr. — Jogo empatado na oitava. Os Cardinals venceram no final da nona.

— *Home run*?

— Não, um erro. Um *walk*, bola roubada, um *groundout* para a segunda pôs o corredor na terceira base, um *out*. *Soft grounder* para *short*, checa o corredor, atira para a primeira, mas o arremesso falhou e o corredor marcou no erro. A corrida campeã, sem um ponto na entrada.

— Você se lembra bem disso.

— Sou torcedor dos Cardinals. Sempre fui.

— Quando foi isso?

— Não sei nem que dia é hoje.

Reacher não disse nada.

— Não posso acreditar que fiz o que eles disseram que fiz — disse Barr. — Não posso acreditar.

— São muitas as evidências — disse Reacher.

— De verdade?

— Sem dúvida.

Barr fechou os olhos.

— Quantas pessoas? — perguntou.

— Cinco.

O peito de Barr começou a se mexer. Lágrimas brotaram de seus olhos fechados. Sua boca se abriu. Estava chorando.

— Por que fiz isso? — perguntou.

— Por que fez aquilo da primeira vez? — perguntou Reacher.

— Eu estava louco naquela época.

Reacher ficou em silêncio.

— Não há desculpa — disse Barr. — Eu era uma pessoa diferente naquele tempo. Achei que havia mudado. Estava certo disso. Fui uma pessoa boa. Tentei com muita vontade. Quatorze anos, reformado.

Reacher ficou em silêncio.

— Teria cometido suicídio — disse Barr. — Você sabe, naquele tempo. Logo depois. Cheguei perto algumas vezes. Estava muito envergonhado. O que me salvou foi aqueles quatro homens no Kuwait serem maus. Isso foi o meu único consolo. Apeguei-me a isso como redenção.

— Por que você tem todas aquelas armas?

— Não pude desistir delas. Eram minhas lembranças. E me mantêm no caminho certo. Elas me ajudam a seguir em frente.

— Você as usa?

— De vez em quando. Não com muita frequência.

— Como?

— Num clube de tiro.

— Onde? Os policiais checaram.

— Não aqui. Cruzo a fronteira até o Kentucky. Tem um clube lá, barato.

— Conhece a praça no centro da cidade?

— Claro. Moro aqui.

— Diga-me como fez.

— Não me lembro de ter feito nada.

— Então me diga como você teria feito. Teoricamente. Como uma prévia de reconhecimento.

— Quais seriam os alvos?

— Pedestres. Saindo do prédio do Departamento de Trânsito.

Barr fechou os olhos de novo.

— É neles que atiro?

— Cinco deles — disse Reacher.

Barr começou a chorar de novo. Reacher se afastou e puxou uma cadeira. Virou-a e sentou-se nela, ao contrário.

— Quando? — quis saber Barr.

— Sexta-feira à tarde.

Barr ficou em silêncio por um longo tempo.

— Como eles me pegaram? — perguntou.

— Você conta a história.

— Foi uma blitz de trânsito?

— Uma blitz?

— Acho que não. Teria esperado até tarde. Talvez logo depois das cinco. Muitas pessoas. Teria parado no elevado atrás da biblioteca. O sol no oeste, atrás de mim, sem reflexos no visor da mira. Teria aberto a janela do passageiro, alinhado tudo, esvaziado a cartucheira e pisado no acelerador. O único jeito de ser pego seria se a polícia rodoviária me parasse e visse o rifle. Mas creio que eu teria tido consciência disso. Não teria? Acho que teria escondido o rifle e dirigido devagar. Por que me arriscaria a ser pego?

Reacher ficou em silêncio.

— Mas como? — disse Barr. — Talvez a polícia rodoviária tenha me parado para me ajudar. Foi isso? Enquanto eu estava estacionado? Talvez tenha pensado que eu estava com um pneu furado. Ou sem gasolina.

— Você possui um cone de tráfego? — perguntou Reacher.

— Um quê?

— Um cone de tráfego.

Barr começou a dizer não, mas então parou.

— Acho que tenho sim — disse ele. — Não sei ao certo se é meu. A entrada da minha garagem foi asfaltada. Eles deixaram um cone

na calçada para evitar que as pessoas entrassem ali de carro. Tive que deixar ele lá três dias. Nunca voltaram para pegar.

— E o que você fez com ele?

.- Guardei na minha garagem.

— Ainda está lá?

— Acho que sim. Tenho quase certeza.

— Quando ocorreu essa obra na entrada da garagem?

— No começo da primavera, eu acho. Há alguns meses.

— Você tem recibos?

Barr tentou balançar a cabeça. Fez uma expressão de dor ao sentir a pressão da braçadeira.

— Era uma equipe de ciganos — disse ele. — Acho que roubaram o asfalto da prefeitura. Provavelmente das obras da Rua 1. Paguei em dinheiro, rápido e por fora.

— Você tem amigos?

— Alguns.

— Quem são?

— Alguns rapazes. Um ou dois.

— Algum amigo novo?

— Acho que não.

— Mulheres?

— Elas não gostam de mim.

— Me fale sobre o jogo de beisebol.

— Já falei.

— Onde você estava? No carro? Em casa?

— Em casa — disse Barr. — Estava comendo.

— Você se lembra disso?

Barr piscou os olhos.

— A moça psiquiatra disse que eu deveria tentar me lembrar das circunstâncias. Pode ser que isso me faça lembrar de outras coisas. Estava na cozinha, comendo frango frio. Com batatas fritas. Disso eu me lembro. Mas é o máximo que consigo lembrar.

— Bebida? Cerveja, suco, café?

— Não me lembro. Só me lembro de estar ouvindo o jogo. Tenho um rádio na cozinha. Tem uma TV lá também, mas sempre ouço o jogo, nunca vejo. Como no tempo em que eu era criança.

— Como você se sentia?

— Sentia?

— Feliz? Triste? Normal?

Barr ficou em silêncio de novo por um instante.

— A moça psiquiatra me perguntou a mesma coisa — disse ele. — - Disse a ela que estava me sentindo normal, mas na verdade acho que estava feliz. Como se algo bom estivesse para acontecer.

Reacher ficou em silêncio.

— Desperdicei essa intuição, não é? — disse Barr.

— Fale-me sobre a sua irmã — pediu Reacher.

— Ela esteve aqui hoje. Bem antes da advogada entrar.

— Como você se sente sobre ela?

— Ela é tudo o que tenho.

— O que você faria para protegê-la?

— Faria qualquer coisa — disse Barr.

— Que tipo de coisa?

— Declararia minha culpa se me deixassem. Ela ainda teria que se mudar daqui, talvez mudar de nome. Mas iria protegê-la ao máximo. Ela que me deu o rádio. Para ouvir beisebol. Presente de aniversário.

Reacher ficou em silêncio.

— Por que você está aqui?

— Para enterrar você.

— Eu mereço.

— Você não disparou do elevado. Disparou do novo edifício-garagem.

— Na Rua 1?

— Lado norte.

— Isso é loucura. Por que eu atiraria de lá?

— Você pediu ao seu primeiro advogado para me encontrar. No sábado.

— Por que eu faria isso? Você deveria ser a última pessoa que eu teria vontade de ver. Você sabe sobre o incidente na Cidade do Kuwait. Por que eu iria querer que isso viesse à tona?

— Qual era o próximo jogo dos Cardinals?

— Não sei.

— Tente lembrar. Preciso entender as circunstâncias.

— Não consigo — disse Barr. — Não há nada lá. Lembro-me da última jogada, só isso. Os comentaristas estavam muito empolgados. Você sabe como eles são. Não estavam levando muita fé. Digo, que maneira estúpida de se perder um jogo. Mas eram os Cubs, certo? Estavam dizendo que sempre encontravam um jeito de perder.

— E antes do jogo? Naquele mesmo dia, mais cedo?

— Não me lembro.

— O que você teria feito, normalmente?

— Nada demais, não muito o que fazer.

— O que aconteceu no jogo dos Cardinals anterior a esse?

— Não me lembro.

— Qual é a última coisa de que você se lembra antes do jogo?

— Não tenho certeza. A entrada da garagem, talvez?

— Isso foi há meses.

— Lembro-me de ter saído para algum lugar — disse Barr.

— Quando?

— Não sei ao certo. Recentemente.

— Sozinho?

— Talvez com umas pessoas. Não tenho certeza. Também não tenho certeza de onde.

Reacher ficou em silêncio. Apoiou-se na cadeira e ouviu o pulsar rápido e silencioso do cardiógrafo. Ambas as algemas tremiam contra o aço da cama.

— O que tem na bolsa intravenosa? — perguntou Barr.

Reacher forçou os olhos contra a luz e leu o rótulo.

— Antibióticos.

— Nada de analgésicos?

— Não.

— Eles devem achar que eu não mereço.

Reacher ficou em silêncio.

— Nós nos conhecemos de longa data, não é mesmo? — disse Barr. — Você e eu?

— Nem tanto — disse Reacher.

— Não que fôssemos amigos.

— Isso mesmo.

— Mas tínhamos uma ligação.

Reacher ficou em silêncio.

— Não tínhamos? — perguntou Barr.

— De certo modo — disse Reacher.

— Então, faria algo por mim? — perguntou Barr. — Um favor?

— Que tipo de favor? — perguntou Reacher.

— Puxe as agulhas da minha mão.

— Por quê?

— Para que eu pegue uma infecção e morra.

— Não — disse Reacher.

— Por que não?

— Ainda não é hora — disse Reacher.

Ele se levantou, pôs a cadeira de volta no lugar e saiu do quarto. Passou pela recepção, pela antessala de segurança, desceu de elevador até o térreo e foi para o estacionamento. O carro de Helen não estava mais lá. Ela já tinha partido. Não esperara por ele. Então saiu a pé.



Reacher andou uns 10 quarteirões e foi direto à biblioteca. Era fim de tarde, mas a biblioteca ainda estava aberta. A mulher triste na recepção lhe disse onde ficavam os jornais antigos. Ele começou com a pilha de jornais da semana anterior. O mesmo jornal de Indianapolis que lera no ônibus. Ignorou domingo, sábado e sexta-feira. Começou com quinta, quarta e terça-feira, e encontrou algo no segundo exemplar que olhou. Os Cubs de Chicago tiveram uma série de três jogos em Saint Louis começando na terça-feira. O primeiro jogo terminou como Barr descrevera. Jogo empatado até quase o final, um *wulk*, bola roubada, um *groundout*, um erro. Os detalhes estavam bem ali, no jornal de quarta-feira. Uma vitória sem uma tacada acertada na entrada final. Dez da noite, terça-feira. Barr ouvira os gritos eufóricos dos comentaristas apenas 67 horas antes de abrir fogo.

Em seguida, Reacher voltou até a delegacia. Quatro quarteirões para o oeste, um para o sul. Não estava preocupado quanto ao horário de funcionamento. A delegacia pareceu-lhe um lugar aberto 24 horas. Foi direto à recepção e invocou o direito da defesa de dar outra olhada nas evidências. O rapaz da mesa ligou para Emerson e apontou Reacher direto para o galpão de Bellantonio.

Bellantonio encontrou-o lá e destrancou a porta. Quase nada havia mudado, mas Reacher notou alguns acréscimos. Novas folhas de papel, cobertas por plástico, penduradas acima e abaixo das páginas originais nos painéis de cortiça, como notas de rodapé ou apêndices.

— Atualizações? — perguntou Reacher.

— Sempre — disse Bellantonio. — Nunca dormimos.

— O que há de novo?

— DNA animal — disse Bellantonio. — Bate exatamente com o DNA do cachorro de Barr encontrado na cena do crime.

— Onde está o cachorro?

— Foi sacrificado.

— Isso é frieza.

— Isso é frieza?

— A porcaria do cachorro não fez nada de errado. Bellantonio ficou em silêncio.

— O que mais? — perguntou Reacher.

— Mais testes nas fibras e mais balística. Estamos além do definitivo em tudo. A munição Lake City é relativamente rara e confirmamos uma compra que Barr efetuara a menos de um ano. No Kentucky.

— Ele frequentava um estande de tiros lá. Bellantonio concordou com a cabeça.

— Também descobrimos isso.

— Mais alguma coisa?

— O cone saiu do Departamento de Obras da prefeitura. Não sabemos como ou quando.

— Mais alguma coisa?

— Só isso.

— E as más?

— Que más?

— Você está me dando apenas as boas notícias. E as perguntas que não foram respondidas?

— Creio que não há pergunta sem resposta.

— Tem certeza?

— Tenho.

Reacher olhou mais uma vez para o painel de cortiça, com cuidado.

— Você joga pôquer? — perguntou.

— Não.

— Bom hábito. Mas uma péssima mentira. Bellantonio ficou em silêncio.

— Deveria começar a se preocupar — disse Reacher. — Se ele escapar dessa, vai te processar pelo cachorro.

— Ele não vai escapar — disse Bellantonio.

— É verdade — disse Reacher. — Suponho que não.

Emerson aguardava do lado de fora do escritório de Bellantonio. De paletó, mas sem a gravata. Com frustração nos olhos, do tipo que policiais têm quando se veem diante de manobras de advogados.

— Você o viu? — perguntou ele. — No hospital?

— Perdeu a memória na terça-feira e continua até hoje — disse Reacher. — Você está com um pepinaço nas mãos.

— Maravilhoso.

— Deveria ter prisões mais seguras.

— Rodin trará especialistas.

— A filha dele já fez isso.

— Existem precedentes legais.

— Para os dois lados, aparentemente.

— Você quer ver aquele traste de volta às ruas?

— O erro foi seu — disse Reacher. — E não meu.

— Se isso o faz feliz.

— Ninguém está feliz — disse Reacher. — Pelo menos ainda não.

Ele saiu da delegacia e caminhou de volta para a torre de vidro. Helen Rodin estava sentada atrás de sua mesa, estudando um documento. Danuta, Mason e Niebuhr já haviam ido embora. Ela estava sozinha.

— Rosemary perguntou ao irmão sobre o Kuwait — disse Helen. — Ela me disse logo que saiu do quarto no hospital.

— E? — disse Reacher.

— Ele disse a ela que era tudo verdade.

— Aposto que essa conversa não foi nada agradável. Helen balançou a cabeça.

— Rosemary está arrasada. Ela disse que James também está. Ele não consegue acreditar que fez isso de novo. Não consegue acreditar que jogou 14 anos no lixo.

Reacher ficou calado. Silêncio na sala. E então Helen mostrou a Reacher o documento que estava lendo.

— Eileen Hutton é general de brigada.

— Então ela se deu bem — disse Reacher. — Era major quando a conheci.

— E você? O que era?

— Capitão.

— E isso não era ilegal?

— Tecnicamente. Para ela.

— Ela era procuradora-geral da Justiça Militar.

— Advogados também infringem a lei, como qualquer pessoa.

— Ela ainda é procuradora-geral da Justiça Militar.

— Obviamente. Eles não treinam novamente.

— A base é no Pentágono.

— E onde eles mantêm os mais inteligentes.

— Ela estará aqui amanhã. Reacher ficou em silêncio.

— Para depor — disse Helen. Reacher continuou em silêncio.

— Está marcado para as quatro da tarde. É provável que ela chegue aqui de manhã e vá para um hotel, pois terá que dormir aqui. Ficará tarde demais para encontrar um voo de volta.

— Você vai me pedir para levá-la para jantar?

— Não — disse Helen. — Não vou. Vou pedir para levá-la para almoçar. Antes que ela se encontre com o meu pai. Preciso saber de antemão o motivo da vinda dela.

— Eles sacrificaram o cachorro do Barr — disse Reacher.

— O cachorro era velho.

— Isso não a incomoda?

— E deveria?

— O cachorro não fez mal a ninguém. Helen ficou calada.

— Em que hotel Hutton ficará hospedada? — perguntou Reacher.

— Não faço ideia. Você terá que pegá-la no aeroporto.

— Qual voo?

— Também não sei. Mas não há nenhum voo direto de Washington. Imagino que ela fará escala em Indianapolis. Não chegará aqui antes das 11 da manhã.

Reacher ficou em silêncio.

— Peço desculpas — disse Helen. — Por ter dito a Danuta que não tínhamos evidências para o mestre dos fantoches. Não quis parecer inconsequente.

— Você estava certa — disse Reacher. — Não tínhamos mesmo evidência nenhuma. Naquele momento.

Helen olhou para ele.

— Mas?

— Agora temos.

— O quê?

— Eles estavam se gabando na delegacia. Fibras, balística, DNA do cachorro, um recibo de munição de alguma loja no Kentucky. Descobriram que o cone pertencia à prefeitura. Têm todo tipo de coisas.

— Mas?

— Mas não têm James Barr no vídeo indo ao local para colocar o cone antes do incidente.

— Tem certeza?

Reacher respondeu com a cabeça.

— Já devem ter assistido à fita uma dúzia de vezes. Se o tivessem encontrado, teriam fotos penduradas por toda parte para o mundo inteiro ver. Mas não estão lá, o que significa que não encontraram. O que significa que James Barr não foi até lá deixar o cone de antemão.

— O que significa que outra pessoa o fez.

— O mestre dos fantoches — disse Reacher. — Ou qualquer outro de seus fantoches. Em algum momento depois de terça-feira à

noite. Barr acha que o cone ainda estava em sua garagem naquele dia.

Helen olhou para ele de novo.

— Quem quer que seja vai aparecer na fita.

— Correto — disse Reacher.

— Mas serão centenas de carros.

— Dá para eliminar vários. Você está procurando por um sedã. Algo rebaixado demais para rodar numa estrada de terra.

— O mestre dos fantoches existe mesmo, não é?

— Não existe outra explicação para a maneira como tudo aconteceu.

— Alan Danuta deve mesmo estar certo, sabia — disse Helen. — Meu pai trocará Barr pelo mestre dos fantoches. Ele seria um tolo se não o fizesse.

Reacher ficou calado.

— O que significa que Barr será libertado — disse Helen. — Você entende isso, não entende? Não existe alternativa. Os problemas legais da acusação são grandes demais.

Reacher continuou calado.

— Também não estou feliz com isso — disse Helen. — Mas para mim isso é apenas um problema de relações públicas. Posso me livrar disso, pelo menos acho que posso. Posso pôr a culpa na forma como a prisão era administrada. Posso dizer que não fui eu quem o livrou disso tudo.

— Mas… — disse Reacher.

— O que você vai fazer? Você veio aqui para enterrá-lo e ele sairá ileso.

— Não sei o que vou fazer — disse Reacher. — Quais são as minhas opções?

— Apenas duas, das quais tenho um certo medo. Uma, você pode desistir de me ajudar a encontrar o mestre dos fantoches. Não

posso fazer isso sozinha, e Emerson nem ao menos terá vontade de tentar.

— E a outra?

— Você pode acertar as coisas com Barr por conta própria.

— Disso sei eu.

— Mas seria um erro terrível. Você pegaria prisão perpétua, isso se tivesse sorte.

— Isso se eu for pego.

— Você seria pego. Eu saberia que foi você. Reacher sorriu.

— Você me entregaria?

— Seria obrigada — disse Helen.

— Não se você fosse a minha advogada. Não poderia dizer nada.

— Eu não sou sua advogada.

— Posso contratá-la.

— Rosemary Barr também saberia e entregaria você num segundo. E Franklin. Ele ouviu você contar a história.

Reacher concordou com a cabeça.

— Não sei o que fazer — disse ele.

— Como podemos encontrar esse homem?

— Como você mesma disse, por que eu ia querer encontrá-lo?

— Porque não acho que você seja do tipo que se contenta com a metade do bolo.

Reacher ficou em silêncio.

— Creio que você queira a verdade — disse Helen. — Não acho que você goste de ser passado para trás.

Reacher ficou em silêncio.

— E, além disso, essa situação toda cheira mal — disse Helen. São seis vítimas. Os cinco que morreram e Barr.

— Isso expande a definição de vítima um pouco demais para mim.

— O dr. Niebuhr espera que encontremos um relacionamento preexistente. Provavelmente recente. Algum amigo novo. Podemos

começar por aí.

— Barr me disse que não fez nenhuma amizade recentemente — disse Reacher. — Tem apenas um ou dois amigos antigos.

— Falou a verdade?

— Acho que sim.

— Então Niebuhr está errado?

— Niebuhr está tentando adivinhar. Ele é psiquiatra. Tudo o que eles fazem é tentar adivinhar as coisas.

— Eu poderia perguntar a Rosemary.

— Será que ela conheceria os amigos dele?

— É provável. Eles são muito próximos.

— Então consiga uma lista — disse Reacher.

— A dra. Mason também está apenas tentando adivinhar?

— Sem dúvida. Mas no caso dela acho que está adivinhando certo.

— Se Niebuhr estiver errado sobre o amigo, o que faremos?

— Agiremos de forma proativa.

— Como?

— Com certeza havia alguém me seguindo na noite passada, e tenho certeza de que havia alguém me seguindo hoje de manhã também. Eu o vi lá na praça. Da próxima vez que o vir, terei uma palavrinha com ele. Ele me dirá para quem está trabalhando.

— Assim tão facilmente?

— As pessoas normalmente me dizem o que quero saber.

— Por quê?

— Porque pergunto com gentileza.

— Não se esqueça de perguntar a Eileen Hutton sem gentileza.

— Vejo você por aí — disse Reacher.

Ele andou na direção sul, depois de seu hotel, e encontrou um lugar barato para jantar. Em seguida andou para o norte, lentamente, passando pela praça, pela torre de vidro, por baixo do elevado, até o *sports bar*.

Estava na rua por quase uma hora e não viu ninguém atrás dele. Nenhum aleijado num terno estranho. Ninguém.

O bar estava com metade da ocupação total e passava um jogo de beisebol em todos os monitores de TV. Ele encontrou um canto e assistiu aos Cardinals jogarem contra os Astros em Houston. Era um jogo de final de temporada entre dois times que estavam mal na tabela. Durante os comerciais ele olhava para a porta. Não viu ninguém. Terça-feira era ainda mais tranquilo do que segunda ali na região central do país.

Grigor Linsky digitou um número em seu celular.

— Ele voltou ao *sports bar*.

— Ele te viu? — perguntou o Zec.

— Não.

— Por que ele voltou a esse bar?

— Nenhuma razão específica. Precisava de um destino, só isso. Desfilou pela cidade por quase uma hora, tentando fazer com que eu me mostrasse.

Silêncio.

— Deixe-o aí — disse o Zec. — Venha até aqui para conversarmos.

Alex Rodin telefonou para a casa de Emerson. Emerson jantava com sua esposa e duas filhas e não estava muito empolgado com a ideia de atender o telefone. Mas atendeu. Andou até o corredor e sentou-se no degrau da escada, apoiando os cotovelos nos joelhos, o telefone preso entre a orelha e o ombro.

— Precisamos fazer algo sobre esse tal de Jack Reacher — disse Rodin.

— Não o vejo como um grande problema — disse Emerson. — Talvez ele queira, mas não pode fazer os fatos desaparecerem. Temos mais do que precisamos contra Barr.

— O problema agora não são os fatos — disse Rodin. — É a amnésia. É até onde a defesa se apoiará nisso.

— Está nas mãos de sua filha.

— Ele é uma má influência sobre ela. Estive lendo sobre algumas leis relativas a esse caso. Estamos numa área muito nebulosa. O teste não é se Barr se lembra do dia em questão. É sobre se ele entende o processo agora, hoje, e se temos provas suficientes contra ele para condená-lo sem o seu testemunho direto.

— Eu diria que temos sim.

— Eu também. Mas Helen precisa engolir isso. Precisa concordar. Mas ela tem esse Reacher em cima dela o tempo todo virando-lhe a cabeça. Eu a conheço. Ela não aceitará a derrota até que ele suma de vista.

— Não vejo o que posso fazer.

— Quero que você o prenda.

— Não posso — disse Emerson. — Não sem uma queixa. Rodin ficou em silêncio.

— Bom, fique de olho nele — disse. — Se ele cuspir na calçada, quero que você o prenda e faça alguma coisa com ele.

— Não estamos no Velho Oeste — disse Emerson. — Não posso expulsá-lo da cidade.

— Uma detenção seria suficiente. Precisamos de algo que quebre o encanto. Ele está empurrando Helen para onde ela não quer ir. Eu a conheço. Sozinha, ela desistirá de Barr, sem dúvida.

Linsky sentia muitas dores no caminho de volta para o carro. Uma hora de pé era o máximo que conseguia suportar. Muito tempo atrás, os ossos de sua coluna foram esmagados metodicamente com um martelo, um após o outro, começando com o cóccix e subindo pelas vértebras lombares, lentamente. Geralmente permitiam que um osso melhorasse, antes que o próximo fosse quebrado. Quando o último melhorava, eles começavam tudo de novo. Tocar o xilofone, era assim que chamavam. Tocar escalas. No fim, ele perdera a conta de quantas escalas tocaram em sua coluna.

Mas ele nunca falara sobre isso. O pior aconteceu com o Zec.

O Cadillac tinha um assento macio e era um alívio sentar-se ali. tinha um motor silencioso, direção levíssima e um som excelente.

Cadillacs eram o tipo de produto que fazia dos Estados Unidos um lugar tão maravilhoso, junto com uma população confiável e departamentos de polícia tão severos. Linsky vivera em diversos países e não tinha dúvida sobre qual era o mais satisfatório. Em qualquer outro lugar ele andara a pé, correra, arrastara-se na sujeira ou empurrara carrinhos de mão. Agora, ele dirigia um Cadillac.

Linsky dirigiu até a casa do Zec, quase 13km a noroeste da cidade, próximo à sua fábrica de moagem de pedras. A fábrica era uma área industrial de 40 anos construída numa fenda de pedra-sabão descoberta embaixo de uma fazenda. A casa era um prédio elegante, construído há 100 anos, numa paisagem então intocada, para um rico comerciante de grãos e farináceos. Era burguesa e exagerada em todos os aspectos, mas uma casa confortável, assim como o Cadillac era um carro confortável. O melhor de tudo era o fato de ter sido construída solitária no centro de muitos acres planos. No passado, havia lindos jardins, mas o Zec derrubou as árvores e nivelou o terreno, criando uma vista plana e aberta. Não havia cercas, pois como o Zec suportaria viver mais um dia atrás de arames? Pela mesma razão, não havia cadeados ou barras de segurança. Essa despreocupação era um presente do Zec para si mesmo. Mas também era uma ótima forma de segurança. Havia câmeras de vigilância. Ninguém podia se aproximar da casa sem ser detectado. Durante o dia, os visitantes podiam ser vistos a quase 200m de distância, e à noite o infravermelho os detectava a uma distância um pouco menor.

Linsky estacionou e desceu do carro. A noite estava silenciosa. A fábrica fechava às 19 horas e permanecia sem nenhum movimento até o amanhecer. Linsky olhou na direção dela e em seguida na da casa. A porta da frente se abriu antes que ele se aproximasse. Uma luz quente surgiu de dentro da casa e ele viu que Vladimir em

pessoa descera para recebê-lo, o que significava que Chenko também estava ali, o que significava que o Zec reunira todos os seus homens importantes, o que significava que o Zec estava preocupado.

Linsky respirou fundo, mas entrou sem hesitar. Afinal, o que podia ser feito a ele que já não havia sido feito? No caso de Vladimir e Chenko era diferente, mas para homens com a idade e a experiência de Linsky nada mais era inteiramente inimaginável.

Vladimir não disse nada. Apenas fechou a porta e seguiu Linsky até o andar de cima. Era uma casa de três andares. O primeiro andar era usado apenas para sua vigilância. Todos os cômodos permaneciam vazios, exceto um com quatro monitores de TV numa longa mesa, mostrando ângulos dos quatro pontos cardeais ao redor da casa. Sokolov estaria lá, monitorando. Ou Raskin. Eles alternavam turnos de 12 horas. O segundo andar da casa tinha uma cozinha, uma sala de jantar, outra sala e um escritório. O terceiro andar tinha quartos e banheiros. O segundo andar era o local onde os negócios eram feitos. Linsky podia ouvir a voz do Zec da sala de estar, chamando-o. Ele entrou sem bater. O Zec estava sentado em sua poltrona com um copo de chá nas mãos. Chenko estava esparramado num sofá. Vladimir passou por Linsky e sentou-se próximo a Chenko. Linsky continuou de pé e esperou.

— Senta, Grigor — disse o Zec. — Ninguém está com raiva de você. A falha foi do rapaz.

Linsky balançou a cabeça e sentou-se numa poltrona, um pouco mais perto do Zec do que Chenko. Aquilo mantinha a hierarquia na ordem adequada. O Zec tinha 80 anos, e Linsky mais de 60. Chenko e Vladimir tinham um pouco mais de 40 anos, homens importantes, sem dúvida, mas relativamente jovens. Eles não tinham a história que Zec e Linsky compartilhavam. Nem de longe.

— Chá? — perguntou o Zec, em russo.

— Por favor — disse Linsky.

— Chenko — disse o Zec. — Traga um copo de chá para o Grigor.

Linsky sorriu por dentro. Chenko servindo-lhe chá tinha um simbolismo muito importante. E notou que Chenko o fez sem rancor. Apenas se levantou, foi até a cozinha e voltou com um copo de chá numa pequena bandeja prateada. Chenko era um homem pequeno, sem muito porte, tinha cabelos escuros e crespos, espalhados em todas as direções, mesmo os cortando bem curtos. Vladimir era diferente. Era alto, pesado louro. Incrivelmente forte. Era bem possível que Vladimir tivesse genes alemães em algum lugar de seu passado. Talvez sua avó os tivesse contraído, em 1941, como germes.

— Estivemos conversando — disse o Zec.

— E? — perguntou Linsky.

— Temos que encarar o fato de que cometemos um erro. Só um, mas que pode se tornar um problema.

— O cone — disse Linsky.

— Obviamente Barr não foi gravado colocando-o na vaga — disse o Zec.

— Obviamente.

— Mas isso será um problema?

— Qual a sua opinião? — perguntou Linsky, com educação.

— A importância está nos olhos de quem vê — disse o Zec. — O detetive Emerson e o promotor Rodin não se importarão com isso. É um detalhe menor, um que eles não se sentirão inclinados a vasculhar. Por que o fariam? Eles não estão a fim de se complicar. E caso nenhum é 100% perfeito. Eles sabem disso. Então eles acrescentarão isso aos autos como um fato inexplicável. Podem até se convencer de que Barr usou um veículo diferente.

— Mas?

— Mas ainda assim é um assunto em aberto. Se o soldado começar a vasculhar, algo pode acontecer.

— As evidências contra Barr são imbatíveis. O Zec concordou com a cabeça.

— Isso é verdade.

— Você não acha que serão suficientes para condená-lo?

— Certamente teriam sido. Mas é possível que Barr já não exista mais. Não no sentido de ser uma entidade legal acessível à jurisprudência deles. Barr está com amnésia retrógrada permanente. É possível que Rodin não possa levá-lo a julgamento. Se isso acontecer, Rodin ficará muito frustrado. Talvez ele venha a procurar um prêmio de consolação. E se o prêmio de consolação eventualmente implicar um mandante do crime, como Rodin poderia recusá-lo?

Linsky bebeu o chá. Estava quente e doce.

— Tudo isso por causa de uma fita de vídeo? — perguntou.

— Só depende do soldado — disse o Zec. — Depende de sua tenacidade e imaginação.

— Ele foi um policial do Exército — disse Chenko, em inglês. — Vocês sabiam disso?

Linsky olhou para Chenko. Chenko raramente falava inglês em casa. Tinha um sotaque americano perfeito, e às vezes Linsky achava que ele se envergonhava disso.

— Isso não me impressiona muito — disse Linsky, em russo.

— Nem a mim — disse o Zec. — Mas é um fator que devemos ponderar.

— Silenciá-lo agora pode atrair atenção — disse Linsky. — Não acha?

— Isso depende da maneira como seja feito.

— Quantas maneiras existem?

— Poderíamos usar a ruiva de novo — disse o Zec.

— Ela seria imprestável contra o soldado. Ele é um gigante e certamente treinado em autodefesa.

— Mas ele já tem uma relação com ela. Várias pessoas já sabem que ela tentou armar para cima dele. Talvez ela pudesse ser encontrada muito machucada. Nesse caso, o soldado seria o principal suspeito. A polícia nos faria o trabalho de silenciá-lo.

— Ela saberia quem a atacou — disse Vladimir. — Saberia que não era o soldado.

O Zec balançou a cabeça. Linsky o fitava. Estava acostumado aos métodos do Zec. O Zec gostava de incitar soluções nas pessoas, como o velho Sócrates.

— Então talvez ela devesse ser encontrada incapaz de dizer algo a alguém — disse o Zec.

— Morta?

— Sempre deduzimos que essa é a maneira mais segura, não é?

— Mas é possível que ela tenha muitos inimigos — disse Vladimir. — E não apenas ele. Talvez ela seja grande criadora de caso.

— Então deveríamos fortalecer a conexão. Talvez ela devesse ser encontrada num lugar sugestivo. Talvez ele a tivesse convidado para sair a fim de renovar a amizade.

— No hotel dele?

— Não, do lado de fora, eu acho. Mas não muito longe. Onde ela possa ser descoberta por outra pessoa, em vez do soldado. Alguém que possa ligar para a polícia enquanto ele ainda dorme. Desse jeito ele vira presa fácil.

— Por que o corpo dela estaria do lado de fora do hotel?

— Evidentemente ele teria batido nela, ela saiu cambaleando e caiu não muito longe.

— O Metropole Palace — disse Linsky. — É onde ele está hospedado.

— Quando? — perguntou Chenko.

— Quando você quiser — disse o Zec.

Os Astros venceram os Cardinals por 10 a 7 depois de uma performance defensiva fraca de ambos os times. Várias rebatidas medíocres, vários erros. Um jeito horrível de se ganhar o jogo e pior ainda de se perder. Reacher parara de prestar atenção na metade do jogo. Começara a pensar em Eileen Hutton. Ela era parte de seu mosaico. Ele a vira uma vez em Estados Unidos versus Golfo, brevemente, numa sala de audiências lotada, rápido o suficiente para notar a capacidade dela de chamar a atenção. Achou que nunca mais a veria. *Uma pena*, pensou. Mas então ela apareceu na Arábia Saudita como parte da longa e penosa preparação para a operação Escudo do Deserto. Reacher tinha estado lá desde o início como capitão recentemente rebaixado. O primeiro estágio de qualquer missão estrangeira se assemelha muito com brigas de gangues entre os policiais do Exército e as tropas com as quais são enviados, mas depois de seis semanas, mais ou menos, a situação se acalma. A operação Escudo do Deserto não foi diferente. Depois de seis semanas, havia uma estrutura sólida, e em termos de policiamento militar a estrutura exigia um contingente local, desde carcereiros até juízes, e Hutton fora um dos promotores enviados. Reacher deduziu que ela se oferecera para ir o que o deixou muito feliz, pois significava que ela estava solteira.

Estava mesmo solteira. Na primeira vez que seus caminhos se cruzaram, ele olhou sua mão esquerda e não viu aliança. Depois checou a gola do uniforme e viu um broche de major. *Isso faria da situação um desafio*, pensou ele, *para um capitão recentemente rebaixado*. Então olhou os olhos dela e descobriu que o desafio valia a pena. Tinha olhos azuis, cheios de inteligência e libido. *E prometia*, pensou ele. Aventura. Ele acabara de fazer 31 anos e estava pronto para qualquer coisa.



O calor do deserto ajudou. Na maior parte do tempo a temperatura estava acima de 48 graus, e, exceto nos treinamentos regulares contra ataques a gás, as vestimentas nos postos se reduziam a bermudas e camisetas sem manga. E na experiência de Reacher, a combinação de calor com homens e mulheres quase sem roupas sempre levava a algo bom. Melhor do que servir o Exército em pleno inverno no Alasca, isso era certo.

A aproximação inicial prometera ser complicada, em razão da disparidade de patentes. E, quando chegou o momento, ele perdeu um pouco o rebolado e só foi salvo porque ela queria tanto quanto ele, e não tinha medo de deixar transparecer. Depois disso, tudo correu muito suavemente. Três longos meses, bons tempos. E então novas ordens apareceram, como sempre. Ele nem ao menos dissera adeus a ela. Não teve essa chance. E nunca mais a vira.

Eu a verei de novo amanhã, pensou.



Ele ficou no bar até a ESPN começar a reprisar os melhores momentos que já tinha mostrado uma vez. Pagou a conta e partiu em direção à calçada, ao brilho amarelado das luzes da rua. Decidiu que não voltaria ao Metropole Palace. Decidiu que era hora de mudar. Sem nenhuma razão específica. Apenas o seu instinto incansável. Não pare. Nunca fique num lugar por muito tempo. E o Metropole era um lugar assombroso. Desagradável até para os menos exigentes. Decidiu experimentar a pousada.

Aquela que vira no caminho da loja de autopeças. Aquela próxima à barbearia. Qualquer Corte 7 dólares. Talvez cortasse os cabelos antes de Hutton chegar na cidade.

Chenko saiu da casa do Zec à meia-noite. Levou Vladimir consigo. Se a menina de cabelos vermelhos tivesse que apanhar até a morte, Vladimir seria a pessoa a fazer isso. Para a perícia, tinha que parecer adequado. Chenko era pequeno demais para causar um ferimento que um soldado enfurecido de mais de 100kg poderia provocar. Mas Vladimir era diferente. Ele podia fazer o serviço com um único golpe, o que pode ser convincente no atestado de óbito. Uma recusa, uma objeção, um insulto sexual, um homem grande poderia despejar sua frustração com um pouco mais de força do que pretendia.

Ambos conheciam a garota. Haviam-na encontrado antes, por conta da ligação dela com Jeb Oliver. Até trabalharam juntos uma vez. Sabiam onde ela morava, num apartamento alugado num pedaço de terra sem muita graça, nas sombras da rodovia estadual, próximo ao início do elevado, a sudoeste do centro da cidade. Sabiam também que ela morava sozinha.

Reacher andou sem propósito num círculo de três quarteirões antes de se aproximar da pousada. Manteve os passos leves e prestou atenção, tentando ouvir sons de passos. Não ouviu nada. Não viu nada. Estava sozinho.

A pousada era praticamente uma antiguidade. No passado, deve ter sido algo moderno e, consequentemente, muito procurado. Mas desde então a impiedosa marcha do tempo e da moda a deixara para trás. Era bem conservada, mas nada atual. Exatamente o tipo de lugar de que Reacher gostava.

Ele acordou o atendente e pagou em dinheiro por apenas uma noite. Usou o nome Don Heffner, que jogava de segunda base e teve um bom aproveitamento para os Yankees durante o magro ano de 1934. O atendente deu-lhe uma enorme chave de bronze e apontou-

lhe no final do corredor o quarto de número oito. O quarto era desbotado e um pouco úmido. A cama e as cortinas pareciam originais. O banheiro também. Mas tudo o mais funcionava e a porta ficava firmemente trancada.

Ele tomou um banho rápido, dobrou as calças e a camisa com cuidado e colocou-as debaixo do colchão. Era o mais perto de que chegava quando o assunto era passar suas roupas. Ficariam bem de manhã. Ele faria a barba, tomaria um longo banho e então iria cortar o cabelo depois do café da manhã. Reacher não queria desvalorizar quaisquer lembranças que Hutton podia ter guardado. Se é que guardara alguma.

Chenko estacionou a leste da rodovia. Ele e Vladimir passaram por debaixo do elevado a pé e se aproximaram do prédio da garota pela parte de trás, sem serem vistos. Andaram próximos ao muro e foram até a porta dela. Chenko disse a Vladimir para não deixar que o vissem. Então bateu na porta, gentilmente. Ninguém respondeu, o que não foi uma surpresa. Era tarde e ela já devia estar na cama. Então Chenko bateu de novo, com um pouco mais de força. E mais uma vez, o mais alto que pôde. Ele viu uma luz se acender pela janela. Ouviu sons de passos. Ouviu a voz dela, pela fresta da porta.

— Quem é? — perguntou.

— Sou eu — disse ele.

— O que você quer?

— Precisamos conversar.

— Estava dormindo.

— Sinto muito.

— Está muito tarde.

— Eu sei — disse Chenko. — Mas é urgente. Houve uma pausa.

— Espere um minuto — disse ela.

Chenko ouviu sons de passos na direção do quarto. Em seguida, silêncio. Então ela voltou. A porta se abriu. Ela estava parada, vestindo um roupão.

— O que é que você quer? — perguntou ela.

— Você precisa vir conosco — disse Chenko. Vladimir saiu das sombras.

— Por que ele está aqui? — perguntou Sandy.

— Está me ajudando — disse Chenko.

— O que é que você quer?

— Preciso que você saia.

— Desse jeito? Não posso.

— Concordo — disse Chenko. — Vá se vestir. Como se fosse a um encontro.

— Um encontro?

— Precisa ficar bem bonita.

— Mas vou ter que tomar um banho. Arrumar o cabelo.

— Temos tempo.

— Um encontro com quem?

— Só precisa ser vista. Como se estivesse pronta para um encontro.

— A esta hora da noite? A cidade inteira está dormindo.

— A cidade inteira não. Estamos acordados, por exemplo.

— Quanto vou ganhar?

— Duzentos — disse Chenko. — Está muito tarde.

— Quanto tempo isso levará?

— Só um minuto. Você só precisa ser vista andando em algum lugar.

— Não sei.

— Duzentos por um minuto de trabalho não é nada mal.

— Não é um minuto de trabalho. Levarei uma hora para me arrumar.

— Duzentos e cinquenta, então — disse Chenko.

— Fechado.

Chenko e Vladimir aguardaram na sala de estar, escutando através das paredes finas, ouvindo o som do chuveiro, do secador de

cabelos, as respirações presas enquanto ela se maquiava, o som dos elásticos de suas roupas íntimas, o sussurrar do tecido sobre sua pele. Chenko notou que Vladimir estava inquieto e suando muito. Não por causa da tarefa a seguir. Mas porque havia uma mulher quase nua no quarto ao lado.

Vladimir era imprevisível em certas situações. Chenko ficou feliz por estar ali para supervisioná-lo. Se não estivesse, o plano certamente teria ido por água abaixo.

Sandy entrou na sala depois de uma hora com um visual de, como diriam os americanos, um milhão de dólares. Vestia uma blusa preta quase transparente. Por baixo, um sutiã preto que moldava seus seios em dois montes implausivelmente redondos. Vestia uma calça preta colada no corpo, até pouco depois dos joelhos. Calça de ciclista, jardineira? Chenko não sabia o nome. Calçava sapatos pretos de salto alto. Com a pele branca, os cabelos vermelhos e os olhos verdes, parecia saída de uma foto de revista.

Uma pena, pensou Chenko.

— O meu dinheiro? — perguntou Sandy.

— Depois — disse Chenko. — Quando trouxermos você de volta.

— Deixa eu ver.

— Está no carro.

— Então vamos dar uma olhada — disse Sandy.

Caminharam em fila única. Chenko ia na frente. Sandy em segundo. Vladimir veio por trás. Passaram por debaixo da rodovia. O carro estava logo à frente. Estava gelado e coberto de névoa. Não havia dinheiro dentro. Nenhum centavo. Chenko sabia disso. Então ele parou a alguns metros do carro e virou-se. Balançou a cabeça para Vladimir.

— Agora — ordenou.

Vladimir tocou o ombro direito de Sandy com a mão direita. Fez isso para fazê-la virar de lado, e então bateu com seu punho esquerdo na têmpora direita dela, um pouco acima e na frente do

ouvido. Foi uma pancada colossal. Explosiva. A cabeça dela girou violentamente para o lado e voltou; suas pernas cederam, fazendo-a cair no chão como um saco de batatas.

Chenko se agachou próximo a ela. Esperou um momento até o corpo se assentar e tocou o pescoço dela para sentir-lhe o pulso. Não havia nenhum.

— Você quebrou o pescoço dela — disse ele. Vladimir balançou a cabeça.

— O negócio é o posicionamento — disse ele. — O vetor principal é quase sempre lateral, obviamente, mas tenta-se alguma rotação também. Então, não é tanto quebrar. É mais um efeito alicate. Como uma corda de enforcar.

— Tudo bem com a sua mão?

— Ficará sensível amanhã.

— Bom trabalho.

— Tento sempre fazer o melhor.

Eles destrancaram o carro, levantaram o apoio de braço e deitaram o corpo no banco traseiro. O espaço foi suficiente. Ela era uma garota pequena. Em seguida, entraram no carro e partiram. Contornaram pelo leste e saíram por trás do Metropole Palace. Evitaram a área onde o lixo era jogado e encontraram um beco lateral. Pararam próximos a uma saída de incêndio. Vladimir desceu do carro e abriu a porta traseira. Puxou o corpo pelos ombros e deixou-o onde caiu. Entrou no carro. Chenko seguiu em frente, parou a alguns metros e olhou para trás. O corpo estava caído próximo à parede. De frente para a saída de incêndio. Parecia um cenário plausível. Ela fugira do quarto do soldado envergonhada e em pânico, preferiu não esperar pelo elevador e descera correndo as escadas em direção à rua. Talvez ela tenha tropeçado ali e agravado ainda mais o dano que ele havia causado nela. Talvez tenha tropeçado e caído contra a parede, e o choque deslocara uma vértebra já torcida.

Chenko virou-se para a frente e seguiu dirigindo, sem pressa, mas nem tão devagar, sem chamar atenção, sem se destacar, 12km a noroeste, de volta para a casa do Zec.

capítulo 8

Reacher acordou às sete da manhã, saiu para checar se havia alguém o vigiando e procurou uma farmácia. Caminhou em ziguezague por quase um quilômetro e não viu ninguém o seguindo. Encontrou uma farmácia dois quarteirões a leste da pousada e comprou café num copo de isopor, um pacote de barbeadores descartáveis, uma lata de espuma para barbear e um tubo de creme dental. Carregou suas compras de volta para a pousada, passando por um caminho diferente. Chegando lá, colocou suas roupas embaixo da cama novamente e bebeu o café. Em seguida tomou banho e fez a barba, aproveitando ao máximo aqueles 22 minutos. Lavou os cabelos duas vezes. Vestiu-se de novo e saiu para tomar o café da manhã no único lugar que encontrou, um restaurante *fast-food* que vira no dia anterior. Havia um pequeno balcão. Ele bebeu mais café e comeu um sanduíche de presunto com algo que um dia fora um ovo, primeiro desidratado, depois transformado em pó para então ser reconstituído. O limiar de aceitabilidade culinária dele era muito baixo, mas naquele momento achou que talvez estivesse indo um pouco longe demais.

Depois do sanduíche, pediu uma torta de limão. Estava melhor do que o sanduíche. Então comeu um segundo pedaço, com um segundo copo de café. Logo em seguida caminhou para o sul, na direção da barbearia. Abriu a porta e sentou-se na cadeira de barbeiro às oito em ponto.

Enquanto isso, a investigação do homicídio próximo ao Metropole Palace já acontecia há três horas. O corpo no beco fora descoberto às 5h30 por um faxineiro no caminho para o trabalho. Era um hondurenho de meia-idade. Ele não tocara no corpo. Não procurou por sinais de vida. A forma como o corpo estava estirado

no chão lhe dissera tudo. O vazio da morte é reconhecível em qualquer lugar. O homem apenas correu e avisou o recepcionista noturno. Em seguida voltou para casa, pois não tinha o *greencard* e não queria ficar por perto de uma investigação policial. O recepcionista ligou para a emergência e saiu pela porta de incêndio para dar uma olhada. Voltou para dentro 30 segundos depois, sem ter gostado do que vira.

Duas patrulhas e uma ambulância apareceram dentro de oito minutos. Paramédicos confirmaram a morte e a ambulância partiu. Os patrulheiros bloquearam o beco e a saída de incêndio e tomaram o depoimento do recepcionista. Ele disse que saíra para tomar ar e encontrara o corpo, para proteger o imigrante ilegal de Honduras. Era bem perto da verdade. Certamente o policial não tinha por que duvidar de sua palavra. Apenas relaxaram e aguardaram por Emerson.

Emerson chegou às 6h25. Trouxe o seu número dois, uma mulher chamada Donna Bianca, o médico-legista e Bellantonio para cuidar da cena do crime. O trabalho técnico ocupou os primeiros 30 minutos. Medições, fotografias, coleta de evidências. Então Emerson pôde chegar perto do corpo e encontrou o seu primeiro problema. A garota não tinha bolsa nem identidade. Ninguém fazia ideia de quem era.

Ann Yanni apareceu atrás do Metropole às 7h15. Ela trazia consigo uma equipe da NBC, formada por um câmera e um técnico de som com um microfone boom. O microfone tinha uma capa cinza de pelo e o boom media cerca de 3m de comprimento. O rapaz chegou perto da fita de isolamento da polícia, esticou os braços ao máximo e ouviu a voz de Emerson em seu fone de ouvido. Emerson conversava com Bianca sobre prostituição.

O médico-legista checou os braços, as coxas e as interdigitais da garota e não encontrou marcas de seringa. Então ela não estivera ali para comprar drogas. Talvez estivesse se prostituindo. Quem mais

sairia pela porta lateral de um hotel no meio da noite vestida assim? Ela era jovem e ainda um tanto atraente. Portanto, não deveria ser barata. E carregaria uma bolsa cheia de notas novas de 20 dólares que teriam acabado de sair de um caixa eletrônico, sacadas por um homem de negócios. Batera de frente com alguém que a esperava. Alguém esperando especificamente por ela ou por alguém como ela. Quem quer que fosse, arrancou-lhe a bolsa e batera-lhe na cabeça, um pouco mais forte do que o necessário.

Uma garota de 19 ou 20 anos que não fosse viciada não teria, necessariamente, suas impressões digitais colhidas, a menos que tivesse uma condenação por vício em algum lugar. Emerson não queria contar com isso, e, dessa maneira, não esperava descobrir a identidade dela num banco de dados. Esperava descobrir sua identidade dentro do hotel, por intermédio do recepcionista que a deixara entrar e sair ou com o cliente que a contratara.

— Ninguém sai — disse ele para Bianca. — Conversaremos com todos os hóspedes e todos os funcionários individualmente. Encontre uma sala em algum lugar. E diga para todas as unidades procurarem um homem com mais notas de 20 do que deveria.

— Um homem grande — disse Bianca. Emerson balançou a cabeça.

— Um homem muito grande. Aquilo foi um soco e tanto.

O médico-legista levou o corpo para o necrotério, e Donna Bianca ocupou o bar do hotel. As entrevistas já estavam quase no final por volta das 8h30.



O barbeiro era um homem velho e tarimbado. Provavelmente cortava cabelos no mesmo estilo há quase 50 anos. Era um corte militar. Deixou 4cm no topo e usou a máquina para raspar atrás e

dos lados. Em seguida girou a máquina e acertou as costeletas, e então espanou os cabelos no pescoço do seu cliente. Era um estilo familiar para Reacher. Ele usara o penteado assim a maior parte de sua vida, exceto em períodos em que tinha preguiça de cuidar dos cabelos e uns dois outros em que usara a cabeça raspada com máquina 1.

O barbeiro levantou o espelho para mostrar a parte de trás para Reacher.

— Satisfeito? — perguntou.

Reacher balançou a cabeça. Parecia bem, exceto pela margem de 1,5cm em volta da cabeça, onde sua pele estava muito branca. Usara cabelos mais compridos em Miami, e o bronzeado não havia penetrado. O barbeiro limpou a camisa dele com uma escova e removeu a toalha. Reacher deu-lhe os 7 dólares e mais 1 de gorjeta. Então, deu a volta pelo quarteirão. Ninguém o seguia. Destrancou o quarto, lavou o rosto e raspou as costeletas de novo. Havia um novo montinho de cabelos ali. A máquina do barbeiro estava um pouco cega.

As entrevistas no Metropole acabaram por volta de 9h20 e não acrescentaram absolutamente nada. O recepcionista noturno jurava que não sabia nada sobre a garota. Havia apenas 11 hóspedes, e nenhum deles ajudou muito. Emerson era um detetive talentoso e experiente, e sabia que as pessoas, às vezes, diziam a verdade. E sabia que, para um detetive, aceitar a verdade era tão importante quanto rejeitar a mentira. Então, conferiu com Donna Bianca e, juntos, concluíram que haviam acabado de desperdiçar boa parte da manhã numa intuição furada.

E então um rapaz chamado Gary telefonou da loja de autopeças.

Gary chegou ao trabalho às 8 da manhã e encontrou-se quase sem funcionários. Ainda não havia sinal de Jeb Oliver, e Sandy também não aparecera. No começo ficou irritado. Telefonou para o apartamento dela e ninguém atendeu. Está a caminho, deduziu.

Atrasada. Mas ela não chegava. Então, ele ligou a cada 30 minutos. Por volta de 9h30 a irritação se transformou em preocupação e ele começou a pensar em acidentes de automóveis. Telefonou para a polícia em busca de informações. O atendente lhe disse que não houvera nenhum acidente naquela manhã. Então, houve uma pausa, e o telefonista pareceu considerar outra possibilidade; perguntou pelo nome da pessoa e a descrição. Gary disse Alexandra Dupree, conhecida como Sandy, 19 anos, branca, pequena, olhos verdes e cabelos ruivos. Dez segundos depois, Gary conversava com um detetive chamado Emerson num telefone celular.

Gary concordou em fechar a loja e Emerson enviou uma patrulha para buscá-lo. A primeira parada foi no necrotério. Gary identificou o corpo e estava branco e muito abalado quando chegou à sala de Emerson. Donna Bianca o acalmou e Emerson o observou atentamente. Estatísticas mostram que mulheres são mortas por maridos, namorados, irmãos, empregadores e colegas de trabalho, numa ordem decrescente de probabilidade, bem antes de um estranho andando na rua aparecer na lista de possíveis suspeitos. E às vezes o namorado e o colega de trabalho podem ser a mesma pessoa. Mas Emerson sabia que Gary era inocente. Estava abalado demais. Nunca alguém poderia fingir aquele tipo de choque e surpresa em relação a algo de que já sabia há mais de oito horas.

Então, Emerson deu início, gentilmente, a todas as perguntas usuais. Última vez que a vira? Sabia algo sobre sua vida privada? Família? Namorados? Ex-namorados? Telefonemas estranhos? Ela tinha inimigos? Problemas? Questões financeiras?

E então, inevitavelmente: algo estranho nos últimos dias?

Assim, por volta de 10h15, Emerson já sabia tudo sobre o estranho que fora até a loja no dia anterior. Bem alto, forte, bronzeado, agressivo mandão, vestindo calças e camisa de flanela verde-oliva. Tivera dois encontros esquisitos com Sandy no

escritório, pegara seu carro emprestado e exigira o endereço de Jeb Oliver com ameaças, e Jeb Oliver também estava desaparecido.

Emerson deixou Gary com Donna Bianca e foi até o corredor ligar para o escritório de Alex Rodin.

— Seu dia de sorte — disse ele. — Temos uma garota de 19 anos vítima de homicídio. Pescoço quebrado.

— E chama isso de sorte?

— O último contato inexplicado dela foi ontem, no local de trabalho, com um homem que parece bastante com o nosso amigo Jack Reacher.

— É mesmo?

— Temos uma descrição muito precisa do chefe dela. E o pescoço foi quebrado com um único soco na lateral da cabeça, o que não é fácil de se fazer, a não ser que se tenha o porte de Reacher.

— Quem era a garota?

— Uma ruiva da loja de autopeças perto da rodovia. Também tem um rapaz desaparecido que era da mesma loja.

— Onde isso aconteceu?

— Do lado de fora do hotel Metropole Palace.

— E lá que Reacher está hospedado?

— De acordo com o registro, não.

— Então ele é ou não é um suspeito?

— No momento ele me parece um suspeito muito bom.

— Quando você irá prendê-lo?

— Assim que encontrá-lo.

— Vou ligar para Helen — disse Alex Rodin. — Ela saberá onde ele está.

Rodin mentiu para a filha. Disse-lhe que Bellantonio precisava ver Reacher para corrigir um possível engano sobre parte das evidências da acusação.

— Que parte? — perguntou Helen.

— Apenas algo que discutiram. Provavelmente nada importante, mas estou fazendo tudo com muito cuidado. Não quero dar a vocês motivos para uma apelação.

O cone de tráfego, pensou Helen.

— Ele está a caminho do aeroporto — disse ela.

— Por quê?

— Para cumprimentar Eileen Hutton.

— Eles se conhecem?

— Aparentemente.

— Isso é antiético.

— Que eles se conheçam?

— Influenciar o testemunho dela.

— Tenho certeza de que ele não fará isso.

— Quando ele voltará?

— Depois do almoço, imagino.

— OK — disse Rodin. — Então fica assim.

Mas não ficou, claro. Emerson partiu imediatamente para o aeroporto. Encontrara Jack Reacher cara a cara duas vezes e poderia identificá-lo numa aglomeração. Donna Bianca foi com ele. Entraram juntos numa área restrita e encontraram uma sala de segurança que dava vista para o desembarque através de um vidro fume. Olharam para todos os rostos cuidadosamente. Nenhum sinal de Reacher. Ainda não chegou. Eles se acalmaram e esperaram.

capítulo 9

Reacher não foi para o aeroporto. Ele Tinha uma ideia melhor. Militares experientes gastavam muito tempo voando em pequenos aviões ou helicópteros e não gostavam muito disso. Sem contar os combates, o maior número de mortes de militares acontece em quedas de aviões. Assim, dada a escolha, um general de brigada inteligente como Eileen Hutton não pegaria um aviãozinho em Indianapolis. Ficaria feliz o suficiente em pegar um avião grande no aeroporto Washington National, mas não consideraria um bimotor para a parte final da jornada. De jeito nenhum. Em vez disso, ela alugaria um carro.

Então, Reacher caminhou para o sul e para o leste, na direção da biblioteca. Chegando lá, perguntou à mulher cansada da recepção onde ficavam guardadas as Páginas Amarelas. Ele foi na direção que ela indicou, pegou o catálogo e colocou-o sobre uma mesa. Abriu-o na letra H, de hotéis. Começou a procurar. Era quase certo que algum auxiliar de escritório da Procuradoria-Geral da Justiça Militar fizera o mesmo ontem, mas provavelmente pela internet. Hutton deve ter pedido para que ele lhe reservasse um quarto. Ele, ansioso para agradá-la, deve ter encontrado um mapa da cidade, localizado o fórum e a rodovia que vinha do norte. Em seguida, teria encontrado um bom hotel, conveniente para ambos. Algum lugar com estacionamento para o carro alugado. Provavelmente um hotel de alguma rede, com taxas especiais para o governo, acessíveis por algum código.

O Marriott Suites, pensou Reacher. *É para lá que ela vai*. Ao lado da rodovia, ao sul na direção da cidade, uma curva óbvia para a esquerda, e lá estava, a três quarteirões ao norte do fórum, uma caminhada agradável, café da manhã incluído. O auxiliar de

escritório deve ter imprimido a rota e grampeado junto com o itinerário. Ansioso para agradar. Hutton tinha esse efeito sobre as pessoas.

Ele memorizou o número do Marriott e guardou o catálogo. Então foi até a entrada da biblioteca e ligou de um telefone público.

— Gostaria de confirmar uma reserva — disse.

— Nome?

— Hutton.

— Sim, está aqui. Apenas por esta noite, uma suíte.

— Obrigado — disse Reacher, desligando o telefone.

Ela pegaria um voo cedo de Washington D.C. Depois de duas décadas servindo, ela acordaria às cinco da manhã, pegaria um táxi às seis, embarcaria às sete. Chegaria em Indianapolis às nove, no máximo. Fora do aeroporto por volta das 9h30. A viagem de carro duraria duas horas e meia. Chegaria ao meio-dia. Dali a uma hora.

Ele saiu da biblioteca e passou pela praça caminhando para o norte e para o leste, passando por uma pequena aglomeração de pessoas e depois pelo lado do escritório de alistamento e pela parte de trás do fórum. Encontrou facilmente o Marriott e sentou-se a uma mesa num canto, na cafeteria, e esperou.

Helen Rodin telefonou para o trabalho de Rosemary Barr. Ela não estava. A recepcionista parecia um tanto quanto embaraçada. Helen ligou para a casa dela, e Rosemary atendeu depois de dois toques.

— Eles a mandaram embora? — perguntou Helen.

— Licença não-remunerada — disse Rosemary. — Eu é que pedi. Todos agiam de forma estranha à minha volta.

— Isso é horrível.

— É da natureza humana. Preciso fazer um plano. Talvez precise me mudar.

— Quero uma lista com os amigos do seu irmão — disse Helen.

— Ele não tem amigos. O verdadeiro teste de amizade é a adversidade, não é mesmo? E ninguém o visitou. Nem tentou.

Ninguém me telefonou para saber como ele está.

— Refiro-me a antes — disse Helen. — Preciso saber quem ele via, com quem passava o tempo, quem o conhecia bem. Especialmente alguém de pouco tempo para cá.

— Não havia ninguém recente — disse Rosemary. — Não que eu saiba.

— Tem certeza?

— Acho que sim.

— E amigos antigos?

— Você tem uma folha de papel grande?

— Tenho um bloco inteiro.

— Bem, não vai precisar disso. Um rótulo de caixa de fósforos serviria. James é uma pessoa muito autossuficiente.

— Ele deve ter colegas.

— Alguns, eu acho — disse Rosemary. — Tem um rapaz chamado Mike, da vizinhança. Eles conversam sobre o bairro, sobre beisebol, sabe, coisas de homem.

Mike, Helen escreveu. Coisas de homem.

— Mais alguém? Houve uma longa pausa.

— Alguém chamado Charlie — disse Rosemary.

— Fale sobre ele — disse Helen.

— Não tenho muito o que falar. Nunca o conheci de verdade.

— Há quanto tempo James o conhece?

— Anos.

— Incluindo o tempo que você viveu lá?

— Ele nunca aparecia quando eu estava. Só o vi uma vez. Ele estava sempre de saída quando eu estava chegando. Eu perguntei quem era. James disse, era Charlie, como se fosse um amigo antigo.

— Como ele é?

— É pequeno. Tem o cabelo esquisito. Como uma escova de banheiro preta.

— Ele é daqui mesmo?

— Acho que sim.

— Qual era o assunto em comum deles? Outra longa pausa.

— Armas — disse Rosemary. — Os dois se interessavam.

Charlie, escreveu Helen. *Armas*.



Donna Bianca passou algum tempo no celular e mapeou os horários de voo entre Washington D.C. e Indianapolis. Ela sabia que as escalas saíam de hora em hora e levavam 35 minutos. Deduziu que uma pessoa com um compromisso no tribunal às quatro da tarde não chegaria depois das 14h35. Isso significava sair de Indianapolis às duas, o que significava chegar lá por volta de 13h30, no máximo, para dar tempo de trocar de avião. Isso também significava sair de Washington D.C. às 11h30 ou ao meio-dia, no máximo. O que não era possível. O último voo direto de Washington para Indianapolis decolava às 9h30. Havia um de manhã e outro à noite. Nada no meio.

— Ela chegará às 12h35 — disse Bianca.

Emerson olhou para o relógio. Quinze para o meio-dia.

— Isso significa que Reacher logo estará aqui — disse ele.

Às dez para o meio-dia, um mensageiro chegou no prédio de Helen Rodin com seis caixas de papelão contendo cópias das provas da acusação. O processo de revelação, garantido pelas regras do processo em questão. Garantido pela Constituição. O mensageiro ligou da recepção e Helen pediu que ele subisse. Ele teve que fazer duas viagens com o carrinho de mão. Deixou as caixas empilhadas na sala vazia da entrada do escritório de Helen. Helen assinou o recebimento e ele saiu. Ela abriu as caixas. Era uma enorme quantidade de documentos e dezenas de fotografias. E 11 fitas VHS. Todas estavam rotuladas e tinham números que se referiam a um

documento autenticado que as descrevia como cópias legítimas e completas das fitas da câmera de segurança do edifício-garagem feitas por um profissional terceirizado. Helen pegou-as e as separou. Ela teria que levar as fitas para casa e usar seu próprio videocassete para assistir a todas elas. Ela não tinha um videocassete no escritório. Nem televisão.

Havia um aparelho de TV na cafeteria do Marriott. Ficava num canto, num suporte preso à parede. O som estava desligado. Reacher assistia a um comercial que mostrava uma moça num vestidinho transparente desfilando num campo florido. Ele não sabia ao certo que produto o comercial tentava vender. O vestido, talvez, maquiagem, xampu ou, quem sabe, um antialérgico. De repente surgiu o plantão do telejornal. Reacher checou o relógio. Meio-dia em ponto. Ele olhou para a recepção. Tinha uma visão clara de lá. Nenhum sinal de Hutton. Ainda não. Então voltou o olhar para a televisão. Ann Yanni estava na tela. Parecia estar ao vivo em algum lugar no centro da cidade, na rua. Em frente ao Metropole Palace. Ela falava num tom baixo, mas com sinceridade, e em seguida cortava para imagens do amanhecer. Um beco. Barreiras da polícia. Algo sem forma embaixo de um lençol. Mais um corte. Uma foto de identidade. Pele branca. Olhos verdes. Cabelos ruivos. Logo abaixo do queixo, um nome: *Alexandra Dupree*.

Alexandra.

Sandy.

Agora eles foram longe demais, pensou Reacher.

Ele tremeu.

Longe demais mesmo.

Ele olhava fixamente para a tela. O rosto de Sandy ainda estava lá. Mais um corte, de volta para imagens do amanhecer, uma imagem fechada de Emerson. Uma entrevista gravada. Yanni enfiara o microfone no rosto de Emerson. Ele falava. Yanni puxou o microfone e fez uma pergunta. Emerson falou mais um pouco. Seus

olhos estavam vazios, cansados e tentavam se esconder da luz forte da câmera. Mesmo sem o som, Reacher sabia o que ele estava falando. Prometia uma investigação completa do caso. Pegaremos o assassino, dizia.

— Vi você da recepção… — disse uma voz. E em seguida:

— E pensei comigo: eu não conheço aquele rapaz? Reacher desviou o olhar da televisão.

Eileen Hutton estava em pé na frente dele.

Seus cabelos estavam mais curtos. A pele não tinha mais o bronzeado. Havia linhas finas em volta de seus olhos. Apesar disso, ela parecia a mesma de 14 anos atrás. E tão bem quanto antes. Altura mediana, esbelta, elegante. Bem cuidada. Cheirosa. Feminina como nunca. Não engordara um quilo sequer. Vestia roupas civis. Calças caqui, camiseta branca, camisa azul de botão aberta por cima. Mocassim sem meias, sem maquiagem, sem joias.

Sem aliança de casada.

— Lembra de mim?

Reacher fez que sim com a cabeça.

— Olá, Hutton — disse. — Lembro sim. Claro que me lembro. É muito bom vê-la novamente.

Ela tinha uma bolsa e um cartão-chave nas mãos. Uma mala de rodinhas com uma alça longa a seus pés.

— É bom ver você de novo também — disse ela. — Mas diga-me que e coincidência você estar aqui. Por favor, diga-me isso.

Muito feminina, exceto pelo fato de ser mulher num universo masculino, e podia-se ver o aço se se soubesse onde procurar. Nos seus olhos. Corriam como um letreiro luminoso, quente, quente, bem-vindo bem-vindo, com um brilho periódico: Tente alguma coisa comigo que eu arranco os seus pulmões.

— Sente-se — disse Reacher. — Vamos almoçar.

— Almoçar?

— É o que as pessoas fazem na hora do almoço.

— Você estava esperando por mim?

Reacher respondeu com a cabeça. Olhou de volta para a televisão. A foto de Sandy estava na tela de novo. Hutton seguiu o olhar dele.

— Essa é a menina assassinada? — perguntou ela. — Ouvi no rádio, enquanto dirigia. Parece que as pessoas deviam ganhar salário de combatente para vir aqui.

— O que eles diziam no rádio? Aqui está sem som.

— Homicídio. Na noite passada. Garota daqui, com o pescoço quebrado. Um único soco na têmpora direita. Num beco próximo a um hotel. Espero que não seja este.

— Não — disse Reacher. — Não foi este.

— Brutal.

— E, acho que sim.

Eileen Hutton sentou-se. Não de frente para ele. Na cadeira ao lado dele. Da mesma maneira que Sandy, no bar.

— Você está ótima — ele disse. — De verdade. Ela ficou em silêncio.

— É bom ver você — disse ele de novo.

— Sinto o mesmo — disse ela.

— Sério, de verdade.

— Eu sei, eu também. Acredite, se estivéssemos numa festa eu estaria toda nostálgica e alegre. Ainda posso estar, tão logo descubra que você não está aqui pela razão que penso que está.

— E que razão seria essa?

— Para manter a sua promessa.

— Você se lembra disso?

— Claro que sim. Você me falou tudo numa noite.

— E você está aqui porque o Exército recebeu uma intimação.

Hutton balançou a cabeça.

— De um promotor idiota.

— Rodin — disse Reacher.

— Ele mesmo.

— A culpa é minha — disse Reacher.

— Meu Deus — disse Hutton. — O que você disse a ele?

— Nada — disse Reacher. — Não disse nada a ele. Mas ele me disse algo. Ele me disse que o meu nome estava na lista de testemunhas da defesa.

— A lista da defesa.

Reacher confirmou com a cabeça.

— Isso me surpreendeu, obviamente. Fiquei confuso. Perguntei a ele se o meu nome veio de algum antigo arquivo do Pentágono.

— Não mesmo — disse Hutton.

— Acabei descobrindo isso — disse Reacher. — Mesmo assim, eu acabei dizendo as palavras mágicas. Mencionei o Pentágono. A julgar pelo tipo de pessoa que ele é, eu sabia que ele ia à caça. Ele é muito inseguro. Gosta de seus casos impenetráveis. Então, peço perdão.

— Não precisa. Acabei ganhando uma viagem para o cafundó-do-judas e terei de cometer perjúrio até amanhã de manhã.

— Você não precisa fazer isso. É só alegar assunto de segurança nacional.

Hutton balançou a cabeça.

— Conversamos muito sobre isso. Decidimos ficar longe de qualquer coisa que possa chamar atenção. Aquele negócio dos palestinos foi muito delicado. Se isso vier à tona, tudo o mais virá. Então, estou aqui Para jurar de pés juntos que esse James Barr foi um soldado como outro qualquer.

— Você está à vontade com isso?

— Você conhece o Exército. Nenhum de nós é mais recruta. O que importa é a missão, e a missão é abafar o negócio do Kuwait.

— Por que delegaram você para esse serviço?

— Dois coelhos com uma cajadada só. Não adiantava enviarem outra pessoa e terem a mim por aí sabendo a verdade. Desse jeito

não posso mais falar sobre esse assunto, nunca mais. Não sem ter de confessar perjúrio em Indiana. Eles não são bobos.

— Estou surpreso por eles ainda se importarem com esse assunto. É praticamente um fóssil.

— Faz quanto tempo que você saiu?

— Sete anos.

— E certamente não assina a Army Times.

— O quê?

— Ou talvez você nunca soube.

— Nunca soube o quê?

— Onde aquilo foi parar… lá no alto na cadeia de comando.

— Divisão, imagino. Mas talvez não tenha ido até o topo.

— Parou na mesa de um certo coronel. Foi ele quem pôs um fim nessa escalada.

— E?

— O nome dele era Petersen.

— E?

— O Coronel Petersen é agora Tenente-General Petersen. Três estrelas. Conexão com o Congresso. Está para ganhar sua quarta estrela. E para ser nomeado Vice-Chefe de Corporação do Exército.

Isso complicaria as coisas, pensou Reacher.

— Embaraçoso — disse ele.

— E muito — disse Hutton. — Então, pode acreditar, esse assunto vai ficar abafadíssimo. Tenha isso em mente. O que quer que queria fazer sobre a sua promessa, você não pode falar sobre o que aconteceu. Assim como eu. Eles encontrariam uma maneira de chegar até você.

— Nenhum de nós precisa falar sobre isso. Assunto encerrado.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Eu acho.

— Você acha?

— Pergunte-me como foi que eles encontraram o meu nome.

— Como foi que eles encontraram o seu nome?

— James Barr em pessoa.

— Não acredito.

— Eu também não acreditei. Mas agora acredito.

— Por quê?

— Vamos almoçar. Precisamos muito conversar. Porque acho que tem mais alguém por aí que sabe.



Emerson e Bianca desistiram às 12h50. Reacher nunca apareceu. O voo chegou na hora marcada. Ninguém aparentando ser um general de brigada feminina desembarcou. Eles esperaram até que o desembarque terminasse e saíram quietos. Entraram no carro e dirigiram de volta à cidade.

Reacher e Hutton fizeram um sinal. Uma garçonete se aproximou, feliz por ter o que fazer. O menu era básico. Reacher pediu um queijo quente com café. Hutton preferiu uma salada Caesar e chá. Comeram e conversaram. Reacher falou sobre os detalhes do caso e em seguida sobre sua teoria. A escolha perversa do local, a coerção presumida. Contou a Hutton a teoria de Niebuhr sobre o novo e persuasivo amigo. Disse-lhe que Barr declarava que não tinha amigos recentes, e poucos velhos amigos.

— Não tem como ser um amigo recente — disse Hutton. — Porque isso é uma armação muito complexa. Existem a evidência contemporânea e os paralelos históricos. Segundo andar de um edifício-garagem no Kuwait, segundo andar de um edifício-garagem aqui e agora. Virtualmente o mesmo rifle. Mesma munição. E as botas. Nunca as vi antes da operação Escudo do Deserto. Isso é muito sugestivo. Quem quer que Seja que escreveu esse roteiro sabia tudo sobre o seu passado. O que quer dizer que não é um amigo

recente. Não pode ser. Levaria anos até que Barr se sentisse à vontade para falar sobre essas coisas.

Reacher concordou com a cabeça.

— Mas acabou falando. O que me faz crer que tem mais alguém por aí sabendo de tudo.

— Precisamos encontrar essa pessoa — disse Hutton. — A missão é encobrir todo esse negócio.

— Não a minha missão. Não me importo se esse tal de Petersen vai ganhar ou não sua quarta estrela.

— Mas você se importa se 250 mil veteranos tiverem a reputação arruinada. O escândalo afetaria todos eles. E eles foram pessoas boas.

Reacher ficou em silêncio.

— É muito simples — disse Hutton. — Se James Barr não tem tantos amigos, você não precisará procurar muito. Alguém há de ser o responsável.

Reacher continuou em silêncio.

— Dois coelhos com uma cajadada só — disse Hutton. — Você encontra o mestre dos fantoches e o Exército relaxa.

— Então por que o Exército não faz isso por mim?

— Não podemos chamar atenção.

— Tenho problemas operacionais — disse Reacher.

— Está sem jurisdição?

— Pior que isso. Estou prestes a ser preso.

— Por quê?

— Por matar a garota atrás do hotel.

— O quê?

— O mestre dos fantoches não me quer aqui. Já tentou contra mim na segunda à noite, com a mesma garota como isca. Então fui vê-la ontem, duas vezes. E agora eles a mataram, e tenho certeza de que sou o último contato inexplicado dela.

— Você tem um álibi?

— Depende do tempo exato, mas provavelmente não. Tenho certeza de que a polícia já está atrás de mim.

— Isso é um problema — disse Hutton.

— Apenas temporário — disse Reacher. — A ciência está do meu lado. Se o pescoço dela foi quebrado com um único soco na têmpora então sua cabeça girou um pouco, no sentido anti-horário, o que significa que o soco foi desferido por um canhoto. Eu sou destro. Se eu a tivesse acertado na têmpora direita, teria feito um estrago, mas não quebrado o pescoço. Teria que fazer isso depois.

— Tem certeza?

Reacher fez que sim com a cabeça.

— Eu fazia esse tipo de coisa para sobreviver, esqueceu?

— Mas eles acreditarão em você? Ou pensarão que você é grande o suficiente para ter feito aquilo com a mão fraca?

— Não vou pagar para ver.

— Vai fugir?

— Não, vou ficar por aqui. Mas tenho que ficar fora do caminho deles. O que vai me atrasar um pouco. Muito, na verdade. Por isso disse que tenho problemas operacionais.

— Posso ajudar?

Reacher sorriu.

— É bom ver você, Hutton — disse ele. — De verdade.

— Como posso te ajudar?

— Creio que haverá um policial chamado Emerson aguardando você depois do seu depoimento. Ele perguntará a você sobre mim. Finja-se de boba. Apenas diga que eu não apareci, você não me viu, não sabe onde estou, esse tipo de coisa.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Você está triste — concluiu. — Dá para ver.

Ele balançou a cabeça. Esfregou o rosto, como se estivesse lavando-o sem água.

— Não me importo muito com James Barr — disse ele. — Se alguém armasse para ele, para que fosse punido pelo que fez 14 anos atrás, não me importaria. Mas essa história com a garota é diferente. Passou dos limites. Ela era apenas uma menina boba. Não fazia mal a ninguém.

Hutton ficou em silêncio.

— Você tem certeza sobre a ameaça à irmã de Barr? — ela perguntou.

— Creio que sim.

— Mas não há sinal de ameaça. Como promotora, não pude ver isso como uma acusação à parte.

— Então, por que Barr teria feito o que fez?

Hutton não respondeu.

— Vejo você mais tarde? — perguntou ela.

— Tenho um quarto não muito longe daqui — disse ele. — Vejo você por aí.

— OK — ela disse.

— A menos que eu esteja preso.

A garçonete voltou e eles pediram a sobremesa. Reacher pediu mais café e Hutton mais chá. Continuaram a conversar. Assuntos diversos, perguntas diversas. Tinham 14 anos para recuperar.



Helen Rodin vasculhou as seis caixas de provas e encontrou a fotocópia amarela de uma folha de papel encontrada perto do telefone de Barr. Era o que ele tinha de mais parecido com uma agenda telefônica. Tinha três números escritos à mão. Dois eram de sua irmã, Rosemary, um do apartamento dela e o outro do trabalho. O terceiro número era de Mike. O rapaz da vizinhança. Nada para ninguém chamado Charlie.

Helen ligou para o número de Mike. Tocou seis vezes antes de a secretária eletrônica atender. Ela deixou o número do escritório e pediu que ele retornasse a ligação para tratar de um assunto de grande importância.



Emerson passou uma hora com o desenhista e saiu com uma imagem bem precisa do rosto de Jack. O desenho foi então digitalizado e colorido. Cabelos louros sujos, olhos azuis, bronzeado médio. Emerson digitou o nome e estimou a altura em 1,98m, o peso em 120kg e a idade entre 35 e 45 anos. Pôs o número do Departamento de Polícia na linha de baixo. Em seguida enviou por e-mail para vários lugares e imprimiu 200 cópias. Emerson disse a cada patrulheiro que levasse uma cópia para cada bar e hotel na cidade. E então completou: cada restaurante, cantina e lanchonete.

Mike, o amigo de James Barr, telefonou para Helen Rodin às três da tarde. Ela perguntou-lhe o endereço, e ele, por fim, concordou em encontrá-la pessoalmente para uma entrevista. Ele disse que estaria em casa o restante do dia. Helen chamou um táxi e partiu. Mike vivia na mesma rua de Barr, a 20 minutos do centro da cidade. A casa de Barr podia ser vista do terreno de Mike. As duas casas eram parecidas. Todas as casas naquela rua eram parecidas. Eram sítios da década de 50, longos e térreos. Helen deduziu que todos começaram iguais. Mas depois de meio século de reformas acabaram ficando diferentes. Alguns pareciam valorizados, outros nem tanto. A casa de Barr parecia acabada. A de Mike, bem cuidada.

Mike era um homem cansado, de uns 50 anos, que trabalhava de manhã como atacadista de tintas. A esposa dele chegou em casa enquanto Helen se apresentava. Também era uma mulher cansada, de uns 50 anos. Seu nome era Tammy, apesar do nome não combinar

muito. Era enfermeira odontológica e trabalhava meio período, duas manhãs por semana, para um dentista no centro da cidade. Ela levou Mike e Helen para a sala e foi fazer café. Helen e Mike sentaram-se. Um silêncio desconfortável tomou conta do ambiente por alguns minutos.

— Então, o que posso te dizer? — perguntou Mike.

— Você era amigo do sr. Barr — disse Helen. Mike olhou para a porta da sala. Estava aberta.

— Apenas um vizinho — disse ele.

— A irmã dele chamou você de amigo.

— Éramos apenas vizinhos. Algumas pessoas chamam isso de amizade.

— Vocês passavam algum tempo juntos?

— Conversávamos um pouco quando ele saía com o cachorro.

— Sobre que tipo de coisas?

— Nossos quintais — disse Mike. — Quando ele pensava em fazer uma reforma, vinha me perguntar sobre tintas. Eu perguntava quem arrumara a entrada da garagem dele. Coisas desse tipo.

— E beisebol?

Mike concordou com a cabeça.

— Falávamos sobre isso sim.

Tammy voltou com três xícaras numa bandeja. Havia creme, açúcar um pequeno prato de biscoitos e guardanapos. Ela deixou a bandeja na mesinha de centro e sentou-se ao lado do marido.

— Fique à vontade — ela disse.

— Obrigada — disse Helen. — Muito obrigada.

Todos se serviram e o silêncio invadiu o ambiente mais uma vez.

— Você já entrou na casa do sr. Barr? — Helen perguntou. Mike olhou para sua esposa.

— Uma ou duas vezes — disse ele.

— Eles não eram amigos — disse Tammy.

— Foi uma surpresa para vocês? — perguntou Helen. — Ele ter feito o que fez?

— Sim — disse Tammy. — Foi sim.

— Então não precisam sentir-se mal por terem estado com ele antes. Ninguém poderia ter imaginado que ele faria algo assim. Essas coisas são sempre uma surpresa. Os vizinhos nunca sabem.

— Você está tentando ajudá-lo?

— Na verdade, não — disse Helen. — Mas surgiu uma teoria sugerindo que ele não agiu sozinho. Só estou tentando garantir que o outro homem também seja punido.

— Não foi o Mike — disse Tammy.

— Não acho que tenha sido ele — disse Helen. — De verdade. Nem por um minuto. Ainda mais agora que o conheci. Mas quem quer que seja esse outro homem, talvez você ou Mike tenha ouvido sobre ele, ou até mesmo visto ele entrando e saindo da casa de Barr.

— Barr não tinha amigos — disse Mike.

— Ninguém?

— Não que ele tenha me dito. Ele vivia com a irmã até que ela se mudou. Acho que isso era o suficiente para ele.

— O nome Charlie lhe diz algo? Mike apenas balançou a cabeça.

— O que o sr. Barr fazia quando tinha emprego?

— Não sei — disse Mike. — Ele não trabalhava há anos.

— Já vi um homem por lá — disse Tammy.

— Quando?

— De vez em quando. Bem de vez em quando. Ele vem e vai. A qualquer hora do dia e da noite, assim como um amigo.

— Há quanto tempo?

— Desde que nos mudamos para cá. Eu passo mais tempo em casa do que Mike. Então percebo mais.

— Quando foi a última vez que viu esse homem?

— Na semana passada, eu acho. Umas duas vezes.

— Sexta-feira?

— Não, antes disso. Terça e quarta, talvez.

— Como ele é?

— É pequeno. Tem cabelos engraçados. Pretos, como uma escova preta.

Charlie, pensou Helen.



Eileen Hutton andou três quarteirões e chegou ao fórum faltando um minuto para as quatro da tarde. A secretária de Alex Rodin desceu para acompanhá-la ao terceiro andar. Os depoimentos ocorriam numa sala de conferências, porque a maioria das testemunhas trazia seus advogados e taquígrafos consigo. Mas Hutton estava sozinha. Sentou-se sozinha na lateral de uma longa mesa e sorriu, enquanto um microfone era colocado a sua frente e uma câmera de vídeo focalizava o seu rosto. Então Rodin apareceu e se apresentou. Ele trouxera uma pequena equipe. Um assistente, sua secretária e um escrivão com uma máquina de escrever.

— Pode nos dizer o seu nome completo e o seu título, para registro? — perguntou ele.

Hutton olhou para a câmera.

— Eileen Ann Hutton — disse. — General-de-brigada, Procuradoria-Geral da Justiça Militar, Exército dos Estados Unidos da América.

— Espero que isso não leve muito tempo — disse Rodin.

— Não levará — disse Hutton.

E não levou. Rodin pescava num oceano desconhecido. Era como um cego num quarto escuro. Tudo o que podia fazer era vagar sem destino, na esperança de esbarrar em algo. Depois de seis perguntas ele se deu conta de que não chegaria a nada.

Ele perguntou:

— Como você caracterizaria o serviço militar de James Barr?

— Exemplar sem ser excepcional — disse Hutton. Ele perguntou:

— Ele já se meteu em alguma confusão?

— Não que eu tenha conhecimento — disse ela. Ele perguntou:

— Você está ciente dos eventos recentes nesta cidade?

— Sim, estou — disse Hutton. Ele perguntou:

— Existe alguma coisa no passado de James Barr que possa revelar a chance de ele estar ou não envolvido nesses eventos?

— Não que eu tenha conhecimento — disse Hutton.

Finalmente, ele perguntou:

— Existe alguma razão que faça com que o Pentágono tenha mais cuidado com James Barr do que com qualquer outro veterano?

— Não que eu tenha conhecimento — disse Hutton.

Naquele momento, Alex Odin desistiu.

— OK — disse ele. — Obrigado, General Hutton.



Helen Rodin caminhou quase 30 metroa e ficou parada na rua por um instante, perto da casa de James Barr. Uma fita amarela da polícia atravessava a entrada e havia um pedaço de madeira pregado na porta da frente, quebrada. Parecia abandonada e vazia. Não havia nada para ver. Então, Helen pegou o celular e telefonou para um táxi, pedindo para levá-la até o hospital. Já passava das quatro da tarde quando ela chegou lá. O sol estava se pondo. Iluminava o concreto branco do prédio com nuances de laranja e rosa.

Ela pegou o elevador até o sexto andar, assinou a entrada com o Departamento Correcional, encontrou o entediado médico de 30 anos e perguntou-lhe sobre James Barr. O médico não respondeu. Não estava muito interessado nas condições de James Barr. Isso

estava claro. Então Helen passou por ele e abriu a porta do quarto de Barr.

Barr estava acordado. Ainda estava algemado à cama. Sua cabeça permanecia imóvel. Os olhos estavam abertos e ele olhava fixamente para o teto. Sua respiração era lenta e o monitor cardíaco apitava menos de uma vez por segundo. Seus braços tremiam levemente e as algemas faziam barulho ao bater na grade da cama. Sons silenciosos, metálicos.

— Quem está aí? — perguntou ele.

Helen chegou mais perto e entrou no campo de visão dele.

— Eles estão cuidando de você? — perguntou ela.

— Não tenho do que me queixar — ele disse.

— Fale-me sobre o seu amigo Charlie.

— Ele está aqui?

— Não, não está.

— E o Mike, ele veio?

— Não acho que permitam visitas. Apenas advogados e a família. Barr ficou calado.

— Esses são seus únicos amigos? — perguntou Helen. — Mike e Charlie?

— Acho que sim — disse Barr. — E Mike é mais um vizinho do que um amigo.

— E Jeb Oliver?

— Quem?

— Ele trabalha na loja de autopeças.

— Não conheço.

— Tem certeza?

Os olhos de Barr se mexeram e seus lábios se contraíram como um homem vasculhando a memória, tentando ser prestativo, desesperado por aprovação.

— Sinto muito — ele disse. — Nunca ouvi falar dele.

— Você usa drogas?

— Não — disse Barr. — Nunca. Não faria esse tipo de coisa. — Ele ficou em silêncio por um instante. — Na verdade, eu não faço muita coisa. Apenas vivo. É por isso que essa história toda não faz muito sentido para mim. Passei 14 anos por aí. Por que jogaria tudo fora agora?

— Fale-me sobre Charlie — disse Helen.

— Nós conversamos de vez em quando — disse Barr. — Fazemos coisas.

— Com armas?

— Um pouco.

— Onde ele mora?

— Não sei.

— Quanto tempo faz que vocês são amigos?

— Cinco anos. Talvez seis.

— E você não sabe onde ele vive?

— Ele nunca me disse.

— Ele já esteve na sua casa.

— E daí?

— E você nunca foi à casa dele?

— Ele é que vinha à minha.

— Você tem o número do telefone dele?

— Ele apenas aparece aqui e ali, de vez em quando.

— Vocês são próximos?

— O suficiente.

— Quanto exatamente?

— Nós nos damos bem.

— Bem o bastante para você contar a ele o que aconteceu há anos?

Barr não respondeu. Apenas fechou os olhos.

— Você contou a ele?

Barr ficou em silêncio.

— Acho que você contou a ele — disse Helen.

Barr não confirmou nem negou.

— Fico surpresa por um homem não saber onde vive o amigo. Especialmente um amigo tão próximo quanto imagino que Charlie seja.

— Eu não quis forçar a barra — disse Barr. — Tinha sorte de ter pelo menos um amigo. Não quis estragar tudo com perguntas.



Eileen Hutton se levantou da mesa de depoimentos de Alex Rodin e apertou a mão de todos os presentes. Em seguida saiu para o corredor e ficou cara a cara com o homem que ela deduziu ser Emerson. O mesmo de que Reacher lhe falara. Ele confirmou entregando-lhe um cartão com seu nome.

— Podemos conversar? — ele perguntou.

— Sobre o quê? — ela perguntou de volta.

— Sobre Jack Reacher — disse Emerson.

— Qual o assunto?

— Você o conhece, não é?

— Conheci Reacher há 14 anos.

— Qual foi a última vez que o viu?

— Há quatorze anos — respondeu. — Estivemos no Kuwait juntos. Depois ele foi enviado para algum lugar. Ou eu fui. Não me lembro.

— Não o viu hoje?

— Ele está em Indiana?

— Está aqui. Neste exato momento.

— Que mundo pequeno.

— Como você chegou até aqui?

— Peguei um avião até Indianapolis e aluguei um carro.

— Ficará aqui até amanhã?

— E tenho escolha?

— Onde?

— No Marriott.

— Reacher matou uma garota na noite passada.

— Tem certeza?

— É o nosso único suspeito.

— Não me parece o tipo de coisa que ele faria.

— Ligue-me se o vir por aí. O número da delegacia está no meu cartão. O meu ramal também. E o meu celular.

— Por que eu o veria?

— Como você disse, o mundo é pequeno.



Uma patrulha da polícia partiu para o norte, pelo tráfego que já ficava lento. Passou pela loja de armas. Passou pela barbearia. Qualquer Corte 7 dólares. Então virou à direita na direção da pousada. O policial no banco do carona desceu e foi até a recepção. Entregou um cartaz ao recepcionista e disse:

— Telefone para a polícia se este homem aparecer por aqui, OK? — pediu o policial.

— Ele já está aqui — disse o recepcionista. — Mas o nome dele é Heffner, e não Reacher. Coloquei-o no quarto 8 na noite passada.

O policial ficou paralisado.

— Ele está lá agora?

— Não sei. Ele entrou e saiu algumas vezes.

— Até quando é a reserva dele?

— Ele pagou por uma noite. Mas ainda não devolveu a chave.

— Então ele está planejando ficar mais uma noite.

— Acho que sim.

— A menos que ele já esteja aqui.

— É — disse o recepcionista.

O policial recuou até a porta. Fez sinal para o parceiro. O parceiro desligou o carro, trancou a porta e andou na direção da recepção.

— Quarto 8, nome falso — disse o primeiro policial.

— Está lá agora? — perguntou o parceiro.

— Não sabemos.

— Então vamos descobrir.

Eles levaram o recepcionista com eles. Fizeram-no esperar atrás. Sacaram as armas e bateram na porta do quarto 8. Sem resposta. Bateram de novo. Sem resposta.

— Tem uma chave mestra? — perguntou o primeiro policial.

O recepcionista entregou-lhe uma chave. O policial enfiou-a na fechadura, gentilmente. Girou-a. Abriu a porta alguns centímetros e parou. Em seguida a abriu com força e entrou. Seu parceiro foi atrás. Apontavam as armas para os lados, para cima e para baixo, com rapidez e tensão.

O quarto estava vazio.

Não havia nada lá dentro, exceto uma sequência de artigos de banheiro esquecidos numa prateleira sobre a pia. Um pacote novo de barbeadores descartáveis aberto, um usado. Uma lata nova de espuma para barbear com espuma ressecada no bico. Um tubo novo de creme dental, espremido duas vezes.

— Esse homem viaja leve — disse o primeiro policial.

— Mas ainda não foi embora daqui — disse o parceiro. — Certamente vai voltar.

capítulo 10

Reacher cochilava na cama do quarto 310 no Marriott Suites. Estava deitado de costas, como um cadáver. Ele e Hutton conversaram tanto na cafeteria que ela quase se atrasara para o depoimento. Hutton olhou para o relógio faltando cinco minutos para as quatro e atirou seu cartão-chave para Reacher, pedindo-lhe que levasse sua mala até o quarto. Em seguida partiu direto para o fórum. Ele imaginou que ela quisesse que ele deixasse a chave na recepção. Mas não deixou. Ele não precisava ir a lugar nenhum. Não naquele momento. Então deixou a mala no quarto e ficou por ali mesmo.

Ele não gostou muito do quarto 310. Era no terceiro andar, o que tornava uma fuga pela janela pouco provável. O quarto 8 na pousada era melhor. O nível da rua, numa vizinhança velha e confusa, dava a alguém como ele a chance de tentar algo. Abra a janela, pule, procure um beco ou outra janela. Nada mal. Ali era horrível. Estava a três andares de altura. Uma longa escalada. E nem ao menos sabia se as janelas podiam ser abertas. Talvez não pudessem. Talvez os advogados dessa rede de hotéis estivessem preocupados com processos em caso de quedas. Ou talvez fosse uma questão de economia. Talvez janelas abertas aumentassem demais a conta do ar-condicionado. O que quer que fosse, aquele não era um quarto bom de se estar. De forma alguma. Não por muito tempo.

Mas não era tão mal para se estar por um período curto. Então, Reacher fechou os olhos e apagou. Durma quando puder, porque nunca se sabe quando poderá dormir de novo. Essa era uma velha regra do Exército.

O plano de Emerson era muito objetivo. Colocou Donna Bianca no quarto 7. Disse aos patrulheiros para esconderem seus carros a

três ruas de distância, voltar a pé e esperar no quarto 9. Pôs um carro duas ruas atrás da pousada, outro a quatro quarteirões ao norte, onde ficavam os vendedores de carros, e outro a dois quarteirões ao sul. Disse ao recepcionista para ficar acordado e avisar Bianca no quarto 7 tão logo visse o rapaz conhecido por ele como Heffner.

Eileen Hutton voltou para o Marriott às 16h30. Não havia nenhum cartão-chave esperando por ela na recepção. Nenhum recado. Então, ela subiu pelo elevador, seguiu as setas para o quarto 310 e bateu na porta. Depois de uma pausa curta, a porta se abriu e Reacher deixou-a entrar.

— Que tal o meu quarto? — perguntou.

— A cama é confortável — ele disse.

— Devo ligar para Emerson se vir você — disse ela.

— E vai ligar?

— Não.

— Perjúrio e acobertar um fugitivo — disse ele. — Tudo isso num só dia.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou o cartão de Emerson.

— Você é o único suspeito deles. Ele me deu três números de telefone. Parece que a coisa é séria.

Ele pegou o cartão da mão dela. Colocou-o no bolso de trás da calça junto com o guardanapo com o telefone de Helen Rodin. Ele estava virando uma agenda telefônica ambulante.

— Então, como foi lá com Rodin? — perguntou.

— Direto ao ponto — disse ela.

Ele ficou em silêncio. Ela se moveu um pouco, examinando a suíte. Quarto, banheiro, sala, cozinha. Ela pegou a mala e colocou-a próximo da parede.

— Quer ficar aqui? — ela perguntou. Ele balançou a cabeça.

— Não posso.

— OK — ela disse.

— Mas posso voltar depois, se quiser. Ela parou por um instante.

— OK — ela disse por fim. — Volte mais tarde.

Alex Rodin voltou para o seu escritório, fechou a porta e telefonou para Emerson.

— Já pegou ele?

— É só uma questão de tempo — disse Emerson. — Estamos procurando por toda parte. E estamos vigiando seu quarto. Ele está hospedado na pousada velha. Com um nome falso.

— Interessante — disse Rodin. — Isso significa que ele pode ter usado um nome falso no Metropole também.

— Vou averiguar — disse Emerson. — Mostrarei o retrato falado ao recepcionista.

— Podemos mesmo pegá-lo — disse Rodin. Em seguida começou a pensar em mais duas manchetes emolduradas para a parede do seu escritório. Primeiro Barr e depois Reacher.

Reacher deixou o quarto de Hutton e desceu pelas escadas. No andar térreo, evitou o saguão e encontrou um corredor onde no final havia uma saída de emergência. Abriu a porta e segurou-a com o pé. Pegou o cartão de Emerson, rasgou-o em dois pedaços e dobrou a metade com o nome quatro vezes. Apertou a lingueta da porta com o dedo e manteve-a nessa posição com o cartão dobrado. Fechou a porta com cuidado. Em seguida, partiu, passando por um contêiner de lixo pela área de serviço; finalmente chegou à rua, na direção norte. As calçadas estavam cheias de pessoas e o tráfego começava a apertar. Ele caminhou normalmente e aproveitou sua altura para tentar localizar patrulhas ou policiais a pé nas esquinas. O dia continuava quente. Havia uma frente fria a caminho. Em algum lugar perto dali. A pressão atmosférica estava alta, o que espalhava o cheiro de terra molhada e fertilizantes no ar.

Ele chegou ao elevado e virou para oeste à sua sombra. A pista se elevava sobre pilares a 12m de altura. Embaixo havia terrenos baldios, alguns vazios, outros cheios de lixo, outros ainda com antigos prédios de tijolo com tetos solares escurecidos e mais alguns

com barracões de metal para oficinas de lanternagem e pintura. Ele passou pela parte de trás da torre de vidro e ficou à sombra do elevado até virar para o sul, pronto para passar por detrás da biblioteca. De repente parou, agachou e mexeu no sapato. Como se houvesse uma pedra incomodando. Olhou para trás por baixo do braço e não viu ninguém. Ninguém o seguia.

Ele seguiu em frente. Depois da biblioteca, caminhou e se expôs durante cerca de 35m. A praça estava a leste. Ele parou por um instante num lugar que julgava ser exatamente abaixo de onde Helen Rodin estacionara no dia anterior e onde James Barr devia ter estacionado na sexta-feira. Doze metros mais abaixo a vista era um pouco diferente, mas a geometria era a mesma. Ele podia ver as homenagens aos mortos encostadas na mureta sul da piscina do chafariz. Eram borrões coloridos a distância. Logo depois estava a porta do Departamento de Trânsito. As pessoas saíam em duplas ou sozinhas. Olhou para o relógio. Dez para as cinco.

Seguiu em frente ao ar livre e cruzou até o quarteirão norte afastado da Rua 1. Desceu um quarteirão ao sul e três a leste, saindo do edifício-garagem pelo lado oeste. Subiu pela rampa de entrada e deu de cara com a lente da câmera de segurança. Era um pequeno círculo de vidro sujo montado numa caixa preta chumbada no ângulo de duas vigas de concreto. Ele acenou para ela. A câmera ficava alta demais. Deveria ficar mais baixa, no nível das placas dos carros. Mas todos os pilares abaixo da linha da cintura estavam raspados e arranhados. Um arco-íris de cores. Motoristas eram descuidados. A uma altura mais baixa a câmera duraria um dia e meio. Talvez menos.

Ele subiu as rampas até o segundo andar. Caminhou para o lado norte e para o lado leste, até o canto mais distante. A garagem estava tranquila e silenciosa, mas lotada. A vaga usada por James Barr estava ocupada. Não havia espaço para sentimentos na luta diária

por uma vaga no centro da cidade. Não havia espaço para reverências.

A divisa entre a antiga garagem e a construção nova estava demarcada por uma barreira tripla feita de fitas presas em dois pilares. Havia a fita de construções dizendo: Cuidado: Não Entre, e acima e abaixo dela fitas azuis e brancas da polícia dizendo Polícia: Não Ultrapasse. Ele usou o antebraço e afastou as três fitas para passar por baixo. Não foi preciso se ajoelhar. Não foi preciso raspar a calça jeans. Não foi preciso deixar um rastro de fibras. Nem mesmo para um homem 15cm mais alto do que Barr, e nem mesmo com uma fita nova bloqueando a passagem I5cm abaixo da que Barr encontrara. Barr se esforçara para deixar o máximo de evidências que conseguisse.

Reacher adentrou a escuridão. A nova construção tinha forma retangular. Talvez 36m norte-sul por 180 leste-oeste. O que significava que Reacher chegara no novo canto nordeste depois de 35 passos. Ficou de pé a dois metros da mureta e olhou para baixo e para os lados. Tinha uma visão perfeita lá de baixo. Não havia necessidade de se encostar na mureta. Nem a necessidade de se contorcer como um cavalo se espojando num pasto em dia de verão.

Ele ficou olhando dali. Pessoas saíam do escritório do governo em números cada vez maiores. Era um fluxo e tanto. Algumas paravam para acender um cigarro assim que saíam do prédio. Outras iam para a direção oeste, algumas rápido, outras devagar. Todas desviavam do chafariz. Nenhuma delas passava pelo caminho que as vítimas de Barr haviam passado. As homenagens fúnebres não serviam de incentivo. Uma lembrança. Desse jeito era difícil julgar como fora aquela sexta-feira. Difícil, mas não impossível. Reacher olhou para as pessoas lá embaixo e imaginou-as pegando o atalho do chafariz. Elas entrariam devagar por aquele funil. Mas não tão devagar assim. E estariam próximas umas das outras. A combinação da velocidade moderada e da pequena distância

exageraria os ângulos de deflexão. Tornaria o trabalho mais difícil. Era um princípio básico do uso de armas longas. Um pássaro atravessando o céu a 90m de distância é um alvo fácil. O mesmo pássaro na mesma velocidade a dois metros do seu rosto é um alvo impossível.

Ele imaginou as pessoas surgindo da direita para a esquerda. Fechou um olho, esticou um braço e apontou o dedo. *Clique, clique-clique, clique-clique-clique*. Seis tiros. Quatro segundos. Rápido. Geometria complicada. Tensão, exposição, vulnerabilidade.

Seis acertos, incluindo o erro proposital.

Excelentes disparos.

Eles não esquecem.

Ele abaixou o braço. Estava frio naquela escuridão. Ele tremeu. O ar estava frio, úmido e cheirava a cal. Era muito quente no Kuwait. O ar estava pesado e cheirava a poeira crestada e areia do deserto. Reacher entrou naquela garagem e suou. A rua abaixo cegava os olhos. Ferozmente. Como uma fornalha.

Quente no Kuwait.

Quatro tiros lá.

Seis tiros aqui.

Ele olhou as pessoas saindo do Departamento de Trânsito. Havia muita gente. Dez, doze, quinze, vinte. Elas viravam e seguiam pelo norte e em seguida viravam de novo e andavam para o oeste entre a piscina e o pavão da NBC. Mantinham uma certa distância entre si. Mas se estivessem no funil ao lado da piscina estariam muito próximas umas das outras.

Várias delas.

Seis tiros em quatro segundos.

Ele procurou por alguém que estivesse parado. Não encontrou ninguém. Nem policiais ou homens em ternos estranhos. Virou-se e seguiu seus próprios passos. Levantou a fita de novo, passou por

baixo e desceu as rampas. Chegou à rua e virou para o oeste, na direção das sombras sob o elevado. Rumou para a biblioteca.

Reacher passou pelos 36m de área aberta, colou-se na parede da biblioteca e entrou pela entrada de deficientes físicos. Teve que passar próximo à recepção, mas não se preocupou muito. Se Emerson estivesse espalhando cartazes de Procura-se, primeiro passaria pelos correios, bares e hotéis. Levaria um bom tempo até que começasse a interrogar bibliotecárias.

Ele passou pelo saguão sem problemas e foi direto aos telefones públicos. Pegou o guardanapo do bolso de sua calça e telefonou para o celular de Helen Rodin. Ela atendeu no quinto toque. Ele a imaginou revirando a bolsa, olhando para o visor, atrapalhada com os botões.

— Está sozinha? — perguntou ele.

— Reacher?

— Sim — disse ele. — Está sozinha?

— Estou — disse ela. — Mas você está com problemas.

— Quem ligou para você?

— Meu pai.

— Você acredita nele?

— Não.

— Passarei aí para vê-la.

— Tem um policial no saguão.

— Imaginei. Entrarei pela garagem.

Ele desligou, passou pela recepção e saiu pela porta lateral. De volta por baixo do elevado. Permaneceu nesse abrigo até que estivesse de frente para a parte de trás da torre de vidro. De frente para a rampa de veículos. Olhou para a esquerda, para a direita, e seguiu em frente. Passou pelas caminhonetes da NBC, pelo Mustang que julgava pertencer a Ann Yanni e chegou no elevador. Apertou o botão e esperou. Olhou para o relógio. Cinco e meia. A maioria das pessoas estaria deixando o prédio. Um elevador descendo

certamente pararia no saguão. Um subindo, talvez não parasse. Ele torcia para isso.

O elevador chegou na garagem e três pessoas desceram. Foram embora. Reacher entrou. Apertou o quatro. Aguardou. O elevador subiu um andar e parou no saguão. As portas se abriram como uma cortina de teatro. O policial estava bem ali, a pouco mais de um metro do elevador, olhando para o outro lado. Estava com as pernas abertas e as mãos nos bolsos. Estava tão perto que quase podia ser tocado. Um homem entrou no elevador. Ele ficou em silêncio. Apenas balançou a cabeça cumprimentando Reacher. Reacher retribuiu o cumprimento. O homem apertou o botão do sétimo andar. As portas continuaram abertas. O policial olhava para a rua. O homem apertou outro botão. O policial se moveu. Tirou o quepe da cabeça e passou a mão nos cabelos. As portas se fecharam. O elevador subiu.

Reacher desceu no quarto andar e passou por um pequeno grupo de pessoas que saíam do trabalho. Helen Rodin deixou a porta aberta e pronta para Reacher. Ele entrou no escritório e ela fechou a porta. Ela vestia uma saia preta curta e uma blusa branca. Parecia jovem. Como uma estudante. Mas parecia preocupada. Como alguém em conflito.

— Deveria entregar você — disse ela.

— Mas não vai — disse Reacher.

— Não — disse ela. — Deveria, mas não vou.

— A verdade é que eu gostava daquela garota — disse Reacher. — era uma menina doce.

— Ela armou para cima de você.

— Não fiquei ofendido.

— Alguém não gostava dela.

— Não dá para dizer. Afeição não tem nada a ver com isso. Ela era descartável, só isso. Um meio de se chegar a um fim.

— O mestre dos fantoches não quer mesmo você por aqui.

Reacher concordou com a cabeça.

— Isso é certo. Mas ele está sem sorte, porque não vou embora agora. Ele apenas garantiu isso a si mesmo.

— É seguro ficar?

— Seguro o suficiente. Mas essa coisa da garota vai me atrasar um pouco. Você vai ter que fazer a maior parte do trabalho.

Ela o guiou até a outra sala e sentou-se à sua mesa. Ele ficou bem longe da janela. Sentou-se no chão com as costas para a parede.

— Já comecei a trabalhar — disse Helen. — Falei com Rosemary e com os vizinhos de Barr. Depois voltei ao hospital. Acho que estamos procurando um homem chamado Charlie. Baixo, cabelos pretos e crespos. Interessado em armas. Tive a impressão de que ele é um tanto quanto furtivo. Acho que vai ser difícil encontrá-lo.

— Há quanto tempo ele tem estado à volta de Barr?

— Cinco ou seis anos, aparentemente. É o único amigo de longa data que me puderam apontar. E o único para quem Barr faz confissões.

Reacher concordou com a cabeça de novo.

— Isso me parece razoável.

— E Barr não conhece Jeb Oliver e não usa drogas.

— Você acredita nele?

— Acredito sim — disse Helen. — De verdade. No momento, acredito em tudo o que ele diz. Parece que ele passou 14 anos de sua vida tentando fazer a coisa certa, e agora não consegue acreditar que teve essa recaída. Acredito que ele está tão chateado com essa situação quanto qualquer pessoa.

— Exceto as vítimas.

— Dá um tempo, Reacher. Algo estranho estava acontecendo.

— Esse tal de Charlie está sabendo sobre o que aconteceu na Cidade do Kuwait?

Barr não quis dizer. Mas acho que sim.

Onde ele mora?

— Barr não sabe.

— Ele não sabe?

— Ele o vê apenas casualmente. Aparece de vez em quando. Como disse, acho que vai ser difícil encontrá-lo.

Reacher ficou em silêncio.

— Você falou com Eileen Hutton? — perguntou Helen.

— Ela não é ameaça. O Exército vai continuar abafando o caso.

— Encontrou o homem que o seguia?

— Não — respondeu Reacher. — Nunca mais o vi. Devem ter tirado ele de circulação.

— Então não chegamos a lugar algum.

— Estamos mais perto do que estávamos. Já dá para ver uma forma. Podemos ver quatro homens, no mínimo. Um, o velho de terno. Dois, esse tal de Charlie. Três, alguém grande, forte e canhoto.

— Por que esse último?

— Foi ele quem matou a garota na noite passada. O homem é velho demais e parece que Charlie é pequeno demais. E a evidência física sugere um soco com a mão esquerda.

— E o número 4 é o mestre dos fantoches. Reacher balançou a cabeça concordando.

— Nas sombras em algum lugar, fazendo planos, puxando as cordinhas. Podemos acreditar que ele não sai por aí fazendo esse tipo de coisa por conta própria.

— Mas como chegaremos a ele? Se ele tirou de circulação o homem que seguia você, podemos crer que tirou Charlie também. Estão todos se escondendo.

— Existe um outro caminho. Um caminho muito mais abrangente.

— Qual é?

— Deixamos passar algo muito óbvio — disse Reacher. — Passamos todo o tempo olhando pelo lado errado da arma. Tudo o

que fizemos foi olhar para quem atirou.

— E o que deveríamos ter feito?

— Deveríamos ter pensado mais.

— Sobre o quê?

— James Barr disparou quatro tiros na Cidade do Kuwait. E disparou seis tiros aqui.

— OK — disse Helen. — Deu dois tiros a mais. E daí?

— Mas não foi isso — disse Reacher. — Não mesmo. Não se você pensar com outro ponto de vista. A verdade é que ele disparou quatro tiros a menos aqui.

— Isso é ridículo. Seis são dois a mais do que quatro. E não quatro a menos.

— A Cidade do Kuwait era muito quente. Insuportável ao meio-dia. Só loucos saíam na rua naquele horário. As ruas ficavam vazias na maior parte do tempo.

— E daí?

— Então, no Kuwait, James Barr matou todos os seres humanos que viu. Um, dois, três, quatro, fim do jogo. A rua estava deserta, além dos quatro homens. Eles eram os únicos tolos o suficiente para estar na rua naquele calor todo. E Barr pegou os quatro. Liquidou a todos. Naquele momento, isso me pareceu lógico. Ele queria ver sangue. Pensei que ele fosse se satisfazer vendo apenas uma vez, mas aparentemente não foi o que aconteceu. Então fez sentido que, se ele não parasse no primeiro, continuaria até não ter mais alvos. E foi o que aconteceu. No Kuwait ele ficou sem alvos.

Helen Rodin ficou em silêncio.

— Mas não ficou sem alvos aqui — Reacher disse. — Devia haver uma dúzia de pessoas naquele local. Ou 15. Mais de 10, com certeza, e ele tinha uma cartucheira de 10 tiros. Parou de atirar depois do sexto. Simplesmente parou. Deixou quatro cartuchos na arma. Estão listados lá no showzinho de Bellantonio. E é isso que quero dizer. Ele disparou o máximo que pôde no Kuwait, e quatro a menos do que

podia aqui. O que torna a psicologia diferente nesse caso. Ele escolheu não liquidar todos aqui. Por quê?

— Porque estava com pressa?

— Ele tinha um carregador automático. A gravação do correio de voz mostra seis tiros em quatro segundos. O que quer dizer que ele podia ter disparado 10 em menos de sete segundos. Três segundos não teriam feito a menor diferença para ele.

Helen ficou em silêncio.

— Eu perguntei a ele — disse Reacher. — Quando o vi no hospital. Perguntei a ele como teria feito, teoricamente. Como numa prévia de reconhecimento. Então ele pensou sobre isso. Ele conhece a área. Disse que teria estacionado no elevado. Atrás da biblioteca. Disse que teria baixado a janela e descarregado o pente.

Helen continuou em silêncio.

— Mas não foi isso que ele fez — disse Reacher. — Parou de atirar depois do sexto. Simplesmente parou. Calma e friamente. O que torna a dinâmica dessa ocasião diferente. Esse não era um louco enviado a uma cidade para aterrorizar a população por conta de uma aposta. Não foi convencido a fazer isso pela diversão dessa carnificina. Isso não foi aleatório, Helen. Não foi psicótico. Havia um propósito específico, limitado e coerente por trás disso tudo. O que reverte o foco. Deveríamos ter enxergado isso antes. Deveríamos ter percebido que toda essa confusão foi direcionada às vítimas, e não ao atirador. Eles não eram apenas pessoas azaradas por estarem no lugar errado e na hora errada.

— Eram alvos? — perguntou Helen.

— Cuidadosamente escolhidos — disse Reacher. — E logo que estavam mortos, Barr arrumou suas coisas e partiu. Com quatro projéteis sobrando. Um episódio psicótico aleatório não teria ocorrido dessa maneira. Ele teria continuado a apertar o gatilho até ficar sem munição. Isso não foi um massacre. Foi um assassinato.

Silêncio no escritório.

— Precisamos averiguar quem são as vítimas — disse Reacher. — E Precisamos saber quem poderia querer vê-las mortas. Isso é o que vai nos levar aonde precisamos ir.

Helen Rodin ficou imóvel.

— E temos que fazer isso o mais rápido possível — disse Reacher. — Porque não tenho muito tempo e já perdemos tempo demais olhando para tudo ao contrário.



O médico do sexto andar do hospital municipal estava prestes a terminar seu turno da tarde. E deixou James Barr por último. Em parte porque não esperava nenhuma melhora considerável na condição dele, em parte porque estava de saco cheio. Cuidar de ladrões e trambiqueiros doentes já era ruim o suficiente, mas cuidar de um *serial killer* era absurdo. Duplamente absurdo, pois assim que Barr pudesse ficar de pé seria deitado numa mesa e um médico qualquer viria matá-lo.

Mas obrigações éticas são difíceis de ignorar. Como o vício. Como a rotina, a obrigação e a hierarquia. Então, o médico entrou no quarto de Barr e pegou a prancheta. Pegou uma caneta. Olhou para as máquinas. Olhou para o paciente. Ele estava acordado. Seus olhos mexiam.

Alerta, o médico escreveu.

— Feliz? — ele perguntou.

— Não muito — Barr respondeu.

Reagindo, o médico escreveu.

— Osso duro de roer — ele disse ao guardar a caneta.

A algema direita de Barr chacoalhava levemente contra a grade da cama. Sua mão direita tremia e estava levemente encurvada. O

polegar e o indicador estavam em constante movimento, como se estivessem rolando uma bola de cera numa esfera perfeita.

— Pare com isso — disse o médico.

— Parar com o quê?

— Sua mão.

— Não consigo.

— Isso é novo?

— Um ano ou dois.

— Não começou depois de você acordar?

— Não.

O médico olhou para a prancheta. Idade: 41.

— Você bebe?

— Não muito — disse Barr. — Um gole às vezes para me ajudar a dormir.

O médico não acreditou nele e folheou os papéis na prancheta até encontrar o exame toxicológico e o de função hepática. O exame toxicológico estava limpo e a função hepática era normal. *Não é alcoólatra. Nem de longe*.

— Você foi ao médico recentemente? — perguntou.

— Não tenho plano de saúde — disse Barr.

— Rigidez nos braços e nas pernas?

— Um pouco.

— A outra mão também faz isso?

— Às vezes.

O médico pegou a caneta de novo e rabiscou no papel: *Tremor observado na mão direita, não pós-traumático, primeiro diagnóstico álcool improvável, apresenta rigidez nos membros, possível P.A. em estágio inicial*?

— O que está errado comigo? — perguntou Barr.

— Silêncio — ordenou o médico. Em seguida, dever cumprido, ele deixou a prancheta no pé da cama e saiu do quarto.



Helen Rodin vasculhou as caixas de provas e chegou a uma especificação formal das acusações contra James Barr. Entre várias outras violações técnicas da lei do Estado de Indiana havia na lista cinco acusações de homicídio em primeiro grau com circunstâncias agravantes, e, como o processo requer, também estavam listadas as cinco vítimas, com nome, sexo, idade, endereço e ocupação. Helen olhou a página com cautela, correndo os dedos pelas colunas em busca de endereço e ocupação.

— Não vejo nenhuma conexão clara — disse ela.

— Não quis dizer que todos eram alvos — disse Reacher. — Talvez apenas um fosse. Dois, no máximo. Os outros serviram de disfarce. Uma queima de arquivo disfarçada de massacre. É o que eu imagino.

— Vou começar a trabalhar — disse ela.

— Vejo você amanhã — disse ele.

Reacher desceu pela escada de incêndio e chegou à garagem sem ser visto. Saiu pela rampa, atravessou a rua e lá estava outra vez, debaixo do elevado. *O homem invisível. Vida nas sombras*. Ele sorriu. E parou

Decidiu procurar um telefone público.

Encontrou um na parede exterior de um pequeno supermercado chamado Martha's, a dois quarteirões da loja onde comprara as roupas baratas. A cabine telefônica ficava de frente para um beco largo usado como um pequeno estacionamento. Havia seis vagas na diagonal, todas ocupadas. Mais à frente havia um muro alto com cacos de vidro. O beco virava num ângulo de 90 graus atrás do supermercado. Ele deduziu que virava de novo em algum lugar, levando ao próximo quarteirão ao sul.

Seguro o suficiente, pensou.

Reacher pegou o cartão rasgado de Emerson do bolso de sua calça. Escolheu o número do celular. Digitou os números. Apoiou-se com o ombro na parede e ficou de olho nos dois lados do beco; ouviu o telefone chamar.

— Sim?

— Adivinha?

— Reacher?

— Acertou de primeira.

— Onde você está?

— Ainda estou na cidade.

— Onde?

— Não muito longe.

— Sabe que estamos atrás de você, não sabe?

— Fiquei sabendo.

— Então precisa se entregar.

— Acho que não.

— Então encontraremos você — disse Emerson.

— Acha que pode?

— Vai ser fácil.

— Conhece um cara chamado Franklin?

— Certamente.

— Pergunte a ele se será fácil.

— Aquilo foi diferente. Você poderia estar em qualquer lugar.

— Você está vigiando a pousada?

Houve uma pausa. Emerson não disse nada.

— Mantenha o seu pessoal por lá. Talvez eu volte. Talvez não.

— Encontraremos você.

— De jeito nenhum. Você não é suficientemente bom para isso.

— Talvez estejamos rastreando essa ligação.

— Vou economizar seu trabalho. Estou do lado de fora de um supermercado chamado Martha's.

— Devia vir aqui para se proteger do frio.

— Vamos negociar — disse Reacher. — Descubra quem colocou o cone em frente à vaga e aí então eu penso em ir aí.

— Foi Barr quem colocou o cone.

— Você sabe que não foi ele. A van dele não apareceu nas fitas.

— Ele usou outro veículo.

— Ele não tem outro veículo.

— Então ele pegou emprestado.

— De um amigo? — disse Reacher. — Talvez. Ou talvez o amigo tenha colocado o cone lá para ele. De qualquer maneira, encontre esse amigo e eu penso em ir aí falar com você.

— Há centenas de carros naquelas fitas.

— Você tem os recursos necessários — disse Reacher.

— Não negocio com assassinos — disse Emerson.

— Acho que o nome dele é Charlie — disse Reacher. — Um homem pequeno, cabelos escuros e crespos.

— Não negocio com assassinos — repetiu.

— Não matei a garota — disse Reacher.

— Isso é o que você diz.

— Eu gostava dela.

— Está me deixando comovido.

— E você já deve saber que não fiquei hospedado no Metropole na noite passada.

— Por isso deixou o corpo dela lá.

— Não sou canhoto.

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Diga a Bellantonio para conversar com o legista.

— Encontraremos você — disse Emerson.

— Não encontrará — disse Reacher. — Ninguém nunca conseguiu.

Reacher desligou o telefone e saiu. Atravessou a rua, caminhou pela metade de um quarteirão ao norte e escondeu-se atrás de uma

pilha de blocos de concreto num terreno baldio. Esperou. Seis minutos depois duas patrulhas estacionaram na frente do supermercado. Tinham luzes acesas, mas sem sirenes. Quatro policiais desceram. Dois entraram no supermercado e dois foram procurar o telefone. Reacher viu-os se reunirem na calçada. Viu quando vasculharam o beco. Viu quando voltaram e admitiram a derrota. Viu quando um dos policiais falou no rádio com vários gestos defensivos. Palmas das mãos levantadas, ombros erguidos. E então a conversa terminou e Reacher seguiu para o leste, na direção do Marriott.



Zec tinha apenas o polegar e um outro único dedo remanescentes em cada mão. Na direita, era apenas um pedaço do dedo indicador, escurecido e deformado pelo congelamento. Uma vez, ele passou uma semana ao relento no inverno, vestindo uma túnica do Exército Vermelho, e o cantil que o antigo dono usava na cintura foi responsável por desgastar o tecido do bolso direito da túnica. A sobrevivência dependia de coisas tão triviais como aquela. A mão esquerda fora salva e a direita, perdida. Ele sentira seus dedos morrerem do mindinho em diante. Tirara a mão do bolso e deixara congelar o suficiente para não sentir mais dor. Em seguida, arrancou os dedos mortos com mordidas antes que a gangrena se espalhasse. Ele se lembrava deles caindo no chão, um a um, como pequenos galhinhos marrons.

A mão esquerda ainda tinha o dedo mindinho. Os três dedos do meio foram perdidos. Dois foram amputados por um sádico com uma tesoura de jardinagem. O Zec removera o outro por conta própria, com uma colher afiada, para ser desqualificado para o trabalho numa oficina ou coisa parecida. Ele não se lembrava dos

detalhes, mas lembrava-se do rumor sobre ser melhor perder outro dedo a trabalhar naquele lugar. Algo a ver com o encarregado.

Mãos arruinadas. Apenas dois de vários suvenires de um outro tempo, outro lugar. Já não se importava muito com isso, mas a verdade era que tornava a vida moderna mais difícil. Os telefones celulares ficaram pequenos demais. O número de Linsky tinha 10 dígitos e era uma dificuldade para digitar. O Zec nunca mantivera um número por tempo suficiente para guardar na memória do aparelho. Seria loucura.

Finalmente ele conseguiu digitar os números e se concentrou bastante para apertar o botão chamar com o dedo mindinho da mão esquerda. Em seguida, jogou o telefone na palma da outra mão e levou-o até próximo à orelha. Não precisava mantê-lo tão perto. Sua audição ainda era excelente, o que por si só já era um milagre.

— Sim? — atendeu Linsky.

— Eles não estão conseguindo encontrá-lo — disse o Zec. — Eu não deveria ter dito a você para interromper a nossa vigilância. Meu erro.

— Por onde procuraram?

— Aqui e ali. Ele ficou a noite passada na antiga pousada. Ela está sendo vigiada, mas tenho certeza de que ele não voltará lá. Eles têm um homem no escritório da advogada. Fora isso, estão tropeçando na escuridão.

— O que você quer que eu faça?

— Exijo que vocês encontrem o homem. Use Chenko e Vladimir. E mandarei Raskin até você. Trabalhem juntos. Encontre ele esta noite e me telefone.



Reacher parou a dois quarteirões do Marriott. Ele sabia o que Emerson estaria fazendo. Ele fora Emerson por 13 anos. Emerson estaria mentalizando uma lista. Lugares frequentados, pessoas conhecidas. Lugares frequentados àquela hora do dia incluem locais de alimentação. Então Emerson estaria enviando patrulhas para pensões, restaurantes e cafeterias, incluindo o restaurante que fazia as saladas de que Helen tanto gostava e o *sports bar*. Depois partiria para as pessoas conhecidas, o que o limitava basicamente a Helen Rodin. Ele faria com que o policial no saguão subisse até o escritório dela e batesse na porta.

Então tentaria a sorte com Eileen Hutton.

Reacher parou a dois quarteirões do Marriott e olhou à sua volta à procura de um lugar onde pudesse se esconder. Encontrou um esconderijo atrás de uma sapataria. Era uma casinha de tijolos aparentes, sem porta onde se escondia um contêiner de lixo. Reacher entrou e descobriu que se apoiasse o ombro na lata de lixo poderia ter uma boa visão da porta principal do Marriott. Ele não estava desconfortável. Aquele era o lixo mais cheiroso que já vira. A lata cheirava a papelão fresco e sapatos novos. Muito melhor do que o tipo de lugar que se encontra atrás de uma peixaria.

Ele deduziu que se Emerson fosse eficiente teria que esperar menos que 30 minutos. Se fosse muito eficiente, menos de 20. Dentro da média, algo por volta de uma hora. Apoiou-se na lata de lixo e esperou o tempo passar. Não era tarde, mas as ruas já estavam vazias. Havia muito poucas pessoas fora de suas casas. Ele ficou de olho na movimentação e esperou. O cheiro de couro novo vindo das caixas de sapatos o distraiu. Fez com que ele começasse a pensar sobre sapatos. Talvez devesse passar nessa loja num outro momento para comprar um novo par. Mexeu o pé e olhou para baixo. Os mocassins que usava eram leves e tinham as solas finas. Serviram bem em Miami. Mas não eram tão bons para a sua situação atual. Ele

podia prever um momento em que ficaria grato por ter um modelo mais pesado.

Então olhou para baixo mais uma vez. Balançou-se para trás e juntou os pés. Deu o mesmo passo para a frente. Parou. Tentou de novo com o outro pé e parou de novo, como numa imagem congelada de um homem andando. Olhava para baixo com algo em mente. Algo vindo das evidências de Bellantonio. Algo entre aquelas centenas de páginas impressas.

Em seguida olhou para a frente, pois percebeu algum movimento pelo canto dos olhos, vindo da porta do Marriott, a dois quarteirões de distância. Viu o capô de uma patrulha. Entrou em seu campo de visão, freou e parou. Dois policiais de uniforme apareceram. Reacher olhou no relógio: 23 minutos. Sorriu. Emerson era bom, mas não excelente. Os policiais entraram. Levariam cinco minutos na recepção. O recepcionista falaria o número do quarto de Hutton sem problemas. Em geral, recepcionistas de hotéis em pequenas cidades do interior não eram ativistas da União das Liberdades Civis Americanas. Os hóspedes partiam no dia seguinte, a polícia estava sempre ali.

Então, os policiais iriam até o quarto de Hutton. Bateriam na porta. Hutton os deixaria entrar. Ela não teria nada a esconder. Os policiais bisbilhotariam por alguns minutos e iriam embora. Dez minutos, no máximo, do começo ao fim.

Reacher olhou mais uma vez o relógio e esperou.

Os policiais saíram depois de oito minutos. Pararam do lado de fora, pequeninas figuras a distância. Um deles abaixou a cabeça e usou o rádio, avisando o progresso negativo e aguardando o próximo destino. O próximo local provável. O próximo. Pura rotina. *Tenham uma noite divertida, meninos*, pensou Reacher. *Porque eu vou ter*. Sem a menor sombra de dúvida. Ele os viu partir e aguardou mais um minuto caso estivessem dirigindo na direção dele. Então, saiu do esconderijo e foi ao encontro de Eileen Hutton.



Grigor Linsky aguardava em seu carro numa vaga para deficientes no estacionamento de um supermercado, de frente para uma vitrine totalmente coberta com anúncios gigantescos de carne moída a preços muito baixos. Velha e podre, Linsky pensou. Ou cheia de bactérias. Só de pensar que já houve época em que eu e o Zec mataríamos um para comermos uma coisa dessas. E matariam de verdade. Linsky não tinha ilusões. Nenhuma mesmo. O Zec e ele eram pessoas más, que haviam ficado piores com a experiência. O sofrimento que compartilharam não os tornou mais nobres ou graciosos. Pelo contrário. Homens na situação deles, inclinados à nobreza e à graça, morreram em poucas horas. Mas ele e o Zec sobreviveram, como ratos de esgoto, por terem abandonado inibições por terem lutado com unhas e dentes, traindo os mais fortes e dominando os mais fracos.

E aprenderam. O que dá certo uma vez dá certo sempre.

Linsky olhou pelo espelho retrovisor e viu o carro de Raskin se aproximar. Era um Lincoln Town, o modelo antigo quadradão, preto e empoeirado, parecendo um velho navio de guerra. Raskin parou atrás do carro de Linsky e desceu. Ele parecia exatamente o que era, um bandido de Moscou de segunda categoria. Porte quadrado, rosto achatado, casaco de couro barato, olhos inexpressivos. Quarenta e poucos anos. Um homem estúpido, na opinião de Linsky, mas que sobrevivera ao último levante do Exército Vermelho no Afeganistão, o que tinha algum valor. Várias pessoas mais inteligentes do que Raskin não voltaram inteiras, ou nem voltaram. O que fazia de Raskin um sobrevivente, e tal qualidade valia mais do que qualquer outra para o Zec.

Raskin abriu a porta de trás e entrou no carro de Linsky. Não disse nada. Apenas entregou quatro cópias do retrato falado de Reacher. Uma entrega do Zec. Como o Zec conseguiu os cartazes, Linsky não sabia. Mas podia imaginar. Os cartazes não eram nada mal. A figura parecia bem com Reacher. Serviria a seu propósito.

— Obrigado — disse Linsky, num tom educado.

Raskin não respondeu.

Chenko e Vladimir apareceram dois minutos depois, no Cadillac de Chenko. Chenko estava ao volante. Ele sempre dirigia. Estacionou atrás do Lincoln de Raskin. Três carros grandes e pretos numa só fila. A procissão fúnebre de Reacher. Linsky sorriu por dentro. Chenko e Vladimir desceram do carro e caminharam, um pequeno e escuro, o outro grande e claro. Entraram no Cadillac de Linsky, Chenko na frente, Vladimir atrás, ao lado de Raskin, de modo que, no sentido horário, estavam na seguinte ordem: Linsky no banco do motorista, Chenko, Vladimir e Raskin. Na ordem correta, obedecida instintivamente. Linsky sorriu de novo e entregou três cópias do cartaz. Guardou uma para si, mesmo sem precisar. Ele já vira Reacher diversas vezes.

— Vamos começar de novo — disse. — Bem do começo. Partimos do pressuposto de que a polícia esqueceu algo.



Reacher abriu a porta de emergência, removeu o pedaço de cartão que usara para segurar a lingueta e guardou-o no bolso. Entrou e deixou que a porta se fechasse. Seguiu pelo corredor até o elevador, subiu até o terceiro andar. Bateu na porta de Hutton. Tinha uma frase na cabeça, de Jack Nicholson como um coronel durão num filme sobre advogados da Marinha: *Não há nada melhor do que uma mulher para quem se bate continência de manhã*.

Hutton levou um instante para abrir a porta. Deduziu que ela tivesse ido descansar em algum lugar depois de se livrar dos policiais. Não esperava ser perturbada de novo tão cedo. Mas de repente a porta se abriu e lá estava ela. Vestida com um roupão, acabara de sair do chuveiro. A luz por trás formava um halo em torno de seus cabelos. O corredor estava escuro e o quarto parecia quente e convidativo.

— Voltou?

— Achou que eu não fosse voltar?

Ele entrou e ela fechou a porta.

— Os policiais acabaram de sair daqui.

— Eu sei — disse ele. — Fiquei assistindo a tudo.

— Onde você estava?

— Numa lata de lixo a dois quarteirões daqui.

— Quer tomar um banho?

— Era uma lata de lixo muito limpa. Atrás de uma sapataria.

— Quer sair para jantar?

— Preferiria serviço de quarto — disse ele. — Não quero ficar andando por aí sem muita necessidade.

— OK — disse ela. — Faz sentido. Serviço de quarto.

— Mas não agora.

— Será que eu deveria me vestir?

— Ainda não.

Ela fez uma pequena pausa.

— Por que não? — perguntou.

— Negócios inacabados — disse ele.

Ela não disse nada.

— É bom ver você de novo — disse ele.

— Faz menos de três horas — ela disse.

— Não digo hoje — disse ele. — Como um todo. Depois de todo esse tempo.

Ele chegou mais perto e segurou o rosto dela com as mãos. Passou os dedos nos cabelos dela, como costumava fazer, e contornou o rosto com os polegares.

— Será que devíamos fazer isso?

— Você não quer?

— Já faz 14 anos.

— É como andar de bicicleta.

— Acha que será a mesma coisa?

— Será melhor.

— Muito melhor? — perguntou ela.

— Éramos sempre muito bons nisso — disse ele. — Não éramos? Será que ainda pode ser melhor?

Ela ficou parada por um longo momento. Então pôs as mãos na nuca dele. Ela o puxou, ele se abaixou e eles se beijaram. E de novo, com mais força. Mais uma vez, mais demorado. Quatorze anos se esvaíram. Mesmo sabor, mesmo toque. Mesma excitação. Ela puxou a camisa dele de dentro da calça e desabotoou-a de baixo para cima, com rapidez. Depois de abrir o último botão, ela deslizou a palma da mão pelo peito dele, pelos ombros, pelas costas, descendo até a cintura, passando pela frente. Os sapatos dele se soltaram facilmente. E as meias. Ele jogou a calça longe e desamarrou o cinto dela. Seu roupão caiu.

— Caramba, Hutton — disse ele. — Você não mudou nada.

— Nem você — disse ela.

Então foram para a cama, tropeçando, rápido, agarrados como um estranho animal de quatro patas.



Grigor Linsky pegou o lado sul da cidade. Olhou o restaurante favorito de Helen e em seguida foi até as docas. Deu meia-volta e

passou pelas ruas estreitas, cobrindo três lados de cada quarteirão, parando nas esquinas para olhar as calçadas no quarto lado. O Cadillac seguia em frente. A direção hidráulica soava a cada virada do volante. Era um trabalho lento, de paciência. Mas não era uma cidade grande. Não havia muito movimento. Nem multidões. E ninguém podia se esconder para sempre. Essa era a experiência de Grigor Linsky.

Mais tarde, Hutton deitou-se nos braços de Reacher e com os dedos traçou um longo e lento inventário daquele corpo que ela conhecera tão bem. Ele mudara em 14 anos. Ele dissera Você não mudou nada, e ela Nem você, mas ela sabia que ambos estavam sendo generosos. Ninguém permanece o mesmo. O Reacher que ela conhecera no deserto era mais jovem e moldado pelo calor, tão esguio e gracioso como um galgo. Agora estava mais pesado, músculos enrijecidos, tão duros quanto mogno. As cicatrizes de que ela se lembrava praticamente haviam desaparecido, substituídas agora por marcas novas. Tinha rugas na testa. Em volta dos olhos. Mas seu nariz ainda era reto e nunca fora quebrado. Seus dentes da frente ainda estavam lá, como troféus. Ela escorregou as mãos até as dele e sentiu as juntas de seus dedos. Eram grandes e duras, como cascas de nozes cobertas de tecido cicatrizado. *Ainda um lutador*, ela pensou. Ainda usando as mãos para preservar o nariz e os dentes. Ela subiu até o peito dele. Havia um buraco ali, à esquerda. Músculo rompido, uma cratera grande o suficiente para caber a ponta do dedo dela. Uma ferida Por arma de fogo. Antiga, mas nova para ela. Provavelmente calibre .38.

— Nova York — disse Reacher. — Anos atrás. Todo mundo pergunta.

— Todo mundo?

— Todo mundo que vê.

Hutton se aconchegou nele.

— Quantas pessoas veem isso? Ele sorriu.

— Ah, na praia, coisas desse tipo.

— E na cama?

— Vestiários — ele disse.

— E na cama? — ela perguntou de novo.

— Não sou um monge.

— Doeu?

— Não me lembro. Fiquei apagado por três semanas.

— É bem acima do coração.

— Era um revólver pequeno. Provavelmente com uma munição fraca. Ele deveria ter tentado um tiro na cabeça. Teria sido melhor.

— Para ele. Não para você.

— Sou um homem de sorte. Sempre fui, sempre serei.

— Talvez. Mas deveria tomar mais cuidado.

— Estou tentando.

Chenko e Vladimir ficaram juntos e pegaram o lado norte da cidade. Ficaram bem longe da pousada. Os policiais tinham aquele lugar sob controle, certamente. Então a próxima parada foi o *sports bar*. Eles entraram e deram uma volta no local. Estava escuro e não muito cheio. Talvez 30 rapazes. Nenhum deles se parecia com o do retrato falado. Nenhum deles era Reacher. Vladimir ficou perto da porta, e Chenko foi olhar no banheiro. Uma cabine tinha a porta fechada. Chenko esperou até ouvir o som da descarga e o rapaz sair. Não era Reacher. Chenko se juntou a Vladimir e eles voltaram ao carro. Continuaram a procurar pelas ruas, devagar, pacientemente, cobrindo três lados de cada quarteirão e parando nas esquinas para olhar as calçadas do quarto lado.

Hutton apoiou-se num cotovelo e olhou para o rosto de Reacher. Seus olhos ainda eram os mesmos. Um pouco mais fundos, talvez, e um pouco mais ocultos. Mas ainda emanavam um azul da cor de blocos de gelo sob o sol do Ártico. Como um mapa colorido de lagos gémeos de neve derretida numa paisagem montanhosa. A expressão naqueles olhos mudou. À 14 anos eram vermelhos pelas

tempestades de areia do deserto e cobertos por uma espécie de cinismo amargo. Eram olhos de militar. Olhos de policiais. Ela se lembrava de como eles vagavam por uma sala como miras a laser em busca de um alvo. Agora eram mais claros. Mais joviais. Mais inocentes. Ele era 14 anos mais velho, mas seu olhar era como o de uma criança novamente.

— Você acabou de cortar os cabelos.

— Hoje de manhã — disse ele. — Para você.

— Para mim?

— Ontem eu parecia um selvagem. Eles me disseram que você vinha. Não quis que você pensasse que eu fosse algum tipo de andarilho.

— E não é?

— De certo modo.

— De que modo?

— Do modo voluntário.

— Vamos comer?

— Ótima ideia — concordou ele.

— O que você quer?

— O que você quiser. Vamos dividir. Peça porções grandes.

— Você pode escolher a sua se quiser. Ele balançou a cabeça discordando.

— Daqui a um mês algum auditor do Departamento de Defesa vai analisar as suas despesas. É melhor para você se ele vir uma refeição em vez de duas.

— Está preocupado com a minha reputação?

— Estou preocupado com a sua próxima promoção.

— Não vou ter outra. Vou terminar como general de brigada.

— Não agora que esse tal de Petersen lhe deve um grande favor.

— Não posso negar que adoraria ter duas estrelas.

— Acredito — disse Reacher. — Já fui passado para trás por vários generais de duas estrelas, e pensar que já fui para a cama com

uma é bem engraçado.

Ela fez uma expressão de brava.

— Comi la — disse Reacher.

— Gosto de saladas — disse ela.

— Alguém tem que gostar disso.

— E você não gosta?

— Peça uma salada Caesar de entrada e bife de prato principal. Você come a comida de coelho, eu como o bife. E alguma sobremesa grande. E uma jarra de café grande também.

— Gosto de chá.

— Não consigo beber isso — disse Reacher. — Não posso ceder a certas exceções. Nem mesmo para um auditor do Departamento de Defesa.

— Mas estou com sede.

— Eles mandarão água gelada. Sempre mandam.

— A minha patente é mais alta do que a sua.

— Sempre foi. Já me viu beber chá por causa disso?

Ela balançou a cabeça e desceu da cama. Andou nua até a mesa. Olhou o menu e pegou o telefone. Pediu uma salada Caesar, um bife de alcatra de quase meio quilo e uma torta grande com sorvete. E uma jarra de um litro de café. Reacher sorriu para ela.

— Vinte minutos — disse ela. — Vamos tomar um banho.

Raskin ficou com o coração do centro da cidade. Estava a pé com o retrato falado na mão e uma lista na cabeça: restaurantes, bares, cantinas, lanchonetes, supermercados, hotéis. Ele começou pelo Metropole Palace. O saguão, o bar. Sem sorte. Prosseguiu para um restaurante chinês a dois quarteirões de distância. Entrou e saiu, rápido e discreto. Deduziu que era muito bom nesse tipo de coisa. Não era alguém muito notável. Nada ímpar. Altura mediana, peso mediano, rosto comum. Um qualquer, o que de certa forma era frustrante, mas às vezes vinha a ser uma grande vantagem. As

pessoas olhavam para ele, mas não o viam. Seus olhos desviavam rapidamente para outra coisa.

Reacher não estava no restaurante chinês. Nem na lanchonete, nem no *pub* irlandês. Então Raskin parou na calçada e decidiu ir para o lado norte. Poderia checar o escritório da advogada e então ir até o Marriott. Pois, de acordo com Linsky, esse tipo de lugar é para onde as mulheres vão. E na experiência de Raskin, homens que não fossem um qualquer ficavam na companhia de mulheres com mais frequência.

Reacher saiu do chuveiro e pegou a escova de dentes, a pasta e o pente de Hutton emprestados. Enxugou-se e foi pegar suas roupas. Vestiu-as e se ajeitou. Estava arrumado e sentado na cama quando ouviu alguém bater na porta.

— Serviço de quarto — disse uma voz estrangeira.

Hutton pôs a cabeça para fora do banheiro. Estava vestida, mas ainda secava os cabelos.

— Vai você — disse Reacher.

— Eu?

— Você vai ter que assinar o pedido.

— Pode escrever o meu nome.

— Daqui a duas horas os policiais não vão ter me encontrado e voltarão aqui. Seria melhor se não houvesse alguém lá embaixo sabendo que você não está sozinha.

— Você nunca relaxa, não é mesmo?

— Quanto menos relaxo, mais sortudo fico.

Hutton ajeitou o cabelo e foi até a porta. Reacher ouviu o som do carrinho, o tilintar dos pratos e o rabisco de uma caneta. Então, ouviu a porta se fechar e entrou na sala de estar, onde encontrou uma mesa arrumada. O garçom colocara uma cadeira apenas.

— Uma faca — disse Hutton. — Um garfo. Uma colher. Não pensamos nisso.

— Nós revezamos — disse Reacher. — É até romântico.

— Eu corto o seu bife e você pode comer com a mão.

— Você pode me dar na boca. Deveríamos ter pedido uvas. Ela sorriu.

— Você se lembra de James Barr? — ele perguntou.

— É muita coisa para lembrar — respondeu. — Mas li o arquivo dele de novo, ontem.

— Era um bom atirador?

— Não era o melhor, mas também não era o pior.

— É o que eu me lembro. Estive no edifício-garagem dando uma olhada. Foram tiros muito precisos. Impressionante. Não me lembro dele sendo tão bom assim.

— Tem muitas provas lá.

Ele balançou a cabeça. Não disse nada.

— Talvez ele tenha praticado bastante — disse ela. — Ele esteve no serviço militar cinco anos, mas ficou fora três vezes nesse tempo. Talvez ele seja uma daquelas pessoas que demoram para desenvolver uma habilidade.

— Talvez.

Ela olhou para ele.

— Você não vai ficar, vai? Está planejando ir embora logo depois do jantar. Por causa desse negócio dos policiais. Você acha que eles voltarão aqui.

— E voltarão mesmo — disse Reacher. — Pode contar com isso.

— Não sou obrigada a deixá-los entrar.

— Num lugar como este, os policiais farão o que bem entenderem. E se me encontrarem aqui, você se complica.

— Não se você for inocente.

— Você não tem como dizer se sou inocente ou não. É isso que eles dirão.

— Eu sou a advogada aqui — disse Hutton.

— E eu fui policial — disse Reacher. — Sei como eles são. Odeiam fugitivos. Fugitivos os deixam loucos. Eles a levarão presa

junto comigo e só separarão o joio do trigo no mês que vem. Até lá, a sua segunda estrela estará no ralo.

— Então, para onde você vai?

— Não faço ideia. Mas pensarei em algo.

A porta principal da torre de vidro estava trancada. Raskin bateu duas vezes. O guarda na recepção levantou a cabeça. Raskin balançou o retrato falado para ele.

— Entrega — falou.

O guarda balançou a cabeça. O escritório de Helen Rodin recebera diversas entregas naquele dia. Caixas, pacotes, rapazes com carrinhos de entrega. Mais uma entrega era de esperar. Sem maiores surpresas. Ele voltou para a mesa da recepção sem fazer comentários, e Raskin foi direto para o elevador. Entrou e apertou o botão do quarto andar.

A primeira coisa que viu no quarto andar foi um policial do lado de fora do escritório da advogada. Raskin sabia o que isso significava. Significava que o escritório da advogada ainda era um local provável. Significava também que Reacher não tentara ir lá recentemente. Então deu meia-volta, como se estivesse perdido no corredor, e saiu pela tangente. Esperou um momento e voltou para o elevador. Dobrou o retrato falado e guardou-o no bolso. No saguão acenou com a cabeça para o guarda e saiu do prédio. Virou à esquerda e caminhou para o norte, na direção do Marriott Suites.

A jarra de café era mais do que Reacher conseguira beber. Parou depois do quinto copo. Hutton pareceu não se importar. Ele deduziu que cinco copos de café justificavam sua insistência.

— Venha me ver em Washington — ela pediu.

-Vou sim — disse ele. — Com certeza. Na próxima vez que estiver lá.

— Não seja pego.

— Pode deixar — disse ele. — Não por esses caras.

Ele olhou para ela por um minuto. Capturando sua imagem e guardando na memória. Adicionando mais um fragmento ao seu mosaico. Reacher beijou-a nos lábios e saiu. Passou pelo corredor e foi na direção das escadas. No andar térreo, desviou do saguão e usou a porta de emergência mais uma vez. A porta bateu e trancou atrás dele; ele respirou fundo, saiu das sombras e partiu para a calçada.

Raskin o viu imediatamente. Estava a cerca de 30m de distância, andando rápido, saindo do Marriott pelos fundos. Ele viu um clarão refletindo no vidro vindo da luz da rua. Uma porta de emergência se abrindo. Viu um homem alto saindo. De pé, parado. Então a porta se fechou e o homem alto se virou para olhá-la, fechando atrás de si. O reflexo da luz na porta brilhou no rosto dele. Por uma fração de segundo, como uma lanterna balançando rapidamente em um arco. Como um flash de uma câmera fotográfica. Nada de mais. Mas o suficiente para Raskin ter certeza. O homem que saíra pela porta de emergência era o tal do retrato falado. Jack Reacher, sem a menor sombra de dúvida. Altura certa, peso certo, rosto certo. Raskin estudara os detalhes por um longo tempo.

Então Raskin parou de repente e recuou para as sombras. Olhou e esperou. Viu Reacher olhar para a direita, para a esquerda e começar a caminhar, na direção oeste, rápido, porém cuidadosamente. Raskin ficou onde estava e contou um, dois, três. Então saiu das sombras e cruzou o estacionamento, parando de novo, virando a esquina na direção oeste. Reacher estava a menos de 20m de distância. Ainda caminhando, longas passadas, seus braços balançavam ao lado do corpo. Era um homem grande. Isso era certo. Tão grande quanto Vladimir.

Raskin contou até três novamente e deixou que Reacher ficasse a uma distância de aproximadamente 35m. E então foi atrás dele. Manteve os olhos fixos no alvo e pegou o celular no bolso. Ligou

para Grigor Linsky. Reacher continuou andando, a 35m de distância. Raskin levou o telefone até a orelha.

— Sim? — disse Linsky.

— Encontrei ele — sussurrou Raskin.

— Onde?

— Está andando. A oeste do Marriott. Está próximo ao fórum agora, três quarteirões ao norte.

— Para onde ele está indo?

Espere — Raskin sussurrou. — Um momento.

Reacher parou numa esquina. Olhou para a esquerda e para a direita em direção das sombras embaixo do elevado. Ainda tranquilo. Raskin observou-o por detrás de uma pilha de lixo na altura de sua cintura num terreno baldio.

— Ele virou para o norte — sussurrou.

— Na direção do quê?

— Não sei. Do *sports bar*, talvez.

— OK — disse Linsky. — Vamos para o norte. Esperaremos 45 metros acima do bar. Ligue para mim daqui a exatos três minutos. Enquanto isso, não o perca de vista.

— OK — disse Linsky.

Ele desligou o telefone, mas manteve-o na orelha e pegou um atalho pelo terreno baldio. Parou atrás de um muro de tijolos e espiou. Reacher ainda estava a 35m de distância, ainda no meio da calçada; seus braços balançavam; movia-se com rapidez. *Um homem confiante*, pensou Raskin. *Talvez confiante demais*.

Linsky encerrou o telefonema com Raskin e ligou imediatamente para Chenko e Vladimir. Disse a eles para que se encontrassem 45m ao norte do *sports bar* o mais rápido possível. Em seguida telefonou para o Zec.

— Encontramos ele.

— Onde?

— No lado norte do centro da cidade.

— Quem está na cola dele?

— Raskin. Estão na rua, andando.

O Zec ficou em silêncio por um instante.

— Espere até ele parar em algum lugar — ordenou. — E então faça Chenko ligar para a polícia. Ele tem o sotaque. Pode dizer que é um *barman*, entregador ou coisa parecida.

Raskin ficou a 35 metros de distância. Telefonou de novo para Linsky e manteve a conexão aberta. Reacher continuou andando, na mesma cadência, no mesmo passo. Suas roupas eram opacas e difíceis de enxergar no escuro. Seu pescoço e suas mãos eram bronzeados, mas um pouco mais visíveis. E tinha uma faixa estreita de pele branca em volta do cabelo recém-cortado que reluzia no escuro. Raskin manteve os olhos naquilo. Era um brilho em forma de U, a 1,80m do chão, subindo e descendo a cada passo que Reacher dava. *Idiota*, pensou Raskin. Deveria ter usado graxa de sapato. Era assim que fazíamos no Afeganistão. E então pensou *Não que tivéssemos graxa de sapato. Ou cortes de cabelo.*

Raskin parou, pois Reacher havia parado a 35m de distância. Raskin voltou para as sombras; Reacher olhou para a direita e saiu pela esquerda, entrando numa rua transversal, fora de vista atrás de um prédio.

— Está indo para oeste de novo — sussurrou Raskin no telefone.

— Ainda no caminho do *sports bar*? — perguntou Linsky.

— Ou da pousada.

— Qualquer um dos dois está bom para nós. Ande mais um pouco. Não vá perdê-lo agora.

Raskin apressou 10 passos e reduziu a velocidade ao chegar à transversal. Encostou-se na parede do prédio de esquina e olhou em volta. Problema. Não com a visão. A rua era longa e larga, reta e iluminada no final por luzes claras nas quatro pistas que corriam ao norte até a rodovia estadual. A vista era excelente. O problema era

que Reacher já não fazia mais parte dessa vista. Ele desaparecera. Completamente.

capítulo 11

Reacher lera uma vez que mocassins haviam sido inventados por um velejador que procurava maior aderência na superfície do seu iate. O rapaz pegara um tênis e cortara pequenas linhas na sola de borracha com uma lâmina. Testou e acabou fazendo cortes laterais e ondulados próximos uns dos outros. Eles funcionaram, como os sulcos nos pneus de um carro. Uma nova indústria surgia dali. O estilo migrou, por associação, dos iates para as marinas até chegar às calçadas. Agora, mocassins estavam em toda parte. Reacher não gostava muito deles. Eram finos, leves e pouco protegiam.

Mas eram silenciosos.

Ele viu o homem com a jaqueta de couro no instante em que passara pela porta de emergência do Marriott. Foi difícil não ver. A menos de 30m, num ângulo raso, boa iluminação dos postes por toda parte. Seu olhar correu rapidamente pela esquerda e ele o vira claramente. Percebeu a reação dele. Viu-o parar. Viu-o, dessa maneira, identificar-se como um oponente. Reacher seguiu em frente e analisou a imagem que sua visão noturna capturou. Que tipo de oponente era esse homem? Reacher fechou os olhos e se concentrou, dois ou três passos.

Caucasiano comum, altura mediana, peso mediano, rosto vermelho e cabelos claros tingidos de laranja pelas luzes da rua.

Policial ou não?

Não. Por causa da jaqueta. Era uma jaqueta de corte quadrado, peito duplo, feita de couro marrom-claro. Durante o dia seria, certamente, de um tom avermelhado. E tinha uma superfície brilhosa. Não era americana. Nem mesmo de uma loja barata. Era um estilo estrangeiro. Leste Europeu, assim como o terno que o

aleijado vestia na praça. Não era barato. Apenas diferente. Russo, búlgaro, estônio, algo daqueles lados.

Então, não era policial.

Reacher seguiu em frente. Manteve seus passos silenciosos e prestou atenção nos sons atrás dele. Passos curtos, solas grossas, o som do couro, dos cascalhos moendo no chão, a batida de um salto pesado de borracha. Esse não era Charlie. Não era possível alguém chamar esse homem de pequeno. Não era grande, mas também não era pequeno. E não tinha cabelos pretos. E não era o homem que matara a garota. Não era grande o suficiente. Então, some um à conta. Não são quatro. Mas cinco. No mínimo. Talvez mais.

Plano?

Será que esse homem estava armado? Possivelmente, mas apenas com uma arma de mão. Ele não carregava nada grande. E Reacher era muito otimista sobre suas chances de se tornar um alvo a 35m de um atirador com uma arma de mão. Revólveres eram armas para alvos próximos. A distância média para um tiro certeiro com um revólver é de cerca de três metros e meio. Ele estava a 10 vezes essa distância. Ele ouviria o som do projétil. Teria tempo para reagir.

Então, qual era o plano? A ideia de dar meia-volta e pegar o homem era tentadora. Só pela diversão. Por retaliação. Ataque primeiro era seu lema. Mostre a eles com quem estão lidando.

Talvez.

Ou talvez não. Talvez mais tarde.

Reacher continuou andando. Manteve os passos silenciosos e firmes. Deixou o homem atrás seguir o seu ritmo. Como numa hipnose. Esquerda, direita, esquerda, direita. Eliminou tudo de sua mente, exceto os passos distantes atrás de si. Manteve-se concentrado. Os passos estavam lá, distantes mas perceptíveis. Esquerda, direita, esquerda, direita, como hipnose. Ele ouviu o som de um celular sendo usado. Dez tons eletrônicos, silenciosos, quase

inaudíveis, vindos na direção dele, carregados pela brisa, numa pequena sequência aleatória.

Ele virou de repente e continuou andando. Esquerda, direita, esquerda, direita. As ruas estavam desertas. O centro da cidade ficava vazio depois do horário comercial. A cidade ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de se tornar uma comunidade urbana e vibrante. Isso era certo. Ele continuou andando. Ouviu sussurros ao longe, a 35m de distância dele. O celular. *Com quem está falando, parceiro*? Continuou andando. Em seguida, parou na esquina à frente. Olhou para a direita e virou para a esquerda, numa rua reta e larga, atrás de um prédio de quatro andares.

E então correu. Alguns 5 passos, 10, 15, 20. Rápido e silencioso, cruzou a rua para a calçada da direita, passou pelo primeiro beco e entrou no segundo. Agachou-se nas sombras, numa porta cinza. Uma saída de emergência, talvez de um cinema ou de um teatro. Deitou-se de bruços. O homem estava acostumado com um alvo na vertical. Instintivamente, ficaria com o olho a 1,80m do chão. Uma forma no chão não significaria muita coisa para ele.

Reacher esperou. Ouviu passos na calçada do outro lado da rua. O homem vira sua presa virar à esquerda numa calçada do lado esquerdo da rua. Subconscientemente, ele se concentraria na esquerda, e não na direita. Sua primeira reação seria procurar por formas verticais nos becos e portas do lado esquerdo.

Reacher esperou. Os passos continuavam se aproximando. Estavam perto. E então ele viu o homem. Estava na calçada do lado esquerdo.

Andando devagar. Parecia indeciso. Olhava para a frente, para a esquerda, para a frente. Tinha um celular na orelha. Ele parou. Olhou para trás, sobre o ombro direito, e para as portas e becos do outro lado da rua. *Valeria checar*?

Sim.

O homem se movia de lado e para trás, como um caranguejo, diagonalmente, diante da rua à frente e olhando para a calçada do lado direito ao mesmo tempo. Saiu do campo de visão de Reacher como um filme em reverso. Reacher se levantou com cuidado e adentrou ainda mais o beco, até o final. Encontrou um tubo grande de ventilação de uma cozinha e se escondeu atrás. Agachou-se e esperou.

Foi uma longa espera. E então os passos retornaram. Na calçada. No beco. Devagar, cauteloso. O homem andava na ponta dos dedos. Nenhum som dos saltos de borracha. Apenas o som de solas de couro sobre os cascalhos. Eles raspavam gentilmente e ecos baixos ressoavam nas paredes do beco. O homem chegou mais perto. Mais perto.

Chegou perto o suficiente para sentir o cheiro.

Perfume, suor, couro. Parou a menos de 1,50m de onde Reacher estava escondido e vasculhava sem sorte pela escuridão. Reacher pensou: *Mais um passo e você está acabado, parceiro. Mais um passo e o jogo acaba aqui para você*.

O homem se virou e andou de volta para a rua.

Reacher se levantou e o seguiu com rapidez e em silêncio. Virada de jogo. Agora estou atrás de você. Hora de caçar os caçadores.

Reacher era maior do que a maioria dos seres humanos e, de certa forma, um tanto quanto desajeitado, mas podia se fazer leve e imperceptível se necessário. Sempre fora bom em perseguições secretas. Era uma habilidade proveniente de uma longa experiência. Em geral, empregava sutileza e antecipação. Era preciso saber quando a sua presa ia reduzir a velocidade, parar, virar, observar. E, se não soubesse, seria preciso errar com cuidado. Melhor esconder-se e perder 10m do que se entregar.

O homem com o casaco de couro procurou em cada beco e em cada porta nos dois lados da rua. Não procurou bem, mas adequadamente, procurava e prosseguia, além de rezar pelo erro

que todas as pessoas adequadas cometem: Ainda não pus tudo a perder. Ele ainda está em algum lugar por aqui. Falou duas vezes no celular. Com a voz baixa, mas com uma agitação óbvia do seu suspiro agudo. Reacher pulava de sombra a sombra atrás dele, numa certa distância, pois as luzes no final da rua se aproximavam. O homem procurava com mais rapidez e menos cautela. Sem muitas esperanças, mas em pânico. Ele chegou a cerca de seis metros da esquina seguinte e parou. Ficou imóvel.

E desistiu. Simplesmente desistiu. Parou no meio da calçada, ouviu algo pelo telefone e disse algo em resposta. Em seguida, abaixou os braços e toda a rigidez disfarçada esvaiu-se de seu corpo. Hesitou um pouco e saiu andando, rápido, com largas passadas e sem disfarçar, como um homem sem nenhum outro propósito além de ir do ponto A ao ponto B. Reacher esperou o suficiente para saber que aquilo não se tratava de um truque. Então prosseguiu, movendo-se lentamente de sombra em sombra.

Raskin passou em frente à porta do *sports bar* e continuou andando. Podia visualizar o carro de Linsky e o de Chenko mais à frente. Os dois Cadillacs estavam estacionados no meio-fio, aguardando por ele. Aguardando o fracasso. Esperando o nada. *Bom, aqui estou eu*, pensou.

Mas Linsky foi compreensivo com a situação. Principalmente porque criticar um dos homens do Zec era criticar o Zec em pessoa, e ninguém se atreveria a fazer isso.

— Ele deve ter virado na rua errada — disse Linsky. — Talvez não tivesse tido a intenção de estar naquela rua. Talvez tenha cortado caminho pelos becos ou então entrou em um deles para mijar e saiu por trás de você.

— Checou atrás de você? — perguntou Vladimir.

— Claro que sim — mentiu Raskin.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Chenko.

— Vou telefonar para o Zec — disse Linsky.

— Ele ficará muito puto — disse Vladimir. — Nós quase pegamos o cara.

Linsky pegou o telefone. Contou a má notícia e ouviu a resposta. Raskin observou o rosto dele. Mas Linsky não esboçava nenhuma reação. Uma habilidade proveniente de muita prática, e necessidade de sobrevivência. Foi um telefonema curto. Uma reação curta indecifrável. Como se a ligação não tivesse acontecido.

Linsky desligou.

— Continuamos procurando — ele disse. — Num raio de um quilômetro, partindo do local onde Raskin o viu pela última vez. O Zec está enviando o Sokolov. Ele diz que certamente o encontraremos com mais um jogador no time.

— Não temos certeza de porra nenhuma — disse Chenko. — Lá vem uma grande dor de cabeça e uma noite em claro.

Linsky levantou o telefone.

— Então ligue para o Zec e diga isso a ele.

Chenko ficou em silêncio.

— Fique com o norte, Chenko — disse Linsky. — Vladimir, o sul. Raskin, volte para o leste. Ficarei com o lado oeste. Sokolov preenche onde precisarmos quando chegar.

Raskin voltou para o leste, pelo caminho que viera, o mais rápido que pôde. Ele viu o sentido no plano do Zec. Vira Reacher cerca de 15 minutos atrás, e um homem se escondendo não andaria mais de um quilômetro nesse período. A lógica elementar ditava o local onde Reacher deveria estar. Em algum lugar dentro de um círculo de dois quilômetros de diâmetro. Eles o encontraram uma vez. Encontrariam de novo.

Ele voltou até a encruzilhada da avenida larga e virou para o sul, na direção do elevado. Refazendo seus passos. Passou pelas sombras por baixo da rodovia e caminhou na direção do terreno baldio na esquina em frente. Manteve-se perto do muro. Virou.

E então o muro caiu sobre ele.

Pelo menos foi o que lhe pareceu. Foi golpeado fortemente por trás e caiu de joelhos. Sua vista escureceu. Foi golpeado mais uma vez, desmaiou e caiu de rosto no chão. A última coisa que percebeu antes de desmaiar foi uma mão em seu bolso roubando seu celular.

Reacher voltou por baixo do elevado com o celular ainda quente em sua mão. Apoiou o ombro num pilar de concreto tão largo quanto um quarto de hotel e girou o corpo, escondendo-se na sombra e deixando sua mão iluminada pela luz de um poste acima. Pegou o cartão rasgado, com o número de Emerson, e ligou para ele.

— Sim? — disse Emerson.

— Adivinha quem é?

— Isso não é um jogo, Reacher.

— Somente porque você está perdendo.

Emerson ficou em silêncio.

— E então? Sou fácil de encontrar?

Sem resposta.

— Tem papel e caneta?

— Claro que sim.

— Então ouça — disse Reacher. — E anote. — Ele ditou os números das placas dos dois Cadillacs. — Aposto que um desses carros esteve no edifício-garagem pouco antes da sexta-feira para deixar o cone. Você deveria rastrear as placas, checar as fitas e fazer perguntas. Encontrará um tipo de organização com pelo menos seis homens. Ouvi alguns nomes. Raskin e Sokolov, que parecem ser homens de segundo escalão. E depois Chenko e Vladimir. Vladimir parece um cara capaz de ter matado a garota. Ele é enorme. Tem também uma espécie de tenente cujo nome não peguei. Tem cerca de 60 anos e uma lesão antiga na espinha. Ele falou com seu chefe e se referiu a ele como o Zec.

— São nomes russos.

— Acha mesmo?

— Exceto Zec. Que tipo de nome é Zec?

— Não é Zec. É *o zec*. É uma palavra. Uma palavra usada como nome.

— O que significa?

— Pesquise. Leia alguns livros de história.

Houve uma pausa. O som de escrita.

— Você deveria vir aqui — disse Emerson — falar comigo cara a cara.

— Ainda não — disse Reacher. — Faça seu trabalho e pensarei sobre isso.

— Estou fazendo meu trabalho. Estou caçando um fugitivo. Você matou a garota. E não um homem enorme cujo nome você diz que ouviu.

— Mais uma coisa — disse Reacher. — Creio que o homem chamado Chenko também atende por Charlie e é amigo de James Barr.

— Por quê?

— Pela descrição. Homem pequeno, moreno, cabelos pretos e crespos.

— James Barr tem um amigo russo? Não segundo nossas investigações.

— Como eu disse, faça seu trabalho.

— Estamos fazendo. Ninguém mencionou um amigo russo.

— Ele parece americano. Acho que está envolvido com o que aconteceu na sexta, o que significa que esse time todo estava envolvido.

— Envolvido como?

— Não sei. Mas planejo descobrir. Ligo para você amanhã.

— Amanhã você estará na cadeia.

— Assim como estou agora? Continue sonhando, Emerson.

— Onde você está?

— Perto — disse Reacher. — Durma bem, detetive.

Ele desligou o telefone, guardou o número de Emerson e pegou o de Helen Rodin. Digitou o número e adentrou ainda mais as sombras.

— Sim? — disse Helen Rodin.

— É Reacher.

— Você está bem? O policial está bem na porta do meu escritório.

— Comigo tudo bem — disse Reacher. — E com ele também, espero. Deve estar ganhando 40 dólares por hora extra.

— Eles colocaram seu rosto no jornal das seis. História grande.

— Não se preocupe comigo.

— Onde você está?

— Leve e solto. Fazendo progresso. Vi Charlie. Dei a Emerson o número da placa do carro dele. E você está tendo algum progresso?

— Não muito. Tudo o que consegui foram cinco nomes aleatórios. Não encontrei um motivo pelo qual alguém diria a James Barr para atirar em nenhum deles.

— Você precisa do Franklin. Precisa de pesquisa.

— Não posso pagá-lo.

— Quero que encontre aquele endereço de Kentucky para mim.

— Kentucky?

— Onde James Barr ia praticar tiro.

Reacher a ouviu deixar o telefone de lado e mexer em papéis. Em seguida ela voltou e leu o endereço. Não significava nada para Reacher. Uma rua, uma cidade, um estado e um CEP.

— O que Kentucky tem a ver com isso? — perguntou Helen.

Reacher ouviu um carro passar. Bem perto, à sua esquerda, pneus grossos rolavam devagar. Ele se esgueirou contornando o pilar e olhou. Uma patrulha passava lentamente com as luzes apagadas. Dois policiais na frente, esticando o pescoço, olhando para os lados.

— Preciso ir — disse ele.

Desligou o telefone e deixou-o no chão, na base do pilar. O identificador de chamadas de Emerson provavelmente captara o número, e a localização de qualquer telefone celular pode ser rastreada pelo pulso de reconhecimento enviado regularmente pelo aparelho para a rede a cada 15 segundos. Então Reacher deixou o telefone para trás e partiu para o oeste, 40 metros abaixo do elevado.

Dez minutos depois, ele estava na parte de trás da torre de vidro, nas sombras sob o elevado, de frente para a rampa. Havia uma patrulha vazia estacionado no meio-fio. Parecia imóvel e fria. Como se estivesse ali há um bom tempo. *O policial na porta de Helen*, pensou Reacher. Ele atravessou a rua e desceu a rampa. Dentro da garagem subterrânea, o concreto era pintado de branco e havia lâmpadas fluorescentes iluminando o ambiente a cada quatro metros e meio. Havia áreas iluminadas e áreas escuras. Reacher sentia-se passando por uma sucessão de palcos iluminados. O teto era baixo. O prédio era amparado por enormes pilares quadrados. A cabine de serviço ficava no meio. O espaço era frio e silencioso; ficava a cerca de 35m de profundidade e tinha cerca de três vezes essa distância em largura.

Trinta e cinco metros de profundidade.

Assim como a nova extensão na Rua 1. Reacher entrou e encostou-se na parede. *35 passos*. Ele virou como um nadador e caminhou de volta. *35 passos*. Cruzou na diagonal até o canto mais distante. A garagem estava escura naquela área. Ele passou por duas vans da NBC e encontrou o Ford Mustang azul que ele deduzia pertencer a Ann Yanni. Estava limpo e brilhante. Recentemente polido. Tinha janelas pequenas, por causa do teto conversível. Para-brisas impecáveis. Vidros escuros.

Ele tentou a porta do carona. Trancada. Contornou o carro e tentou a porta do motorista. A manivela se mexeu. Destrancado. Ele olhou em volta e abriu a porta.

Não tinha alarme.

Ele se esticou dentro do carro e apertou o botão de destravamento. Um barulho triplo, enquanto ambas as portas e a mala destrancaram. Fechou a porta do motorista e foi até a mala. O estepe estava embaixo do assoalho. Dentro da roda estavam o macaco e o pedaço de metal que servia tanto como alavanca quanto chave de roda. Pegou o pedaço de metal e fechou a mala. Andou até o lado do carona, abriu a porta e entrou no carro.

O interior cheirava a perfume e café. Abriu o porta-luvas e achou um maço de guias de estradas e uma pequena pasta de couro do tamanho de um diário de bolso. Dentro da pasta havia um cartão de seguro e um registro de automóvel no nome de Srta. Janine Lorna Ann Yanni com um endereço local de Indiana. Ele guardou a pasta e fechou o porta-luvas. Encontrou os botões certos e baixou o banco o máximo que pôde.

Reclinou o encosto até onde dava, o que não era muita coisa, e em seguida afastou o banco para trás, para poder esticar as pernas ao máximo. Soltou a camisa da calça, deixou o pedaço de ferro no colo e se deitou. Esticou-se. Ele tinha umas três horas para esperar. Tentou dormir. *Durma quando puder*, era a velha regra militar.



A primeira coisa que Emerson fez foi procurar a companhia telefônica. Confirmou que o número em seu identificador de chamadas era de um celular. A assinatura estava no nome de uma companhia chamada Serviços Especializados de Indiana. Emerson pôs um detetive novato para localizá-la e pediu à companhia telefônica que localizasse o aparelho. O progresso inicial não foi dos melhores. A Serviços Especializados de Indiana não o levou a lugar algum, pois pertencia a uma firma nas Bermudas e não tinha endereço local. Mas a companhia telefônica informou que o aparelho

estava imóvel, o que significava que estava no centro da cidade e seria fácil de encontrar.



Rosemary Barr, com seu jeito doce, passou pela mesa do Departamento Penal no sexto andar do hospital e foi beneficiada com uma visita fora de hora ao irmão. Quando chegou no quarto, viu que ele dormia profundamente. Seu jeito doce foi desperdiçado. Ela esperou 30 minutos, mas ele não acordou. Ela observou os monitores. Os batimentos cardíacos estavam fortes e regulares. Sua respiração era normal. Ele ainda estava algemado e sua cabeça continuava presa numa braçadeira, mas o corpo estava perfeitamente imóvel. Ela checou a prancheta com os dados sobre o progresso dele para assegurar-se de que ele estava sendo bem cuidado. Viu a anotação do médico: *Possível P. A. em estágio inicial?* Ela não tinha ideia do que aquilo significava, e naquele momento não pôde encontrar ninguém que lhe pudesse explicar o significado daquelas palavras.

A companhia telefônica marcou a localização do aparelho num mapa da cidade e a enviou a Emerson por fax. Emerson arrancou-a do aparelho e passou uns cinco minutos tentando entender aquilo. Esperava encontrar as três setas apontando para um hotel, um bar ou um restaurante. Em vez disso, elas apontavam para um terreno baldio debaixo do elevado. E visualizou Reacher dormindo numa caixa de papelão. E então concluiu que o telefone fora abandonado, o que foi confirmado quando, 10 minutos depois, uma patrulha foi enviada para averiguação.

E então, só para garantir, ele ligou o computador e entrou com os números das placas que Reacher lhe fornecera. Eles voltaram como modelos novos de Cadillac Devilles, ambos pretos, ambos

registrados em nome da Serviços Especializados de Indiana. Escreveu rua sem saída na folha de papel e arquivou-a.

Reacher acordava cada vez que ouvia os motores dos elevadores funcionarem. O som descia pelo fosso através dos cabos e os elevadores reverberavam. As três primeiras vezes foram alarmes falsos. Apenas trabalhadores anônimos indo para casa depois de um longo dia de trabalho. A cada 40 minutos eles desciam sozinhos, caminhavam até seus carros e iam embora. Por três vezes o odor da fumaça fria de exaustão se esvaiu, por três vezes a garagem mergulhou novamente no silêncio e por três vezes Reacher voltou a dormir.

Na quarta vez ele permaneceu acordado. Ouviu o som do elevador e olhou para o relógio: 23h45. Hora do show. Esperou e ouviu as portas do elevador se abrirem. Dessa vez não era apenas mais um cara solitário de terno. Era uma pequena multidão. Oito ou dez pessoas. Muito barulho. Era a equipe completa do noticiário das 23h da afiliada da NBC.

Reacher permaneceu abaixado no banco do carona do Mustang e escondeu o pedaço de ferro embaixo da camisa; sentiu o frio do ferro encostando em sua barriga. Olhou para o teto do carro e esperou.

Um sujeito pesadão de calça jeans bem larga passou pela escuridão a um metro e meio do para-lama dianteiro do Mustang. Ele tinha uma barba grisalha e vestia camiseta do Grateful Dead por baixo de uma jaqueta de algodão rasgada. Certamente não era um talento da frente das câmeras. Andou até uma picape prateada e entrou. Em seguida veio um homem de terno bem maquiado. Tinha cabelos compridos e dentes alvíssimos. Definitivamente um talento da frente das câmeras, talvez da previsão do tempo, talvez dos esportes. Ele passou pelo outro lado do Mustang e entrou num Ford Taurus. Logo depois vieram três mulheres juntas, jovens, vestidas com roupas casuais, talvez a diretora do estúdio, a gerente de locação e a operadora da mesa de corte. Elas se espremeram para

passar entre o bagageiro do Mustang e uma van de transmissão. O carro balançou três vezes quando elas passaram. Então se separaram e cada uma foi para o seu carro.

Então vieram mais três pessoas.

E Ann Yanni.

Reacher não a notara individualmente, até que ela tocou na maçaneta do carro. Ela parou e gritou alguma coisa para alguém do grupo. Obteve uma resposta, disse alguma coisa mais e abriu a porta. Entrou com as nádegas primeiro, girou e desviou a cabeça. Estava vestida de calça jeans surrada e uma blusinha de seda. Parecia cara. Reacher deduziu que ela estivera diante da câmera, mas na mesa do apresentador, visível apenas da cintura para cima. Seus cabelos estavam duros de tanto fixador. Ela se jogou no assento e fechou a porta. E então olhou para a direita.

— Fique bem quieta — disse Reacher — ou mato você.

Ele a cutucou com o pedaço de ferro, por baixo de sua camisa. Tinha 1,5cm de espessura, longo e reto, parecia plausível. Ela olhou em choque. Cara a cara, a meio metro de distância, ela parecia mais magra e mais velha do que na televisão. Tinha rugas finas ao redor dos olhos, repletas de maquiagem. Mas era muito bonita. Feições impossivelmente perfeitas, era forte, vívida e monumental, assim como a maioria das pessoas de televisão. Sua blusa tinha um colarinho formal, mas três botões estavam abertos. Formal e sexy ao mesmo tempo.

— Ponha as mãos onde eu possa vê-las — ordenou Reacher. — No colo. — Ele não queria que ela apertasse a buzina. — Ponha as chaves no painel. — Ele não queria que ela apertasse o botão do alarme. Os novos Ford que ele dirigira tinham um botão vermelho no controle remoto do chaveiro. Ele deduziu que aquilo disparava um alarme.

— Não se mova — disse ele. — Tenha calma e fique em silêncio. Ficaremos bem.

Reacher apertou o botão ao lado e travou as portas.

— Sei quem você é — disse ela.

— Eu também — disse ele.

Ele manteve o pedaço de ferro posicionado e esperou. Ann Yanni permaneceu imóvel, as mãos no colo, respirando rápido, mais e mais assustada enquanto os carros dos colegas davam partida. A fumaça dos escapamentos se esvaía. As pessoas iam embora, uma a uma. Ninguém olhava para trás. O final de um longo dia.

— Fique quieta — Reacher ordenou novamente — e ficaremos bem.

Ela olhou para a esquerda e para a direita. Seu corpo estava tenso.

— Não faça isso — disse Reacher. — Não faça nada. Ou aperto o gatilho. Um tiro na barriga. Ou na coxa. Em 20 minutos você sangrará até a morte. Dói muito.

— O que você quer? — perguntou Ann.

— Quero que fique calada e imóvel. Por apenas alguns minutos mais.

Ela cerrou os dentes e ficou calada e imóvel. O último carro saiu. O Taurus branco. O homem da cabeleira. Da previsão do tempo ou dos esportes. Um barulho de pneus e o ronco do motor enquanto ele subia a rampa. E então os barulhos desapareceram e a garagem ficou em silêncio.

— O que você quer? — perguntou ela de novo. Sua voz estava fraca. Seus olhos, arregalados. Ela tremia. Pensava em estupro, assassinato, tortura, esquartejamento.

Reacher acendeu a luz interna.

— Quero que você ganhe o prêmio Pulitzer — disse.

— O quê?

— Ou o Emmy ou o que quer que seja que vocês ganhem.

— O quê?

— Quero que ouça uma história — disse ele.

— Que história?

— Preste atenção — disse Reacher.

Ele levantou a camisa. Mostrou a ela o pedaço de ferro. Ela olhou fixamente para ele. Ou para a cicatriz de estilhaço de bomba. Ou para ambos. Ele não tinha certeza. Ele segurou o ferro. Levantou-o na direção da luz.

— Da mala do seu carro — disse. — Não é uma arma.

Ele destravou as portas.

— Você está livre — disse ele. — Quando quiser.

Ela pôs a mão na maçaneta.

— Mas, se você for, eu também vou — disse Reacher. — Não me verá novamente. Perderá a história. Alguém ficará com ela.

— Mostramos seu rosto a noite inteira — ela disse. — E a polícia espalhou cartazes de PROCURADO por toda a cidade. Você matou a garota.

Reacher fez que não com a cabeça.

— Na verdade, não matei, e isso é parte da história.

— Que história? — perguntou ela.

— Sexta-feira passada — disse Reacher. — Não foi o que pareceu.

— Vou sair do carro agora — disse Ann.

— Não — disse Reacher. — Saio eu. Peço desculpas se te aborreci. Mas preciso de sua ajuda e você da minha. Então, eu saio. Você trava as portas, liga o carro, mantém os pés no freio e abre cinco centímetros da janela. Conversaremos pela fresta. Pode ir embora a hora que quiser.

Ela não disse nada. Apenas olhava para a frente, como se pudesse fazê-lo desaparecer apenas o ignorando. Ele abriu a porta. Saiu do carro e deixou o pedaço de ferro gentilmente sobre o assento. Em seguida fechou a porta e ficou parado. Ajeitou a camisa. Ouviu o barulho das travas das portas. Ela ligou o carro. As luzes de freio se acenderam. Ele a viu desligando as luzes internas. O rosto dela desapareceu nas sombras. Ele ouviu-a engrenar o carro. A luz

de ré se acendeu. Então as luzes de freio se apagaram, o motor roncou e ela saiu com o carro num rápido círculo em torno da garagem vazia. Os pneus cantaram. Borracha aderente no concreto liso. O barulho ecoou. Ela alinhou o carro na rampa e acelerou.

E então pisou no freio.

O Mustang parou com as rodas dianteiras na base da rampa. Reacher caminhou na direção do carro, abaixando-se um pouco para olhar pelo pequeno para-brisas traseiro. Nenhum telefone celular. Ela estava simplesmente parada, olhando para a frente, com as mãos no volante. A luz de freio estava acesa, tão brilhante que machucava os olhos. Os canos de descarga chacoalhavam e soltavam fumaça branca Gotas ¨d'água pingavam, formando pequenas poças no chão.

Reacher foi até a janela do motorista e ficou em pé a um metro de distância. Ela abaixou quase quatro centímetros do vidro. Ele se agachou para que pudesse ver o rosto dela.

— Por que eu preciso da sua ajuda? — ela perguntou.

— Porque sexta-feira terminou cedo demais para você — ele disse. — Mas pode tê-la de volta. Existe um desdobramento. É uma história grande. Você ganhará prêmios. Um emprego melhor. A CNN baterá à sua porta.

— Você acha que sou tão ambiciosa assim?

— Acho que você é jornalista.

— E o que isso significa?

— Que, no final das contas, jornalistas gostam de histórias. Gostam da verdade.

Ela ficou em silêncio por quase um minuto. Olhando para a frente. O carro fazia pequenos barulhos ao se aquecer. Reacher podia sentir o freio impedindo o motor de impulsionar o carro. Então ele a viu olhar para baixo e colocar o carro em ponto morto. O Mustang recuou 15cm e parou. Reacher se moveu para o lado para alinhar-se à janela. Ann virou a cabeça e olhou para ele.

— Então me conte a história — disse ela. — Diga a verdade.

Ele contou a ela a história e a verdade. Ele se sentou no concreto com as pernas cruzadas para parecer imóvel e inofensivo. Não deixou um só detalhe para trás. Relatou todos os eventos, todas as deduções, todas as teorias, todas as suposições. No final, parou e aguardou a reação dela.

— Onde você estava quando a garota foi assassinada? — ela perguntou.

— Dormindo, na pousada.

— Sozinho?

— A noite toda. Quarto oito. Dormi muito bem.

— Sem álibi.

— Nunca se tem um álibi quando se precisa de um. Essa é uma lei universal da natureza.

Ela olhou para ele por um longo momento.

— O que você quer que eu faça? — perguntou.

— Quero que pesquise sobre as vítimas.

Ela fez uma pausa.

— Podemos fazer isso — disse ela. — Temos investigadores.

— Não é o suficiente — disse Reacher. — Quero que contrate um homem chamado Franklin. Helen Rodin pode lhe falar dele. Ela trabalha neste prédio, dois andares acima de você.

— E por que ela não contratou esse tal de Franklin por conta própria?

— Porque ela não pode pagar. Você pode. Imagino que você tenha uma boa verba. Uma semana do trabalho de Franklin deve custar menos do que um corte de cabelo do seu rapaz da previsão do tempo.

— E daí, o que acontece?

— Então montamos as peças.

— Qual a dimensão disso?

— Do tamanho de um prêmio Pulitzer. De um Emmy. De um novo emprego.

— Como você sabe? Não é do ramo.

— Estive no Exército. Veria isso como uma Estrela de Bronze. É algo equivalente. Melhor do que pegar um ônibus errado.

— Não sei — disse ela. — Eu deveria entregar você.

— Você não pode — disse ele. — Se você pegar o telefone, eu subo a rampa e desapareço. Eles não me encontrarão. Passaram o dia tentando.

— Não me importo muito com prêmios — disse ela.

— Então faça por diversão — disse ele. — Faça por satisfação profissional.

Ele tirou o número do telefone de Helen Rodin do bolso e entregou a ela. Ann pegou-o delicadamente, tentando não tocar nos dedos dele.

— Telefone para Helen — disse Reacher. — Agora. Ela confirmará tudo o que disse a você.

Ela pegou o celular na bolsa, ligou, olhou para o visor e aguardou até que estivesse pronto e digitou os números. Devolveu o guardanapo com o número de Helen.

— Helen Rodin? — perguntou. Então, levantou o vidro e Reacher não ouviu a conversa. Ele torcia para que ela estivesse falando mesmo com Helen. Era bem possível que ela tivesse olhado para o guardanapo e digitado um outro número. Não o número de emergência, pois teclara 10 dígitos. Mas pode ter ligado direto para a delegacia. Uma repórter saberia esse número de cor.

Mas era Helen na linha. Ann baixou o vidro e passou o telefone para ele pela fresta.

— É sério isso? — perguntou Helen.

— Não sei se ela já se decidiu — disse Reacher. — Mas talvez funcione.

— Essa é uma boa ideia?

— Ela tem os recursos. E ter a mídia nos vigiando pode ser uma boa ajuda.

— Deixe-me falar com ela novamente.

Reacher passou o telefone para Ann. Dessa vez ela deixou o vidro abaixado para que Reacher pudesse ouvir o fim da conversa. Em princípio ela parecia não acreditar muito, depois ficou em cima do muro, e, então, um tanto convencida. Combinou uma reunião no quarto andar de manhã. E desligou o telefone.

— Tem um policial na porta dela — avisou Reacher.

— Ela me falou — disse Ann. — Mas eles estão atrás de você, não de mim.

— O que exatamente você vai fazer?

— Ainda não decidi.

Reacher ficou em silêncio.

— Acho que, primeiro, preciso entender sua situação — continuou ela. — Obviamente, você não se importa muito com James Barr. Então, faz isso pela irmã dele? Rosemary?

Reacher observou-a enquanto ela o observava. Uma mulher, uma jornalista.

— Em parte para Rosemary — disse.

— Mas?

— Na maior parte pelo mestre dos fantoches. Ele está lá se achando muito esperto. Não gosto disso. Nunca gostei. Isso me faz querer mostrar a ele o quanto é esperto.

— Como um desafio?

— Ele mandou matar a garota, Ann. Era apenas uma menina doce e boba atrás de diversão. Ele abriu a porta errada com essa atitude. Então merece que algo saia de dentro para pegá-lo. Esse é o desafio.

— Você praticamente não a conhecia.

— Isso não a torna menos inocente.

— OK.

— OK o quê?

— A NBC vai bancar esse Franklin. E então veremos aonde isso nos levará.

— Obrigado — disse Reacher. — Aprecio sua atitude.

— Deveria mesmo.

— Peço desculpas de novo. Por ter assustado você.

— Quase morri de susto.

— Sinto muito.

— Mais alguma coisa?

— Sim — disse Reacher. — Preciso do seu carro emprestado.

— Meu carro?

— Seu carro.

— Para quê?

— Para dormir nele e depois ir até Kentucky.

— O que há no Kentucky?

— Parte do enigma.

Ann balançou a cabeça.

— Isso é loucura.

— Sou um motorista prudente.

— Eu estaria ajudando um criminoso.

— Não sou um criminoso — disse Reacher. — Um criminoso é alguém condenado por um crime depois de passar por um julgamento. Desse jeito, não sou nem um fugitivo. Não fui preso nem acusado. Sou um suspeito, simplesmente.

— Não posso lhe emprestar meu carro depois de mostrar sua imagem na TV a noite inteira.

— Você poderia dizer que não me reconheceu. É só um desenho, não é uma foto. Talvez não seja uma imagem totalmente precisa.

— Seu cabelo está diferente.

— Então. Cortei hoje de manhã.

— Mas reconheceria seu nome. Você não emprestaria seu carro a um estranho sem ao menos perguntar o nome, emprestaria?

— Talvez eu lhe tenha dado um nome falso. Você encontrou um homem com um nome diferente que não se parecia muito com o retrato falado, só isso.

— Que nome?

— Joe Gordon — disse Reacher.

— Quem é ele?

— Segunda base dos Yankees em 1940. Eles terminaram em terceiro. Não foi culpa dele. Teve uma carreira decente. Jogou exatamente mil partidas e acertou exatamente mil bolas.

— Você sabe muito.

— Saberei mais amanhã, se me emprestar o carro.

— Como chegarei em casa agora?

— Levo você lá.

— E então saberá onde moro.

— Já sei onde mora. Chequei o registro do carro. Para saber se o carro era seu.

Ela ficou em silêncio.

— Não se preocupe — disse Reacher. — Se eu quisesse machucar você, já estaria machucada, não acha?

Ela ficou em silêncio.

— Sou um motorista muito cauteloso — ele disse. — Levarei você para casa a salvo.

— Chamo um táxi — ela disse. — Melhor para você assim. As ruas estão vazias agora e esse carro chama atenção. Os policiais sabem que é meu. Eles me param o tempo todo. Dizem que estou correndo, mas querem mesmo é pedir um autógrafo ou olhar dentro da minha blusa.

Ela usou o celular de novo e disse ao taxista para encontrá-la dentro da garagem. Em seguida, desceu do carro e deixou-o ligado.

— Estacione naquele canto — disse. — É mais seguro se você não sair antes do rush matinal.

— Obrigado — disse Reacher.

— E vá logo — disse ela. — Seu rosto estava em toda parte no noticiário e o taxista certamente assistiu. Pelo menos, espero que tenha assistido. Preciso da audiência.

— Obrigado — agradeceu Reacher de novo.

Ann Yanni saiu e ficou no fundo da rampa como se esperasse um ônibus. Reacher entrou no carro, ajustou o banco e deu ré até o fundo da garagem. Desligou e olhou pelo retrovisor. Cinco minutos depois um Crown Victoria descia a rampa. Ann Yanni entrou e sentou-se no banco traseiro. O táxi virou e saiu da garagem em silêncio.

Reacher ficou no carro de Ann Yanni, mas não permaneceu na garagem sob a torre de vidro. Muito arriscado. Se ela mudasse de ideia, ele seria presa fácil. Podia imaginá-la tendo uma crise de consciência e telefonando para Emerson. Ele está dormindo no meu carro no canto da garagem da torre. Nesse instante. Então, três minutos depois que o táxi partiu, ele ligou o carro e foi até o edifício-garagem na Rua 1. Estava vazio. Foi até o segundo andar e estacionou na vaga que James Barr usou. Não pôs dinheiro no parquímetro. Apenas pegou o guia de ruas de Ann Yanni e planejou a sua rota; em seguida, reclinou o banco e dormiu Acordou cinco horas depois, antes de clarear, e partiu para o Kentucky. Viu três patrulhas antes de sair dos limites da cidade. Mas os policiais não prestaram atenção nele. Estavam ocupados demais caçando Jack Reacher para perder tempo perturbando uma apresentadora de telejornal bonitinha.

capítulo 12

O dia raiou longe, a leste, a cerca de uma hora de viagem. O céu mudou de negro para cinza e depois para roxo, e então os primeiros raios de sol despontaram no horizonte. Reacher desligou os faróis. Não gostava de dirigir com os faróis acesos durante o dia. Um chamariz para as patrulhas rodoviárias da beira da estrada. Faróis acesos durante o dia sugerem várias coisas, como escapadas velozes pela noite. O Mustang já era chamativo o suficiente. Era barulhento, agressivo e também um tipo de carro muito roubado.

Mas as patrulhas que Reacher viu ficaram em seus postos no acostamento. Ele manteve o carro no limite de velocidade e ligou o rádio. Nos alto-falantes, Sheryl Crow dizia: *Cada dia é uma estrada que se abre*. *Eu sei*, pensou. *Eu que o diga*.

Ele cruzou o rio Ohio num longo pontilhão de ferro com o sol baixo à sua esquerda. Por um momento, a água que corria lentamente transformou-se em ouro derretido. A luz refletia em Reacher vindo de baixo e deixava o carro iluminado por dentro. A estrutura do pontilhão passava como um estroboscópio. O efeito era desagradável. Reacher fechou os olhos e entrou no Kentucky com uma expressão de incômodo.

Ele continuou na direção sul numa estrada rural e esperou pelo rio Blackford. De acordo com os mapas de Ann Yanni, era um afluente que descia numa diagonal, de sudeste para noroeste, desaguando no rio Ohio. Próximo à sua nascente, formava um triângulo equilátero perfeito de cerca de três quilômetros de lado com uma estrada rural. E, de acordo com a informação de Helen Rodin, o clube de tiro predileto de James Barr ficava em algum lugar dentro daquele triângulo.

Mas acabou que o clube do tiro era o triângulo. Uns cinco quilômetro à frente, Reacher viu uma cerca de arame do lado esquerdo que começava logo depois que ele cruzou o rio Blackford numa ponte. A cerca continuava até a próxima interseção e tinha placas a cada mourão dizendo *Mantenha Distância — Treinamento de Tiro*. Então, a cerca fazia um ângulo de 60 graus e corria quase cinco quilômetros para norte e leste. Reacher seguiu a cerca e onde ela encontrava o rio novamente ele viu um portão e uma entrada de cascalhos com várias cabanas. O portão estava trancado. Havia uma placa dizendo: *Aberto das 8h ao anoitecer*.

Reacher olhou para o relógio. Estava meia hora adiantado. Do outro lado da estrada havia um restaurante num trailer. Ele foi até lá e parou o Mustang perto da porta. Estava faminto. O bife do serviço de quarto do Marriott parecia ter acontecido há séculos.

Ele tomou um longo e preguiçoso café da manhã numa mesa próxima a janela e observou a cena do outro lado da rua. Às oito em ponto havia três picapes esperando para entrar no clube. Cinco minutos depois, um homem apareceu numa picape Humvee a diesel preta, pareceu se desculpar pelo atraso e destrancou o portão. Ele se afastou e deixou que seus clientes entrassem primeiro. Em seguida, subiu na picape e os seguiu. Ele se desculpou de novo na porta da cabana principal e os quatro homens entraram, desaparecendo de vista. Reacher pediu outro café. Achou melhor deixar o homem lidar com os clientes primeiro para depois ir até lá falar com ele. E o café estava bom. Bom demais para deixar pela metade. Estava fresco, quente e bem forte.

Por volta de 8h20, Reacher começou a ouvir disparos de rifles. Sons abafados e ritmados, com o poder diminuído pela distância, pelo vento e por montes de terra. Deduziu que as armas estavam a uns 180m, apontando para o oeste. Os disparos eram lentos e estáveis, o som de atiradores experientes mirando no meio do alvo. Então, ouviu uma sequência de barulhos mais suaves, de uma arma

de mão. Ouviu aqueles sons familiares por um instante, deixou dois dólares em cima da mesa e pagou a conta de 12 dólares no caixa. Saiu, entrou no carro e dirigiu até o clube, passando pelo portão aberto.

Encontrou o homem da Humvee atrás de um balcão na cabana principal. De perto, parecia mais velho. Mais de 50 anos, menos de 60, cabelos grisalhos e ralos, pele enrugada, mas a postura reta. Tinha o pescoço envelhecido, mais grosso que a cabeça, e o tipo de olhos que o faziam parecer um ex-Marine não-combatente mesmo sem as tatuagens no braço e os suvenires na parede atrás. As tatuagens eram antigas e desbotadas, e os suvenires eram, na maioria, bandeirinhas e emblemas de pelotões. Mas a peça central da mostra era um alvo de papel amarelado numa moldura. Havia um grupo de cinco buracos de calibre .300 dentro do anel central e um sexto um pouco mais afastado.

— Posso ajudar? — ele perguntou. Olhava por cima do ombro de Reacher, pela janela, na direção do Mustang.

— Estou aqui para resolver todos os seus problemas — disse Reacher.

— É mesmo?

— Brincadeira. Quero apenas fazer algumas perguntas.

O homem fez uma pausa.

— Sobre James Barr?

— Adivinhou certo.

— Não.

— Não?

— Não falo com repórteres.

— Não sou repórter.

— Aquilo ali fora é um Mustang de cinco litros, com opcionais personalizados. Não é um carro da polícia nem é alugado. E tem placas de Indiana. E um adesivo da NBC no para-brisa. Assim,

imagino que você seja um repórter tentando encontrar uma história sobre como James Barr usou meu clube para treinar e se preparar.

— E ele fez isso mesmo?

— Já disse, não vou falar.

— Mas Barr vinha aqui, não vinha?

— Não vou falar — disse o homem de novo. Sem malícia na voz, apenas determinação. Sem hostilidade. Apenas autoconfiança. Não ia falar. Fim da história. A cabana ficou em silêncio. Nenhum som além dos disparos distantes e um ruído vindo de outra sala. Talvez uma geladeira.

— Não sou repórter — disse Reacher mais uma vez. — Apenas peguei o carro de uma repórter emprestado, só isso. Para chegar até aqui.

— Então você é o quê?

— Apenas alguém que conheceu James Barr há muito tempo. Quero saber sobre o amigo dele chamado Charlie. Acho que esse amigo foi quem o levou para o mau caminho.

O homem não disse: Que amigo? Não perguntou: Quem é Charlie? Apenas balançou a cabeça e disse:

— Não posso ajudar.

Reacher olhou para o alvo na moldura.

— Isso é seu? — perguntou.

— Tudo aqui dentro é meu.

— A que distância foi isso? — perguntou Reacher.

— Por quê?

— Porque acho que se foi a 550m, você é bom. Se foi a 730m, você é muito bom. Se foi a 900m, você é imbatível.

— Você atira? — perguntou o homem.

— Atirava — disse Reacher.

— Militar?

— Muito tempo atrás.

O homem se virou, levantou a moldura e retirou-a da parede. Deitou-a gentilmente sobre o balcão e girou-a para que Reacher pudesse inspecioná-la. Havia uma inscrição desbotada à mão: *1978 EUA Marine Corps Torneio 900m. Gunny Samuel Cash, terceiro lugar.* E três assinaturas de juízes.

— Você é o Sargento Cash? — perguntou Reacher.

— Aposentado e na batalha — disse o homem.

— Eu também.

— Mas não do Corps.

— Você consegue dizer só de olhar para mim?

— Facilmente.

— Exército — disse Reacher. — Mas meu pai era Marine.

Cash balançou a cabeça.

— Isso faz de você meio humano.

Reacher passou o dedo sobre o vidro, acima dos furos. Um grupo formidável de cinco, e um sexto que desviara apenas um fio de cabelo.

— Boa mira — disse.

— Eu seria sortudo se fizesse isso com a metade da distância hoje em dia.

— Eu também — disse Reacher. — O tempo é implacável.

— Você está dizendo que faria isso no passado?

Reacher não respondeu. A verdade era que ele havia vencido o mesmo torneio, exatamente 10 anos depois que Cash ganhara o terceiro lugar. Ele acertara todos os tiros no centro do alvo, num buraco tão largo que dava para passar o polegar. Ele manteve o troféu numa prateleira do escritório por 12 meses. Fora um ano excepcional. Ele passara por uma espécie de pico, fisicamente, mentalmente, de toda forma possível. Naquele ano, ele estava impossível, literal e metaforicamente. Mas não defendeu o título no ano seguinte, ainda que contra a vontade da hierarquia da Polícia do Exército. Mais tarde, olhando para trás, ele entendeu como aquela

decisão marcara duas coisas: o começo de seu longo divórcio com o Exército e o começo da impaciência. O começo do movimento constante e do nunca olhar para trás. O começo do nunca querer fazer a mesma coisa duas vezes.

— 900m é bem longe — disse Gunny Cash. — Na verdade, desde que deixei o Corps, nunca encontrei um homem capaz de fazer uma marca no papel a essa distância.

— Talvez eu tenha sido capaz de acertar a beiradinha do papel — disse Reacher.

Cash pegou a moldura e pendurou-a de volta na parede. Usou a cabeça do polegar direito para nivelá-la.

— Não tenho um alvo com essa distância aqui — disse. — Seria um desperdício de munição e faria com que os clientes se sentissem mal com seu desempenho. Mas tenho um de 275m vago agora de manhã. Você poderia tentar. Um homem capaz de acertar a beirada do papel a 900m se sairia muito bem a 275m.

Reacher ficou em silêncio.

— Não acha? — cutucou Cash.

— Acho que sim — disse Reacher.

Cash abriu uma gaveta e pegou um alvo de papel novo.

— Qual seu nome?

— Bobby Richardson — disse Reacher. *Robert Clinton Richardson, média de acerto de .301 em 1959, 141 acertos em 134 jogos, mas os Yankees ainda terminaram em terceiro*.

Cash pegou uma caneta do bolso e escreveu R. Richardson, 275m, a data e a hora no papel.

— Gosta de guardar registros? — perguntou Reacher.

— Hábito — disse Cash. Em seguida, desenhou um X dentro do anel interno. Tinha cerca de 1,5cm de altura e, por causa da inclinação da letra dele, pouco menos de 1,5cm de largura. Ele deixou o papel no balcão e entrou na sala que tinha o barulho de geladeira. Voltou um minuto depois carregando um rifle. Era um

Remington M24, com um escopo Leupold Ultra e um bipé frontal. Uma arma exclusiva dos francoatiradores Marines. Parecia bastante usada, mas ainda em excelentes condições. Cash deixou-o de lado no balcão. Soltou o carregador e mostrou a Reacher que estava vazio. Destravou e mostrou a Reacher que a câmara também estava vazia. Reflexo, rotina, cuidado, cortesia profissional.

— Meu — disse ele. — Zerado para exatos 275m. Por mim mesmo, pessoalmente.

— Ótimo — disse Reacher.

Era mesmo. Um ex-Marine que em 1978 fora considerado o terceiro melhor atirador do mundo podia ser confiável nesse assunto.

— Um disparo — disse Cash.

Ele tirou um cartucho do bolso. Levantou. Era munição .300 Winchester. Qualidade de torneio. Ele o levantou na frente do X no alvo de papel, cobrindo-o por inteiro. E então sorriu. Reacher sorriu de volta. Entendeu o desafio. Perfeitamente. *Acerte o X e converso com você sobre James Barr*.

Pelo menos não é uma briga, pensou Reacher.

— Vamos lá.

Do lado de fora, o ar parado não estava quente ou frio. Sem tremedeiras, sem o risco de termais, correntes ou instabilidades. Sem vento. Cash carregava o rifle e o alvo, e Reacher levava o cartucho na palma da mão. Entraram na Humvee de Cash, e Cash ligou o motor com um estrondo de diesel.

— Você gosta dessa coisa? — perguntou Reacher, no meio do barulho.

— Nem tanto — disse Cash. — Ficaria mais feliz com um sedã. Mas é uma questão de imagem. Os clientes gostam.

O terreno era repleto de morros baixos cobertos de grama e pedras. Alguém usara um trator para escavar largas trilhas retas neles. As trilhas ficavam a centenas de metros de distância entre si e

tinham centenas de metros de comprimento. Eram todas paralelas. Cada uma era um estande de tiro separado. Cada uma separada da outra por morros naturais e protegidas ao fundo por montes de terra removida pelo trator. O local parecia um campo de golfe construído pela metade. Era parte verde parte intocado, todo coberto de sulcos de terra vermelha. Rochas pintadas de branco e pedras fincadas no chão delineavam os caminhos ao redor, alguns para carros, outros para pedestres.

— Minha família sempre foi dona dessas terras — disse Cash. — O clube de tiro foi ideia minha. Achei que pudesse ser como um profissional do golfe ou do tênis. Aquele que, depois de participar de vários campeonatos, se aposenta e vai ensinar.

— E deu certo? — perguntou Reacher.

— Não muito — disse Cash. — As pessoas vêm aqui para atirar, mas fazer alguém admitir que não sabe é o mesmo que arrancar dentes.

Reacher viu três picapes estacionadas em estandes separados. Os homens que esperavam às oito da manhã já haviam iniciado suas sessões há um bom tempo. Estavam deitados em suas esteiras de palha e atiravam, paravam, miravam e atiravam de novo.

— É um meio de vida — disse Cash, respondendo a uma pergunta que Reacher não formulara. Em seguida, desviou a Humvee da trilha principal e dirigiu 275m ao longo de um estande vazio. Desceu, pregou o alvo numa armação, voltou para a picape, dirigiu até o início do estande, estacionou e desligou o motor.

— Boa sorte — desejou.

Reacher ficou parado por um instante. Estava mais nervoso do que deveria. Inspirou fundo e sentiu o efeito da cafeína em suas veias. Apenas um tremor microscópico. Quatro xícaras de café forte não eram o preparo ideal para disparos precisos de longa distância.

Mas eram apenas 275m. Com um bom rifle, sem calor, sem frio, ar parado. Mais ou menos a mesma coisa que pressionar o cano no

centro do alvo e apertar o gatilho. Ele conseguiria com os olhos fechados. Não havia nenhum problema com sua habilidade de atirador, mas sim com o que estava em jogo. Ele queria o mestre dos fantoches muito mais do que uma taça em todos esses anos. Muito mais. Ele não sabia por quê. Esse era o problema.

Soltou a respiração. Eram apenas 275m. E não 600m. Ou 800m. Ou 900m. Nada demais.

Ele desceu da picape e pegou o rifle no banco de trás. Carregou-o até a esteira. Posicionou-o com cuidado, com o bipé a um metro da beirada. Agachou-se e carregou-o. Atrás do rifle, ele se alinhou, agachou, ajoelhou e deitou. Ajustou o apoio no ombro, dobrou o pescoço para a direita e para a esquerda e olhou em volta. Parecia que estava sozinho no meio do nada. Baixou a cabeça. Fechou o olho esquerdo e moveu o direito na direção do escopo. Posicionou a mão esquerda sobre o cano e apertou para trás e para baixo. Agora tinha um tripé montado. O bipé e o cotovelo. Firme. Abriu as pernas e virou os pés, para que ficassem confortáveis na esteira. Puxou levemente a perna esquerda e enterrou a ponta do sapato nas fibras da esteira, para que o peso morto da perna ancorasse sua posição. Relaxou e deixou-se espalhar. Sabia que devia parecer com alguém que levara um tiro, em vez de alguém se preparando para atirar.

Olhou pelo escopo. Viu a imagem muito nítida de ótimas lentes. Ajustou o alvo. Parecia muito perto. Posicionou o retículo onde as duas linhas do X se encontravam. Preparou o gatilho. Relaxou. Soltou a respiração. Podia sentir seu próprio coração. Parecia solto no peito. A cafeína borbulhava em suas veias. O retículo dançava sobre o X. Esquerda, direita, para cima e para baixo, num pequeno círculo aleatório.

Ele fechou o olho direito. Desejou que seu coração parasse de bater. Soltou a respiração e manteve os pulmões vazios um segundo, dois. E mais uma vez, dentro, fora, segura. Puxou toda a sua energia para baixo, dentro de suas entranhas. Relaxou os ombros. Relaxou os

músculos. Assentou-se. Abriu mais uma vez os olhos e viu que o retículo estava parado. Olhou fixamente para o alvo. Sentindo-o. Querendo-o. Apertou o gatilho. A arma deu um coice para trás e fez um estrondo. E a explosão pelo cano soprou uma nuvem de poeira da esteira, bloqueando sua visão. Ele levantou a cabeça, tossiu e abaixou novamente para olhar pelo escopo.

— Na mosca.

O X desapareceu. Havia um buraco perfeito no centro do alvo deixando apenas quatro pontos de tinta de caneta visíveis, um em cada ponta da linha. Ele tossiu de novo e se levantou. Cash abaixou-se para olhar pelo escopo e checar o resultado.

— Um bom disparo — reconheceu.

— Um bom rifle — respondeu Reacher.

Cash destravou o carregador e o cartucho vazio caiu na esteira. Ele se ajoelhou, pegou a cápsula e a pôs no bolso. Em seguida, levantou-se e carregou o rifle até a picape.

— Então estou qualificado? — perguntou Reacher.

— Para quê?

— Para conversar com você.

Cash se virou.

— Você acha que isso foi um teste?

— Sinceramente, achei sim.

— Você pode não querer ouvir o que tenho a dizer.

— Vamos tentar — disse Reacher.

Cash concordou com a cabeça.

— Conversamos no escritório.

Na picape, dirigiram até o alvo para que Cash pudesse removê-lo. Em seguida, viraram e voltaram na direção das cabanas. Passaram pelos homens das picapes. Ainda estavam atirando. Cash estacionou e os dois entraram. Lá dentro, ele arquivou o alvo na letra R, de Richardson. Em seguida, passou os dedos até a letra B, de Barr, e puxou um maço de papéis.

— Você está procurando provar que seu parceiro não é culpado? — perguntou ele.

— Ele não era meu parceiro — disse Reacher. — Apenas o conheci há muito tempo, só isso.

— E?

— Não me lembro dele como um atirador assim tão bom.

— O noticiário da TV disse que a distância era pequena.

— Com alvos móveis e ângulos de deflexão.

— A TV disse que as provas são claras.

— São mesmo — disse Reacher. — Eu vi.

— Olhe isso — disse Cash.

Ele espalhou os alvos como um jogo de baralho em cima do balcão. Em seguida, juntou-os para abrir espaço para outros. Arrumou mais uma fileira, diretamente abaixo da primeira. No final, tinha 32 folhas de papel à mostra. Duas fileiras longas de círculos concêntricos, todos marcados 1. Barr, 275m, com horários e datas num período de três anos.

— Analise-os e chore — disse Cash.

Cada alvo era um exemplo de resultado de um especialista.

Reacher olhou fixamente para eles, um após o outro. Cada anel central estava repleto de furos bem próximos. 32 alvos, 10 furos em cada, 320 disparos, todos com pontuação máxima.

— Isso foi tudo o que ele fez? — Reacher perguntou.

Cash fez que sim com a cabeça.

— Como você disse, gosto de guardar registros.

— Que arma?

— Seu próprio Super Match. Ótimo rifle.

— A polícia lhe telefonou?

— Um rapaz chamado Emerson. Foi muito educado. Tenho que ver meu lado também, pois Barr treinou aqui. Não quero causar danos a minha reputação profissional. Trabalhei muito aqui e este lugar poderia ficar com o nome sujo.

Reacher olhou mais uma vez para os alvos. Lembrou-se de quando disse a Helen Rodin: *Eles não esquecem*.

— E o amigo dele, o tal de Charlie? — perguntou.

— Charlie era um atirador medíocre, em comparação.

Cash juntou os alvos de James Barr e guardou-os de volta no arquivo. Em seguida, abriu outra gaveta, correu os dedos até o S e pegou outro maço de papéis.

— Charlie Smith — disse. — Também foi militar, a julgar pela aparência. Mas o dinheiro de Tio Sam não comprou nada duradouro no caso dele.

Ele espalhou os alvos, da mesma maneira que fizera antes, espalhando os de Charlie em duas longas fileiras. 32 alvos.

— Eles sempre vinham juntos? — perguntou Reacher.

— Como goiabada com queijo — disse Cash.

— Estandes separados?

— Estandes separados — confirmou Cash.

Reacher balançou a cabeça. E termos de pontuação, os alvos de Charlie eram muito piores do que os de James. Muito piores mesmo. Eram produto de um atirador muito ruim. Um tinha apenas quatro acertos, todos fora do anel externo, cada um num quadrante dos cantos. De todos os 32 alvos, ele tinha apenas oito acertos no anel interno. Um era um disparo certeiro, na mosca. Pura sorte, talvez, ou vento, desvio ou uma térmica perdida. Sete atingiram bem perto do preto. Fora isso, os disparos de Charlie estavam por toda parte. A maioria deve ter errado o alvo por completo. Percentualmente, a maioria dos disparos acertara o branco entre os dois anéis externos. Pontuação muito baixa. Mas os acertos não eram precisamente aleatórios. Havia uma espécie de estranha constância. Havia um padrão. Ele mirava, mas errava. Talvez astigmatismo.

— Que tipo de homem era ele? — perguntou Reacher.

— Charlie? — disse Cash. — Charlie era difícil de se ler, inexpressivo. Se fosse um atirador melhor, eu ficaria preocupado

com ele.

— Um homem pequeno, certo?

— Muito pequeno. Cabelo esquisito.

— Eles falavam muito com você?

— Não muito. Eram apenas dois caras de Indiana se divertindo com armas. Vem muita gente assim aqui.

— Você os assistia atirar?

Cash fez que não com a cabeça.

— Aprendi a nunca assistir ninguém. As pessoas veem isso como crítica. Espero que me procurem, mas ninguém vem.

— Barr comprava sua munição aqui, correto?

— Lake City. Muito cara.

— A arma dele também não era barata.

— Ele merecia.

— Que arma Charlie usava?

— A mesma de Barr. Como se fosse um par. Mas no caso dele era uma comédia. Como um gordo que compra uma bicicleta de corrida de fibra de carbono.

— Você tem estandes de tiro separados para armas de mão?

— Um coberto. As pessoas usam quando chove. Caso contrário, deixo-as atirar lá fora, onde quiserem. Não ligo muito para armas de mão. Não é uma arte.

Reacher concordou com a cabeça, e Cash juntou os alvos de Charlie com cuidado para mantê-los em ordem. Em seguida os guardou de volta no arquivo.

— Smith é um nome comum — disse Reacher. — Na verdade, acho que é o nome mais comum dos Estados Unidos.

— Era verdadeiro — disse Cash. — Vejo a identidade antes de aceitar qualquer um no clube.

— De onde ele era?

— Sotaque? De algum lugar ao norte.

— Posso levar um dos alvos de James Barr?

— Para quê?!

— De lembrança — disse Reacher.

Cash ficou em silêncio.

— Não vai para lugar nenhum — prometeu. — Não vou vendê-lo na internet.

Cash continuou em silêncio.

— Barr não voltará aqui — disse Reacher. — Isso é certo. E se você quer mesmo se proteger deveria era se livrar deles.

Cash deu de ombros e se virou para o arquivo.

— O mais recente — disse Reacher. — Esse seria o melhor.

Cash mexeu no maço de papéis e puxou uma folha. Entregou a Reacher. Reacher pegou, dobrou cuidadosamente e guardou no bolso da camisa.

— Boa sorte com seu amigo — desejou Cash.

— Ele não é meu amigo — disse Reacher. — Mas obrigado pela ajuda.

— Não há de quê — disse Cash. — Sei quem você é. Reconheci quando você se posicionou atrás da arma. Nunca me esqueço da forma de uma posição de tiro. Você venceu o torneio 10 anos depois que eu participei. Eu estava assistindo, da plateia. Seu nome verdadeiro é Reacher.

Reacher concordou com a cabeça.

— Muito educado de sua parte — disse Cash — não mencionar isso depois que lhe disse que fiquei em terceiro.

— A sua disputa foi mais acirrada — disse Reacher. — Dez anos depois já era um bando de atiradores medíocres.



Ele parou no último posto de gasolina do Kentucky e encheu o tanque. Em seguida, ligou para Helen Rodin de um telefone público.

— O policial ainda está aí? — perguntou.

— Dois deles — disse ela. — Um no saguão, outro na minha porta.

— Franklin já começou?

— Logo cedo.

— Algum progresso?

— Nada. Eram cinco pessoas comuns.

— Onde é o escritório de Franklin?

Ela lhe deu o endereço. Reacher olhou no relógio.

— Encontro você lá às quatro da tarde.

— Como foi no Kentucky?

— Confuso — disse ele.

Ele cruzou o rio Ohio mais uma vez pelo mesmo pontilhão com Shery Crow lhe dizendo mais uma vez como cada dia é uma estrada que se abre. Aumentou o volume, virou à esquerda e rumou na direção oeste. Os mapas de Ann Yanni mostravam um trevo a 65km de distância. E e poderia virar para o norte quando chegasse lá e dentro de poucas horas estaria passando pela cidade, a 12m do chão. Parecia uma ideia melhor do que passar pelas ruas da cidade. Ele imaginou que, a essa altura, Emerson deveria estar bastante frustrado. E depois com muita raiva, num determinado momento do dia. Reacher estaria, se fosse ele. Reacher fora Emerson por 13 anos, e nesse tipo de situação estaria soltando fogo pelas ventas, cobrindo as ruas de policiais, tentando de tudo. Alcançou o trevo e pegou a rodovia rumo ao norte. Desligou o CD quando começou a tocar a primeira música mais uma vez e prestou atenção na viagem. O Mustang andava bem a 110km/h. Um bom motor, muita potência, sem frescuras. Reacher pensou que, se pudesse colocar aquele motor numa carcaça velha de sedã, seria o seu tipo de carro.



Bellantonio trabalhava no seu laboratório de perícia criminal desde as sete da manhã. Colheu as impressões digitais no telefone celular abandonado debaixo do elevado e não encontrou nada que valesse a pena. Em seguida, copiou a lista de ligações feitas e recebidas. O último número chamado fora o telefone de Helen Rodin. O penúltimo fora o de Emerson. Claramente, Reacher fizera ambas as ligações. Depois disso vinha uma longa lista de chamadas para vários celulares diferentes registrados no nome da Serviços Especializados de Indiana. Talvez Reacher tivesse feito aquelas ligações também, talvez não. Não tinha como saber. Bellantonio escreveu tudo no relatório, mas sabia que Emerson não faria nada com essa informação. O único ponto viável de pressão foi a ligação para o telefone de Helen Rodin, e Emerson não podia constranger uma advogada de defesa sobre uma conversa com uma testemunha, suspeita ou não. Seria um desperdício de esforço.

Então, ele passou para as fitas da garagem. Eram quatro dias de gravação, 96 horas, quase três mil movimentos separados de veículos. Sua equipe catalogara todos. Apenas três deles eram Cadillacs. Indiana era igual a todas as cidades do interior. A primeira escolha na compra do automóvel era por picapes, em seguida vans de passeio, cupês e conversíveis. Sedãs normais levavam uma pequenina fatia do mercado, e a maioria era Toyotas ou Hondas, ou nacionais de porte médio. Carros de luxo eram raros, e os de marcas famosas mais raros ainda.

O primeiro Cadillac no vídeo era um Eldorado branco. Um cupê duas portas, muito antigo. Estacionara antes das 10 da manhã na quarta-feira e permanecera parado por cinco horas. O segundo Cadillac era um STS novo, cinza ou vermelho, talvez azul-claro.

Difícil ter certeza com a imagem monocromática de baixa resolução. De qualquer maneira, estacionou logo depois do almoço na quinta-feira e lá ficou por duas horas.

O terceiro Cadillac foi um Deville preto. Foi filmado entrando na garagem logo depois das seis da manhã na sexta-feira. *Sexta-feira Negra*, como Bellantonio se referia àquele dia. Às seis da manhã, a garagem teria estado mais ou menos vazia. O vídeo mostrou o Deville subindo a rampa rápido e confiante. Mostrou-o saindo da garagem depois de apenas quatro minutos.

Tempo suficiente para deixar o cone.

O motorista não era visível em nenhuma das duas sequências. Havia apenas um borrão cinza no para-brisas. Talvez fosse Barr, talvez não. Bellantonio deixou tudo escrito para Emerson. Fez uma anotação mental para checar mais uma vez os vídeos para determinar se quatro minutos tinha sido a menor estada gravada. Ele achava que sim, tranquilamente.

Então, analisou os dados forenses sobre o apartamento de Alexandra Dupree. Ele enviara um perito júnior para fazer o serviço, porque aquela não era a cena do crime. Não havia nada de interesse por lá. Nada mesmo. Exceto impressões digitais. O apartamento era uma confusão de impressões digitais, assim como qualquer outro. A maioria era da garota, mas havia quatro outros grupos de digitais. Três deles não puderam ser identificados.

O quarto grupo de digitais pertencia a James Barr.

James Barr estivera no apartamento de Alexandra Dupree. Na sala, na cozinha, no banheiro. Sem a menor sombra de dúvida. Impressões claras, identificação perfeita. Sem erros.

Bellantonio deixou tudo escrito para Emerson.

Então leu o relatório enviado pelo legista. Alexandra Dupree fora morta por um golpe único e forte na têmpora esquerda, desferido por um indivíduo canhoto. Ela caiu numa superfície de pedregulhos que continha matéria orgânica, incluindo grama e terra. Mas fora

encontrada num beco pavimentado com pedra-sabão. Assim, seu corpo fora movido pelo menos a uma curta distância entre a morte e a descoberta do corpo. Outra evidência fisiológica confirmava isso.

Bellantonio pegou uma folha de papel e escreveu duas perguntas a Emerson: *Reacher é canhoto? Ele teve acesso a um carro?*



O Zec passou a manhã inteira decidindo o que fazer com Raskin. Raskin falhara em três situações diferentes. Primeiro, quando seguia Reacher, em seguida ao ser atacado por trás e por último ao deixar que seu telefone celular fosse roubado. O Zec não gostava de falhas. Não gostava mesmo. De início, pensou em recolher Raskin das ruas e restringir seu trabalho na sala de vídeo, no primeiro andar da casa. Mas por que dependeria de um fracassado para monitorar sua segurança?

Linsky então telefonou. Eles estavam procurando Reacher há 14 horas ininterruptas e nem sinal do soldado.

— Devíamos ir atrás da advogada agora — disse Linsky. — Afinal, nada pode acontecer sem ela. Ela é o ponto focal. É ela quem comanda os movimentos aqui.

— Isso aumenta os riscos — disse o Zec.

— Os riscos já estão bem altos.

— Talvez o soldado tenha ido embora de vez.

— Talvez — disse Linsky. — Mas o que importa é o que ele deixou para trás. Na cabeça da advogada.

— Pensarei sobre isso — disse o Zec. — Entrarei em contato com você.

— Devemos continuar procurando?

— Tá cansado?

— Não — mentiu ele. — Não mesmo.

— Então continue a procurar — disse o Zec. — Mas me envie Raskin de volta.



Reacher diminuiu a velocidade para 80km/h no ponto onde a estrada começava a se elevar. Permaneceu na pista central e deixou que o elevado que passava por trás da biblioteca passasse pela sua direita. Continuou na direção norte por pouco mais de três quilômetros e saiu pelo trevo que encontrava a estrada de quatro pistas; próximo dali ficavam as revendedoras de automóveis e a loja de autopeças. Ele foi na direção leste pela estrada, e então virou para o norte, na estrada de terra de Jeb Oliver. Em um minuto, penetrava fundo na silenciosa paisagem bucólica. Os mecanismos de irrigação giravam lentamente e o sol formava arco-íris nas gotas d'água.

O coração do país. Onde estão os segredos.

Reduziu a velocidade até parar próximo à caixa de correio de Oliver. De jeito nenhum o Mustang passaria por aquela trilha. A elevação no meio da trilha arrancaria todas as peças do chassis. A suspensão, os canos de descarga, o eixo, o diferencial, tudo que estivesse lá embaixo. Ann Yanni não gostaria nada disso. Então ele desceu e deixou o carro estacionado no acostamento. Caminhou pela trilha, sentindo cada pedra pela sola fina de seus sapatos. O Dodge vermelho de Jeb Oliver não saíra dali. Estava parado no mesmo lugar, levemente empoeirado, com lama e manchado de orvalho seco. A casa estava quieta. O celeiro estava fechado e trancado.

Reacher ignorou a porta da frente. Andou até a varanda de trás da casa. A mãe de Jeb estava bem ali, em sua cadeira de balanço. Estava vestida da mesma maneira, mas desta vez não tinha uma garrafa nas mãos. Apenas um olhar demente escapava de seus olhos arregalados. Ela estava sentada em cima de um pé, enquanto o outro

balançava a cadeira duas vezes mais rápido do que da outra vez que Reacher estivera lá.

— Olá — ela disse.

— Jeb ainda não voltou? — perguntou Reacher.

Ela apenas balançou a cabeça. Reacher ouviu os mesmos sons que ouvira antes. O barulho da irrigação, o ranger da cadeira de balanço e do assoalho da varanda.

A senhora tem uma arma? — ele perguntou.

— Não mexo com isso.

— Tem telefone?

— Desconectado — disse ela. — Estou devendo. Mas não preciso de telefone. Jeb deixa eu usar o celular dele quando preciso.

— Bom — disse Reacher.

— Como isso pode ser bom? Jeb não está aqui.

— Bom pra mim. Vou arrombar o celeiro e não quero que a senhora ligue para a polícia enquanto faço isso, nem muito menos que atire em mim.

— O celeiro é do Jeb. Você não pode entrar.

— Não sei como a senhora vai me impedir.

Ele virou-lhe as costas e continuou pela trilha. Ela fazia uma pequena curva e dava diretamente na porta do celeiro. As portas, assim como o celeiro, eram feitas de tábuas velhas queimadas e apodrecidas por uma centena de verões e outra centena de invernos. Reacher tocou-as com os dedos e sentiu uma consistência oca e seca. O cadeado era novo em folha. Era um cadeado em forma de U usado para trancar bicicletas. Uma perna do cadeado passava por duas presilhas de aço chumbadas na madeira das portas. Reacher tocou no cadeado. Balançou-o. Aço pesado, quente por causa do sol. Era uma armação sólida. Não havia como cortá-lo nem quebrá-lo.

Mas um cadeado só é forte quando o local onde está afixado é forte.

Reacher agarrou o lado reto do cadeado, na base do U. Puxou gentilmente e depois com mais força. As portas se moveram na direção dele e pararam. Ele empurrou a madeira de volta com a palma da mão.

Segurou as portas com o braço esquerdo esticado e deu um puxão no cadeado com a mão direita. Os parafusos cederam um pouco. Reacher deduziu que Jeb tinha usado chapinhas de metal por debaixo das porcas do outro lado. Talvez chapinhas grandes. Elas espalhavam a força.

Ele pensou: *OK, mais força*.

Reacher segurou a parte reta do cadeado com as duas mãos e jogou o peso do seu corpo para trás, como um esquiador aquático. Puxou com força, e com o calcanhar chutou a madeira abaixo das presilhas. Suas pernas eram mais longas do que os braços. Então o chute foi limitado sem muita força. Mas empregou o suficiente. A madeira velha rachou um pouco e alguma coisa cedeu 1,5cm. Ele se preparou e deu outro chute. Algo cedeu mais um pouco. Então, uma tábua na porta esquerda partiu por completo e dois parafusos se soltaram. Reacher pôs a mão esquerda na porta e enfiou os dedos da mão direita na fresta, respirou fundo e puxou com força. O último parafuso se soltou e a tranca caiu no chão. As portas se abriram. Reacher se afastou, dobrou as portas até as paredes e deixou a luz do sol entrar.

Esperava ver um laboratório de fabricação de metanfetamina, com bancadas, contêineres, balanças, queimadores de propano e pilhas de saquinhos aguardando o novo produto. Ou então um grande estoque, pronto para distribuição.

Não viu nada disso.

A luz do sol entrava pelas longas frestas verticais entre as tábuas. O celeiro tinha cerca de 12m de comprimento e 6m de largura. O piso era de terra batida. Estava completamente vazio, exceto por uma picape velha estacionada bem no centro.

Era uma Chevy Silverado marrom-clara, bem velha. Um veículo de trabalho. Montada com especificações simples. Um modelo básico. Assentos de vinil, roda% de aço, pneus simples. A carroceria estava limpa, mas arranhada e amassada. Estava sem placas. As portas estavam trancadas e não havia sinal das chaves.

— O que é isso?

Reacher se virou e viu a mãe de Jeb Oliver. Ela segurava a porta, como se estivesse incerta sobre entrar naquele lugar.

— É uma caminhonete — disse Reacher.

— Isso eu sei.

— É do Jeb?

— Nunca vi.

— O que ele dirigia antes daquela enorme coisa vermelha lá fora?

— Essa não era.

Reacher se aproximou da caminhonete e olhou pela janela do motorista. Câmbio manual. Sujeira e sebo. Quilometragem alta. Mas não era com lixo. A caminhonete tinha sido serva fiel de alguém, usada, mas não abusada.

— Nunca vi — repetiu a mulher.

Parecia estar ali há muito tempo. Os pneus estavam vazios. Não cheirava a óleo ou gasolina. Estava fria, inerte, coberta de poeira. Reacher se ajoelhou e olhou embaixo. Nada. Apenas um chassi, repleto de lama ressecada, arranhado por pedras e cascalhos.

— Há quanto tempo esta coisa está aqui? — ele perguntou.

— Não sei.

— Quando foi que ele colocou a tranca na porta?

— Mais ou menos dois meses atrás.

Reacher se levantou.

— O que você esperava encontrar? — perguntou a senhora.

Reacher virou-se e olhou-a bem nos olhos. Suas pupilas estavam enormes.

— Mais daquilo que você ingeriu no café da manhã.

Ela sorriu.

— Você achou que o Jeb estivesse cozinhando aqui?

— E não estava?

— O padrasto dele é quem traz.

— Você é casada?

— Não mais. Mas ele ainda traz.

— Jeb estava usando na segunda-feira à noite — disse Reacher.

A mulher sorriu de novo.

— Uma mãe pode compartilhar com o filho, não pode? Para que mais serve uma mãe?

Reacher virou-se e olhou para a caminhonete mais uma vez.

— Por que ele manteria uma caminhonete velha trancada aqui dentro e uma nova lá fora, ao relento?

— Não faço ideia — disse ela. — Jeb sempre faz as coisas do seu próprio jeito.

Reacher saiu do celeiro e fechou as duas portas. Então, pressionou os parafusos de volta nos furos com os dedos, mas o peso da tranca impossibilitava o conjunto de permanecer no lugar. Ajeitou da melhor maneira que pôde, deixou a porta de lado e se afastou dali.

— Jeb não vai mais voltar? — a mulher perguntou em voz alta, na direção dele.

Reacher não respondeu.

O Mustang estava virado para o norte, e foi nessa direção que Reacher dirigiu. Ligou o som, aumentou o volume e seguiu por 15 quilômetros por uma estrada reta, apontando para um horizonte que nunca chegava.

Raskin cavou sua própria cova com uma retroescavadeira. Era a mesma máquina usada para terraplanar as terras do Zec. Tinha uma pá de 50cm com quatro dentes de aço. A pá arrancava mordidas lentas de terra macia e fazia um monte ao lado. O motor roncava e parava, roncava e parava e nuvens de fumaça de diesel preenchiam o céu de Indiana.

Raskin nascera durante o império soviético e viu muita coisa. Afeganistão, Chechênia, o levante impensável em Moscou. Um homem na posição dele poderia ter sido morto diversas vezes, e esse fato, combinado com o seu natural fatalismo russo, fazia dele uma pessoa indiferente ao próprio destino.

— *Ukase* — dissera o Zec. Uma ordem de uma autoridade absoluta.

— *Nichevo* — respondera Raskin. *Não me oponho*.

Então trabalhava a escavadeira. Escolheu uma área escondida da vista dos quebradores de pedras atrás da casa. Escavou uma cova formidável, 50cm de largura, 1,80m de comprimento, 1,80m de profundidade. Fez o monte de terra à sua direita, a leste, como uma barreira alta entre ele e o seu lar. Quando terminou, estacionou a máquina longe da cova e desligou o motor. Desceu da cabine e aguardou. Não havia como escapar. Não havia sentido em correr. Se corresse, eles o encontrariam de qualquer jeito, e então não precisaria de uma cova. Eles usariam sacos de lixo, cinco ou seis sacos. Usariam arame para selar as várias partes dele dentro do plástico preto e frio. Colocariam pedras junto de suas carnes e atirariam os sacos dentro do rio.

Ele vira isso acontecer antes.

Na distância, o Zec saiu de sua casa. Um homem baixo e largo, velho, encurvado, andando a uma velocidade moderada, emanando poder e energia. Ele caminhou pelo terreno esburacado, olhando para baixo, olhando para a frente. Enfiou a mão arruinada no bolso e retirou um pequeno revólver com o dedão e o que sobrou do dedo

indicador envoltos na proteção do gatilho. Ele levantou a arma e Raskin a pegou.

— *Ukase* — disse o Zec.

— *Nichevo* — respondeu Raskin. Um som curto, amigável e autodepreciativo, como *de rien* em francês, *de nada* em espanhol, *prego* em italiano. *Por favor. Sua ordem é o meu comando*.

— Obrigado — disse o Zec.

Raskin se afastou e caminhou até o lado estreito da cova. Abriu o cilindro do revólver e viu uma única bala. Fechou o cilindro e o girou até que estivesse alinhado. Puxou o ferrolho e colocou o cano na boca. Ele se virou, para que pudesse ficar de frente para o Zec e de costas para a cova. Afastou-se um pouco para trás, para que seus pés ficassem bem na beirada no buraco. Ficou ereto, equilibrado e com a postura firme, como um mergulhador olímpico se preparando para um difícil salto do trampolim.

Fechou os olhos.

Apertou o gatilho.

A mais de um quilômetro de distância, corvos esvoaçavam pelo ar. Sangue, cérebro e ossos voaram na luz do sol numa parábola perfeita. O corpo de Raskin caiu para trás e aterrissou esticado no fundo da cova. Os corvos pousaram e o som distante de máquinas de triturar pedras voltou a soar com o silêncio. Em seguida, o Zec subiu na retroescavadeira e deu a partida ao motor. As alavancas tinham manoplas do tamanho de bola de bilhar, o que fazia delas algo fácil de manipular com as palmas das mãos.



Reacher parou 25km ao norte da cidade e estacionou o Mustang numa clareira em forma de V onde dois cantos de duas plantações se encontravam. Havia plantações por toda parte, norte, sul, leste e

oeste, uma após a outra. Cada uma tinha o seu sistema de irrigação. Cada sistema girava no mesmo ritmo, lento e paciente.

Desligou o motor e saiu do carro. Ficou em pé, esticou-se e bocejou. O ar estava repleto de partículas de água vindas dos sistemas de irrigação. De perto, tais sistemas eram como máquinas industriais gigantescas. Como naves extraterrestres recentemente aterrissadas. Havia um cano-suporte vertical no meio de cada plantação, como uma chaminé alta de metal. O braço do regador partia desse suporte horizontalmente, e de centenas de bicos ao longo do seu comprimento jorrava água. Na ponta de fora, o braço tinha uma perna vertical que apoiava o seu peso. Na base da perna havia uma roda com pneus de borracha. A roda era tão grande quanto o trem de pouso de um avião. Rodava sobre uma trilha desgastada, sem fim.

Reacher observou o sistema e esperou até que a roda do campo mais próximo ficasse mais perto. Andou até ela e caminhou acompanhando o trajeto da roda. O pneu chegava quase à altura de sua cintura. O regador estava bem acima de sua cabeça. Ele manteve a roda à direita e continuou a caminhar, num enorme círculo no sentido horário. Andava pela fina névoa fria. O regador jorrava água e fazia um som alto. A roda subia e descia gentilmente pelas pequenas elevações do terreno. Era um círculo longo, muito longo. O braço do regador devia ter cerca de 45m de comprimento e, portanto, mais de 90m de perímetro. *Pi* multiplicado pelo diâmetro. A área era *pi* multiplicado pelo raio ao quadrado. Mais d 6.000m², o que significava que os cantos desperdiçados somavam pouco menos de 1.800m². Mais de 21%. Mais de 415m² em cada canto. Como as formas nos cantos de um alvo. O Mustang estava estacionado em um dos cantos, proporcionalmente do mesmo tamanho de um furo de bala.

Como um dos furos de Charlie, nos cantos do papel.

Reacher chegou ao ponto onde começara um pouco molhado e com os sapatos cheios de lama. Afastou-se do círculo e ficou em pé sobre os cascalhos, olhando na direção oeste. No horizonte ao longe, uma nuvem de corvos subiu de repente e logo pousou. Reacher entrou no carro e ligou o motor. Encontrou as travas e o botão no painel do carro e baixou o teto conversível. Olhou para o relógio. Tinha duas horas até o encontro no escritório de Franklin. Recostou-se no banco e deixou o sol secar suas roupas. Tirou do bolso o alvo de papel dobrado, fitou-o por um instante e o cheirou. Levantou-o na direção do sol e deixou que os raios solares penetrassem pelos furos perfeitos dos disparos de Barr. E então guardou-o de volta no bolso. Olhou para cima e não viu nada além do céu. Fechou os olhos contra o brilho forte e começou a pensar em ego e motivação, ilusão e realidade, culpa e inocência, e a verdadeira natureza da aleatoriedade.

capítulo 13

Emerson leu os relatórios de Bellantonio. Viu que Reacher telefonara para Helen Rodin. Não ficou surpreso. Era, provavelmente, apenas uma dentre várias ligações para ela. Advogados e bisbilhoteiros trabalhando duro para reescrever histórias. Nada chocante nisso. E então leu as duas perguntas de Bellantonio: Reacher é canhoto? Ele teve acesso a um carro? Respostas: Provavelmente e Provavelmente. Canhotos não são raros. Reúna 20 pessoas e quatro ou cinco delas serão canhotas. E Reacher tivera acesso a um carro agora, isso era bem certo. Ele não estava na cidade e não fora embora de ônibus. Assim, ele tinha um carro, e provavelmente tivera um o tempo todo.

Finalmente, Emerson leu a última folha: James Barr estivera no apartamento de Alexandra Dupree. Que diabos era *isso*?



De acordo com os mapas de Ann Yanni, o escritório de Franklin ficava no meio de um emaranhado de ruas no coração da cidade. Não era o destino ideal. De forma alguma. Obras, início do horário de movimento, engarrafamentos. Reacher teria de confiar muito nos vidros escuros da fábrica da Ford. Isso era certo.

Ele ligou o motor e levantou a capota. Em seguida, saiu com o carro na direção sul. Passou novamente pelo sítio de Oliver depois de 12 minutos, virou para o leste na via paralela e para o sul mais uma vez pela estrada de quatro pistas, indo na direção da cidade.

Emerson voltou para o relatório de Bellantonio sobre o telefone. Reacher telefonou para Helen Rodin. Eles tinham negócios a

resolver, assuntos a discutir. Ele iria até ela, mais cedo ou mais tarde. Ou ela iria até ele. Pegou o telefone. Falou com o seu auxiliar:

— Ponha um carro à paisana no escritório de Helen Rodin — ordenou. — Se ela sair do prédio, faça-o segui-la.



Reacher passou em frente à pousada. Abaixou-se no assento e olhou para o lado. Sem sinal de qualquer atividade. Nenhuma monitoração óbvia. Passou pelo barbeiro e pela loja de armas. O tráfego ficou mais lento quando ele se aproximou do elevado. E então ficou ainda mais lento, muito lento. Seu rosto estava a centímetros dos pedestres à sua direita. A centímetros dos motoristas parados à sua esquerda. Quatro pistas cheias, as duas na direção da cidade se moviam devagar e as duas que saíam da cidade estavam paradas.

Ele quis sair de perto da calçada. Ligou a seta e forçou a entrada na pista ao lado. O motorista atrás não gostou. *Não se estresse*, pensou Reacher. *Aprendi a dirigir num caminhão do Exército. Houve um tempo em que eu teria passado por cima de você*.

A pista da esquerda andava um pouco mais rápido. Reacher passou Pelos carros à sua direita. Olhou para a frente. Havia uma patrulha a três carros de distância. Na pista da direita. Havia uma luz verde a distância. O tráfego na pista da esquerda se aproximava dela lentamente.

O tráfego da pista da direita continuava mais lento ainda. Cada carro que alcançava a linha pintada parava um instante e prosseguia. Ninguém queria atrapalhar o tráfego. Agora estava a dois carros de distância do policial. Reacher ficou para trás. O rapaz irritado atrás dele buzinou. Reacher andou um pouco para a frente. Agora estava a um carro de distância do policial.

A luz ficou amarela.

O carro na frente de Reacher arrancou.

A luz ficou vermelha.

O policial parou e Reacher também, diretamente ao lado dele.

Ele pôs o cotovelo no console e apoiou a cabeça com a mão. Espalhou os dedos e cobriu o máximo que pôde do rosto. Olhou fixamente para a frente, com o pescoço esticado abaixo da capota, olhando para o sinal, desejando que abrisse.

Helen Rodin desceu dois andares de elevador e encontrou Ann Yanni na recepção da NBC. A NBC estava pagando pelo trabalho de Franklin. Então era mais do que justo que participasse da reunião. Elas desceram até a garagem juntas e entraram no Saturn de Helen. Subiram a rampa e saíram da garagem. Helen olhou para a direita e virou à esquerda. Não notou o Impala cinza que se deslocava do meio-fio a menos de 20m atrás dela.

O sinal permaneceu vermelho por um bom tempo. E então ficou verde, e o rapaz atrás de Reacher buzinou, fazendo o policial olhar para trás. Reacher acelerou e não olhou para trás. Ele entrou numa pista de desvio para a esquerda e a patrulha passou pela sua direita. Reacher observou o trânsito parar mais uma vez logo à frente. Ele não queria ficar lado a lado com a polícia de novo e pegou o desvio à esquerda. Viu-se novamente na rua do supermercado Martha's. A rua estava engarrafada. Ele se mexeu no assento e enfiou a mão no bolso. Sentiu as moedas pelo toque. Achou uma de 25 centavos. Debateu consigo, 20m, 30, 40. *Sim*.

Entrou no pequeno estacionamento do supermercado, deixou o carro ligado e foi até o telefone público na parede. Colocou a moeda e pegou o telefone de Emerson. Escolheu o número da delegacia e ligou.

— Em que posso ajudá-lo? — disse o atendente.

— Polícia? — perguntou Reacher.

— Prossiga, senhor.

Reacher manteve a voz rápida e leve, apressada e baixa.

— Aquele homem no retrato falado… Aquela coisa que vocês distribuíram por aí…

— Sim, senhor?

— Ele está bem aqui, neste momento.

— Onde?

— Na minha lanchonete, na estrada de quatro pistas, no norte da cidade, perto da loja de pneus. Ele está aqui dentro, agora, no balcão, comendo.

— Tem certeza que é o homem?

— Parece exatamente com o retrato falado.

— Ele está de carro?

— Uma picape Dodge grande e vermelha.

— Senhor, qual seu nome?

— Tony Lazzeri — disse Reacher. *Anthony Michael Lazzeri, rebatedor, média de .273 em 118 aparições na segunda base em 1935. Terminou em segundo lugar*. Reacher deduziu que teria que sair do campo de beisebol muito em breve. Os Yankees não tiveram jogadores de segunda base suficientes ou anos de campeonato suficientes.

— Estamos a caminho, senhor — disse o policial atendente.

Reacher pôs o fone no gancho e entrou de volta no Mustang.

Permaneceu parado até ouvir as primeiras sirenes soando na direção norte.



Helen Rodin estava na metade do caminho na Rua 2 quando percebeu a confusão pelo espelho retrovisor. Um Impala cinza arrancou, três carros atrás dela, e fez um balão louco pelo tráfego, partindo na direção de onde viera.

— Otário — disse ela.

Ann Yanni se voltou no assento.

— Paisana — disse. — Dá para ver pelas antenas.

Reacher chegou ao escritório de Franklin 10 minutos atrasado. Era um prédio de tijolos de dois andares. O primeiro andar parecia alguma espécie de fábrica abandonada. Tinha bloqueadores de aço nas portas e nas janelas. Mas no andar de cima havia venezianas nas janelas e luzes por trás. Havia uma escada externa levando até a porta. A porta tinha uma placa de plástico que dizia: Franklin Investigações. Havia um estacionamento no nível da rua, apenas um pedaço de chão asfaltado, com um carro de comprimento e seis de largura. O Saturn cinza de Helen Rodin estava lá, um Honda Civic azul e um Chevy Suburban preto tão grande que chegava até a calçada. O Suburban pertencia a Franklin, deduziu Reacher. O Honda era de Rosemary Barr, talvez.

Ele passou pelo lugar sem parar e deu a volta no quarteirão. Não viu nada que não quisesse ver. Então, estacionou o carro próximo ao Saturn de Helen, desceu e trancou-o. Subiu as escadas e entrou sem bater. Viu-se num corredor curto com uma pequena cozinha à sua direita e o que deduziu ser um banheiro à esquerda. Na frente, podia ouvir vozes numa sala grande. Entrou e encontrou Franklin atrás de uma mesa, Helen Rodin e Rosemary Barr em duas cadeiras conversando e Ann Yanni olhando pela janela para o carro. Todos se viraram quando ele entrou.

— Você conhece terminologia médica? — perguntou Helen a ele.

— Tipo?

— P. A. — disse ela. — Um médico escreveu isso. Uma abreviação.

Reacher olhou para ela e depois para Rosemary Barr.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — O hospital diagnosticou James Barr. Provavelmente nada grave.

— Em estágio inicial — disse Rosemary. — Seja lá o que for.

— Como você sabia? — perguntou Helen.

— Intuição — disse Reacher.

— E o que é isso?

— Mais tarde — disse Reacher. — Vamos fazer por ordem. — Olhou para Franklin. — Diga-me o que você sabe sobre as vítimas.

— Cinco pessoas comuns — disse Franklin. — Nenhuma conexão entre elas. Nenhuma conexão real com nada. Certamente, não há conexão com James Barr. Acho que você estava completamente certo. Ele não atirou nelas com um propósito específico.

— Não, eu estava absolutamente errado — disse Reacher. — O fato é que James Barr não atirou em ninguém.



Grigor Linsky escondeu-se numa entrada escura e pegou o celular.

— Segui uma intuição — disse ele.

— Qual? — perguntou o Zec.

— Com os policiais no escritório da advogada, deduzi que o soldado não conseguiria ir vê-la. Então pensei que ela talvez fosse até ele. E foi o que ela fez. Eles estão juntos no escritório do detetive particular neste momento. Com a irmã. E aquela mulher do noticiário da TV.

— Os outros estão com você?

— Cobrimos o quarteirão inteiro. Leste, oeste, norte e sul.

— Fique firme — disse o Zec. — Ligarei para você.



— Pode explicar essa afirmação? — pediu Helen Rodin.

— A evidência é sólida — disse Franklin.

Ann Yanni sorriu. *Que história*. Rosemary Barr apenas olhava.

— Você comprou um rádio para seu irmão — disse Reacher a ela. Um Bose. Para os jogos de beisebol. Ele me contou. Você comprava coisas para ele?

— Como o quê?

— Como roupas.

— Às vezes — ela disse.

— Calças?

— Às vezes — ela disse.

— Que tamanho?

— Tamanho? — ela repetiu.

— Que tamanho de calça seu irmão usa?

— Manequim 44.

— Exatamente — disse Reacher. — Ele é relativamente alto.

— E como isso pode nos ajudar? — perguntou Helen.

— Você sabe alguma coisa sobre loteria? — perguntou Reacher a ela. — Ou jogos ilegais dos velhos tempos, loterias estaduais, raspadinhas, coisas do gênero?

— O que, exatamente?

— Qual é o grande desafio?

— Ganhar — respondeu Ann Yanni.

Reacher sorriu.

— Do ponto de vista dos jogadores, claro. Mas o grande desafio para os organizadores é selecionar números verdadeiramente aleatórios. O verdadeiro acaso é muito difícil de ser conseguido. Nos velhos tempos, organizadores de jogos de azar usavam as páginas dos classificados dos jornais. Eles chegariam a um acordo de antemão, talvez a segunda página do preço das ações, talvez a segunda coluna, os dois últimos dígitos dos primeiros seis preços quotados. Ou os seis últimos, ou os seis do meio, ou o que quer que seja. Aquilo chegava perto do verdadeiro acaso. Hoje em dia, as

grandes loterias usam máquinas complicadas. Mas é possível encontrar matemáticos capazes de provar que os resultados não são completamente aleatórios. São os humanos que criam as máquinas.

— E como isso vai nos ajudar? — perguntou Helen.

— Apenas um pensamento — disse Reacher. — Passei a tarde toda no carro da srta. Yanni, aproveitando o sol e pensando como é difícil atingir o verdadeiro acaso.

— Sua linha de raciocínio está no caminho errado — disse Franklin — James Barr atirou em cinco pessoas. As provas são inegáveis.

— Você foi policial — disse Reacher. — Esteve em situações de perigo. Monitorações, prisões, situações de muita pressão, momentos de muito estresse. Qual a primeira coisa que fazia logo depois de uma situação dessas?

Franklin olhou para as mulheres.

— Ia ao banheiro — disse ele.

— Correto — disse Reacher. — Eu também. Mas James Barr não foi. O relatório de Bellantonio sobre a casa de Barr aponta poeira de cimento na garagem, na cozinha, na sala, no quarto e no porão. Mas não no banheiro. Então ele chegou em casa, mas não urinou até depois de se trocar e tomar banho? E por falar nisso, como ele podia ter tomado banho sem ter entrado no banheiro?

— Talvez ele tenha parado no caminho.

— Ele nem ao menos esteve lá.

— Ele esteve lá, Reacher. E as provas?

— Não existem provas que digam que ele esteve na cena do crime.

— Você ficou louco?

— Existem provas mostrando que a van dele esteve lá, seus sapatos, suas calças, seu casaco, sua arma, sua munição e sua moeda, mas não há nada que diga que ele esteve lá.

— Alguém se passou por ele? — perguntou Ann Yanni.

— Até nos mínimos detalhes — afirmou Reacher. — Dirigiu o carro dele, calçou seus sapatos, suas roupas e usou sua arma.

— Isso é piração — disse Franklin.

— Isso explica a capa de chuva — disse Reacher. — Uma vestimenta grande e espaçosa que cobria tudo, menos o jeans? Qual outra razão para usar capa de chuva num dia quente e seco?

— Quem? — perguntou Rosemary.

— Preste atenção — disse Reacher.

Ele ficou parado, de pé, e então deu um único passo à frente.

— Minha calça é tamanho 46 — ele disse. — Cruzei a parte nova da garagem com 35 passos. A calça de James Barr é 44, o que quer dizer que ele deveria ter cruzado a garagem com uns 38 passos. A conta de pegadas de Bellantonio mostrou 48 passos.

— Um baixinho — disse Helen.

— Charlie — disse Rosemary.

— Foi o que pensei — disse Reacher. — E então… fui ao Kentucky. A princípio porque queria confirmar outra coisa. Fiquei pensando que talvez James Barr não fosse um atirador suficientemente bom. Olhei a cena do crime. Foram disparos difíceis. E 14 anos atrás ele era bom, mas não ótimo. E quando o vi no hospital, a pele do seu ombro não estava marcada. Para atirar tão bem quanto ele aparentemente atirou, um homem precisa treinar muito. E um homem que pratica deixa hematomas no ombro. Como um calo. Ele não tinha isso. Então pensei, alguém que começa como um atirador de nível médio só pode ter piorado com o tempo. Especialmente se ele não estivesse treinando muito. Isso é lógico, certo? Talvez ele tenha alcançado o ponto em que não poderia ter feito aquilo na sexta-feira. Por uma simples falta de habilidade. Foi nisso que estive pensando. Então, fui até o Kentucky para descobrir o quanto ele havia piorado.

— E? — perguntou Helen.

— Ele ficou melhor — disse Reacher. — Muito melhor. E não pior. Olhe isso. — Ele tirou o alvo do bolso e desdobrou-o. — Esta é a última de 32 sessões nos últimos três anos. E isso é muito melhor do que quando ele atirava no Exército 14 anos atrás. O que é estranho, certo? Ele disparou apenas 320 tiros em três anos e virou um exímio atirador? Enquanto no Exército disparava dois mil tiros por semana e era apenas um atirador de nível mediano?

— Então, o que isso significa?

— Ele ia lá com Charlie, todas as vezes. E o homem que cuida do estande é um campeão de tiro da Marinha. E todo sistemático. Ele arquiva todos os alvos usados. O que significa que Barr tinha pelo menos duas testemunhas para a sua pontuação toda vez que praticava.

— Eu ia querer testemunhas — disse Franklin. — Se atirasse desse jeito.

— É impossível melhorar sem treinar — afirmou Reacher. — Acho que a verdade é que ele ficou muito ruim no tiro. E acho que o ego dele não suportava isso. Todo atirador é competitivo. Ele sabia que já não atirava bem como antes, não podia encarar esse fato e queria encobrir a verdade. Queria se mostrar.

Franklin apontou para o alvo.

— Não me parece ruim.

— Isso é falso — concluiu Reacher. — Você dará isso a Bellantonio e ele lhe provará o que estou dizendo.

— Como assim falso?

— Aposto que usou uma arma de mão. Nove milímetros, à queima-roupa. Se Bellantonio medir os furos, imagino que descobrirá que são alguns milímetros maiores do que furos de calibre .308. E se testar o papel encontrará resíduos de pólvora. Porque imagino que James Barr caminhou pelo estande até o alvo e fez esses furos a 2,5cm de distância, e não a 275m. O tempo todo.

— Você tem uma boa imaginação.

— É pura metafísica. Barr nunca foi tão bom assim. E é justo dizer que ele deveria ter piorado. Se tivesse piorado um pouco, ele teria admitido. Mas não admitiu, então podemos pressupor que ele ficou muito pior. Ruim o suficiente para deixá-lo envergonhado. Talvez tão ruim que nem ao menos conseguia acertar o papel.

Ninguém falou nada.

— É uma teoria que prova a si mesma — disse Reacher. — Falsificar o placar por vergonha prova que ele já não atirava bem. Se não podia atirar bem, ele não fez os disparos na sexta-feira.

— Você está chutando — sugeriu Franklin.

Reacher concordou com a cabeça.

— Eu estava. Mas agora não estou mais. Agora tenho certeza. Disparei um tiro lá no Kentucky. O homem me obrigou, como num rito de passagem. Eu estava cheio de cafeína. Tremendo como um louco. Agora sei que James Barr havia estado mesmo muito pior.

— Por quê? — perguntou Rosemary.

— Porque ele tem Parkinson — disse Reacher. — P. A. quer dizer *Paralysis Agitans*, e paralisia agitante é como os médicos chamam o mal de Parkinson. Temo que seu irmão esteja ficando doente. Tremendo e tendo espasmos. E não há como disparar um rifle tendo mal de Parkinson. Na minha opinião, ele não apenas não disparou os tiros na sexta-feira como não poderia tê-lo feito.

Rosemary ficou em silêncio. Boas notícias, más notícias. Ela olhou para a janela. Olhou para o chão. Estava vestida como uma viúva. Blusa preta de seda, saia preta, meia-calça preta, sapatos de couro pretos com salto baixo.

— Talvez seja por isso que estava tão mal-humorado o tempo todo — disse ela. — Talvez ele sentisse a doença se instalando. Sentiu-se impotente e sem controle. Seu corpo começava a deixá-lo na mão. Ele teria odiado isso. Qualquer um teria.

E então ela olhou direto para Reacher.

— Eu lhe disse que ele era inocente.

— Peço mil desculpas — disse Reacher. — Você estava certa. Ele se regenerou. Manteve a palavra e merece o crédito. E sinto muito por ele estar doente.

— Agora você tem que ajudá-lo. Você prometeu.

— Estou ajudando. Desde segunda-feira à noite não tenho feito outra coisa.

— Isso é loucura — disse Franklin.

— Não, é exatamente o mesmo que sempre foi — disse Reacher. — É alguém sabotando e preparando a queda de James Barr. Mas, em vez de fazê-lo cometer os crimes, apenas fizeram parecer que foi ele. Essa é a única diferença prática.

— Mas isso é possível? — perguntou Ann Yanni.

— Por que não? Pense bem. Reviva os fatos.

Ann Yanni os reviveu. Ela ensaiou pequenos movimentos, lentamente, reflexivamente, como uma atriz.

— Ele veste as roupas e calça os sapatos de Barr, e talvez encontre uma moeda em cima da mesa ou num bolso qualquer. Usa luvas, para não encobrir as digitais de Barr. Ele já pegou o cone da garagem de Barr, talvez no dia anterior. Pega o rifle no porão. Já havia sido carregado por Barr, previamente. Vai até a cidade na van de Barr. Deixa todas as evidências. Cobre-se em poeira de cimento. Volta até a casa, põe tudo no lugar e vai embora. Rapidamente, sem nem ao menos usar o banheiro. Em seguida, James Barr chega em casa e entra numa armadilha que nem ao menos sabe que está lá.

— É exatamente como vejo — disse Reacher.

— Mas onde estava Barr durante o ocorrido? — perguntou Helen.

— Fora — disse Reacher.

— Essa é uma boa coincidência — disse Franklin.

— Não acho que tenha sido — disse Reacher. — Acho que planejaram alguma coisa para tirá-lo do caminho. Ele se lembra de ter saído para algum lugar antes. E então lembra de estar otimista,

como se algo de bom estivesse para acontecer. Acho que arranjaram um encontro para ele. Acho que armaram um encontro casual que levou a algum lugar. Acho que ele encontrou alguém na sexta-feira.

— Quem?

— A menina dos cabelos vermelhos, talvez. Eles a soltaram em cima de mim. Talvez tenham feito o mesmo com ele. Ele estava bem vestido naquele dia. O relatório mostra que a carteira dele estava dentro de uma boa calça.

— Então quem foi que realmente fez? — perguntou Helen.

— Alguém frio e calculista — disse Reacher. — Alguém que nem ao menos precisou usar o banheiro depois do ocorrido.

— Charlie — disse Rosemary. — Só pode ser. Ele é pequeno, estranho, conhecia a casa. Sabia onde tudo ficava guardado. Até o cachorro o conhecia.

— Barr também era um péssimo atirador — disse Reacher. — Essa é a outra razão pela qual fui ao Kentucky. Queria testar essa teoria.

— Então quem foi?

— Charlie — disse Reacher. — A evidência dele também foi forjada Mas de maneira diferente. Os furos nos alvos dele estavam espalhados por toda parte da superfície do papel. Exceto que não estavam realmente por toda parte. A distribuição não foi completamente aleatória. Ele estava tentando despistar o quanto era bom. Mirava em pontos arbitrários no papel e os acertava, todas as vezes, na mosca, pode acreditar. De vez em quando ele se entediava e acertava um tiro bem no meio do anel central. Ou escolhia um quadrante fora do anel externo e acertava um tiro ali. Numa ocasião, ele acertou um tiro em cada canto. Não interessa no que você mira, contanto que acerte. É apenas a convenção que nos faz mirar bem no meio do anel central. Também funciona mirar em qualquer outro lugar. Até mesmo numa área fora do papel, como uma árvore. Isso é o que Charlie estava fazendo. Era um ótimo atirador, treinando com

garra, mas tentando parecer que estava errando o tempo todo. Mas, como eu disse, o verdadeiro acaso é impossível para um homem atingir. Há sempre padrões.

— Por que ele faria isso? — perguntou Helen.

— Para ter um álibi.

— Fazer as pessoas pensarem que não sabia atirar?

Reacher concordou com a cabeça.

— Ele percebeu que o homem que cuidava do lugar arquivava os alvos usados. Ele é um profissional frio que de antemão avalia todas as possibilidades.

— Quem é ele? — perguntou Franklin.

— Seu nome verdadeiro é Chenko e ele vive com um bando de russos. Deve ser um veterano do Exército Vermelho. Talvez um de seus francoatiradores. E eles são muito bons. Sempre foram.

— Como podemos chegar a ele?

— Através da vítima.

— Estaca zero. As vítimas são todas becos sem saída. Você terá que descobrir uma maneira melhor de fazer isso.

— O chefe dele se intitula o Zec.

— Que tipo de nome é esse?

— É uma palavra, não um nome. Gíria soviética dos velhos tempos. Um *zec* era um prisioneiro de campo de trabalhos forçados. Nos *gulags*, na Sibéria.

— Esses campos eram famosos.

— O que faz do Zec um homem muito velho. Mas um homem muito forte. Provavelmente mais forte do que podemos imaginar.



O Zec estava cansado depois da sua tarefa com a escavadeira. Mas era acostumado a ficar cansado. Viveu cansado por 63 anos.

Estivera cansado desde que o oficial de recrutamento fora a seu vilarejo, no início do outono de 1942. Seu vilarejo ficava a 6.500km de lugar nenhum e o oficial era um tipo de russo de Moscou que ninguém havia visto antes. Era rápido, seguro de si, confiante. Não permitia discussões. Todos os homens entre 16 e 50 anos teriam que ir com ele.

O Zec tinha então 17 anos. A princípio, ele foi desdenhado, pois havia estado preso. Dormira com a esposa de um homem mais velho, e espancou o homem quando reclamou. O tal que apanhou pediu dispensa do recrutamento por causa de sua condição física, e então contou ao oficial sobre o seu agressor na prisão. O oficial estava ansioso para completar seu contingente, e então o Zec foi retirado da prisão e mandado para a fila de homens na praça do vilarejo. Ele foi sem reclamar. Achou que estivesse ganhando uma oportunidade de ficar livre. Achou que haveria centenas de oportunidades de fugir.

Ele estava errado.

Os recrutas foram trancafiados num caminhão, e depois num trem, numa jornada que durou cinco semanas. A iniciação formal no Exército Vermelho aconteceu durante o percurso. Uniformes foram cedidos, agasalhos de lã grossa, um casaco, um par de botas e uma carteira de trabalho. Mas nenhum pagamento de verdade. Nenhuma arma. E nenhum treinamento, além de uma breve parada num pátio da ferrovia coberto de neve onde um comissário falava sem parar ao trem estacionado por um enorme megafone de metal. O rapaz repetia um discurso simples de 18 palavras, o que Zec nunca mais se esqueceu: O destino do mundo está sendo decidido em Stalingrado, onde você lutará até o final pela Pátria Mãe.

A jornada de cinco semanas terminou na margem leste do Volga onde os recrutas foram descarregados como gado e forçados a correr direto para um pequeno conjunto de balsas e navios de cruzeiro. A quase um quilômetro na outra margem do rio, era a visão do

inferno. Uma cidade, maior do que tudo o que o Zec já vira em sua vida, estava em ruínas, esvaindo-se em fogo e fumaça. O rio queimava e explodia com morteiros. O céu estava repleto de aviões que se alinhavam e mergulhavam, soltando bombas, disparando tiros. Havia cadáveres por toda parte e pedaços de corpos, pessoas feridas urrando.

O Zec foi forçado a entrar num pequeno bote com um toldo colorido para os dias de sol. Estava lotado de soldados. Ninguém tinha espaço para se mexer. Ninguém tinha armas. O bote foi lançado na corrente gelada e aviões mergulhavam sobre ele como moscas em fezes. A viagem no bote durou 15 minutos e no final o Zec estava coberto com o sangue dos seus vizinhos.

Ele foi forçado a descer num píer estreito de madeira e a alinhar-se numa fila única para correr na direção da cidade, passando por um posto avançado onde aconteceu a segunda fase do seu treinamento militar: dois soldados distribuíam rifles carregados e munição extra numa sequência alternada sem fim e cantavam o que mais tarde tocou o Zec como um poema, uma canção ou um hino para completar a insanidade daquilo tudo, sem parar: Aquele com o rifle atira Aquele sem o rifle o segue Quando aquele com o rifle é morto Aquele que o segue pega o rifle e atira.

O Zec recebeu a munição. Porém sem o rifle. Foi empurrado e seguiu o homem à frente. Virou uma esquina. Passou na frente de um ninho de metralhadoras do Exército Vermelho. A princípio ele pensou que o *front* deveria estar bem próximo. Mas então um militar com uma bandeira e outro enorme megafone gritava na direção dele: Sem volta! Se você se virar para trás, tentando voltar, atiraremos no primeiro passo que der! Então o Zec prosseguiu, virou numa outra esquina e entrou na linha de fogo dos alemães. Ele parou, tentou virar e foi atingido três vezes nos braços e nas pernas. Cambaleou, caiu nos destroços de uma parede de tijolos e em poucos minutos estava soterrado numa pilha de cadáveres.

Quarenta e oito horas depois, ele deu entrada num hospital improvisado e conheceu pela primeira vez a Justiça Militar do Exército soviético: dura, poderosa, ideológica e dirigida estritamente de acordo com suas regras arcaicas. O problema em questão foi causado por ele ter quase virado: suas feridas foram causadas pelo inimigo ou por ele ter recuado na direção das armas de seu próprio Exército? Por causa da ambiguidade física, ele foi poupado da execução e sentenciado a um batalhão penal. Desse modo, começou um processo de sobrevivência que já durava 63 anos.

Um processo que ele pretendia continuar.

Telefonou para Grigor Linsky.

— Podemos pressupor que o soldado esteja abrindo o bico — disse ele. — O que quer que ele sabia, todos sabem. Desse jeito, é hora de conseguirmos uma apólice de seguro.

— Não avançamos muito, não é mesmo? Emerson não aceitará droga nenhuma, a menos que possamos apresentar mais do que temos agora.

— Então trabalhe na lista de vítimas — disse Reacher.

— Isso pode levar muito tempo. Cinco vidas, cinco histórias de vida.

— Então vamos focalizar.

— Ótimo. Maravilha. Então me diga em qual deles quer que eu focalize.



Reacher concordou com a cabeça. Lembrou-se da descrição de Helen Rodin sobre o que ouviu. O primeiro tiro, uma pequena pausa e então os outros dois. Outra pausa, um pouco maior, mas apenas de uma fração de segundo, e os últimos três. Ele fechou os olhos. Em sua mente, imaginou o gráfico de áudio que Bellantonio extraíra do

correio de voz Imaginou sua própria simulação muda, na escuridão do edifício-garagem, seu braço direito esticado como um rifle: *clique, clique-clique, clique-clique-clique*.

— O primeiro não — disse ele. — Ele ainda estava frio. Sem garantias de acertar. Então, a primeira vítima não significava nada. Parte da alegoria. Nem os últimos três. Aquilo foi bangue-bangue. O erro de propósito e mais duas alegorias. O trabalho já havia sido feito.

— Então, o segundo ou o terceiro. Ou ambos. *Clique, clique-clique*.

Reacher abriu os olhos.

— O terceiro — ele disse. — Existe um ritmo aí. O primeiro tiro: frio, um início, e então o tiro para valer. O alvo. Uma pausa. Seus olhos percorrem o escopo. Está se assegurando de que o alvo foi atingido. Foi. E então os últimos três.

— Quem foi a terceira vítima? — perguntou Helen.

— A mulher — disse Franklin.



Linsky telefonou para Chenko, para Vladimir e depois para Sokolov. Explicou a missão e deixou tudo bem amarrado. O escritório de Franklin não tinha entrada por trás. Apenas a escada exposta. O carro-alvo estava bem ali no estacionamento. Fácil.



Reacher pediu:

— Fale sobre a mulher.

Franklin mexeu em suas anotações. Colocou-as numa nova ordem de prioridade.

— O nome era Oline Archer — disse ele. — Caucasiana, casada, sem filhos, 37 anos de idade, morava a oeste daqui, no subúrbio.

— Funcionária no prédio do Departamento de Trânsito — disse Reacher. — Se ela foi o alvo específico, Charlie tinha que saber onde ela estava e quando sairia.

Franklin concordou com a cabeça.

— Funcionária do departamento mesmo. Estava lá há um ano e meio. Era supervisora. Fazendo o que quer que seja que eles fazem lá.

— Então a morte dela foi relacionada ao trabalho? — perguntou Ann Yanni.

— Um atraso muito grande no guichê? — brincou Franklin. — Uma péssima foto na carteira de motorista? Duvido. Chequei os bancos de dados nacionais. Escriturários desse departamento não são assassinados pelos clientes. Isso simplesmente não acontece.

— Então, e a vida pessoal dela? — perguntou Helen Rodin.

— Nada me saltou aos olhos — disse Franklin. — Era apenas uma mulher normal. Mas continuarei procurando. Descerei mais alguns níveis. Tem que haver algo.

— Faça isso rápido — pediu Rosemary Barr. — Pelo meu irmão. Temos que tirá-lo de lá.

— Precisamos de opiniões médicas para isso — disse Ann Yanni. — Médicos normais, não psiquiatras.

— A NBC pagará a conta?

— Se for provável que funcione.

— Deveria — disse Rosemary. — Ou melhor, não deveria? Parkinson é algo real, não é? Ou ele tem ou não tem.

— Pode funcionar no julgamento — disse Reacher. — Uma razão plausível que explica por que James Barr não poderia ter sido o atirador, em adição a uma razão plausível sobre alguém que poderia ter sido? Normalmente é assim que se cria a dúvida razoável.

— Plausível é uma palavra complicada — disse Franklin. — E dúvida razoável é um conceito arriscado. É melhor fazer com que Alex Rodin desista das acusações de uma vez. O que significa convencer Emerson primeiro.

— Não posso falar com nenhum deles — disse Reacher.

— Eu posso — disse Helen.

— Eu também — disse Franklin.

— E tenho certeza de que eu também posso — disse Ann Yanni. — Todos nós podemos, menos você.

— Mas talvez você não queira — disse Reacher.

— Por que não? — perguntou Helen.

— Você não vai gostar muito dessa parte.

— Por que não? — Helen perguntou de novo.

— Pense — disse Reacher. — De trás para a frente. O fato de Sandy ser assassinada, e o ocorrido no *sports bar* na segunda-feira à noite, por que essas coisas aconteceram?

— Para prender você. Para evitar que prejudique o caso.

— Correto. Duas tentativas, mesmo objetivo, mesmo mandante.

— Obviamente.

— E o ocorrido na segunda-feira à noite começou comigo sendo seguido do meu hotel. Sandy e Jeb Oliver e seus outros amigos estavam circulando, aguardando, esperando até que alguém lhes dissesse onde eu pararia. Então, na verdade, começou comigo sendo seguido até o hotel. Muito antes no dia.

— Já falamos sobre tudo isso.

— Mas como o mestre dos fantoches conseguiu meu nome? Como ficou sabendo que eu estava na cidade? Como soube que havia um homem aqui que era um problema em potencial?

— Alguém disse a ele.

— Alguém que soube bem cedo na segunda-feira?

Helen ficou paralisada.

— Meu pai — disse ela. — Desde segunda de manhã. E então Emerson, presumivelmente. Logo depois. Eles conversaram sobre o caso. Teriam se comunicado imediatamente se houvesse algo ameaçando seu rumo.

— Correto — disse Reacher. — E em seguida um dos dois ligou para o mestre dos fantoches. Bem antes do almoço na segunda-feira.

Helen ficou muda.

— A menos que um dos dois seja o próprio mestre dos fantoches — disse Reacher.

— O Zec é o mestre dos fantoches. Você mesmo disse.

— Eu disse que ele é o chefe de Charlie. Só isso. Não temos como saber se é ele quem está no topo da trama.

— Você está certo — disse Helen. — Não estou gostando nada dessa linha de raciocínio.

— Alguém comunicou — disse Reacher. — Isso é certo. Seu pai ou Emerson. Meu nome estava nas ruas duas horas depois que desci do ônibus. Então um deles está envolvido e o outro não nos ajudará porque gosta do caso do jeito que está.

A sala ficou silenciosa.

— Preciso voltar ao trabalho — disse Ann Yanni.

Ninguém falou nada.

— Liguem para mim se houver novidade — ela pediu.

A sala ficou silenciosa. Reacher não disse nada. Ann Yanni cruzou a sala. Parou perto dele.

— Chaves.

Ele enfiou a mão no bolso e devolveu-lhe as chaves.

— Obrigado pelo empréstimo — ele agradeceu. — Um belo carro.

Linsky observou o Mustang partir. O carro partiu na direção norte. Motor barulhento, exaustão barulhenta. Era audível por um quarteirão inteiro. E então a rua voltou a ficar quieta e Linsky pegou o celular.

— A mulher da televisão já saiu — avisou.

— O detetive particular continuará trabalhando — disse o Zec.

— E se os outros saírem juntos?

— Espero que não saiam.

— E se saírem?

— Pegue todos eles.



— Existe uma cura? — perguntou Rosemary Barr. — Para o mal de Parkinson?

— Não — disse Reacher. — Sem cura, sem prevenção. Mas o progresso da doença pode ser retardado. Existem drogas para isso. Fisioterapia ajuda. E sono. Os sintomas desaparecem quando o paciente está dormindo.

— Talvez seja por isso que ele queria as pílulas. Para fugir.

— Ele não deveria tentar fugir muito. Contato social é bom.

— Tenho que ir até o hospital — disse Rosemary.

— Explique a ele — disse Reacher. — Diga a ele o que realmente aconteceu na sexta-feira.

Rosemary concordou com a cabeça. Cruzou a sala e saiu pela porta. Um minuto mais tarde, Reacher ouviu o motor do carro dela dando a partida.

Franklin foi até a cozinha para fazer café. Reacher e Helen Rodin ficaram sozinhos no escritório. Reacher sentou-se na cadeira em que Rosemary estivera sentada. Helen foi até a janela e olhou para a rua embaixo. Ficou de costas para Reacher. Estava vestida da mesma

maneira que Rosemary Barr. Blusa preta, saia preta, sapatos pretos de couro. Mas não parecia uma viúva. Parecia coisa de Nova York ou Paris. Seus saltos eram mais altos e suas pernas eram longas, lisas e bronzeadas.

— Esses homens de quem falamos são russos — ela disse.

Reacher não disse nada.

— Meu pai é americano — ela disse.

— Um americano chamado Aleksei Alekseievitch — alfinetou Reacher.

— Nossa família veio para cá depois da Primeira Guerra Mundial. Não existe uma conexão possível. Como poderia? Essas pessoas de quem falamos são marginais soviéticos.

— O que seu pai fazia antes de se tornar promotor?

— Era assistente de promotoria.

— Antes disso?

— Sempre trabalhou lá.

— Fale-me sobre o serviço de café dele.

— O quê?

— Ele usa xícaras de porcelana e bandeja de prata. A prefeitura não comprou isso para ele.

— E daí?

— Fale-me sobre os ternos dele.

— Os ternos?

— Na segunda-feira ele usava um terno de 1.000 dólares. Não se veem muitos servidores públicos vestindo ternos de 1.000 dólares.

— Ele tem gostos caros.

— Como ele consegue bancar isso?

— Não quero falar sobre ele.

— Mais uma pergunta.

Helen ficou em silêncio. Olhou para os lados. Depois se virou.

— Ele disse que perder podia ser ganhar.

— Preocupado com a carreira?

— Achei que sim. Ainda acho. Ele é um homem honesto.

Reacher balançou a cabeça concordando.

— Há 50% de chances de você estar certa.

Franklin voltou com o café, de uma marca barata, genérica, em xícaras de cerâmica sem combinar, duas delas rachadas, numa bandeja empenada de bar, com uma caixa de creme aberta e um potinho amarelo de açúcar com uma única colher de aço vagabundo. Ele pôs a bandeja na mesa e Helen Rodin a fitou como se a bandeja confirmasse o ponto de Reacher: *É assim que se serve café num escritório*.

— David Chapman sabia seu nome na segunda-feira — disse ela. — O primeiro advogado de James Barr. Ele sabia de você desde sábado.

— Mas ele não sabia que eu apareci aqui — disse Reacher. — Imagino que ninguém disse isso a ele.

— Eu sabia seu nome — disse Franklin. — Talvez eu devesse estar nesse rolo.

— Mas você sabia a verdadeira razão pela qual eu estava aqui — disse Reacher. — Você não teria armado uma cilada para mim. Teria me intimado.

Ninguém falou nada.

— Estava errado sobre Jeb Oliver — disse Reacher. — Ele não é um traficante. Não há nada em seu celeiro além de uma velha caminhonete.

— Fico feliz por você ter errado alguma coisa — ironizou Helen.

— Jeb Oliver não é russo — disse Franklin.

— Grande novidade — disse Reacher.

— Então esses homens podem trabalhar com americanos. É isso o que quero dizer. Poderia ser o Emerson. Não precisa ser o promotor.

— Cinquenta por cento de chance — disse Reacher. — Ainda não estou acusando ninguém.

— Se é que você está mesmo certo.

— Aqueles homens caíram em cima de mim com muita rapidez.

— Isso não me parece coisa de Emerson ou do promotor, e conheço os dois.

— Pode dizer o nome dele — disse Helen. — Pode dizer Alex Rodin.

— Não acho que seja nenhum dos dois — disse Franklin.

— Estou voltando ao trabalho — disse Helen.

— Você me dá uma carona? — perguntou Reacher. — Me deixa embaixo do elevado?

— Não — disse Helen. — Não estou a fim de fazer isso.

Ela pegou a bolsa e a pasta e saiu do escritório sozinha.

Reacher permaneceu sentado, ouvindo os sons da rua. Ouviu uma porta de carro abrindo e fechando. Um motor roncando. Um carro partindo. Ele tomou o café e disse:

— Acho que aborreci Helen.

Franklin concordou com a cabeça.

— Com certeza.

— Esses caras têm um infiltrado. Isso está claro, certo? Isso é um fato. Então devíamos poder discutir o fato.

— Um policial faz mais sentido que um promotor.

— Discordo. Um policial controla apenas seus próprios casos. No final das contas, o promotor controla tudo.

— Eu preferiria dessa forma. Fui policial.

— Eu também — disse Reacher.

— E tenho que dizer, Alex Rodin engaveta muitos casos. As pessoas dizem que é cautela, mas pode ser outra coisa.

— Você deveria analisar que tipos de caso ele engaveta.

— Como se eu já não tivesse mais o que fazer.

Reacher concordou com a cabeça. Deixou a xícara de lado. Levantou-se.

— Comece com Oline Archer — ele pediu. — A vítima. Ela é o mais importante agora.

Então foi até a janela e observou a rua. Não viu nada. Fez um gesto com a cabeça para Franklin, saiu pelo corredor e passou pela porta no alto da escada.

Parou no primeiro degrau e se esticou. Ajeitou os ombros, flexionou as mãos e respirou fundo. Estava tenso por dirigir e ficar sentado o dia todo. E desconfortável por ter que se esconder. Era bom ficar parado ali, sem fazer nada, bem no alto e exposto. Ao ar livre, em plena luz do dia. Abaixo, à esquerda, todos os carros já tinham ido embora, exceto o Suburban preto. A rua estava silenciosa. Ele olhou para a direita. O tráfego piorava no sentido norte-sul. À esquerda fluía melhor. Ele achou por bem desviar pelo lado oeste primeiro. Mas bem ao longe, pois a delegacia devia estar perto. Ele tinha que fazer um desvio. E então partir rumo norte, que era um caos. E ele se sentia em casa.

Desceu a escada. Quando seu pé tocou a calçada, Reacher ouviu o som de passos a quatro metros e meio de distância, atrás. Um passo lateral. Solas finas na superfície da calçada. Quieta. E então o inconfundível som de uma escopeta engatilhando.

E uma voz.

Ela dizia:

— Parado aí.

Sotaque americano. Baixo, mas distinto. De algum lugar ao norte. Reacher parou. Permaneceu imóvel e olhou para a frente, na direção de um muro de tijolos do outro lado da rua.

A voz disse:

— Dê um passo para a direita.

Reacher obedeceu. Um longo passo à direita. A voz disse:

— Agora vira pra mim, bem devagar.

Reacher obedeceu. Manteve as mãos longe do corpo, as palmas para fora. Viu uma pessoa pequena a quatro metros e meio de distância. O mesmo homem que vira na noite anterior, nas sombras. Não mais que 1,65m, não mais que 65kg, leve, pálido, com os cabelos

pretos cortados e cara de maluco. Chenko. Ou Charlie. Na mão direita, firme como rocha, estava uma escopeta serrada com empunhadura de pistola. Na mão esquerda, alguma coisa preta.

— Pega — disse Charlie.

Ele atirou o objeto. Reacher observou-o girar e brilhar pelo ar na sua direção e o seu subconsciente falou: *Não é uma granada*. Então o agarrou. Com as duas mãos. Era um sapato. Um sapato feminino de couro preto e salto alto. Ainda estava levemente quente.

— Agora, joga de volta — ordenou Charlie. — Do jeito que eu fiz.

Reacher fez uma pausa. De quem era aquele sapato? Ele o fitou.

Salto baixo.

De Rosemary Barr?

— Joga de volta — insistiu Charlie. — Bem devagar.

Analise e avalie. Reacher estava desarmado. Segurava um sapato. Não uma pedra, não uma rocha. O sapato era leve e sem aerodinâmica. Não machucaria ninguém. Simplesmente flutuaria devagar pelo ar e Charlie o rebateria para longe.

— Joga de volta — insistiu Charlie mais uma vez.

Reacher não fez nada. Ele poderia segurar o salto e arremessá-lo como um dardo. Como um míssil. Mas Charlie lhe acertaria um tiro enquanto ele estivesse jogando o braço para trás para arremessar. Charlie estava a quatro metros e meio de distância, preparado, equilibrado, de olhos bem abertos e com a arma firme em punho. Perto demais para errar, longe demais para alcançá-lo.

— Última chance — disse Charlie.

Reacher atirou o sapato sem força. Um arremesso longo e lento. Charlie pegou-o com uma mão e parecia que a cena havia sido rebobinada ao início.

— Ela está de férias — disse Charlie. — Pense dessa maneira. Ela vai conhecer os fatos da vida. Vai trabalhar o testemunho. Sobre como o irmão dela planejou tudo de antemão. Sobre como ele deixou

escapar o que estava prestes a fazer. Ela será uma ótima testemunha. O que dirá constrói o caso. Tá entendendo?

Reacher ficou em silêncio.

— Então o jogo acaba agora — disse Charlie.

Reacher não disse nada.

— Dê dois passos para trás — ordenou Charlie.

Reacher obedeceu. Foi parar no meio-fio. Agora, Charlie estava a 6m de distância. Ainda segurava o sapato. Estava rindo.

— Vira de costas.

— Você vai atirar em mim? — perguntou Reacher.

— Talvez.

— Deveria.

— Por quê?

— Porque se não atirar, encontrarei você e farei com que se arrependa amargamente.

— Conversa fiada.

— Garanto que não.

— Então talvez atire em você.

— Deveria.

— Vira — ordenou Charlie.

Reacher se virou.

— Agora fique parado — disse Charlie.

Reacher ficou parado. De frente para a rua. Manteve os olhos abertos. Olhou para o asfalto. O asfalto fora colocado em cima de antigos paralelepípedos. Estava repleto de pequenas elevações, num padrão regular. Reacher começou a contá-los, para preencher aquilo que poderiam ser os últimos segundos de sua vida. Parou para tentar ouvir sons vindos de trás. O som de tecido enquanto o braço de Charlie se estendia. O clique metálico do gatilho movendo-se nos primeiros milímetros de seu percurso. Será que Charlie atiraria? O senso comum dizia que não. Homicídios eram sempre investigados.

Mas essas pessoas eram loucas. E havia uma chance de 50% de controlarem um policial local. Ou de que o policial os controlasse.

Silêncio. Reacher parou para ouvir os sons.

Mas nada ouviu. Nada aconteceu. Absolutamente nada. Um minuto. Dois. E então, a cerca de 100m dali, ouviu uma sirene. Apenas dois breves sons eletrônicos de um carro da polícia forçando o caminho através do tráfego.

— Parado — disse Charlie novamente.

Reacher obedeceu. Dez segundos. Vinte. Trinta. E então duas patrulhas entraram na rua simultaneamente. Uma vinda do leste, a outra do oeste. Ambas em alta velocidade. Os motores roncavam. Os pneus gritavam. Frearam. Portas se abriram. Policiais desceram. Reacher virou a cabeça. Charlie não estava mais lá.

capítulo 14

**********A prisão foi rápida e eficiente. Ocorreu da forma usual. Armas, gritos, algemas, o direito de ficar calado. Reacher não disse nada. Sabia que era a melhor coisa a fazer. Fora policial por 13 anos e sabia o tipo de problemas que falar podia causar a alguém. E o tipo de atraso que isso pode causar. Diga algo e os policiais têm que parar para escrever tudo. E Reacher não tinha tempo a perder com isso. Não naquele momento.

A viagem até a delegacia foi misericordiosamente curta. Não mais do que quatro quarteirões. Reacher achou que fazia sentido um ex-policial como Franklin escolher uma locação na vizinhança com a qual estivesse acostumado. Usou o tempo da viagem para trabalhar numa estratégia. Imaginou que fosse levado direto a Emerson, o que lhe dava 50% de chances de ser posto numa sala com um cara mau. Ou com um cara bom.

Mas ele acabou com 100% de certeza de estar numa sala com um cara mau, pois Emerson e Alex Rodin estavam juntos. Reacher foi arrancado da patrulha e enviado direto para a sala de Emerson. Emerson estava atrás da mesa. Rodin estava na frente.

Não posso dizer uma só palavra, pensou Reacher. Mas isso tem que ser muito rápido.

E então pensou: Qual deles? Rodin? Ou Emerson? Rodin vestia um terno. Azul, de verão, muito caro, talvez o mesmo da segunda-feira. Emerson estava de camisa social. Brincando com uma caneta. Fazendo-a quicar sobre a mesa.

Vá em frente, pensou Reacher.

— Não foi tão difícil de encontrar — disse Emerson.

Reacher ficou em silêncio. Ainda estava algemado.

— Fale-nos sobre a noite em que a garota foi assassinada — pediu Rodin.

Reacher continuou calado.

— Fale-nos sobre o que sentiu — disse Emerson. — Quando o pescoço dela quebrou.

Reacher continuou calado.

— O júri vai odiar você — disse Rodin.

Reacher disse:

— Telefonema.

— Quer um advogado? — perguntou Emerson.

Reacher ficou em silêncio.

— Quem é o seu advogado? — perguntou Rodin.

— Sua filha — disse Reacher.

— Quer que liguemos para ela?

— Talvez. Ou, quem sabe, para Rosemary Barr.

Ele observou os olhos dos dois.

— A irmã? — disse Rodin.

— Quer que telefonemos para a irmã? — quis saber Emerson.

Um de vocês sabe que ela não vai atender, pensou Reacher. *Qual dos dois*?

Nada nos olhos deles.

— Telefonem para Ann Yanni — ele pediu.

— Da TV? — disse Rodin. — Por que ela?

— Tenho direito a um telefonema — disse Reacher. — Não tenho que dar explicações. Eu digo quem, você liga para o número.

— Ela deve estar se preparando para entrar no ar. O noticiário local começa às seis.

— Então esperaremos — disse Reacher. — Tenho todo o tempo do mundo.

Qual de vocês sabe que isso não é verdade?

Eles esperaram, mas a espera não foi longa. Emerson ligou para a NBC e disse ao assistente de Ann Yanni que o Departamento de

Polícia prendera Jack Reacher e que ele requisitava a presença dela na delegacia, por razão desconhecida. Foi uma mensagem bizarra. Mas Ann Yanni chegou à sala de Emerson em menos de 30 minutos. Era uma jornalista farejando uma história. Ela sabia que rede nacional amanhã era melhor do que local hoje.

— Como posso ajudar? — ela perguntou.

Ela tinha presença. Era uma estrela no seu mercado. E era mídia. Emerson e Rodin pareciam um pouco intimidados. Não por ela como indivíduo. Pelo que representava.

— Sinto muito — disse Reacher. — Sei que não vai querer, e sei que disse que nunca contaria a ninguém, mas, devido às circunstâncias, você tem que confirmar um álibi para mim. Sinto muito, não há escolha.

Ele olhou para ela. Percebeu que ela seguia suas palavras. Percebeu uma expressão confusa cruzar seu rosto. Ela não teve reação. Ele manteve os olhos nela. Nenhuma reação.

Ajude-me aqui, menina.

Um segundo.

Dois segundos.

Sem reação.

Reacher prendeu a respiração. *Entre ao vivo*, Yanni. *Mais um segundo e tudo estará acabado*.

Nenhuma reação.

E então ela concordou com a cabeça. Entrou no jogo. Reacher soltou a respiração. Isso mesmo. Habilidade profissional. Ela era uma pessoa acostumada a ouvir notícias de última hora no ponto eletrônico e a repetir ao vivo meio segundo depois como se soubesse desde sempre.

— Que álibi? — perguntou Emerson.

Yanni olhou para ele. E para Rodin.

— Achei que isso fosse sobre Jack Reacher — disse ela.

— E é — disse Emerson.

— Mas este é Joe Gordon — ela disse. — Pelo menos foi o que ele me disse.

— Ele disse a você que seu nome era Gordon?

— Quando o conheci.

— Quando?

— Dois dias atrás.

— Você está mostrando a imagem dele na TV.

— Aquela era a imagem dele? Não parecia mesmo. O cabelo era completamente diferente. Nenhuma semelhança.

— Que álibi? — perguntou Emerson novamente.

— Para quando? — perguntou ela.

— Para a noite em que a garota foi assassinada. É sobre isso que estamos conversando aqui.

Ann Yanni ficou calada. Rodin disse:

— Senhora, se sabe de alguma coisa, precisa nos dizer agora.

— Prefiro não dizer — disse ela.

Reacher sorriu por dentro. Do jeito que ela falava, era garantido que Emerson e Rodin estavam a um minuto de implorar para ouvir a história. Ela estava lá parada, ruborizando-se de propósito, com as costas retas, a blusa aberta em três botões. Era uma atriz e tanto. Reacher deduziu que talvez todas as apresentadoras de telejornal fossem assim.

— É uma questão de evidência — disse Emerson.

— Obviamente — disse Ann. — Mas você não pode simplesmente aceitar a minha palavra?

— Pelo quê?

— Por ele não ter feito isso.

— Precisamos de detalhes — disse Rodin.

— Tenho que pensar na minha reputação — disse ela.

— Suas palavras não vão a público se desistirmos das acusações.

— Você pode garantir a desistência das acusações?

— Não antes de ouvirmos o que tem a dizer — esclareceu Emerson.

— Então é um beco sem saída.

— Temo que seja.

Não abuse, Reacher pensou. *Não temos muito tempo*.

Ann Yanni suspirou. Olhou para o chão. Olhou para cima, dentro dos olhos de Emerson, furiosa, envergonhada, magnífica.

— Passamos aquela noite juntos — disse ela.

— Você e Reacher?

— Eu e Joe Gordon.

Emerson apontou.

— Este homem?

Ann Yanni concordou:

— Este homem.

— A noite toda?

— Sim.

— De quando a quando?

— Desde as 23h40. Quando o noticiário acabou. Até meu pager tocar pela manhã avisando que vocês tinham encontrado o corpo.

— Onde vocês estavam?

Reacher fechou os olhos. Lembrou-se da conversa que tiveram na noite anterior na garagem. A janela do carro, aberta por uma pequena fresta. Ele disse a ela.

— Na pousada — disse Ann. — No quarto dele.

— O recepcionista não mencionou ter visto você.

— Claro que não viu. Tenho que pensar em coisas desse tipo.

— Que quarto?

Ele disse isso a ela?

— Quarto oito.

— Ele não saiu do quarto durante a noite?

— Não, não saiu.

— De jeito nenhum?

— Não.

— Como pode ter certeza disso?

Ela desviou o olhar.

— Porque na verdade não dormimos.

A sala ficou em silêncio.

— Você pode oferecer alguma prova? — perguntou Emerson.

— Como o quê? — Ann perguntou.

— Marcas no corpo dele? Que eu não posso ver agora, mas que alguém que esteve na sua posição teria visto?

— Ah, por favor.

— É a última pergunta — disse Emerson.

Ann Yanni ficou calada. Reacher se lembrou de ter acendido a luz interna do Mustang e levantado a camisa para revelar a barra de ferro. Ele moveu as mãos algemadas e repousou-as na cintura.

— Qualquer coisa — disse Emerson.

— É importante — completou Rodin.

— Ele tem uma cicatriz — disse Yanni. — Perto do estômago. Uma coisa grande horrível.

Emerson e Rodin se viraram e olharam para Reacher. Reacher ficou em pé. Agarrou uma dobra da camisa e levantou.

— OK — disse Emerson.

— O que foi isso? — perguntou Rodin.

— Ossos do ofício de um sargento *marine* — disse Reacher. — Os paramédicos deduziram que deve ter pesado mais de 100 gramas. Viajava cerca de 1.525m por segundo do epicentro de uma explosão de trinitrotolueno. Surfando no deslocamento de ar, até que me atingiu.

Ele soltou a camisa. Não tentou colocá-la por dentro da calça. As algemas teriam dificultado seus movimentos.

— Satisfeito agora? — ele perguntou. — Já embaraçou a senhorita o suficiente?

Emerson e Rodin se entreolharam. *Um de vocês sabe com certeza que sou inocente*, pensou Reacher. *E não me interessa o que o outro pensa*.

— A srta. Yanni terá que deixar isso por escrito — disse Emerson.

— Você digita, eu assino — disse ela.

Rodin olhou direto para Reacher.

— E você pode oferecer alguma prova?

— De que tipo?

— Algo na linha da sua cicatriz. Mas relacionada à srta. Yanni?

Reacher concordou com a cabeça.

— Até poderia. Mas não o farei. E se pedir de novo, faço você engolir os dentes.

Silêncio na sala. Emerson enfiou a mão no bolso e retirou uma chave de algema. Virou-se e arremessou-a pelo ar. As mãos de Reacher estavam algemadas, mas ele teve o cuidado de guiá-las com a direita. Pegou a chave na palma da mão e sorriu.

— Bellantonio tem falado com você? — perguntou.

— Por que deu um nome falso à srta. Yanni? — perguntou Emerson.

— Talvez não tenha dado — disse Reacher. — Talvez Gordon seja o meu nome verdadeiro.

Ele arremessou a chave de volta, aproximou-se, esticou os pulsos e aguardou que Emerson abrisse as algemas.



O Zec recebeu o telefonema dois minutos mais tarde. Uma voz familiar, baixa e apressada.

— Não funcionou — disse a voz. — Ele tinha um álibi.

— Sério?

— Provavelmente não. Mas não vamos investigar isso.

— Então, e agora?

— Fique firme. Ele não estará muito longe. Vai até você em breve Por isso fique trancado, armado e pronto para ele.



— Eles não lutaram pra valer — disse Ann Yanni. — Lutaram? — Ela ligou o carro antes mesmo de Reacher fechar a porta.

— Não esperava que lutassem — disse ele. — O inocente sabia que o caso era fraco. E o culpado sabe que me colocando de volta nas ruas vai me retirar do tabuleiro tão rápido quanto me jogar numa cela.

— Por quê?

— Porque eles têm Rosemary Barr e sabem que vou tentar achá-la. Então estarão me esperando, prontos para tudo. Estarei morto antes que amanheça. Esse é o novo plano. Vai custar menos que a cadeia.

Dirigiram direto para o escritório de Franklin, subiram a escada e encontraram-no sentado atrás de sua mesa. As luzes estavam apagadas e seu rosto banhado pelo brilho do monitor de seu computador. Ele olhava fixamente para a tela, como se aquilo não lhe dissesse nada. Reacher contou a notícia sobre Rosemary Barr. Franklin ficou parado e olhou para a porta. E então para a janela.

— Estávamos todos aqui — ele concluiu.

Reacher concordou com a cabeça.

— Nós três. Você, eu e Helen.

— Não ouvi nada.

— Nem eu — disse Reacher. — Eles são muito bons.

— O que farão com ela?

— Farão com que ela mostre evidências contra o próprio irmão. Alguma história inventada.

— Vão machucá-la?

— Depende de como ela vai reagir.

— Ela não fará nada — disse Yanni. — De jeito nenhum. Você não vê isso? Ela está completamente dedicada a limpar o nome do irmão.

— Então eles vão machucá-la.

— Onde ela está? — perguntou Franklin. — Algum palpite?

— Em algum lugar — disse Reacher. — Mas não sei onde isso fica.



Ela estava na sala do andar de cima, amarrada a uma cadeira. O Zec a observava. Era fascinado por mulheres. Uma vez, ele ficou 27 anos sem ver uma. O batalhão penal ao qual se juntou em 1943 tinha algumas, mas eram uma pequena minoria e logo morriam. E depois que a Grande Guerra Patriótica foi vencida, o seu progresso de pesadelo pelo Gulag começou. Em 1949 viu uma camponesa perto do Canal do Mar Branco. Era uma mulher encurvada e pesada a cerca de 100m de distância numa plantação de beterrabas. E depois disso, nada até 1976, quando viu uma enfermeira conduzindo uma troica pelos campos congelados da Sibéria. Ele trabalhava numa escavação. Tinha saído de um buraco com 100 outros *zecs* e caminhava para casa numa enorme fila por um longo caminho. O veículo da enfermeira se aproximava numa outra estrada que corria ângulos retos. O terreno era plano e coberto de neve. Os *zecs* podiam ver a quilômetros de distância. Ficaram parados vendo a enfermeira conduzir os cavalos por mais de um quilômetro. Em seguida, viraram o pescoço juntos quando ela passou pela encruzilhada e a viram dirigir por mais um trecho. Os guardas negaram comida a eles naquela noite como punição pela parada sem autorização. Quatro homens morreram, o Zec não.

— Você está confortável? — perguntou.

Rosemary Barr não respondeu. O homem chamado Chenko lhe devolvera o sapato. Ele se agachou na frente dela e calçou-o em seu pé como um vendedor numa sapataria. Em seguida, ele recuou e sentou-se no sofá próximo do homem chamado Vladimir. O homem chamado Sokolov ficou no andar de baixo, numa sala cheia de equipamentos de vigilância. O homem chamado Linsky andava de um lado para outro na sala, branco de dor. Ele tinha algo errado com suas costas.

— Quando o Zec fala, você deve responder — disse o homem chamado Vladimir.

Rosemary desviou o olhar. Ela tinha medo de Vladimir. Mais do que dos outros. Vladimir era enorme e tinha um ar de depravado, um cheiro de depravado.

— Ela sabe o lugar dela? — perguntou Linsky.

O Zec sorriu para ele e Linsky sorriu de volta. Era uma piada só deles. Qualquer exigência de tratamento humanitário nos campos de concentração era seguida da pergunta: *Você sabe o seu lugar?* A pergunta era sempre seguida da frase: *Você não tem lugar. Você não é nada para a Pátria Mãe*. Na primeira vez que Linsky ouviu a pergunta, ele quase respondeu, mas o Zec o impediu. Naquela altura, o Zec tinha 18 anos de experiência e a intervenção não foi nada característica. Mas claramente ele sentia algo por aquele jovem tão cru. Ele o via como seu protegido. Eles estavam juntos desde então, através de uma longa sucessão de lugares que nenhum dos dois poderia. Vários livros foram publicados sobre o Gulag, documentos foram descobertos, mapas foram feitos, mas a ironia era que aqueles que estiveram lá não faziam ideia de onde estavam. Ninguém lhes dissera. Um campo era um campo, com arames, cabanas, florestas sem fim, tundra sem fim, trabalho sem fim. Que diferença um nome faria?

Linsky fora um soldado e um ladrão. Na Europa ocidental ou nos Estados Unidos, ele teria ficado preso, dois anos aqui, três anos ali, mas durante a guerra roubar era uma transgressão ideológica. Mostrava uma preferência não-educada e antissocial pela propriedade privada. Tal preferência era respondida com uma remoção rápida e permanente da sociedade civilizada. No caso de Linsky, a remoção durou de 1963 até o momento em que a sociedade civilizada entrou em colapso e Gorbachev esvaziou o Gulag.

— Ela sabe seu lugar — disse o Zec. — E logo vem a aceitação.



Franklin telefonou para Helen Rodin. Dez minutos depois ela estava de volta ao escritório dele. Ainda estava zangada com Reacher. Isso era claro. Mas estava preocupada demais com Rosemary Barr para dar muita importância ao que Reacher dissera. Franklin permaneceu em sua mesa, com um olho na tela do computador. Helen e Ann Yanni sentaram-se juntas à mesa. Reacher olhava pela janela. O céu escurecia.

— Deveríamos ligar para alguém — disse Helen.

— Pra quem? — perguntou Reacher.

— Para meu pai. Ele é o homem bom.

Reacher se virou.

— Suponhamos que seja. O que diríamos a ele? Que temos alguém desaparecido? Ele apenas telefonará para a polícia. O que mais ele pode fazer? E se Emerson é o homem mau, os policiais não farão nada. Mesmo se Emerson for o bom, os policiais ainda assim não farão nada. Adultos desaparecidos não deixam ninguém muito empolgado. São muitos.

— Mas ela é parte integrante desse caso.

— O caso é sobre o irmão dela. Então, a polícia vai achar natural que ela tenha desaparecido. O irmão é um criminoso conhecido, e ela não pôde suportar a vergonha.

— Mas você a viu ser sequestrada. Podia dizer isso a eles.

— Eu vi um sapato. É o máximo que posso dizer a alguém. E não tenho credibilidade. Tenho feito joguinhos idiotas há dois dias.

— Então, o que fazemos?

Reacher voltou para a janela.

— Cuidaremos disso por nossa conta.

— Como?

— Tudo de que precisamos é de uma locação. Investigamos a mulher assassinada, e assim conseguimos nomes, algum tipo de contexto e um lugar. E então vamos até lá.

— Quando? — perguntou Ann.

— Em 12 horas — disse Reacher. — Antes do amanhecer. Eles estarão trabalhando em algum tipo de cronograma. Querem cuidar de mim primeiro, e só então partirão para Rosemary. Precisamos encontrá-la antes que eles percam a paciência.

— Mas isso significa que você vai aparecer exatamente onde eles querem.

Reacher ficou calado.

— Isso é como andar direto para uma armadilha — disse Ann.

Reacher não respondeu.

Ela virou para Franklin e disse:

— Fale-nos mais sobre a mulher assassinada.

— Não há mais nada a ser dito — disse Franklin. — Já vasculhei tudo de trás para a frente e vice-versa. Ela era muito comum.

— Família?

— Todos estão na costa leste. De onde ela vem.

— Amigos?

— Dois, basicamente. Uma colega de trabalho e uma vizinha. Nenhuma das duas é interessante. Nenhuma das duas é russa, por

exemplo.

Ann Yanni virou para Reacher.

— Então talvez você esteja errado. Talvez o terceiro disparo não tinha sido o derradeiro.

— Deve ter sido sim — disse Reacher. — Por que ele faria uma pausa logo em seguida? Ele estava averiguando se havia acertado o alvo.

— Ele também parou depois do sexto. De vez.

— Ele não esperaria todo esse tempo. A situação poderia ter saído do controle. As pessoas poderiam estar pulando umas em cima das outras.

— Mas não estavam.

— Ele poderia ter previsto isso.

— Concordo — disse Franklin. — Algo assim não se faz com o primeiro ou com o último disparo.

E então seus olhos perderam o foco. Ele olhou para a parede, como se não estivesse vendo.

— Espere — disse.

Olhou para a tela do computador.

— Algo que esqueci — ele disse.

— O quê? — perguntou Reacher.

— O que você disse sobre Rosemary Barr. Pessoas desaparecidas.

Ele retornou ao mouse e ao teclado e começou a digitar e clicar.

Então pressionou a tecla enter e chegou mais perto da tela, como se a proximidade acelerasse o processo.

— Última chance — disse.

Reacher sabia, dos comerciais de TV, que computadores operavam a todo tipo de gigahertz, o que ele deduzia ser muito rápido. Mas, mesmo assim, a tela do computador de Franklin ficou apagada por um longo, longo tempo. Parecia fazer uma pesquisa completa e paciente através de uma infinita quantidade de dados.

Pensou por minutos. E então parou. Houve uma interferência eletrostática no monitor e a tela se reorganizou num documento densamente preenchido de dados. Linguagem de máquina. Reacher não conseguia ler de onde estava.

A sala ficou em silêncio.

Franklin olhou para cima.

— OK — disse ele. — Aí está. Finalmente algo fora do comum. Finalmente encontramos algo.

— O quê? — perguntou Ann.

— Oline Archer relatou o desaparecimento do marido há dois meses.

capítulo 15

Franklin afastou-se do computador para abrir espaço e os outros se aproximaram do monitor. Reacher e Helen Rodin acabaram ficando lado a lado. Sem mais rancores. Apenas a perseguição aos criminosos. A maior parte do documento era composta por linguagem de máquina e informação de fonte. Letras, números, tempos, origens. A mensagem substancial era curta. Há dois meses, a sra. Oline Anne Archer registrara queixa do desaparecimento do marido. O nome dele era Edward Stratton Archer. Ele deixara a casa para ir ao trabalho logo cedo numa trivial segunda-feira e não havia retornado até o final do dia na quarta-feira, quando a queixa fora registrada.

— Ele ainda está desaparecido? — perguntou Helen.

— Sim — respondeu Franklin. Ele apontou para uma letra *A* enterrada em meio aos códigos no alto da página. — O desaparecimento ainda está ativo.

— Vamos falar com as amigas de Oline — disse Reacher. — Precisamos de mais informações.

— Agora? — perguntou Franklin.

— Temos apenas 12 horas — disse Reacher. — Sem tempo para desperdiçar.

Franklin escreveu nomes e endereços da colega de trabalho e da vizinha de Oline Archer. Entregou o papel a Ann Yanni, pois era ela quem pagava a conta.

— Vou ficar aqui — disse ele. — Ver se o marido aparece nos bancos de dados. Isso pode ser uma coincidência. Talvez ele tenha uma esposa em cada estado. Não seria a primeira vez.

— Não acredito em coincidências — disse Reacher. — Por isso não perca tempo. Encontre um número de telefone para mim. Um

homem chamado Cash. Ex-*marine*. É o dono do clube de tiro onde James Barr ia treinar. No Kentucky. Telefone para ele.

— Qual o recado?

— Dê a ele meu nome. Diga a ele para entrar em sua Humvee e dirigir até aqui, hoje à noite. Diga a ele que tem um torneio novo acontecendo.

— Torneio?

— Ele entenderá. Diga a ele para trazer seu M24. Com mira noturna. E o que quer que esteja sobrando por lá.

Reacher seguiu Ann Yanni e Helen Rodin pela escada. Entraram no Saturn de Helen, as mulheres na frente e Reacher atrás. Ele deduziu que todos teriam preferido o Mustang, mas ele tinha apenas dois lugares.

— Onde primeiro? — perguntou Helen.

— Qual o mais perto? — quis saber Reacher.

— A colega de trabalho.

— OK, ela primeiro.

O tráfego estava lento. As ruas estavam sendo recapeadas e o vaivém dos veículos responsáveis pelas obras tumultuava o cotidiano da região. Reacher olhou do relógio para a janela. Estava escurecendo. A noite se aproximava. O tempo passava.

A colega de trabalho vivia num subúrbio a leste da cidade. Era repleto de ruas residenciais, alinhadas em ambos os lados com casas modestas. As casas eram em lotes pequenos, tinham bandeiras e cestas de basquete sobre a porta das garagens, antenas de TV a cabo em chaminés de tijolos. Algumas das árvores nas calçadas tinham fitas amarelas desbotadas amarradas em volta. Reacher deduziu que elas simbolizavam a solidariedade com as tropas que serviam fora do país. Que conflito, ele não tinha certeza. Qual o sentido daquilo ele não fazia ideia. Ele servira fora do país por mais de 13 anos e nunca encontrou ninguém que ao voltar para casa se importasse com o que estava amarrado em árvores pelo país. Enquanto alguém

enviasse pagamentos, comida, água e munição e as esposas se mantivessem fiéis, a maioria dos rapazes se via suficientemente feliz.

O sol descia atrás deles e Helen dirigia devagar, olhando atentamente os números das casas. Ela avistou o número que queria e estacionou o carro na entrada da garagem, atrás de um pequeno sedã. Era novo. Reacher reconheceu a marca da caminhada que fizera na estrada das quatro pistas: A Melhor Garantia da América!

A colega de trabalho de Oline era uma mulher cansada e estressada de uns 35 anos. Ela abriu a porta e saiu na varanda, fechando-a novamente para bloquear o barulho do que parecia uma dúzia de crianças fazendo bagunça. Ela reconheceu Ann Yanni de imediato. Até mesmo olhou por trás dela, procurando uma equipe de filmagem.

— Sim? — disse ela.

— Precisamos conversar sobre Oline Archer — disse Helen Rodin.

A mulher ficou calada. Ela parecia perturbada, como se soubesse que era de mau gosto falar de vítimas de tragédias com jornalistas. Mas, aparentemente, o status de celebridade de Ann Yanni se sobrepôs à sua relutância.

— O que vocês querem saber? Oline era uma pessoa muito querida, e todos nós no escritório sentimos muito a falta dela.

A natureza do acaso, pensou Reacher. Massacres aleatórios sempre envolviam pessoas descritas posteriormente como queridas. Ninguém jamais dizia *era um dedo-duro asqueroso e estou feliz por ele estar morto. Quem quer que tenha feito isso nos fez um grande favor*. Isso nunca acontecia.

— Precisamos saber algo sobre o marido dela — disse Helen.

— Nunca conheci o marido dela — disse a mulher.

— Oline falava dele?

— Bem pouco. De vez em quando. O nome dele é Ted, eu acho.

— O que ele faz?

— É homem de negócios. Não sei bem que tipo de negócios.

— Oline disse algo sobre ele ter desaparecido?

— Desaparecido?

— Oline deu queixa do desaparecimento dele há dois meses.

— Sei que ela parecia muito preocupada. Achei que ele tivesse problemas com os negócios. Na verdade, creio que ele vinha tendo problemas há um ano ou dois. É por isso que Oline voltou a trabalhar.

— Ela nem sempre trabalhou?

— Ah, não. Acho que trabalhou há muito tempo, e depois parou. Mas teve que voltar. Por causa das circunstâncias. O padrão de vida deles despencou.

— Despencou... — disse Reacher.

— Sim, despencou — disse a mulher. — Ela precisava do emprego, financeiramente. Acho que ela tinha vergonha disso.

— Mas ela não lhe deu detalhes? — perguntou Ann Yanni.

— Ela era muito reservada — disse a mulher.

— É importante.

— Ela andava muito estranha. Aquilo não era normal. Cerca de uma semana antes de morrer, ela ficou fora uma tarde inteira. Aquilo não era nada normal.

— Você sabe o que ela estava fazendo?

— Não, não sei mesmo.

— Qualquer coisa que se lembrar do marido dela ajudaria.

A mulher balançou a cabeça.

— O nome dele é Ted. Isso é tudo que posso afirmar.

— OK, obrigada — disse Helen.

Ela se virou e caminhou de volta para o carro. Yanni e Reacher a seguiram. A mulher na varanda olhou para eles, desapontada, como se tivesse falhado num teste.

— Primeira tentativa — disse Ann Yanni. — Mas não se preocupem. É sempre assim. Às vezes acho que devíamos sempre

pular a primeira pessoa da lista. Elas nunca sabem de nada.

Reacher estava sentado desconfortável no banco de trás do carro. Uma moeda lhe espetava a coxa. Ele se contorceu e tirou-a do bolso. Era uma moeda de 25 centavos, nova e brilhante. Ele olhou para ela por um instante e guardou-a em outro bolso.

— Concordo — disse ele. — Devíamos ter pulado essa. Minha culpa. É óbvio que uma colega de trabalho não saberia muito. As pessoas são muito reservadas com colegas de trabalho. Especialmente ricos passando por momentos difíceis.

— A vizinha saberia de mais coisas — disse Yanni.

— Espero — disse Helen.

Eles ficaram presos no trânsito que cruzava a cidade. Partiram dos subúrbios a leste e dirigiam na direção oeste. Uma viagem muito lenta. Reacher olhava do relógio para a janela mais uma vez. O sol estava baixo no horizonte à frente. Atrás já estava escuro.

O tempo passava.



Rosemary Barr se mexia na cadeira e tentava lutar contra a fita adesiva que amarrava seus pulsos.

— Sabemos que foi Charlie quem cometeu os crimes — disse ela.

— Charlie? — repetiu o Zec. — Chenko — disse o Zec. — O nome dele é Chenko. Foi sim, foi ele mesmo. Taticamente, aquele era o plano dele. Executou bem. Claro, seu porte físico ajudou. Ele conseguiu usar seus próprios sapatos dentro dos do seu irmão. Mas teve que enrolar a calça e as mangas da capa de chuva.

— A gente já sabia — disse Rosemary.

— A gente quem? E o que exatamente eles sabem?

— Helen Rodin sabe.

— Você a dispensará como sua advogada. Cessará a representação. Ela ficará incapaz de repetir qualquer coisa que ficou sabendo enquanto você era cliente dela. Não é mesmo, Linsky?

Linsky concordou com a cabeça. Estava a menos de dois metros, no sofá, apoiado num ângulo estranho para descansar as costas.

— Essa é a lei — disse ele. — Aqui na América.

— Franklin também sabe — disse Rosemary. — Ann Yanni também.

— Boatos — disse o Zec. — Teorias, especulação e mentiras. Esses dois não têm evidências persuasivas. E nenhuma credibilidade. Detetives particulares e jornalistas são exatamente aquelas pessoas que tentam vender explicações ridículas e mirabolantes para fatos como esse. Isso já é esperado. A ausência desse tipo de coisa seria incomum. Um presidente foi assassinado neste país há mais de 40 anos e pessoas como eles dizem que a verdade ainda não foi descoberta.

Rosemary ficou calada.

— Seu depoimento será definitivo — disse o Zec. — Você vai até Rodin e fala, sob juramento, de como seu irmão planejou tudo. Como ele te disse o que faria. Em detalhes. A hora, o local, tudo mais. Você dirá que se arrepende profundamente por não ter levado a sério. Então, uma desculpa barata para um defensor público dar uma olhada na sua evidência e declarar seu irmão culpado, encerrando a questão.

— Não farei isso — afirmou Rosemary.

O Zec olhou diretamente para ela.

— Fará sim — disse. — Posso lhe garantir. Dentro de 24 horas estará implorando para fazer isso. Você ficará louca de medo com a possibilidade de mudarmos de ideia e não deixarmos você fazer isso.

A sala ficou em silêncio. Rosemary olhou para o Zec como se tivesse algo a dizer. Então desviou o olhar. Mas o Zec respondeu assim mesmo. Ele ouviu a mensagem alto e claro.

— Não, não estaremos com você durante o depoimento — disse ele. — Mas saberemos o que você falou. Em minutos. E nem pense em cortar caminho pela rodoviária. Para início de conversa, mataremos seu irmão. Além disso, não existe buraco neste mundo onde não possamos encontrá-la.

Rosemary ficou calada.

— De qualquer forma — disse o Zec —, não vamos discutir. É improdutivo. E não faz sentido. Você diz a eles o que instruirmos você a dizer. E você obedecerá, sabe disso. Você verá. Ficará desesperada para cumprir nosso desejo. Desejará que marquemos a entrevista para o quanto antes no fórum. Você passará o tempo de espera ajoelhada, implorando por uma chance para nos mostrar como manterá a palavra. É assim que normalmente acontece. Somos muito bons no que fazemos. Aprendemos com os mestres.

— Meu irmão tem Parkinson — disse Rosemary.

— Quando isso foi diagnosticado? — perguntou o Zec, pois sabia a resposta.

— Está em desenvolvimento.

O Zec balançou a cabeça.

— Subjetivo demais para ajudar. Quem dirá que isso não pode ser uma condição similar que surgiu de repente pelas lesões recentes? Se não, quem dirá que essa condição impediria de fato que ele fizesse o que fez? Atirando a uma distância tão pequena? Se o defensor público trouxer um especialista, Rodin trará três. Ele encontrará médicos que jurarão que sofria dessa doença desde o dia em que nasceu.

— Reacher sabe — disse Rosemary.

— O soldado? Ele estará morto pela manhã. Morto ou em fuga.

— Ele não fugirá.

— Então estará morto. Ele virá procurar você esta noite. Estaremos prontos para ele.

Rosemary ficou calada.

— Outros homens já vieram antes durante a noite — disse o Zec. — Várias vezes, em vários lugares. E ainda estamos de pé. *Da*, Linsky?

Linsky concordou com a cabeça.

— Ainda estamos de pé — disse ele.

— Quando ele virá? — perguntou o Zec.

— Não sei — disse Rosemary.

— Às quatro da manhã — disse Linsky. — Ele é americano. São treinados para achar que esse é o melhor horário para um ataque de surpresa.

— Direção?

— Do norte faria mais sentido. A pedreira ocultaria sua área de atuação e deixaria apenas 180m de terreno aberto para ele cobrir. Mas acho que tentará nos enganar com isso. Evitará o norte, pois sabe que é o melhor caminho.

— Não virá pelo oeste — disse o Zec.

Linsky balançou a cabeça.

— Concordo. Não pela estrada de acesso. Reta demais e muito aberta. Ele virá do sul ou do leste.

— Ponha Vladimir com Sokolov — disse o Zec. — Diga a eles que mantenham o olho no norte e no oeste também. Todas as quatro direções devem ser monitoradas continuamente, só para garantir. E ponha Chenko no corredor do andar de cima com seu rifle. Ele ficará pronto para correr para qualquer janela que precisar. Com Chenko, um disparo será suficiente.

Então, olhou para Rosemary Barr.

— Enquanto isso, colocamos você num local seguro — disse ele. — Sua tutela começará assim que o soldado for enterrado.



Os subúrbios do lado oeste eram comunidades-dormitórios para as pessoas que trabalhavam na cidade e, por isso, o tráfego era ruim por todo o trajeto. As casas eram muito maiores e mais imponentes do que as do lado leste. Todas tinham dois andares, eram diferentes entre si e muito bem cuidadas. Todas tinham terrenos vastos, piscinas e jardins verdes e chiques. Com os últimos raios de sol atrás deles, pareciam fotos de uma revista de turismo.

— Classe média conservadora — disse Reacher.

— O que todos sonhamos ser um dia — disse Yanni.

— Não vão querer falar — disse Reacher. — Não é do feitio deles.

— Falam sim — disse Ann Yanni. — Todo mundo fala comigo.

Eles passaram pela casa dos Archer, lentamente. Havia uma placa de ferro embaixo da caixa do correio: TED E OLINE ARCHER. Ao fundo, atrás de um gramado amplo e aberto, a casa parecia fechada, escura e silenciosa. A arquitetura era no estilo Tudor. Pilares marrons, reboco creme. Uma garagem para três veículos. Ninguém em casa, pensou Reacher.

A vizinha que procuravam vivia do outro lado da rua e um lote ao norte. A casa tinha aproximadamente o mesmo tamanho da casa dos Archer, mas era construída em estilo italiano. Detalhes em pedras, pequenas torres, blecautes verde-escuros nas janelas do primeiro piso de frente para o sul. Estava escurecendo e as luminárias se acendiam dentro da casa. A rua parecia acolhedora, tranquila, muito satisfeita consigo.

— *Todos os bichos* — disse Reacher —, *grandes, pequenos, dormem tranquilos, enquanto tu zelas por nós na solidão*.

— Você conhece George Orwell? — perguntou Ann.

— Eu cursei uma faculdade — disse Reacher. — West Point é tecnicamente uma faculdade.

— *A ordem social vigente é uma farsa e as suas crenças mais queridas são, em sua maioria, ilusões* — disse Yanni.

— *Um indivíduo pensante viver em uma sociedade dessas sem querer mudá-la* — disse Reacher.

— Tenho certeza de que *esses* bichos são pessoas boas — disse Helen.

— Mas será que falam conosco?

— Falam sim — repetiu Ann Yanni. — Todo mundo fala.

Helen virou numa entrada de garagem de pedra e estacionou atrás de uma caminhonete importada, com rodas enormes e cromadas. A porta principal da casa era feita de carvalho antigo, com detalhes de ferro e cabeças de pregos tão grandes quanto bolas de golfe. Parecia que se podia entrar direto na Renascença por aquela porta.

— *A propriedade é roubo* — disse Reacher.

— Proudhon — completou Ann Yanni. — *Propriedade é desejável, é um bem positivo no mundo*.

— Abraham Lincoln — disse Reacher. — No seu primeiro *State of the Union*.

Na porta, havia um batedor na forma de argola na boca de um leão. Helen levantou-o e usou-o para bater na porta. Em seguida, encontrou uma discreta campainha elétrica e apertou-a também. Eles não ouviram nenhum som vindo de dentro da casa. Porta pesada, paredes grossas. Ela tentou de novo a campainha e antes de tirar o dedo do botão a porta se abriu. Um homem apareceu, segurando a maçaneta pelo lado de dentro.

— Pois não? — disse ele. Tinha cerca de 40 anos, boa postura, próspero, provavelmente membro de algum clube de golfe, talvez um filantropo, talvez do Rotary. Usava calça de veludo e suéter quadriculado. Era o tipo de homem que chega em casa e troca de roupa imediatamente.

— Sua esposa está? — perguntou Helen. — Gostaríamos de conversar com ela sobre Oline Archer.

— Sobre Oline? — disse o homem.

Ele olhava para Ann Yanni.

— Sou advogada — disse Helen.

— O que há para ser dito sobre Oline?

— Talvez mais do que imagina — disse Ann.

— Você não é advogada.

— Estou aqui como jornalista — disse ela. — Mas não atrás de fofocas. Nada de mau gosto. Pode ter havido um erro de justiça. Esse é o assunto.

— Um erro de que tipo?

— A polícia pode ter prendido o homem errado pelo massacre. É por isso que estou aqui. É por isso que todos nós estamos aqui.

Reacher observou o homem. Estava ali parado, segurando a porta, tentando decidir. No final, suspirou e recuou.

— Entrem — disse.

Todos falam.

Ele foi na frente, passando por um corredor amarelo até uma sala de estar. Era ampla e imaculada. Móveis de veludo, mesinhas de mogno, uma lareira de pedra. Sem televisão. Provavelmente havia uma sala separada para isso, talvez uma sala de projeção. Ou talvez eles nem assistissem televisão. Reacher viu Ann Yanni calculando as probabilidades.

— Vou chamar minha esposa — disse o homem.

Voltou um minuto depois, com uma bela mulher, um pouco mais nova do que ele. Ela vestia jeans e blusa de frio amarela, como as paredes do corredor. Mocassins nos pés. Sem meias. Seus cabelos foram produzidos para parecerem bagunçados pelo vento e casuais. Tinha altura mediana e um físico que apontava para livros de dieta e muito tempo gasto em aulas de aeróbica.

— Do que se trata? — perguntou ela.

— Ted Archer — disse Helen.

— Ted? Achei que você tivesse dito ao meu marido que era sobre Oline.

— Achamos que pode haver uma conexão. Entre o que ocorreu com eles.

— Como pode haver uma conexão? Tenho certeza de que o que aconteceu com Oline foi puro acaso.

— Talvez não.

— Como assim?

— Suspeitamos que Oline pode ter sido um alvo específico, oculto atrás da aleatoriedade dos demais disparos.

— Isso não seria um assunto para a polícia?

Helen fez uma pausa.

— No momento, a polícia parece satisfeita com o que tem em mãos.

A mulher olhou para o marido.

— Então não sei se devíamos falar sobre esse assunto — disse ele.

— De forma alguma? — perguntou Ann Yanni. — Ou apenas comigo?

— Não sei se queremos aparecer na TV.

Reacher sorriu para si mesmo. O outro lado das coisas.

— Isso é apenas uma investigação preliminar — disse Ann. — Vocês decidem se querem aparecer ou não.

A mulher se sentou no sofá e o marido ao lado dela, bem perto. Reacher sorriu para si mesmo novamente. Eles adotaram, inconscientemente, a pose usual de um casal em entrevistas de televisão. Dois rostos juntos, enquadrados perfeitamente para uma tomada fechada de câmera. Yanni se sentou bem na ponta de uma poltrona diante deles, inclinando-se para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos e uma expressão franca e aberta no rosto. Helen puxou uma cadeira. Reacher afastou-se e foi para perto da janela. Afastou as cortinas. Lá fora já estava escuro.

O tempo passava.

— Fale-nos de Ted Archer — pediu Ann Yanni. — Por favor. — Um pedido simples, poucas palavras, mas seu tom dizia: *Acho vocês*

dois as pessoas mais interessantes no mundo e adoraria ser sua amiga. Por um instante, Reacher achou que Ann tinha enveredado por outro caminho. Ela daria uma ótima policial.

— Ted tinha problemas nos negócios — disse a mulher.

— É por isso que desapareceu? — perguntou Ann. A mulher deu de ombros.

— Essa foi a dedução inicial de Oline.

— Mas?

— Depois ela rejeitou essa explicação. Acho que ela estava certa em fazer isso. Ted não se comportaria dessa forma. E seus problemas não eram… A verdade era que ele estava sendo passado para trás, estava furioso com isso e estava lutando. Pessoas que lutam não largam tudo dessa forma. Não acha?

— De que modo ele estava sendo passado para trás?

A mulher olhou para o marido. Ele se inclinou para a frente. Coisa de menino.

— Seu principal cliente parou de comprar dele. Isso acontece. O poder no mercado é flutuante. Então Ted ofereceu renegociação. Ofereceu diminuição de preço. Não chegaram a um acordo. Então, ofereceu diminuir ainda mais. Ele me disse que chegou a ponto de oferecer de graça. E nada de acordo. Eles simplesmente não comprariam mais.

— O que você acha que estava acontecendo? — perguntou Ann. *Continue falando, senhor*.

— Corrupção — disse o homem. — Persuasão ilícita. Era óbvio. Um dos concorrentes de Ted estava oferecendo propina. Não tem como um homem honesto competir com isso.

— Quando começou?

— Cerca de dois anos atrás. Era um grande problema para eles. Financeiramente, despencaram. Sem fluxo de capital. Ted vendeu o carro. Oline teve que trabalhar. O trabalho no Departamento de Trânsito foi tudo o que ela conseguiu. Eles a promoveram a

supervisora depois de cerca de um mês. — Ele abriu um sorriso contido, orgulhoso de sua classe. — Mais um ano e ela estaria gerenciando aquele lugar. Ela chegaria a diretora da repartição.

— O que Ted fazia em relação a tudo isso? Como ele reagia?

— Estava tentando descobrir quem era esse concorrente.

— E descobriu?

— Não sabemos. Ele tentava há muito tempo e de repente desapareceu.

— Oline incluiu isso na ocorrência?

O homem se recostou e a mulher se inclinou mais uma vez. Balançou a cabeça.

— Oline não queria. Não naquele momento. Não havia provas. Apenas especulações. Ela não queria sair acusando ninguém. E nada estava definitivamente conectado. Acho que, da maneira como falamos sobre isso agora, tudo parece muito mais óbvio do que naquele momento. Digo, Ted não era Sherlock Holmes ou algo do tipo. Ele não estava no caso 24 horas por dia, sete dias por semana. Ele ainda fazia coisas habituais. Apenas conversava sobre o assunto com certas pessoas quando podia, sabe, fazendo perguntas, comparando anotações, preços, tentando juntar as peças. Foi um período de dois anos. Conversas ocasionais, telefonemas, perguntas, coisas do tipo. Certamente, nada disso parecia perigoso.

— Oline em algum momento levou os fatos a alguém? Mais tarde, talvez?

A mulher concordou com a cabeça.

— Ela não fez nada durante dois meses depois do desaparecimento dele. Nós conversávamos. Ela estava confusa. Por fim, decidiu acreditar que havia uma conexão. Concordei com ela. Ela não sabia o que fazer. Disse a ela que telefonasse para a polícia.

— E ela?

— Não telefonou. Foi lá pessoalmente. Achou que eles a levariam mais a sério cara a cara. Não que eles tivessem feito isso,

aparentemente. Nada aconteceu. Foi como jogar uma pedra num poço e nunca ouvi-la atingir a água.

— Quando ela procurou a polícia?

— Uma semana antes do ocorrido na praça, na sexta-feira.

Ninguém falou nada. E então, com muito cuidado, Ann Yanni fez a pergunta óbvia:

— Você não suspeitou de uma conexão?

A mulher balançou a cabeça.

— Você suspeitaria? Pareceu uma enorme coincidência. Os tiros foram ao acaso, não foram? Você mesma disse. No noticiário da TV. Ouvimos você dizer. Cinco vítimas aleatoriamente escolhidas, no lugar errado, na hora errada.

Todos ficaram em silêncio. Reacher virou-se da janela.

— Em que tipo de negócios Ted Archer estava envolvido? — perguntou.

— Desculpe, achei que soubessem — disse o marido. — Ele é dono de uma pedreira. Um lugar enorme a 65km daqui. Cimento, concreto e brita. Integrada verticalmente, muito produtiva.

— E quem era o cliente que parou de comprar dele?

— A prefeitura — disse o homem.

— Um grande cliente.

— Maior impossível. Todas essas construções acontecendo agora, isso é um paraíso para pessoas desse ramo. A prefeitura vendeu 90 milhões de dólares em títulos municipais livres de tributação apenas para cobrir o primeiro ano. Adicione os inevitáveis gastos a mais e isso é um negócio de nove dígitos para um empresário.

— Que carro Ted vendeu?

— Um Mercedes-Benz.

— E depois disso ele dirigia o quê?

— Usava uma caminhonete da empresa.

— Você chegou a vê-la?

— Todos os dias durante dois anos.

— Que caminhonete era?

— Uma picape Chevy, eu acho.

— Uma Silverado marrom antiga? Rodas simples de aço?

O homem o fitou.

— Como você sabia disso?

— Mais uma pergunta — pediu Reacher. — Para sua esposa.

Ela olhou para ele.

— Depois que Oline foi até a polícia, ela lhe disse com quem falou? Foi com um detetive chamado Emerson?

A mulher balançou a cabeça.

— Eu disse a Oline que, se ela não queria telefonar, era melhor ir até a delegacia. Ela disse que era muito longe, e ela nunca tinha tempo. Ela disse que iria direto ao promotor. O escritório dele é muito mais perto do trabalho dela. E Oline era assim mesmo. Ela preferia ir direto ao topo. Então, levou o assunto direto a Alex Rodin.



Helen Rodin ficou em silêncio absoluto na viagem de volta à cidade. O silêncio era tamanho, que ela tremia e balançava com ele. Seus lábios estavam cerrados, o rosto contraído e os olhos arregalados. Seu silêncio tornava impossível para Reacher ou Ann falarem. Era como se todo o ar de dentro do carro tivesse sido removido, e tudo o que ficara para trás fosse um buraco negro de um silêncio tão alto que doía.

Ela dirigiu como um robô, com competência, nem rápido nem devagar, obedecendo mecanicamente às demarcações das pistas, aos sinais e às placas de trânsito. Parou o carro no estacionamento do escritório de Franklin e deixou o motor ligado. Em seguida, disse:

— Vocês dois vão na frente. Não posso continuar.

Ann Yanni desceu e caminhou até a escada. Reacher ficou no carro e inclinou-se no banco de trás.

— Tudo ficará bem — disse ele.

— Não ficará.

— Helen, desligue este carro e suba já. Você é uma advogada e tem um cliente com problemas. — Em seguida, Reacher desceu do carro e, antes de contornar o capô, Helen já esperava por ele na base da escada.

Franklin estava na frente do computador, como sempre. Ele disse a Reacher que Cash estava a caminho, vindo do Kentucky, sem maiores perguntas. Disse a ele que Ted Archer não aparecia em nenhum banco de dados. E então percebeu o silêncio e a tensão.

— O que houve? — perguntou.

— Estamos a um passo de distância — disse Reacher. — Ted Archer estava no ramo de concreto e ficou de fora de algum contrato nas novas obras da cidade por causa de um concorrente que pagava propina. Tentou provar isso e deve ter chegado bem perto, porque o concorrente tirou ele de circulação.

— Você pode provar isso?

— Apenas por suposição. Nunca encontraremos o corpo sem cavar a Rua 1. Mas sei onde encontro a caminhonete dele. Está no celeiro de Jeb Oliver.

— Por que lá?

— Eles usam Oliver para coisas que não podem fazer por conta própria. Para quando não querem mostrar o rosto ou para quando não podem. Archer, provavelmente, os conhecia e não chegaria perto deles. Mas Oliver é apenas um garoto local. Talvez tenha armado um pneu furado ou pego uma carona. Archer deve ter caído direto numa cilada. E então os bandidos esconderam o cadáver e Oliver escondeu a caminhonete.

— Oline Archer não suspeitou de nada?

— Acabou suspeitando — disse Reacher. — Ela não fez nada durante dois meses, e então, presumivelmente, juntou peças o suficiente para encontrar um sentido naquilo tudo. Em seguida, começou a levar esse assunto a público, o boca a boca começou a se espalhar e uma semana depois estava morta. Tudo planejado daquela forma, pois um marido desaparecido e uma mulher assassinada logo em seguida teriam levantado sérias suspeitas. Mas, enquanto aquilo parecesse obra do acaso, seria visto como uma coincidência.

— Com quem Oline conversou? Emerson?

Reacher ficou calado.

— Com meu pai — disse Helen Rodin.

Todos ficaram em silêncio por um longo momento.

— E agora? — disse Franklin.

— Caia em cima desse teclado de novo — disse Reacher. — Quem quer que seja que ganhou os contratos definiu-se como o bandido nessa história. Então, precisamos saber quem são. E onde estão localizados.

— Registro público — disse Franklin.

— Então cheque.

Franklin virou-se no silêncio e seus dedos corriam pelo teclado. Ele apontava e clicava. Um minuto depois, surgiu com a resposta.

— Serviços Especializados de Indiana — disse. — São deles todos os contratos para cimento, concreto e brita. Muitos, muitos milhões de dólares.

— Onde estão localizados?

— O que acabei de falar foram as notícias boas.

— Quais são as más?

— Não há documentos. Eles são um truste registrado nas Bermudas. Não precisam registrar nada neste país.

— Como funciona esse sistema?

Franklin não respondeu.

— Um truste das Bermudas precisa de um advogado local — disse Helen.

Sua voz estava baixa, calma, resignada. Reacher lembrou-se da placa do lado de fora do escritório de A. A. Rodin: o nome, seguido das letras que indicaram a formação em direito.

Franklin prosseguiu através de mais duas páginas na tela.

— Tem um número de telefone — disse. — É tudo o que temos.

— Qual é o número?

Franklin leu em voz alta.

— Este não é o número do meu pai — disse Helen.

Franklin abriu outra página. Digitou o número, e a tela mudou, dando a ele um nome e um endereço comercial.

— John Mistrov.

— Nome russo — disse Reacher.

— Creio que sim.

— Você o conhece?

— Vagamente. Ele trabalha com testamentos e trustes. Trabalha sozinho. Ele nunca me contratou.

Reacher olhou o relógio.

— Você consegue encontrar um endereço residencial?

Franklin tentou outra página. Digitou o nome e descobriu uma listagem de endereços locais.

— Quer que eu ligue para ele? — perguntou.

Reacher balançou a cabeça.

— Faremos uma visita a ele. Cara a cara funciona melhor quando o tempo é curto.



Vladimir desceu até a sala de vigilância no primeiro piso. Sokolov estava numa cadeira com rodinhas na frente da longa mesa

que tinha quatro monitores. Da esquerda para a direita, estavam rotulados: norte, leste, sul e oeste, o que fazia sentido para alguém que visualizava o mundo numa perspectiva horária. Sokolov rolava a cadeira lentamente, examinando cada imagem, retornando do oeste para o norte com um empurrão na parede. Todos os quatro monitores tinham imagens pouco nítidas e verdes, porque estava escuro lá fora e o sistema de visão noturna já estava funcionando. De vez em quando, um ponto brilhante podia ser visto movimentando-se veloz na distância. Um animal. Noturno. Raposa, gambá, um gato ou cachorro perdido. O monitor norte mostrava um brilho vindo da pedreira. Esse brilho diminuiria, à medida que as máquinas paradas fossem esfriando. Fora isso, tudo o mais no monitor era de um verde-oliva escuro, pois não havia nada mais lá além de quilômetros de plantações constantemente irrigadas com água fria.

Vladimir puxou outra cadeira e sentou-se à esquerda de Sokolov. Ele observaria norte e leste. Sokolov ficaria concentrado no sul e no oeste. Dessa forma, cada um ficaria responsável por uma direção provável e uma improvável. Era uma divisão justa de trabalho.

No corredor do terceiro andar, Chenko carregava sua Super Match. Dez tiros, Lake City .308. Uma coisa que os americanos sabem fazer bem é munição. Ele abriu todas as portas dos quartos para acelerar o seu acesso a todas as direções, se fosse necessário. Caminhou até uma janela e ligou o escopo de visão noturna. Ajustou-o para 70m. Deduziu que receberia o chamado quando o soldado estivesse a cerca de 140m. Esse era o limite preciso das câmeras. Ele se moveria para a janela certa e encontraria o alvo a mais de 90m de distância. Acompanharia o seu progresso. Deixaria que ele viesse em sua direção. Quando chegasse à marca dos 70m, ele o mataria.

Levantou o rifle. Checou a imagem. Era clara e limpa. Observou uma raposa cruzar o terreno do leste para o oeste. Boa caçada, minha

amiguinha. Voltou ao corredor, apoiou a arma na parede e sentou-se numa cadeira para esperar.



Helen Rodin insistiu em ficar no escritório de Franklin. Reacher e Ann Yanni saíram sozinhos, no Mustang. As ruas estavam escuras e tranquilas. Ann dirigia. Conhecia bem a cidade. O endereço que procuravam ficava num prédio de *lofts* onde antes era um depósito, a meio caminho entre as docas e o pátio de manobras da ferrovia. Ann disse que era parte da nova estratégia de urbanização. O Soho vem para o interior. Ela disse que chegara a pensar em comprar um *loft* no mesmo prédio. Então disse: — Devíamos colocar Helen num programa de observação de suicidas em potencial.

— Ela ficará bem — disse Reacher.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza.

— E se fosse com seu pai?

Reacher não respondeu. Ann diminuiu a velocidade enquanto um enorme prédio de tijolos aparecia na escuridão.

— Você pode perguntar primeiro — disse Reacher. — Se ele não responder, eu pergunto em seguida.

— Ele vai responder — disse ela. — Todos respondem.

Mas John Mistrov não respondeu. Era um homem magro, de cerca de 45 anos. Estava vestido como uma vítima de crise de meia-idade e pós-divórcio. Jeans apertados e desbotados artificialmente, camiseta preta, descalço. Eles o encontraram sozinho num enorme *loft* branco, comendo comida chinesa numa caixinha de papelão. No início, ele ficou muito animado em ver Ann Yanni. Talvez passar tempo com celebridades fosse parte do estilo de vida glamouroso que as renovações urbanas prometiam. Mas seu entusiasmo logo

acabou. Desapareceu por completo quando ela discorreu sobre suas suspeitas e insistiu em saber os nomes por trás do truste.

— Não posso te dizer isso — disse ele. — Tenho certeza que você entende que há questões confidenciais envolvidas.

Claro que entendo.

— Eu entendo que crimes sérios foram cometidos — disse Ann. — Isso é o que entendo. E você precisa entender isso também. Precisa escolher de que lado você quer estar, agora, rápido, antes disso tudo se tornar público.

— Sem comentários — disse o homem.

— Não há saída — disse ela com cuidado. — Os nomes que queremos estarão na cadeia pela manhã. Sem volta.

— Sem comentários — disse o homem mais uma vez.

— Quer cair com eles? — perguntou ela com rispidez. — Como cúmplice? Ou quer se livrar disso? A escolha é sua. Mas, de qualquer maneira, você estará no noticiário amanhã. Como criminoso ou como pessoa de bem, do tipo *Oh, meu Deus, eu não sabia de nada, achei que estivesse apenas fazendo meu trabalho*.

— Sem comentários — disse o homem pela terceira vez. Alto, claro e desonesto.

Ann Yanni desistiu. Deu de ombros e olhou para Reacher. Reacher olhou o relógio. O tempo passava. Ele chegou mais perto.

— Você tem plano de saúde? — perguntou.

O homem concordou com a cabeça.

— Plano odontológico?

O homem concordou com a cabeça de novo.

Reacher acertou-lhe um soco na boca. Com a mão direita, um giro curto mas explosivo.

— Vá consertar isso — disse.

O homem cambaleou, encurvou-se e parou tossindo com o queixo coberto de sangue. Lábios cortados, dentes moles e ensanguentados.

— Nomes — disse Reacher. — Agora. Ou despedaço você, lentamente.

O homem hesitou. Erro. Reacher acertou-o novamente. E então ele falou nomes, seis deles, e descrições, um endereço, tudo isso do chão, onde estava estirado, com uma voz grossa e pastosa, pois de sua boca jorrava sangue.

Reacher olhou para Ann.

— Todos respondem — disse.

No escuro, dentro do Mustang no caminho de volta, Ann Yanni disse:

— Ele telefonará para eles para avisar.

— Não mesmo — disse Reacher. — Ele acabou de traí-los. Então, minha aposta é que ele sairá para longas férias amanhã.

— É o que você espera.

— De qualquer maneira, isso não tem importância. Eles já sabem que estou a caminho. Outro aviso não faria diferença.

— Você tem um estilo muito direto. Um estilo que eles não ensinam no primeiro período de jornalismo.

— Posso ensiná-la. Na verdade, a questão é surpreendê-los. Se você os surpreender, não precisa bater com muita força.

Ann Yanni ditou para Franklin os nomes que John Mistrov falara. Quatro deles correspondiam a nomes que Reacher já ouvira antes: Charlie Smith, Konstantin Raskin, Vladimir Shumilov e Pavel Sokolov. O quinto era Grigor Linsky, e Reacher deduziu ser o homem do terno estranho, pois o sexto nome era apenas como Zec Chelovek.

— Achei que você tivesse dito que Zec era uma palavra — disse Franklin.

— E é — disse Reacher. — Chelovek também é. É uma transliteração da palavra deles para ser humano. *Zec Chelovek* significa *ser humano prisioneiro*.

— Os outros não usam codinomes.

— Nem o Zec, provavelmente. Talvez essa seja a única coisa que lhe sobrou. Talvez ele tenha esquecido o próprio nome. Talvez fizéssemos o mesmo se estivéssemos presos num gulag.

— Você parece sentir pena dele — disse Ann.

— Não sinto pena — disse Reacher. — Estou apenas tentando entendê-lo.

— Para não mencionar meu pai — disse Helen.

Reacher concordou com a cabeça.

— O Zec é o mestre dos fantoches. Está no topo da pirâmide.

— O que significa que meu pai é apenas um empregado.

— Não se preocupe com isso agora. Mantenha o foco em Rosemary.

Franklin usou um mapa da internet e descobriu que o endereço fornecido por John Mistrov era de uma pedreira próxima a uma mina cerca de 13km ao norte e a oeste da cidade. Em seguida, pesquisou as declarações de impostos e confirmou que a Serviços Especializados de Indiana era a proprietária da fábrica. Pesquisou mais e descobriu que a outra única propriedade imóvel registrada no nome do truste era uma casa no lote adjacente à pedreira. Ann Yanni disse que conhecia a área.

— Mais alguma nas redondezas? — perguntou Reacher.

Ann balançou a cabeça.

— Nada além de plantações por quilômetros a fio.

— OK — disse Reacher. — É aí. É onde Rosemary está.

Ele olhou no relógio. Dez da noite.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Ann.

— Agora esperamos — respondeu Reacher.

— Esperamos o quê?

— Esperamos Cash chegar do Kentucky. E depois esperamos mais um pouco.

— Pelo quê?

Reacher sorriu.

— Pela calada da noite — disse.

Eles esperaram. Franklin preparou café, Ann Yanni contou histórias da TV sobre pessoas que conhecera, coisas que vira, namoradas de governadores, amantes de esposas de políticos, urnas fraudadas, sindicatos desonestos, grandes plantações de maconha crescendo escondidas atrás de barreiras circulares de milharais nos campos de Indiana.

E então Franklin falou de seus anos como policial. E Reacher falou de seus anos depois de sair do Exército, perambulando, explorando o país e sobre sua vida invisível.

Helen Rodin não disse nada.

Às 23h ouviram um ronco de motor a diesel no lado de fora. Reacher foi até a janela e viu a Humvee de Cash estacionando. *Barulhenta demais*, ele pensou. Não podemos usá-la.

Ou talvez possamos.

— Os marines chegaram — ele disse.

Ouviram os passos de Cash na escada. Ouviram-no bater na porta. Reacher foi até o corredor para abri-la. Cash entrou, vigilante, firme, autoconfiante. Estava todo de preto. Calça preta de lona, casaco preto de lona. Reacher apresentou-o a todos. Ann Yanni, Franklin, Helen Rodin. Todos lhe apertaram a mão e ele se sentou. Em 20 minutos ele já estava aclimatado e pronto para a ação.

— Eles apagaram uma garota de 19 anos? — perguntou.

— Você teria gostado dela — disse Reacher.

— Temos algum plano?

— Estamos prontos para preparar um — disse Reacher.

Ann foi até o carro buscar os mapas. Franklin recolheu as xícaras de café e abriu espaço na mesa. Ann Yanni escolheu o mapa correto. Abriu-o na mesa.

— É como um grande tabuleiro de xadrez — disse ela. — Cada quadrado é um campo de 90m numa linha diagonal. As estradas são organizadas como uma grade, norte-sul, leste-oeste, a cerca de 20

campos de distância. — Ela apontou com os dedos finos e as unhas feitas. — Mas bem aqui temos duas estradas que se encontram e a sudeste da encruzilhada temos um espaço vazio de três campos de largura e cinco campos de altura. Sem cultivo. A parte norte é a pedreira e a casa fica ao sul. Conheço o lugar. Fica a uns 180m da estrada, solitária, no meio de absolutamente nada. Sem jardins, sem vegetação. Mas sem cercas também.

— Planície? — perguntou Reacher.

— Como uma mesa de sinuca — disse Ann.

— É escuro lá — disse Cash.

— Como a capa do capeta — disse Reacher. — E imagino que, se não têm cerca, eles usam câmeras. Com visão noturna. Térmica. Algum tipo de infravermelho.

— Em quanto tempo você pode correr 90m? — perguntou Cash.

— Eu? — disse Reacher. — Levarei tanto tempo que eles poderiam comprar um rifle pelo correio e usá-lo para atirar em mim.

— Qual a melhor maneira de fazer isso?

— Entrar pelo norte — disse Reacher. — Sem dúvida. Podíamos entrar na pedreira pela estrada e caminhar através dela. E então podemos aguardar até o último minuto.

— Não podemos andar em lugar nenhum se eles tiverem equipamento de visão noturna.

— Pensaremos nisso mais tarde.

— OK, mas eles anteciparão o norte.

Reacher concordou com a cabeça.

— Evitaremos o norte. Óbvio demais.

— Sul ou leste seriam as outras melhores opções. Porque, presumivelmente, a estrada de acesso vem do oeste. Provavelmente reta demais e muito aberta.

— Eles pensarão a mesma coisa.

— Estarão certos.

— Eu gosto da ideia da estrada de acesso — disse Reacher. — Como será? Pavimentada?

— Cascalho — disse Yanni. — Eles têm cascalho de sobra da pedreira.

— Barulhento — disse Cash.

— Terá absorvido um pouco de calor durante o dia — disse Reacher. — Estará mais quente do que a terra. Deixará uma faixa de cor na imagem térmica deles. Se o contraste não for bom, deixará também uma zona de sombra nos dois lados.

— Você está de brincadeira? — disse Cash. — Você estará 5 ou 10 graus mais quente do que a temperatura ambiente. Vai aparecer como uma chama no meio da estrada.

— Eles estarão prestando atenção no sul e no leste.

— Não exclusivamente.

— Você tem uma ideia melhor?

— Que tal um ataque frontal completo? Com veículos?

Reacher sorriu.

— Se precisarmos destruir tudo, tudo mesmo, até de manhã, ligamos para os *Marines* dos Estados Unidos.

— Entendido — disse Cash.

— Perigoso demais — disse Reacher. — Não podemos dar a eles um só segundo de aviso e não podemos fazer do local um campo de batalha. Temos que pensar em Rosemary.

Todos ficaram em silêncio.

— Gosto da ideia da estrada de acesso — disse Reacher novamente.

Cash olhou para Helen Rodin.

— Podíamos simplesmente chamar a polícia — disse ele. — Se o promotor é o bandido da história, umas duas equipes da SWAT fariam o serviço.

— Mesmo problema — disse Reacher. — Rosemary estaria morta antes que eles chegassem perto da porta.

— Cortar os cabos de energia? Destruir as câmeras?

— Mesma coisa. Seria um anúncio prévio.

— Você decide.

— A estrada de acesso — disse Reacher. — Gosto da estrada de acesso.

— Mas e as câmeras?

— Pensarei em alguma coisa — disse Reacher. Aproximou-se da mesa. Olhou para o mapa. Em seguida olhou para Cash. — Sua Humvee tem CD player?

Cash fez que sim com a cabeça.

— De fábrica.

— Você se importa se Franklin dirigir?

— Franklin pode ficar com ela de presente. Eu prefiro um sedã.

— OK, sua Humvee é nosso veículo de aproximação. Franklin nos levará até lá e depois volta para cá.

— Nós? — disse Ann Yanni. — Nós todos vamos?

— Lógico — disse Reacher. — Nós quatro lá e Franklin aqui como centro de comunicações.

— Ótimo — disse Ann Yanni.

— Precisamos de telefones celulares.

— Eu tenho um — disse Ann Yanni.

— Eu também — disse Cash.

— Eu também — disse Helen.

— Eu não — disse Reacher.

Franklin tirou um pequeno Nokia do bolso.

— Fique com o meu.

Reacher pegou-o.

— Você pode programar para modo de conferência? Quatro celulares e o seu telefone fixo? Assim que chegar aqui?

Franklin fez que sim com a cabeça.

— Dê-me os números.

— E ponham no modo silencioso — recomendou Reacher.

— Quando? — perguntou Cash.

— Quatro da manhã é o meu horário favorito — disse Reacher. — Mas eles estarão esperando por isso. Aprendemos com eles. Quatro da manhã era quando a KGB saía batendo nas portas. Menor resistência. Tem a ver com o biorritmo. Então, atacaremos de surpresa. Faremos isso às duas e meia.

— Se os surpreender, não terá que bater com muita força? — disse Ann Yanni.

Reacher balançou a cabeça.

— Se fizermos isso, eles não baterão em mim com muita força.

— Onde devo estar? — perguntou Cash.

— No canto sudoeste da pedreira — disse Reacher. — Olhando para o sul e para o leste, na direção da casa. Você pode cobrir o oeste e o norte ao mesmo tempo com o rifle.

— OK.

— O que você trouxe para mim?

Cash enfiou a mão no bolso do casaco de couro e tirou uma faca numa bainha. Atirou-a na direção de Reacher. Reacher a pegou. Era uma faca de uso exclusivo da Marinha. Uma faca de sobrevivência e resgate. Aço especial, epóxi preto, lâmina de 18cm. Usada.

— Só isso? — disse Reacher.

— É só o que tenho — disse Cash. — As únicas armas que possuo são o meu rifle e esta faca.

— Está de brincadeira.

— Sou um homem de negócios, não um psicopata.

— Pelo amor de Deus, Gunny, vou levar uma faca para um tiroteio?

— É só o que tenho — repetiu Cash.

— Que maravilha.

— Você pode pegar a arma do primeiro que cortar com a faca. Encare os fatos. Se você não chegar perto o suficiente de alguém a ponto de poder cortá-lo, não vencerá essa batalha.

Reacher ficou calado.

Eles esperaram. Meia-noite. Meia-noite e meia. Ann Yanni ficou brincando com o celular e depois fez uma ligação. Reacher revisou o plano mais uma vez. Primeiro em sua cabeça e depois em voz alta, até que todos tivessem entendido bem. Detalhes, posições, ajustes.

— Mas ainda podemos mudar tudo — disse ele. — Quando chegarmos lá. Não há nada como ver o terreno com os próprios olhos.

Eles esperaram. Uma da manhã. Uma e meia. Reacher se permitiu pensar no final do jogo. Sobre o que aconteceria no final do jogo. Sobre o que viria depois da vitória. Olhou para Franklin.

— Quem é o número dois de Emerson? — perguntou.

— Uma mulher chamada Donna Bianca — disse Franklin.

— Ela é boa policial?

— Ela é a número dois.

— Ela precisaria estar lá. No final. Aquilo vai virar um circo. Muita coisa para um par de mãos. Quero que leve Emerson e Donna Bianca para lá. E Alex Rodin, claro. Depois que vencermos.

— Eles estarão dormindo.

— Então, acorde-os.

— Se vencermos — disse Franklin.

A 1h45 as pessoas começaram a se agitar. Helen Rodin chegou perto de Reacher e se agachou. Pegou a faca. Olhou para ela. Colocou-a no lugar de novo.

— Por que está fazendo isso? — perguntou.

— Porque eu posso. É por causa da garota.

— Você vai acabar morrendo.

— Improvável — disse Reacher. — Eles são um bando de velhos e idiotas. Já sobrevivi a coisas piores.

— Conversa sua.

— Se eu conseguir entrar sem problemas, estarei seguro o suficiente. De quarto em quarto não será tão difícil. As pessoas ficam

muito assustadas com um invasor dentro de casa. Elas odeiam isso.

— Mas você não entrará sem problemas. Eles o verão no caminho. Reacher enfiou a mão no bolso esquerdo e retirou uma moeda brilhante, a mesma que o incomodara no carro. Entregou a ela.

— Para você — disse.

Ela olhou para a moeda.

— Algo para lembrar de você?

— Algo para lembrar desta noite.

E, então, olhou o relógio. Levantou-se.

— Vamos nessa — ele disse.

capítulo 16

Eles ficaram parados por um instante nas sombras e no silêncio do estacionamento abaixo das janelas iluminadas de Franklin. Então Ann Yanni foi até o carro pegar o CD da Sheryl Crow e entregou-o a Cash. Cash destrancou a Humvee e colocou-o no CD player. Entregou as chaves a Franklin. Franklin sentou-se no banco do motorista. Cash sentou-se ao lado dele com seu M24 sobre os joelhos. Reacher, Ann Yanni e Helen Rodin apertaram-se no banco de trás. — Ligue o aquecedor — disse Reacher.

Cash inclinou-se e girou o botão para a temperatura máxima. Franklin deu a partida. Deu a ré. Girou o volante e partiu na direção oeste. E então virou para o norte. O motor roncava alto e a viagem foi dura. O aquecedor funcionava a todo vapor e o ventilador soprava com força. O interior da caminhonete ficou quente e logo depois já parecia uma sauna. Eles viraram para o oeste, viraram para o norte, viraram para o oeste, viraram para o norte, alinhando-se com a grade que cortava pelos campos. A viagem foi uma série de longas aceleradas, pontuadas por curvas acentuadas e retas. Logo, dobraram na última rua. Franklin estava sentado colado no volante e acelerou com força.

— É aqui — disse Ann. — No final dessa reta, cerca de 5km à frente.

— Ligue a música — pediu Reacher. — Faixa oito.

Cash apertou o botão.

Cada dia é uma estrada sinuosa.

— Mais alto — pediu Reacher.

Cash aumentou o volume. Franklin seguiu em frente, a 100km/h.

— Três quilômetros — disse Ann Yanni. Em seguida: — Um quilômetro e meio.

Franklin continuou dirigindo. Reacher olhou pela janela à sua direita. Observou os campos passando na escuridão. O brilho dos faróis os iluminava. Os braços de irrigação giravam tão vagarosamente que pareciam estar parados. Uma neblina preenchia o ar.

— Farol alto — gritou Reacher. Franklin obedeceu.

— Música no volume máximo — Reacher gritou.

Cash girou o botão para o máximo.

CADA DIA É UMA ESTRADA SINUOSA.

— Menos de um quilômetro — gritou Ann.

— Janelas — gritou Reacher.

Quatro polegares apertaram quatro botões, e todas as quatro janelas se abriram dois centímetros e meio. O ar quente e a música alta vazaram noite afora. Reacher olhou fixamente para a direita e viu a silhueta escura da casa passar rápido, isolada, distante, quadrada, sólida, maciça, com uma luz fraca vindo de dentro. Terra plana em volta. A estrada de acesso de cascalhos, pálida, muito longa, tão reta como uma flecha.

Franklin pisava fundo.

— Placa de pare a 360m — gritou Ann.

— Preparem-se — gritou Reacher. — Hora do show.

— Noventa metros — gritou Ann.

— Portas — gritou Reacher.

As portas se abriram dois centímetros e meio. Franklin pisou no freio. Parou em cima da linha. Reacher, Yanni, Helen e Cash pularam fora. Franklin não hesitou. Partiu logo em seguida como se fosse apenas mais uma placa de pare a altas horas da noite. Os quatro sacudiram a poeira das roupas e ficaram juntos no canto da estrada, olhando para o norte até que o brilho dos faróis, o ronco do motor e a batida da música se perdessem na escuridão e na distância.

Sokolov detectou o calor da Humvee nos monitores oeste e sul quando ela ainda estava a mais de 1,5km da casa. Difícil não ter

detectado. Um veículo grande e potente, viajando em velocidade, deixando rastros de calor pelas janelas abertas… Na tela, parecia um foguete voando de lado. E ele também ouviu, fisicamente, pelas paredes. Motor grande, música alta. Vladimir olhou para ele.

— De passagem?

— Vamos ver — disse Sokolov.

O veículo não reduziu a velocidade. Passou acelerado pela casa e continuou na direção norte. Na tela, deixava um rastro de calor. Através das paredes, ouviram a música passando rapidamente, como uma sirene de ambulância.

— De passagem — disse Sokolov.

— Algum otário — disse Vladimir.

No terceiro andar, Chenko também ouviu. Caminhou até uma janela do lado oeste e olhou para fora. Viu algo preto enorme a uns 90km/h, com os faróis altos, lanternas traseiras altas, música numa altura que ele podia sentir as portas vibrando a 180m de distância. Seguiu em frente. Não diminuiu a velocidade. Ele abriu a janela e inclinou-se para fora para observar a bolha de luz sumir ao norte. Passou por trás do esqueleto de maquinários na pedreira. Mas ainda era visível como um brilho em movimento pelo ar. Depois de 400m, o brilho mudou de cor. Vermelho e não branco. Luzes de freio acendendo no cruzamento. O brilho ficou estático por um breve instante, em seguida a cor desapareceu e o brilho voltou a ser branco, num rápido movimento. O Zec gritou do andar de baixo: — Era ele?

— Não — gritou Chenko de volta. — Apenas algum filhinho de papai dando um passeio.

Reacher foi na frente pela escuridão, quatro pessoas numa fila única na beira da estrada próximo à cerca alta de arame da pedreira à sua esquerda e grandes campos circulares do outro lado da estrada à sua direita. Depois do ronco do motor a diesel e da música alta, o silêncio era absoluto. Não havia nenhum barulho além do chiado

dos mecanismos de irrigação. Reacher levantou a mão e os fez parar onde a cerca formava um ângulo reto e corria na direção leste. O mourão de canto tinha o dobro de espessura e era apoiado por barras anguladas. A vegetação ao longo do acostamento estava alta. Ele caminhou para a frente e checou a vista. Estava a uma diagonal perfeita do canto noroeste da casa. Tinha uma linha de visão de 45 graus, idêntica para a fachada norte e para a oeste. Por causa da diagonal, a distância era de cerca de 275m. A visibilidade era fraca. Havia um pequeno brilho da luz por entre as nuvens, mas nada além disso.

Ele recuou um passo. Apontou para Cash, apontou para a base do mourão.

— Esta é a sua posição — sussurrou. — Dê uma olhada.

Cash chegou para a frente e ajoelhou-se no mato. A menos de dois metros ele estava invisível. Ligou o escopo com visão noturna e levantou o rifle. Movimentou-o lentamente da esquerda para a direita, para cima e para baixo.

— Três andares e um porão — sussurrou. — Telhado alto, paredes laterais de tábuas, várias janelas, uma porta visível no lado oeste. Nada onde você possa se esconder. A área foi terraplanada em todos os lados. Nenhuma vegetação. Você vai parecer um besouro num lençol branco.

— Câmeras?

O rifle se movimentou numa linha reta, da esquerda para a direita.

— Logo abaixo do telhado. Uma no lado norte, uma no oeste. Podemos pressupor o mesmo para os lados que não podemos ver.

— De que tamanho elas são?

— De que tamanho você quer que elas sejam?

— Grandes o suficiente para você acertá-las.

— Engraçadinho. Daqui eu acertaria, mesmo se fossem câmeras de espionagem adaptadas num isqueiro.

— OK, então ouça — sussurrou Reacher. — Faremos da seguinte maneira. Vou me posicionar. E então esperaremos até que Franklin retorne à base e conecte os telefones. Em seguida começarei a me mover. Se eu achar necessário, ordenarei que acerte as câmeras. Quando eu disser, você as destrói. Dois disparos, bangue, bangue. Isso os retardará, talvez 10 ou 20 segundos.

— Negativo — disse Cash. — Não atirarei numa estrutura de madeira onde sabemos que há uma refém.

— Ela estará no porão — disse Reacher.

— Ou no sótão.

— Você atirará logo abaixo do telhado.

— Exatamente. Se ela estiver no sótão e ouvir os disparos, vai até o deque, exatamente onde estou mirando. O teto de um homem é o piso de outro.

— Não há outra solução — disse Reacher. — Arrisque.

— Negativo. Não farei isso.

— Meu Deus, Gunny, você é um Marine linha-dura, sabia disso? Cash ficou calado. Reacher deu um passo à frente e olhou pelo canto da cerca. Deu uma longa olhada e recuou.

— OK — disse. — Novo plano. Fique de olho nas janelas do lado oeste. Se vir algum clarão de rifle, atire nessa direção. Podemos pressupor que a refém não estará no mesmo quarto que o francoatirador.

Cash ficou calado.

— Você fará isso, pelo menos? — perguntou Reacher.

— Talvez você já tenha chegado na casa.

— Vou arriscar. Assumo o risco, OK? Helen é testemunha do meu consentimento. Ela é advogada.

Cash ficou calado.

— Não é à toa que você ficou em terceiro — disse Reacher. — Precisa relaxar mais.

— OK — disse Cash. — Se eu vir fogo hostil, revido.

— Hostilidade é a única coisa que verá, não acha? Como você só me deu uma faca…

— Militar — disse Cash. — Sempre reclamando de alguma coisa.

— E eu, o que faço? — perguntou Helen.

— Novo plano — disse Reacher. Ele tocou a cerca. — Mantenha-se abaixada, siga a cerca e contorne, pare de frente para a casa. Continue abaixada. Eles não verão você de lá. É muito longe. Preste atenção no telefone. Se eu precisar de uma distração, pedirei a você que corra um pouco na direção da casa e volte. Um ziguezague ou um círculo. Vai e volta, bem rápido. Apenas o suficiente para colocar um sinal no monitor deles. Sem perigo. Quando eles moverem o rifle, você já estará de volta à cerca.

Ela fez que sim com a cabeça e ficou calada.

— E eu? — perguntou Ann Yanni.

— Você fica com Cash. Você será a policial ética. Se ele amarelar em me ajudar, você dá um jeito nele, OK?

Ninguém falou nada.

— Todos prontos? — perguntou Reacher.

— Prontos — disseram eles, um após o outro.

Reacher partiu na direção da escuridão, no outro lado da estrada.

Ele continuou a andar, fora do asfalto, cruzando o acostamento, cruzando a margem nua da plantação, seguindo em frente, bem no meio da plantação molhada. Esperou até que o braço do mecanismo de irrigação terminasse o giro e se alinhasse a ele. Assim, ele o acompanhou na direção sul, diretamente abaixo dos regadores, mantendo o passo, deixando que a água que caía ensopasse o seu cabelo, sua pele e suas roupas. O braço do mecanismo se afastou, ao continuar o seu ciclo circular, e Reacher saiu pela tangente, andando na direção da próxima plantação. Aguardou mais uma vez para que o braço do mecanismo de irrigação chegasse até ele e caminhou como fizera no anterior, mantendo a velocidade, levantando os braços para molhar-se o máximo possível. E então aquele braço

continuou o círculo e Reacher caminhou até o próximo. E o próximo e o próximo. Quando finalmente chegou de frente para a entrada da estrada de acesso, ele simplesmente fez um círculo, debaixo do último braço, aguardando o seu celular vibrar, como um homem pego por um tornado.

O celular de Cash vibrou na sua cintura e ele pegou-o e apertou um botão. Ouviu a voz de Franklin, calma e cuidadosa em seu ouvido:

— Manifestem-se — dizia a voz. Cash ouviu Helen dizer:

— Presente. Yanni disse:

— Presente. Cash disse:

— Presente.

E então ouviu Reacher dizer:

— Presente.

— OK, estão todos conectados, alto e claro — disse Franklin —, e o jogo está nas mãos de vocês.

Cash ouviu Reacher dizer:

— Gunny, cheque a casa.

Cash levantou o rifle e apontou-o da esquerda para a direita.

— Tudo na mesma. Reacher disse:

— Estou a caminho.

Em seguida, não houve nada além de um silêncio profundo. Dez segundos. Vinte. Trinta. Um minuto. Dois minutos.

Cash ouviu Reacher perguntar:

— Gunny, você está me vendo?

Cash levantou o rifle de novo e moveu-o no comprimento da estrada de acesso, do início até a casa.

— Negativo. Não vejo você. Onde está?

— Penetrei cerca de 30m na direção da casa.

Cash moveu o rifle. Estimou 30m da estrada e olhou pelo escopo. Não viu nada. Nada mesmo.

— Bom trabalho, soldado. Prossiga.

Ann Yanni inclinou-se para a frente. Sussurrou no ouvido de Cash:

— Por que você não vê ele?

— O homem é louco.

— Por favor, explique isso. Você tem um escopo de visão noturna, não tem?

— O mais caro do mercado — disse Cash. — Funciona com o calor, assim como as câmeras. — Então, apontou para a direita. — Mas aposto que Reacher atravessou pelas plantações e ficou encharcado. A água sai gelada. Então Reacher deve estar a uma temperatura próxima à temperatura ambiente. Se não consigo vê-lo, eles também não conseguem.

— Inteligente — disse Ann.

— Corajoso — disse Cash. — Mas, no fundo, idiota. Porque ele está secando rapidamente. E esquentando.

Reacher andou pela escuridão cerca de sete metros ao sul da estrada de acesso. Nem rápido nem devagar. Seus sapatos estavam encharcados e grudavam na lama. Quase saindo dos seus pés. Ele estava tão frio que tremia violentamente. O que não era nada bom. O tremor é uma reação fisiológica com a função de esquentar um corpo frio o mais rápido possível. E ele não queria se esquentar. Ainda não.

Vladimir trabalhava num certo ritmo. Olhava para o monitor leste por quatro segundos, em seguida para o norte. Leste, dois, três, quatro, norte, dois, três. Leste, dois, três, quatro, norte, dois, três. Não movia a cadeira.

Apenas se inclinava um pouco para um lado e depois para outro. Além dele, Sokolov tinha um ritmo similar nos monitores sul e oeste. Intervalos levemente diferentes. Nada sincronizado perfeitamente. Mas tão bom quanto o seu, deduziu Vladimir. Talvez até melhor. Sokolov passara bastante tempo trabalhando com vigilância.

Reacher prosseguia. Nem rápido nem devagar. No mapa, a estrada de acesso parecia ter cerca de 180m. Do chão, parecia uma

pista de pouso. Mais reta impossível. Larga. E longa, muito longa. Parecia que ele andava há séculos. Mas já estava a menos da metade do caminho até a casa. Continuou andando. Olhando para a frente a cada passo, observando as janelas escuras na distância.

Percebeu que seu cabelo não estava mais pingando.

Ele tocou uma mão com a outra. Seco. Não estava quente, mas também não estava frio.

Continuou andando. Sentiu vontade de correr. Assim chegaria mais rápido. Mas a corrida esquentaria o seu corpo. Reacher se aproximava do ponto sem retorno. Estava bem no meio daquela terra de ninguém. E não estava tremendo. Levantou o celular.

— Helen — sussurrou. — Preciso de distração.

Helen tirou os sapatos de salto e deixou-os na base da cerca. Por um momento absurdo, ela se sentiu como alguém deixando as roupas na areia da praia enquanto entrava no mar para se afogar. Em seguida, pôs as mãos no chão como uma velocista e disparou. Correu feito louca, seis metros, nove, doze, e então parou de repente, de frente para a casa, com os braços abertos, como um alvo. *Atire em mim*, pensou. *Por favor, atire*. Ela ficou assustada com o fato de talvez querer mesmo que aquilo acontecesse e correu de volta num largo círculo em ziguezague. Atirou-se no chão e arrastou-se até a cerca para encontrar os sapatos.

Vladimir a viu no monitor norte. Nada que pudesse ser identificado. Apenas um breve clarão que, por causa da tecnologia usada nas câmeras, aparecia borrado e tremido. Ele se aproximou do monitor e observou a imagem remanescente. Um segundo, dois. Sokolov percebeu a interrupção no ritmo de seu parceiro e olhou para ele. Três segundos, quatro.

— Raposa? — disse Vladimir.

— Não vi — disse Sokolov. — Mas deve ter sido.

— Fugiu de novo.

— OK, então. — Sokolov virou-se para seus dois monitores. Olhou para a imagem do oeste, checou a do sul e continuou sua cadência novamente.

Cash tinha sua própria cadência. Com o escopo do seu rifle, examinava cada centímetro do caminho no que ele julgava ser a velocidade de um homem caminhando. Mas a cada cinco segundos voltava com o rifle, para o caso de sua estimativa não estar correta. Durante um desses retornos ele captou o que parecia ser uma sombra esverdeada, fraca.

— Reacher, posso vê-lo — sussurrou. — Você está visível, soldado.

Reacher respondeu:

— Que tipo de escopo você tem em seu rifle?

— Litton — respondeu Cash.

— É uma marca cara, não é?

— 3.700 dólares.

— Espero que seja melhor do que as câmeras térmicas.

Cash não respondeu.

Reacher disse:

— Bem, pelo menos é o que espero.

Ele continuou caminhando. Provavelmente a coisa menos natural que um ser humano faria: andar devagar e com determinação na direção de um prédio que contém um rifle, provavelmente apontado para o seu peito. Se Chenko tivesse o menor bom senso, esperaria, e esperaria, até que seu alvo estivesse bem próximo. E Chenko parecia ter muito bom senso. Quarenta e cinco metros seriam uma boa distância. Ou 30, como a distância que tomava no edifício-garagem. Chenko era muito bom a essa distância. Isso já tinha ficado muito claro.

Reacher continuou andando. Tirou a faca do bolso, soltou-a da bainha e empunhou-a com a mão direita, devagar e calmamente.

Transferiu o celular para a esquerda e segurou-o próximo ao ouvido. Ouviu Cash dizer:

— Você está completamente visível agora, soldado. Está brilhando como o Cruzeiro do Sul. Parece que está em chamas.

36 metros para chegar.

35.

34.

— Helen? — ele chamou. — Faça novamente.

Ele ouviu a voz dela:

— OK.

Reacher continuou andando. Prendeu a respiração.

32 metros.

31.

30.

Ele soltou a respiração. Continuou andando, esquivando-se. 27 metros para chegar. Ele ouviu ruídos no celular. Helen correndo. Ouviu Ann Yanni perguntar, longe do microfone do celular:

— Ele já está perto?

Ouviu Cash responder:

— Não o suficiente.

Vladimir inclinou-se novamente e disse:

— Lá está de novo. — Pôs o dedo na tela, como se o toque pudesse lhe dizer algo. Sokolov virou-se e olhou. Ele passara muito mais tempo trabalhando com os monitores do que Vladimir. Vigilância fora a sua função. Dele e de Raskin.

— Isso não é nenhuma raposa — disse ele. — É grande demais.

Ele observou por mais cinco segundos. A imagem oscilava da esquerda para a direita no limite de resolução da câmera. Tamanho reconhecível, forma reconhecível, movimento inexplicável. Ele se levantou e andou até a porta. Segurou na armação da porta com as duas mãos e inclinou-se para fora da sala.

— Chenko! — gritou. — Norte!

Atrás dele, na tela oeste, uma forma tão grande quanto o seu polegar crescia ainda mais. Parecia uma imagem feita em cores fosforescentes. Verde-limão na parte externa, uma faixa de um amarelo cítrico com o centro vermelho flamejante.

Chenko entrou num quarto vazio e abriu a janela o máximo que pôde. Em seguida, recuou para a escuridão. Dessa maneira, ele ficava invisível do chão e invulnerável, exceto por um tiro que viesse do terceiro andar de um prédio adjacente. Ligou o escopo de visão noturna e ergueu o rifle. Vasculhou o campo aberto num raio de 180m, para cima e para baixo, da esquerda para a direita.

Viu uma mulher.

Ela corria feito louca, descalça, da esquerda para a direita, para a frente e para trás, como se estivesse dançando ou jogando um jogo fantasma de futebol. Chenko pensou: *O quê?* Preparou o gatilho e tentou antecipar a próxima pirueta. Tentou adivinhar onde estaria o peito da mulher um terço de um segundo depois do disparo. Ele aguardou. E então ela parou de se mover. Ficou completamente imóvel, de frente para a casa, com os braços abertos como um alvo.

Chenko apertou o gatilho.

E então entendeu. E recuou até o corredor.

— Isca! — gritou. — Isca!

Cash viu o clarão de um disparo e disse: — Tiro disparado. — Virou o rifle para a janela do lado norte da casa. O painel inferior da janela estava aberto, o painel superior era fixo. Não fazia sentido atirar pela abertura. O ângulo faria com que ele errasse o tiro. Então, ele atirou pela vidraça. Ele deduziu que se deixasse um rastro de estilhaços de vidro no caminho arruinaria a noite de alguém.

Sokolov observava a imagem alucinante de calor no monitor de Vladimir quando ouviu o tiro disparado por Chenko e seu grito de aviso. E então ouviu um tiro na direção da casa e barulho de vidro quebrado. Afastou-se da mesa e foi até a porta.

— Você está bem? — gritou ele.

— Isca — gritou Chenko de volta. — Só pode ser.

Sokolov virou-se e checou os quatro monitores cuidadosamente.

— Não — gritou ele. — Negativo. Não há nada se aproximando.

Reacher tocou a parede da frente da casa. Laterais de tábuas antigas, pintadas várias vezes. Ele estava 3m ao sul da estrada de acesso, 3m ao sul da porta principal, próximo a uma janela que dava para um quarto escuro e vazio. A janela era um retângulo alto com um painel inferior que deslizava para cima, por trás de um painel superior. Talvez o painel superior deslizasse sobre o painel inferior também. Reacher não sabia o nome daquele estilo. Ele quase nunca vivera em casas e nunca possuíra uma. A casa era muito mais velha do que parecia a distância. Talvez uns 100 anos. Uma casa de 100 anos, janela de 100 anos. Mas será que a janela tinha trancas de 100 anos? Ele encostou o rosto no painel inferior e tentou ver.

Não conseguiu. Escuro demais.

Então ouviu os tiros. Dois disparos, um próximo, outro não, vidro quebrado.

Depois ouviu Cash na sua orelha:

— Helen? Tudo bem?

Não ouviu resposta.

Cash perguntou de novo:

— Helen? Helen?

Sem resposta.

Reacher pôs o celular no bolso. Enfiou a lâmina da faca na fresta entre os dois painéis da janela. Movimentou-a da esquerda para a direita, devagar, cuidadosamente, procurando a tranca. Encontrou uma, bem no centro. Tocou-a gentilmente. Parecia uma pesada tranca de bronze. Ela giraria num ângulo de 90 graus, destravando o painel.

Mas para que lado?

Ele empurrou da direita para a esquerda. Sólida. Puxou a faca e enfiou-a de novo à esquerda do centro. Deslizou-a para trás, até

encontrar a tranca. Empurrou-a da esquerda para a direita.

Ela se moveu

Empurrou com força e destravou-a.

Fácil.

Levantou o painel inferior e rolou o corpo para dentro do quarto.

Cash se ajeitou e moveu o rifle num ângulo de 90 graus até ficar apontado para o leste, ao longo da cerca. Olhou pelo escopo. Não viu nada. Escondeu-se novamente. Levantou o celular.

— Helen? — sussurrou.

Nada.

Reacher cruzou o quarto vazio até a porta. Estava fechada. Encostou a orelha na porta e prestou atenção. Não ouviu nada. Girou a maçaneta, devagar, com muito cuidado. Abriu a porta, bem lentamente. Checou o corredor.

Vazio.

Havia luz saindo de uma sala a quatro metros e meio à sua esquerda. Ele parou. Levantou um pé de cada vez e limpou as solas dos sapatos na calça. Limpou as mãos. Deu um único passo. Testou o assoalho. Nenhum barulho. Prosseguiu, vagarosamente, em silêncio. Mocassins. Bons para alguma coisa. Ele se manteve colado na parede, onde o assoalho era mais resistente. Parou a menos de um metro de distância da sala iluminada. Respirou fundo. Foi em frente.

Chegou à porta.

Via dois homens de costas. Estavam sentados lado a lado em frente a uma mesa longa. Olhando para monitores de TV. E para imagens fantasmagóricas na escuridão. Na esquerda, Vladimir. Na direita, um homem que ele não vira antes. Sokolov. Deve ser. À direita de Sokolov, a menos de um metro de distância dele, uma arma descansava na beirada da mesa. Uma Smith and Wesson modelo 60. O primeiro revólver de aço inoxidável produzido no mundo. Cano de 2,5 polegadas. Cinco balas.

Reacher deu um passo silencioso dentro da sala. Parou. Prendeu a respiração. Girou a faca na mão. Segurou a lâmina a 2cm da ponta entre o polegar e o dedo indicador dobrado. Levantou o braço. Levou-o por trás da cabeça. Soltou a força.

Atirou a faca.

A faca enterrou-se na nuca de Sokolov.

Vladimir olhou para a direita, na direção do barulho. Reacher já estava em movimento. Vladimir olhou para trás e viu-o. Afastou-se da mesa e começou a levantar. Reacher o viu calculando a distância até a arma. Viu-o indo na direção da arma. Reacher entrou na frente dele, desviou esquivando-se para baixo do soco que Vladimir desferira e enterrou o ombro no peito dele, agarrando seu tórax com ambos os braços e erguendo-o do chão. Apenas o levantou e girou-o para longe da mesa.

E apertou.

O melhor caminho para matar um homem tão grande quanto Vladimir sem fazer muito barulho é simplesmente esmagá-lo até a morte. Sem golpes, sem tiros, sem derrubar nada. Enquanto seus braços e suas pernas não se conectassem com nada sólido não haveria barulho. Sem gritos, sem nada. Apenas um som quase inaudível, enquanto perdia o fôlego para sempre.

Reacher segurou Vladimir a 30cm do chão e o apertou com toda a força. Esmagou o peito de Vladimir num abraço tão destrutivo e forte que nenhum ser humano poderia sobreviver a ele. Vladimir não esperava por isso. Pensou que fosse alguma espécie de preâmbulo. Não o evento principal. Quando se deu conta, entrou em pânico. Dava socos desesperados nas costas de Reacher e chutava-lhe as canelas. *Estúpido*, pensou Reacher. *Você está apenas queimando oxigênio. Logo, logo não vai ter mais, companheiro. Pode acreditar*. Ele o apertou ainda mais. Esmagou-o com mais força. E mais. E mais, num ritmo impiedoso que dizia: *mais, mais, mais*. Seus dentes estavam cerrados. Seu coração, acelerado. Os músculos incharam, tornaram-

se grandes e duros como pedra e começaram a queimar. Ele podia sentir o tórax de Vladimir se movendo, fazendo pequenos sons, separando-se, rachando, sendo esmagado. E sua última respiração vazando de seus pulmões famintos por ar.

Sokolov se mexeu.

Reacher cambaleava com o peso de Vladimir. Virou-se, desajeitado, sobre uma perna. Chutou com a outra e acertou o cabo da faca com a base do calcanhar. Sokolov parou de se mexer. Vladimir também parou. Reacher manteve a pressão por mais um minuto. Em seguida, soltou-o lentamente, dobrou-se e deixou o corpo com cuidado no chão. Depois se agachou. Respirou fundo. Checou o pulso.

Sem pulso.

Ele se levantou e puxou a faca de Cash da nuca de Sokolov e usou-a para cortar a garganta de Vladimir, de orelha a orelha. *Por Sandy*, pensou. Virou-se e cortou a garganta de Sokolov também. Só para garantir. O sangue não espirrou, apenas pingou. O coração de Sokolov já havia parado de bater. Ele se agachou de novo e limpou a lâmina na camisa de Vladimir. Um lado, depois outro. Puxou o celular de dentro do bolso. Ouviu Cash dizer: — Helen?

Ele sussurrou:

— O que houve?

Cash respondeu:

— Atiraram na nossa direção. Não consigo entrar em contato com Helen.

— Ann, mova-se para a esquerda — disse Reacher. — Encontre-a. Franklin está aí?

Franklin disse:

— Aqui.

— Fique preparado para chamar os paramédicos — insistiu Reacher.

Cash perguntou:

— Onde você está?

— Na casa — disse Reacher.

— Reagiram?

— Sem sucesso — disse Reacher. — De onde veio o disparo?

— Janela do terceiro piso, norte. O que faz sentido, taticamente. Eles têm o francoatirador lá em cima. Podem dirigi-lo com base no que veem pelas câmeras.

— Já não podem mais — disse Reacher.

Pôs o celular de volta no bolso. Pegou a arma. Checou o tambor. Carregado. Cinco balas Smith and Wesson calibre .38 especial. Ele foi para o corredor com a faca na mão direita e o revólver na esquerda. Saiu à procura da porta do porão.

Cash ouviu Ann Yanni falando consigo mesma ao sair de perto dele. Voz baixa, mas clara, como um comentário de TV. Ela dizia:

— Estou indo na direção leste, abaixada, seguindo a cerca na escuridão. Estou procurando Helen Rodin. Sabemos que eles atiraram na direção dela. Agora ela não responde ao telefone. Esperamos que ela esteja bem, mas estamos bem preocupados.

Cash ouviu até não poder mais. Balançou a cabeça, confuso. Em seguida, posicionou o olho no escopo e observou a casa.

Rosemary Barr não estava no porão. Reacher levou menos de um minuto para se certificar disso. Era um espaço aberto, enorme, cheirava a mofo, escuro, totalmente vazio, exceto pelas fundações de três chaminés de tijolos.

Reacher parou na caixa de luz. Sentiu vontade de desligar a energia. Mas Chenko tinha visão noturna, e ele não. Então, voltou para cima.

Ann Yanni encontrou os sapatos de Helen Rodin quando tropeçou neles. Estavam lado a lado na base da cerca. Salto alto, couro preto, brilhando levemente sob a luz fraca da lua. Ann chutara-os por acidente e ouviu o som de sapatos vazios. Ela se inclinou e os pegou. Pendurou-os na cerca pelos saltos.

— Helen? — sussurrou. — Helen? Onde você está?

E então ouviu uma voz:

— Aqui.

— Onde?

— Aqui. Continue andando.

Ann Yanni continuou. Encontrou algo preto enrolado na base da cerca.

— Perdi meu celular — disse Helen. — Não consigo encontrá-lo.

— Você está bem?

— Ele errou o tiro. Corri para todos os lados como uma louca. Mas a bala passou muito perto. Fiquei assustada. Larguei o telefone e corri.

Helen se sentou. Ann agachou-se ao lado dela.

— Olha — disse Helen.

Ela segurava algo na palma da mão. Algo brilhante. Uma moeda de 25 centavos, nova e reluzente.

— O que é isso? — perguntou Ann.

— Uma moeda de 25 centavos — disse Helen.

— E daí?

— Reacher me deu.

Helen sorria. Ann Yanni podia ver o branco dos dentes dela sob a luz da lua.

Reacher desceu pelo corredor. Abriu portas e vasculhou quartos dos dois lados no caminho. Todos vazios. Sem uso. Parou na base da escada. Recuou para dentro de uma área de 3 por 6m que um dia pode ter sido sala de visitas. Agachou-se, deixou a faca no chão e pegou o celular.

— Gunny? — sussurrou.

Cash respondeu:

— Está de volta?

— O celular estava no meu bolso.

— Ann encontrou Helen. Tudo bem.

— Ótimo. O porão e o primeiro andar estão vazios. Acho que você acertou. Rosemary deve estar no sótão.

— Você vai subir agora?

— Acho que não tenho escolha.

— Corpos?

— Duas baixas até agora.

— Vários no andar de cima, então.

— Terei cuidado.

— Entendido.

Reacher guardou o celular no bolso e pegou a faca. Levantou-se e seguiu pelo corredor. A escada ficava na parte de trás da casa. Era larga, com corrimão de madeira e degraus baixos. Grandiosa. Havia um platô largo na metade do caminho, onde o corrimão mudava de direção. Ele subiu o primeiro lance de escada de costas. Fazia mais sentido assim. Queria saber de imediato se havia alguém no segundo piso olhando para baixo sobre o corrimão. Manteve-se junto à parede. Se as escadas rangessem, o barulho viria do meio e não dos cantos. Ele subiu lentamente, sentindo com os calcanhares, tocando a escada gentilmente. E em silêncio. Mocassins. Bons para alguma coisa. Depois de cinco passos para cima e para baixo, sua cabeça estava na altura do assoalho do segundo andar. Ele levantou a arma. Deu outro passo. Agora podia ver o corredor inteiro. Estava vazio. Era um espaço acarpetado e tranquilo, iluminado apenas por uma lâmpada fraca. Nada à vista, exceto por seis portas fechadas, três de cada lado. Ele soltou a respiração e chegou até o platô. Virou para a esquerda e subiu o segundo lance de escada. Chegou ao corredor.

E agora?

Seis portas fechadas. Quem estava onde? Ele se movimentou lentamente na direção da frente da casa. Pôs o ouvido na primeira porta. Não ouviu nada. Continuou. Também não ouviu nada na segunda porta. Continuou, mas, antes de chegar na terceira, ouviu sons vindos do andar acima. Sons que vinham através do assoalho.

Sons que ele não entendia. Algo deslizando, raspando, barulhos de algo sendo esmigalhado, repetidos ritmicamente, com um único e leve som de batida de pé no final de cada sequência. *Arrasta, raspa, esmigalha, bate. Arrasta, raspa, esmigalha, bate*. Ele olhou para o teto. E então a terceira porta se abriu e Grigor Linsky surgiu no corredor bem na frente dele. E congelou.

Ele estava em seu terno estranhamente familiar. Cinza, ombros quadrados, calça de bainha dobrada. Reacher esfaqueou-o na garganta. Instantaneamente, com a mão direita, instinto. Enterrou a lâmina e puxou-a para a esquerda. Corte a traqueia. Mantenha-o em silêncio. Ele se afastou para evitar o jorro de sangue. Pegou-o por baixo dos braços, por trás, e levou-o de volta para o quarto de onde saíra. Era uma cozinha. Linsky estava fazendo chá. Reacher apagou o fogo sob a chaleira. Pôs o revólver e a faca sobre a bancada. Dobrou-se e agarrou a cabeça de Linsky entre as mãos, girou-a para a esquerda e violentamente para a direita. Quebrou-lhe o pescoço. O barulho foi alto o suficiente para deixá-lo preocupado. Era uma casa muito silenciosa. Reacher pegou a faca e o revólver e pôs-se a ouvir na porta. Nada, exceto *arrasta, raspa, esmigalha, bate. Arrasta, raspa, esmigalha, bate*. Ele saiu para o corredor. Então deduziu.

Vidro.

Cash atirara no ponto ao norte, escolhido por Chenko, e como todo bom francoatirador procurou causar o maior dano possível com seu disparo. E em contrapartida, como todo bom francoatirador, Chenko estava deixando o seu ambiente de trabalho funcional. Estava limpando os estilhaços de vidro. Ele tinha 25% de chance de ser direcionado de volta àquela janela e queria o seu caminho pelo quarto livre.

Arrasta, raspa, esmigalha, bate. Ele usava a lateral do pé para varrer o vidro. Fazendo um monte. E então dava um passo à frente para varrer o próximo arco. Ele queria um caminho limpo de 60cm cruzando o quarto. Sem perigo de tropeçar ou escorregar.

Quanto ele conseguira limpar?

Reacher caminhou até a escada seguinte. Era idêntica à primeira. Subiu de costas, prestando atenção. *Arrasta, raspa, esmigalha, bate*. Passou pelo platô. Continuou subindo. O corredor do terceiro piso tinha a mesma organização do andar abaixo, mas sem carpete. Apenas tábua corrida. Havia uma cadeira no centro do corredor. Todas as portas estavam abertas. O norte ficava à direita. Reacher podia sentir o ar entrando na casa. Permaneceu colado à parede. Prosseguiu. Os barulhos foram ficando mais intensos. Reacher parou, colado à parede. Respirou fundo. Girou lentamente e deu um passo para a esquerda. Na porta aberta.

Chenko estava a uns três metros de distância dele. Olhando para a janela. O painel inferior fora levantado, por trás do painel superior. Ambos haviam sido destruídos. O quarto estava frio, o chão coberto de estilhaços. Chenko limpava o caminho da porta até a janela. Tinha menos de um metro para acabar. Seu rifle estava encostado na parede, a dois metros de distância dele. Ele estava encurvado, olhando para baixo, concentrado em sua tarefa. Era uma tarefa importante. Derrapar num pedaço de vidro poderia lhe custar um tempo precioso num tiroteio. Chenko tinha disciplina.

E 10 segundos de vida.

Reacher pôs a faca no bolso. Liberou a mão direita. Flexionou. Deu um passo à frente. Andou calma e silenciosamente pelo caminho que Chenko limpara. Quatro passos silenciosos. Chenko percebeu. Endireitou-se. Reacher pegou-o pelo pescoço, por trás. Com uma mão. Segurou com força. Deu mais um passo, longo, e com o braço firme empurrou Chenko para a frente e jogou-o pela janela aberta, de cabeça.

— Eu te avisei — sussurrou na escuridão abaixo. — Devia ter me matado quando te dei a chance. — E então pegou o celular.

— Gunny? — sussurrou.

— Aqui.

— Janela do terceiro andar, onde você atirou. Está vendo?

— Estou.

— Um cara acabou de cair. Se ele se levantar, acerte-o.

Reacher guardou o celular e foi procurar a porta do sótão.

Encontrou Rosemary Barr sã e salva, sentada no chão do sótão. Seus pés estavam amarrados com *silver tape*, os pulsos e a boca também. Reacher pôs o dedo nos lábios dela. Ela concordou com a cabeça. Ele cortou as amarras com a faca manchada de sangue e ajudou-a a se levantar. Ela ficou atordoada por um instante. Em seguida, compôs-se e balançou a cabeça novamente, com uma expressão gentil. E um sorriso. Reacher deduziu que qualquer que fosse o medo que ela sentira e qualquer reação que sentisse naquele momento haviam sido neutralizados por uma determinação inflexível de ajudar o irmão. Se ela sobrevivesse, ele sobreviveria. Aquela crença a mantinha em pé.

— Eles não estão mais aqui? — ela sussurrou.

— Não, exceto Raskin e o Zec — Reacher sussurrou de volta.

— Raskin se suicidou. Ouvi uma conversa. O Zec o obrigou a fazer isso. Porque ele deixou que você roubasse o celular dele.

— Onde é mais provável que o Zec esteja?

— Ele fica na sala a maior parte do tempo. Segundo andar.

— Que porta?

— Última à esquerda.

— OK, fique aqui — Reacher sussurrou. — Vou cuidar dele e volto em seguida.

— Não posso ficar aqui. Precisa me tirar daqui.

Ele parou.

— OK, mas você tem que ficar muito quieta. E não olhe para os lados.

— Por que não?

— Pessoas mortas.

— Fico feliz com isso — ela disse.

Reacher segurou-a pelo braço ao descerem a escada para o corredor do terceiro piso. Em seguida, foi sozinho ao segundo piso. Silêncio total. A última porta à esquerda permanecia fechada. Ele fez um sinal para ela descer. Eles desceram juntos para o primeiro piso. Para a frente da casa. Para o quarto pelo qual entrara. Ele a ajudou a passar pela janela e descer. Apontou: — Siga a estrada de acesso até a estrada principal — ordenou. — Vire à direita. Direi aos outros que você estará indo. Vai encontrar um homem de preto com um rifle. Ele é um dos nossos.

Ela ficou parada por um segundo. Em seguida, dobrou-se, arrancou os sapatos, segurou-os e começou a correr, rapidamente, na direção oeste, pelo chão de terra, para a estrada.

Reacher pegou o celular.

— Gunny? — sussurrou.

— Aqui.

— Rosemary Barr está indo na sua direção.

— Maravilha.

— Junte os outros e encontre-a no caminho. Não há mais visão noturna em operação. E então aguarde. Retorno a você em breve.

— Entendido.

Reacher guardou o celular. Recuou pela casa silenciosa, a caminho do Zec.

capítulo 17

No final, o negócio foi esperar. Espere e boas coisas aparecerão no seu caminho. E coisas ruins. Reacher voltou ao segundo piso. A última porta à esquerda continuava fechada. Ele entrou na cozinha. Linsky estava no chão, de costas, numa poça de sangue. Reacher reacendeu a chama da chaleira. E voltou para o corredor. Andou em silêncio para a parte da frente da casa e encostou-se na parede ao lado da última porta à esquerda.

E esperou.

A chaleira começou a ferver depois de cinco minutos. O apito começou baixo e calmo, e então a nota e o volume subiram ao máximo. Dentro de 10 segundos o segundo andar da casa foi preenchido por um som enlouquecedor. Dez segundos depois, a porta à direita de Reacher se abriu. Um homem pequeno saiu. Reacher deixou-o dar um passo à frente e enfiou o revólver na base de sua garganta. E encarou-o.

O Zec. Era um homem largo, velho, contorcido, encurvado e acabado. Um fantasma. Quase não-humano. Era coberto por cicatrizes e pedaços de pele sem cor. Seu rosto estava enrugado e caído, fervendo de raiva, ódio e crueldade. Estava desarmado. Suas mãos arruinadas não pareciam capazes de segurar uma arma. Reacher forçou-o pelo corredor, até a cozinha, de costas. Até o fogão. O barulho da chaleira era insuportável. Com a mão esquerda, Reacher apagou o fogo. E então levou o Zec de volta para a sala. O assovio da chaleira foi diminuindo, como uma sirene ao longe. A casa voltou a ficar em silêncio.

— Está acabado — disse Reacher. — Você perdeu.

— Não acaba nunca — respondeu o Zec. Voz áspera, grossa, gutural.

— Pense novamente — disse Reacher, com o revólver firme no pescoço do Zec. Baixo e perto demais para ele ver. Reacher puxou o ferrolho. Deliberadamente. Alto. Um barulho inconfundível.

— Tenho 80 anos de idade — disse o Zec.

— Podia ter 100 — disse Reacher. — Vai cair assim mesmo.

— Idiota — retrucou o Zec. — Quero dizer que sobrevivi a coisas muito piores. Desde muito antes de você nascer.

— Ninguém é pior do que eu.

— Não se elogie tanto. Você não é nada.

— Acha mesmo? — disse Reacher. — Você estava vivo nesta manhã e não estará amanhã. Depois de 80 anos. Isso faz de mim alguma coisa, não acha?

Nenhuma resposta.

— Está acabado — disse Reacher. — Pode acreditar. Uma longa estrada, tudo bem, entendo tudo isso, mas este é o fim da linha. Tinha que acontecer em algum momento.

Nenhuma resposta.

— Sabe quando é o meu aniversário? — perguntou Reacher.

— Claro que não.

— É em outubro. Sabe o dia?

— Claro que não.

— Você vai descobrir da maneira mais dolorosa. Estou contando mentalmente. Quando chegar no meu aniversário, puxarei o gatilho.

Ele começou a contar, em sua cabeça. Dia primeiro, dois. Olhou os olhos do Zec. Cinco, seis, sete, oito. Nenhuma resposta. Dez, onze, doze.

— O que você quer? — disse o Zec.

Hora da negociação.

— Quero conversar — disse Reacher.

— Conversar?

— Doze dias — disse Reacher. — Foi o tempo que você durou. E então desistiu. Sabe por quê? Porque quer sobreviver. É o instinto

mais profundo que um homem possui. Obviamente. Do contrário, como teria sobrevivido todo esse tempo? Esse instinto deve ser tão profundo que nem você mesmo o entende. Um reflexo, um vício, role os dados, fique vivo, faça o próximo movimento, o próximo risco. Está no seu DNA. É o que você é.

— E daí?

— E daí temos uma competição. O que você é contra o que eu sou.

— E o que você é?

— Sou o homem que acabou de lançar Chenko da janela do terceiro andar. Depois de esmagar Vladimir até a morte com minhas próprias mãos. Não gostei do que eles fizeram com pessoas inocentes. Então, agora você tem que competir. O seu incrível desejo de sobreviver contra o meu incrível desejo de atirar na sua cabeça e mijar no buraco da bala.

Nenhuma resposta.

— Um disparo — disse Reacher. — Na cabeça. Apagam-se as luzes. A escolha é sua. Mais um dia, outro rolar dos dados. Ou não. Como é o caso agora.

Ele observou o cálculo nos olhos do Zec. Estimativa, avaliação, especulação.

— Posso jogá-lo escada abaixo — disse ele. — Você pode se arrastar e dar uma olhada em Vladimir. Cortei a garganta dele depois do abraço mortal. Só por diversão. Isso é o que eu sou. Então, não pense que não estou falando sério. Faço isso e durmo como uma criança pelo resto da vida.

— O que você quer? — o Zec perguntou de novo.

— Estou com um problema.

— Que problema?

— Um homem inocente que preciso libertar. Preciso que você fale a verdade para um detetive chamado Emerson. A verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade. Preciso que você aponte Chenko

pelo massacre e Vladimir pelo assassinato da garota, e quem quer que tenha sido pelo assassinato de Ted Archer. E o que quer que você tenha feito. A história completa. Incluindo como você e Linsky planejaram tudo.

Um brilho oscilante nos olhos do Zec.

— Por que eu faria isso? Eu pegaria pena de morte.

— Sim, é verdade — disse Reacher. — Isso é certo. Mas ainda estaria vivo amanhã. E no dia seguinte, e no outro. O processo de apelação aqui neste país demora muito. Dez anos, talvez. Talvez você tenha sorte. Pode ser que haja um problema no julgamento, pode ser que você fuja, você pode ser perdoado, talvez ocorra uma revolução ou um terremoto.

— Improvável.

— Bastante — disse Reacher. — Mas não é isso o que você é? Um homem capaz de se apegar ao menor fragmento de chance de viver outro minuto?

Nenhuma resposta.

— Você já me respondeu uma vez — disse Reacher. — Quando desistiu do jogo do aniversário no dia 12 de outubro. Aquilo foi bem rápido. São 31 dias no mês de outubro. A lei das probabilidades dizia que você estaria a salvo até o dia 15 ou 16. Um apostador teria esperado até o dia 20. Mas você não passou do 12. Não porque você seja um covarde. Ninguém poderia acusá-lo disso. Mas porque você é um sobrevivente. É o que você é. Agora, o que quero é uma confirmação prática.

Nenhuma resposta.

— Treze — disse Reacher. — Quatorze, quinze, dezesseis.

— OK — disse o Zec. — Você venceu. Falo com o detetive.

Reacher segurou-o contra a parede com o revólver. Pegou o celular.

— Gunny?

— Aqui.

— Entrem todos. Vou abrir a porta. E Franklin? Acorde aquele pessoal, como combinamos.

O telefone ficou mudo. Franklin desconectara os telefones para dar os telefonemas.

Reacher amarrou pulsos e tornozelos do Zec com os fios dos abajures e deixou-o no chão da sala. Em seguida foi ao andar de baixo. Olhou dentro da sala de vigilância. Vladimir estava de costas numa poça de sangue. Olhos abertos. Assim como sua garganta. Reacher viu até o osso. Sokolov estava caído com o rosto na mesa. Seu sangue estava por toda parte. É possível que tivesse escorrido até a fiação, porque o monitor sul parara de funcionar. As outras três imagens ainda permaneciam lá, verdes e fantasmagóricas. No monitor oeste, quatro corpos eram visíveis na estrada de acesso à casa. Exteriores amarelos, centros vermelhos. Juntos, movendo-se com rapidez. Reacher apagou a luz e fechou a sala. Saiu pelo corredor e abriu a porta da frente.

Ann Yanni entrou primeiro. Em seguida Cash. Depois Rosemary. E Helen Rodin. Ela estava descalça e carregava os sapatos. Estava coberta de lama. Parou na porta e abraçou Reacher com força. Apertou-o por um longo tempo e prosseguiu.

— Que cheiro é esse? — perguntou Ann.

— Sangue — disse Cash. — E outros fluidos orgânicos.

— Estão todos mortos?

— Todos menos um — disse Reacher.

Ele os guiou até o andar de cima. Parou Rosemary do lado de fora da sala de estar.

— O Zec está aí — disse ele. — Você ficará bem na presença dele?

Ela fez que sim.

— Quero vê-lo — disse ela. — Quero fazer uma pergunta a ele.

Ela entrou na sala. O Zec estava no chão, onde Reacher o deixara. Rosemary ficou em pé ao lado dele, segura de si, mas sem tripudiar.

Apenas curiosa.

— Por quê? — perguntou. — Quer dizer, de certo modo eu até entendo o que você achou que tinha que fazer. Da sua perspectiva tosca. Mas por que não usou Chenko do elevado? Por que teve que fazer meu irmão se arruinar?

O Zec não respondeu. Apenas olhou fixamente para o espaço, vendo algo, que com certeza não era Rosemary Barr.

— Psicologia — disse Reacher.

— A dele?

— A nossa. A do público.

— Como assim?

— Era preciso que houvesse uma história — disse Reacher. — Não, havia uma história, e ele tinha que controlar o andamento dessa história. Se ele entregasse um atirador, então a história seria sobre esse atirador. Sem atirador, a história teria sido sobre as vítimas. E se a história tivesse sido sobre as vítimas, várias perguntas teriam sido feitas.

— Então ele sacrificou James.

— É isso o que ele faz. A lista é longa.

— Por quê?

— *Uma morte é uma tragédia, um milhão de mortes é estatística*.

— Joseph Stalin — disse Ann Yanni.

Reacher chutou o Zec para o lado, puxou o sofá de perto da janela, agarrou o homem pelo colarinho, levantou-o e colocou-o sentado, com as mãos amarradas para trás.

— Nossa testemunha-chave.

Ele disse a Cash para se acomodar perto da janela, atrás do sofá. Disse a Ann que encontrasse três cadeiras. Empurrou as poltronas contra as paredes. Ann fez três viagens arrastando cadeiras. Reacher posicionou-as de frente para o sofá. Fez um arranjo quadrado, sofá, cadeiras de frente e poltronas nas laterais.

Suas roupas já estavam quase secas. Apenas úmidas nas costuras. Reacher passou os dedos pelos cabelos. Ajeitou-os. Olhou para o relógio. Quase quatro da manhã. Menor resistência. Questão de biorritmo.

— Agora é só esperar — disse.

Esperaram menos de 30 minutos. E logo ouviram o barulho de carros se aproximando. Pneus no asfalto, ronco de motores e escapamentos. O barulho aumentava. Os carros diminuíam a velocidade. Entraram na estrada de acesso de pedregulhos. Eram quatro carros. Reacher foi até o primeiro andar e abriu a porta. Viu o Suburban preto de Franklin. Viu Emerson descer de um Crown Victoria cinza. Viu uma mulher pequena de cabelos escuros descer de um Ford Taurus azul. *Donna Bianca*, deduziu. Viu Alex Rodin descer de um BMW prata. Rodin trancou-o com o controle remoto. Foi o único a fazer isso.

Reacher se afastou e deixou que eles entrassem no corredor. Em seguida levou-os até o segundo andar. Colocou Alex Rodin, Donna Bianca e Emerson nas cadeiras, da esquerda para a direita. Pôs Franklin numa poltrona ao lado de Ann Yanni. Rosemary Barr e Helen Rodin estavam em poltronas do outro lado da sala. Helen olhava para o pai. Ele olhava para ela. Cash estava perto da janela. Reacher se afastou e parou na porta.

— Comece a falar — disse Reacher.

O Zec ficou em silêncio.

— Posso mandar todo esse pessoal embora — disse Reacher. — Tão facilmente quanto os trouxe aqui. E então começarei a contar novamente. No 17.

O Zec suspirou. Começou a falar. Lentamente, a princípio, e depois mais rápido. Contou uma longa história. Tão grande e tão complexa que ficou confusa. Contou detalhes de crimes antigos e desconectados. Dedurou o funcionário que subornara. Não foi apenas dinheiro. Houve garotas também, fornecidas em pequenos

grupos numa ilha caribenha. Algumas delas muito jovens. Falou sobre a fúria de Ted Archer, sua busca de dois anos, de como chegara perto da verdade. Descreveu a emboscada numa segunda-feira de manhã. Jeb Oliver foi usado. O Dodge Ram vermelho era o pagamento. E então o Zec fez uma pausa, decidiu, prosseguiu. Descreveu a decisão rápida de eliminar Oline Archer dois meses depois, quando ela se tornara perigosa. Descreveu o subterfúgio de Chenko, o planejamento complicado, porém completo, a maneira como fizera James Barr sair do caminho com a promessa de um encontro com Sandy Dupree. Descreveu o fim da utilidade de Jeb Oliver. Contou a eles onde encontrar o corpo do rapaz. Contou a todos sobre Vladimir ter assassinado Sandy, num esforço de dar um basta à intromissão de Reacher. Ele falou por mais de 30 minutos, com as mãos amarradas nas costas, e de repente parou. Reacher percebeu o cálculo nos olhos dele. O Zec já pensava na próxima tacada. O próximo rolar dos dados. Um julgamento anulado. Uma fuga. Uma apelação de 10 anos de duração.

A sala ficou em silêncio.

Donna Bianca disse:

— Inacreditável.

Reacher disse:

— Continue falando.

O Zec apenas olhou para ele.

— Você esqueceu de uma coisa — disse Reacher. — Precisa nos contar do seu homem de confiança infiltrado. É isso que estamos esperando.

O Zec desviou o olhar. Olhou para Emerson. Em seguida para Donna Bianca. E para Alex Rodin. Da direita para a esquerda. E então olhou para Reacher.

— Você é um sobrevivente — disse Reacher. — Mas não é um idiota. Não haverá anulação no julgamento. Não haverá fuga. Você tem 80 anos de idade e não durará o suficiente para um processo de

apelação de 10 anos. Mas concordou em falar assim mesmo. Por quê?

O Zec não disse nada.

— Porque sabia que, mais cedo ou mais tarde, estaria falando com um amigo. Alguém que é dos seus. Alguém que você comprou e pagou. Não estou certo?

O Zec balançou a cabeça lentamente, concordando.

— Alguém aqui e agora, de fato.

O Zec concordou com a cabeça novamente.

— Uma coisa sempre me incomodou — disse Reacher. — Desde o começo. No princípio, não sabia se estava certo ou se estava deixando meu ego interferir. Fui e voltei com isso. Finalmente, resolvi que estava certo. O fato é que, quando estava no serviço militar, eu era um ótimo investigador. Era talvez o melhor que já tiveram. Bateria de frente com qualquer pessoa. E quer saber mais?

— O quê? — perguntou Helen Rodin.

— Eu nunca teria pensado em esvaziar aquele parquímetro. De jeito nenhum. Isso nunca me teria vindo à mente. Então, fiquei pensando. Emerson era um investigador melhor do que eu? Ou ele sabia que a moeda estava lá?

Ninguém se manifestou.

— Emerson não é melhor do que eu fui — disse Reacher. — Isso é impossível. Foi a conclusão a que cheguei. — Olhou para o Zec. — A moeda foi apenas um detalhe extra. Percebe? Não foi natural. Foi ideia de Chenko?

O Zec concordou.

— Você devia ter se manifestado contra essa ideia — disse Reacher, olhando em seguida para Emerson. — Ou você deveria tê-la deixado lá. Você nem ao menos precisava dela para sustentar o caso.

— Isso é conversa fiada — disse Emerson.

Reacher balançou a cabeça discordando.

— Várias coisas fizeram sentido depois disso. Eu li as transcrições das ligações para a emergência e os registros dos rádios para a patrulha. Bem no início você foi rápido em tirar conclusões. Teve um monte de ligações sem sentido de pessoas em pânico, e em 20 segundos já estava no rádio, dizendo a seus policiais que era de um louco com um rifle automático. Não havia base nenhuma para essa conclusão. Seis tiros disparados, sequência irregular, poderiam ser seis garotos, cada um com uma arma de mão, atirando juntos. Mas você já sabia que não era esse o caso.

— Conversa fiada — disse Emerson novamente.

Reacher balançou a cabeça mais uma vez.

— A prova final surgiu quando eu estava aqui negociando com seu chefe. Eu disse que tínhamos que contar a verdade a um detetive chamado Emerson. Eu podia ter dito *a polícia*, generalizando, ou Alex Rodin, o promotor. Mas não foi o que fiz. Disse seu nome, especificamente, e os olhos brilharam. Ele argumentou um pouco, só para disfarçar, mas então concordou sem muitas delongas, pois pensou que ficaria bem enquanto você estivesse no controle.

Silêncio. Então Cash disse:

— Mas Oline Archer foi até Alex Rodin. Ele enterrou o assunto. Foi o que você descobriu.

Reacher balançou a cabeça mais uma vez.

— Descobrimos que Oline Archer foi até o escritório da promotoria. Eu mesmo fui lá, logo que cheguei à cidade. E quer saber de uma coisa? Alex tem um par de moças muito eficientes na recepção. Elas sabem que ele não gosta de visitas sem hora marcada. Aposto e ganho que elas não deixaram Oline falar com Rodin. *Isso é um assunto para a polícia*, elas devem ter dito. A colega de trabalho dela disse que ela ficou fora a maior parte da tarde. Imagino que as recepcionistas a enviaram para o outro lado da cidade até a delegacia, onde ela conversou com Emerson.

Silêncio na sala.

O Zec se mexeu, desconfortável, no sofá.

— Emerson, faça algo, pelo amor de Deus.

— Não há nada que ele possa fazer — disse Reacher. — Não sou estúpido. Eu penso em tudo antes. Tenho certeza de que ele tem uma pistola no coldre, mas estou bem atrás dele com uma faca e um revólver, e Cash está de frente para ele com um rifle escondido atrás do sofá. Além disso, o que ele pode fazer? Creio que podia tentar matar todos aqui e dizer que houve um grande massacre, mas isso só o afundaria mais com a NBC.

Emerson o fitou.

— NBC? — repetiu Cash.

— Vi Ann brincando com o celular. Pressuponho que ela esteja transmitindo tudo isso direto para os estúdios.

Ann Yanni puxou seu Nokia.

— Canal aberto — disse ela. — Gravação de áudio digital em três discos rígidos separados, mais duas fitas analógicas para garantir. Estou gravando tudo desde antes de entrarmos no Humvee.

Cash olhou para ela.

— Por isso me fez aquela pergunta boba sobre o escopo com visão noturna. Por isso falava sozinha como uma comentarista esportiva.

— Ela é jornalista — disse Reacher. — Ganhará um Emmy.

Ninguém disse nada. Todos, de repente, caíram na real.

— Detetive Bianca — disse Reacher em voz mais alta. — Você acaba de ser promovida a comandante do Esquadrão de Crimes Graves. Como se sente?

Ann Yanni contorceu o rosto. Reacher deu um passo à frente e inclinou-se sobre Emerson. Enfiou a mão embaixo da jaqueta dele e pegou uma pistola Glock 9mm. Entregou-a a Bianca.

— Você tem prisões a fazer — disse ele.

E então o Zec sorriu, e Chenko entrou na sala.

Chenko era lama pura e seu braço direito estava quebrado, talvez o ombro, a clavícula ou os três juntos. Seu pulso estava enfiado na camisa como um apoio. Mas não havia nada de errado com o seu braço esquerdo. Nada mesmo. Reacher virou-se para olhá-lo de frente e viu a escopeta calibre 12 de cano serrado em sua mão. Pensou: *De onde ele tirou isso? Do carro? Os carros estavam estacionados no lado leste?* Chenko olhou para Bianca.

— Abaixe a arma, senhorita — ordenou.

Bianca pôs a arma de Emerson no chão. Nenhum barulho ao tocar o carpete.

— Obrigado — disse Chenko. Todos ficaram em silêncio.

— Acho que fiquei fora do jogo por um tempo — disse Chenko. — Mas devo dizer, sinto-me muito melhor agora.

— Nós sobrevivemos — disse o Zec, do outro lado da sala. — É nossa especialidade.

Reacher não olhou de volta para ele. Em vez disso, olhou para a arma de Chenko. Era uma Benelli Nova Pump. O cabo fora cortado atrás da empunhadura. O cano também fora serrado. Calibre 12. Carregador de quatro tiros. Uma bela arma, porém destroçada.

— Emerson — chamou o Zec. — Venha aqui e me desamarre.

Reacher ouviu Emerson se levantar. Não olhou para ele. Apenas deu um passo curto na diagonal, na direção de Chenko. Reacher era 30cm mais alto e duas vezes mais largo.

— Preciso de uma faca aqui — disse Emerson.

— O soldado tem uma faca — disse Chenko. — Tenho certeza disso, baseado no que ele fez com os camaradas lá embaixo.

Reacher chegou um pouco mais perto dele. Um homem grande e um pequeno, cara a cara, separados por cerca de 90cm, a maior parte desse espaço tomada pela escopeta. A cintura de Reacher ficava na altura do peito de Chenko.

— Faca — ordenou Emerson.

— Venha pegar — disse Reacher.

— Deslize ela pelo chão.

— Não.

— Vou atirar — disse Chenko. — Calibre 12, na barriga.

Reacher pensou: *E daí? Uma calibre 12 "punheteira" não é de muita serventia para um homem de um braço só*.

— Então atire — disse ele.

Reacher sentiu olhares sobre si. Sabia que todos estavam olhando. Fixamente. O silêncio lhe doía nos ouvidos. De repente, percebeu os cheiros no ambiente. Poeira no carpete, móveis velhos, medo, tensão, o ar úmido da noite soprando pela porta aberta no andar de baixo e pela janela destruída no andar de cima, trazendo consigo o odor de terra, fertilizantes e plantações recentes.

— Vá em frente — disse ele. — Atire.

Chenko não fez nada. Ficou parado simplesmente. Reacher, parado na frente dele, sabia exatamente como o quarto estava organizado. Ele arrumara tudo. Criou em sua cabeça uma imagem mental da sala. Chenko estava na porta, de frente para a janela. Todas as outras pessoas estavam de frente para o lado oposto. Reacher continuava bem na mira de Chenko, cara a cara, perto o suficiente para tocá-lo. Cash estava diretamente atrás dele, lá no fundo, atrás do sofá, perto janela e olhando para a frente. E depois o Zec, no sofá, olhando na mesma direção. Emerson no meio da sala, perto do Zec, de pé, indeciso, observando. Ann, Franklin, Helen e Rosemary Barr estavam nas poltronas encostadas nas paredes, com a cabeça virada. Bianca e Alex Rodin, nas cadeiras, haviam se virado para olhar, os olhos arregalados.

Reacher sabia onde todos estavam, e sabia para onde estavam olhando.

— Atire! — gritou. — Mire no meu cinto. Não tem erro. Vá em frente.

Chenko não fez nada. Apenas o fitou. Reacher estava tão perto e era tão grande que era tudo o que Chenko podia ver. Eram apenas os

dois naquele momento, como se estivessem a sós na sala.

— Vou te ajudar — disse Reacher. — Contarei até três. Em seguida você puxa o gatilho.

Chenko continuou parado.

— Preparado? — perguntou Reacher.

Nenhuma resposta.

— Um — disse Reacher.

Nenhuma reação.

— Dois — continuou Reacher.

Então saiu do caminho. Deu um passo longo e rápido para o lado direito. Cash atirou de trás do sofá, na marca onde um segundo antes estava a cintura de Reacher, e o peito de Chenko explodiu.

Então Cash deixou o rifle no chão tão silenciosamente quanto o pegara.



Duas patrulhas vieram e levaram Zec e Emerson. Logo depois, quatro ambulâncias chegaram para os mortos. Bianca perguntou a Reacher o que exatamente acontecera com os três primeiros. Reacher disse a ela que não fazia a menor ideia. Nenhuma. Ele especulou que podia ter sido algum tipo de disputa interna. Uma confusão entre ladrões, quem sabe? Ela não insistiu no assunto. Rosemary Barr pegou o celular de Franklin emprestado para telefonar para hospitais na cidade, em busca de um lugar seguro para o irmão. Helen e Alex Rodin sentaram perto um do outro, conversando. Gunny Cash sentou numa cadeira e tirou um cochilo. Um vício antigo de soldado. *Durma quando puder*. Ann Yanni se aproximou de Reacher e disse: — *Homens fortes andam firmes pela noite*.

Reacher percebeu o telefone com conexão ao vivo. Ele apenas sorriu e disse:

— Normalmente, estou na cama por volta da meia-noite.

— Eu também — disse Ann. — Você se lembra do meu endereço?

Reacher sorriu novamente e balançou a cabeça, concordando. Em seguida, foi até o primeiro andar e saiu pela varanda da frente, andando um pouco na direção sul pelo chão de terra batida, até poder enxergar o céu do leste. A manhã se aproximava. A escuridão da noite se manchava de púrpura no horizonte. Ele se virou e viu a última ambulância pronta para partir. O último passeio de Vladimir, a julgar pelo tamanho do corpo sob o lençol da maca. Reacher esvaziou os bolsos e tirou o cartão de visita rasgado de Emerson, o guardanapo de Helen, a chave de bronze do quarto da pousada, o revólver e a faca de Cash. Deixou tudo numa pequena pilha ao lado da porta. Depois perguntou aos paramédicos se podia pegar uma carona até a cidade. Imaginou que pudesse simplesmente andar para leste do hospital e chegar à rodoviária antes do sol nascer por completo. Poderia chegar a Indianapolis antes do almoço. Em seguida, poderia comprar um par de sapatos e estar em qualquer outro lugar antes do sol se pôr mais uma vez.

FIM